

Multiculturalismo: identidade e territorialidade na comunidade portuguesa de Lyon (França)



HELDER RAMIRO SOBRAL DIOGO

PORTO 2011

Multiculturalismo: identidade e territorialidade na comunidade portuguesa de Lyon (França)

Tese de Doutoramento em Geografia Humana apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto sob orientação do Professor Luís Paulo Saldanha Martins (Departamento de Geografia – FLUP).

**Faculdade de Letras da Universidade do Porto
2011**

Índice

Agradecimentos	5
Resumo	7
Abstract	8
Apresentação	9

Parte I

Capítulo I – Caracterização do estudo

1.1 Introdução e formulação da problemática	14
1.2 Definição de objectivos.....	17
1.3 Metodologia.....	20

Capítulo II - O estudo das migrações

1. As migrações internacionais.....	23
1.1 A diáspora	29
1.2 A comunidade	38
2. O estudo das migrações – uma plêiade de teorias	41
2.1 As teorias económicas das migrações	44
2.2 As teorias sociológicas das migrações.....	48
2.3 As teorias políticas e sistémicas das migrações	51
2.4 As teorias geográficas das migrações.....	54
3. O estudo da emigração portuguesa	63
3.1 O estudo da emigração portuguesa no mundo	63
3.2 Os geógrafos portugueses e o estudo da emigração	73
3.3 O estudo da emigração portuguesa em França	78

Parte II

Capítulo I - Multiculturalismo, identidades e territorialidade

1.1 O multiculturalismo e a construção identitária	92
1.2 A territorialidade	106
2.1 Evolução sociodemográfica da comunidade portuguesa em França	110

2.2 Evolução sociodemográfica da comunidade portuguesa em Rhône-Alpes	119
2.3 Evolução sociodemográfica da comunidade portuguesa na comunidade urbana de Lyon	133
2.4 As actividades étnicas como símbolos da portugalidade	143
2.4.1 O dinamismo associativo português em França	143
2.4.2 O dinamismo associativo português na área consular de Lyon	147
2.4.3 As actividades económicas étnicas e o empreendedorismo luso	156
2.5 A dinâmica habitacional como afirmação socioterritorial e cultural	176
2.6 Relações territoriais: mobilidade e transnacionalismo	187

Capítulo II – A comunidade portuguesa na região de Lyon

Inquérito, tratamento de dados, análise dos resultados	200
1.1 Percursos migratórios diferenciados	202
1.2 Uma crescente mobilidade social e geográfica: impactos na identidade e na territorialidade.....	206
1.3 A dinâmica da vivência identitária em territórios da Portugalidade	213
1.4 As práticas transnacionais reais e virtuais como vectores de afirmação identitária.....	215
1.5 Que integração e identidade (s) na sociedade francesa?	221
1.6 Proposta de tipologia.....	224
Conclusões.....	230
Bibliografia.....	241
Índice de quadros, figuras e fotografias	261
Anexos	270

Agradecimentos

Um trabalho desta dimensão nunca é um projecto eremítico e a sua realização ao longo dos últimos anos só foi possível devido à presença e ao apoio manifestado por um conjunto de pessoas e instituições.

Na impossibilidade de citar todos os que contribuíram para a presente investigação, gostaria, no entanto, de enaltecer o contributo fundamental de algumas pessoas.

A primeira palavra de agradecimento vai para o meu orientador, o professor Luís Paulo Saldanha Martins, pela cordialidade manifestada e pelas críticas, sugestões e incentivos que foram fundamentais para o desenvolvimento desta investigação.

Gostaria de também expressar os meus agradecimentos ao professor José Alberto Rio Fernandes, director do curso de doutoramento em Geografia, pelos apoios e incentivos manifestados ao longo do curso. Aos membros do CEGOT que apoiaram a realização do inquérito na comunidade portuguesa de Lyon e em particular aos professores Fernanda Delgado Cravidão da Universidade de Coimbra e Hélder Trigo Marques da Universidade do Porto também deixo as minhas palavras de apreço.

Uma temática de investigação aplicada na emigração necessita forçosamente de um apoio local que certas pessoas gentil e profissionalmente facultaram. Nesse âmbito, queria deixar os meus sinceros agradecimentos ao Dr. António Barroso, na qualidade de Cônsul de Portugal em Lyon, pelas entrevistas, informações e autorização da aplicação parcial do inquérito nos locais da chancelaria portuguesa em Lyon, ao senhor Sabino Pereira, Vice-cônsul na mesma chancelaria, ao Dr. Jorge Portugal Branco da Embaixada de Portugal em Paris bem como ao senhor Manuel Cardia Lima, Presidente da Federação das Associações Portuguesas de Rhône-Alpes. Quero ainda deixar o meu apreço aos serviços da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas pela informação estatística facultada.

Por último, também gostaria de agradecer a todos os presidentes de associações portuguesas, aos imigrantes lusos da região de Lyon que gentilmente me concederam entrevistas e me apoiaram na realização do inquérito, à minha família pelo apoio sempre presente e incondicional, à Dina,

ao Pedro e outros amigos pela paciência e estímulos que demonstraram ao longo destes anos bem como à Liliana pelo apoio técnico no tratamento do inquérito.

A todos reitero os meus sinceros agradecimentos.

Resumo

As questões migratórias externas são mais do que nunca um tema de actualidade no mundo, mas também em Portugal que tem sido abalado por convulsões socioeconómicas nos últimos anos. A França continua a registar a maior comunidade lusa na Europa e constitui como tal um bom campo de estudo na temática das migrações para as mais diversas áreas de investigação, e, neste caso específico, para a Geografia Humana. Os dados estatísticos oficiais, o inquérito e as entrevistas realizados no âmbito desta investigação, confirmam um movimento contínuo de chegada de portugueses a este país, e em particular à região de Lyon que concentra a segunda maior comunidade lusa do país depois da região parisiense.

Com meio século de enraizamento de gerações sucessivas de imigrantes e um elevado nível de integração na sociedade francesa, a comunidade portuguesa nesta região identifica-se mais do que nunca, em graus diversos, com as suas raízes lusitanas.

A presente investigação vem demonstrar, a partir da evolução demográfica, social, económica e cultural desta comunidade, que o imigrante português manifesta um conjunto de práticas e vivências territoriais que enriquecem a sua identidade na paisagem multicultural da sociedade francesa.

Os territórios da portugalidade na diáspora, a dinâmica habitacional e as práticas transnacionais possibilitadas por uma mobilidade geográfica mais rotineira numa fase pós-migratória e por comunicações virtuais intensas confirmam e possibilitam, como nunca antes, a aproximação desta comunidade às raízes lusas e diversificam as suas relações com o território de origem. Num contexto de globalização, estes contactos também favorecem as interações culturais, contribuem para o mundo multicultural em que vivemos e estimulam práticas e vivências que questionam temáticas importantes como o regresso definitivo a Portugal, a residência entre os dois países ou a identificação/integração na sociedade de acolhimento entre outras.

Abstract

The external migratory issues are now, more than never, a current topic in the world, including Portugal, which has been shaken by social and economic turmoil in the last years. France keeps registering the major Portuguese community in Europe and, as such, constitutes a good area for studying the migration theme for the most diverse research areas and, in this specific case, for Human Geography. The official statistic data, the inquiry and the interviews made in the sphere of this investigation confirm an ongoing movement of arrival of Portuguese people to this country, particularly to the region of Lyon, which congregates the second largest Portuguese community of the country after the region of Paris.

With half a century of rooting of successive generations of immigrants and a high standard of integration in the French society, the Portuguese community in this region identifies more than ever, in different degrees, with its Portuguese roots.

The present investigation demonstrates, based on the demographic, social, economic and cultural evolution of this community, that the Portuguese immigrant shows a set of practices and territorial experiences that enrich his/her identity in the multicultural landscape of the French society.

The territories of Portugality in the diaspora, the housing dynamics and the transnational practices made possible by a geographical mobility more routine in a post-migratory phase and by intense virtual communication confirm and allow, as never before, an approach of this community to the Portuguese roots and diversify its relations with the territory of origin. In a context of globalization, these contacts also favour the cultural interactions, contribute to the multicultural world in which we live in and stimulate practices and experiences that question important themes such as the definitive return to Portugal, the residence between the two countries and the identification/integration in the host society, amongst others.

APRESENTAÇÃO

Conjuntamente com o meu irmão Adriano (que vivera uma primeira experiência migratória infrutífera e traumatizante pouco antes de ter sido preso em São Sebastião em Espanha durante dois meses e depois ter sido finalmente reconduzido à fronteira portuguesa) e mais três pessoas decidimos tentar a emigração para França. O destino para a cidade de Lyon em França já estava traçado, 7000 escudos foram pagos a um passador para nos levar até essa localidade onde já residiam alguns amigos e familiares da aldeia. Partimos da aldeia a 12 de Agosto de 1965 e chegámos a Bragança nesse mesmo dia onde um passador português nos levou até Espanha. Para evitar os carabineiros espanhóis ficamos escondidos durante dois dias numa quinta. Passado esse tempo que nos pareceu uma eternidade outros passadores meteram-nos num Citroën boca de sapo, dois de nós foram na bagageira do automóvel e assim viajámos até à fronteira francesa, onde, para evitarmos os controlos fronteiriços, passadores nos levaram a pé pela montanha. Em território francês permanecemos numa quinta durante dois dias até que outras pessoas nos vieram buscar para nos levar de carro até Paris. O meu irmão Adriano levava o endereço de um amigo que nos levou até St Denis. Aí permanecemos uma semana, mas o não domínio da língua bem como a incerteza em arranjar trabalho e a vontade de reencontrar os amigos que tínhamos em Lyon levou-nos a entrar num comboio com destino àquela cidade onde chegámos numa manhã de 28 de Agosto de 1965. Começávamos então uma nova vida.

Nelson Diogo, Lyon, 02 de Julho de 2011

O presente trabalho de investigação insere-se no âmbito do Doutoramento em Geografia Humana da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O interesse pela temática do Multiculturalismo: identidade e territorialidade, assim como a delimitação da área de estudo à comunidade portuguesa de Lyon (França), aparece na continuidade do processo de investigação que foi iniciado em trabalhos científicos anteriores, com particular destaque para a dissertação de Mestrado¹.

Pretende-se, deste modo, aprofundar os conteúdos e as orientações teórico-metodológicas anteriormente desenvolvidos, centrando a investigação na confluência da geografia humana, económica, social e cultural.

O aprofundamento deste tema permite reforçar o conhecimento científico referente às migrações, nomeadamente o caso da comunidade portuguesa instalada em França. Acredita-se que a presente dissertação será um contributo para a investigação, isto se tivermos em conta o número reduzido de trabalhos de âmbito geográfico sobre a comunidade portuguesa residente em diferentes países da Europa e em particular na região de Lyon.

As estatísticas produzidas em Portugal e por diferentes instituições internacionais continuam a assinalar a França como sendo um país de destino de referência na emigração portuguesa e no qual a região Rhône-Alpes concentra a segunda maior comunidade portuguesa no país. Trata-se no essencial do resultado de um processo migratório externo português que redefiniu tendências no pós segunda guerra mundial e que constituiu o principal fluxo migratório internacional com destino a França, um dos países da Europa Ocidental. Estes movimentos migratórios permitiram dar resposta às necessidades de mão-de-obra durante o maior período de crescimento económico da história deste país, a que o economista/sociólogo francês Jean Fourastié (1979) apelida de *Trinta Gloriosas*. A chegada mais expressiva de contingentes de portugueses a este país conta com meio século de

¹ Helder Diogo (2001) *A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes numa perspectiva geográfica, económica e sociocultural*, Universidade Aberta.

enraizamento e enquadra-se numa região de forte desenvolvimento económico, na confluência entre a Europa do Norte e a Europa Mediterrânica e entre a Europa Ocidental e a Europa Central. Esta implantação de várias décadas permite actualmente verificar um alto nível de integração económica, social e cultural, à semelhança do que sucedera com outras comunidades radicadas anteriormente (polaca, espanhola e italiana). As diferentes proveniências e os ciclos migratórios que caracterizam as comunidades estrangeiras implantadas nesta região permitem efectuar análises comparativas em termos territoriais, demográficos, sociais e culturais. O estudo permite, a partir das afinidades geográficas e humanas, integrar referências à comunidade lusa presentes noutras regiões de França bem como fazer alusão a outros territórios de escala internacional como sucede com a vizinha Suíça ou com o Canadá.

A área geográfica de jurisdição do Consulado de Portugal em Lyon, que inclui a maioria dos distritos da região administrativa Rhône-Alpes, é um dos principais destinos da comunidade lusa em França, e, nos últimos dez anos, registou um acréscimo significativo de chegada de emigrantes portugueses. Este período expressa uma fase de retoma significativa dos fluxos migratórios lusos em consequência da degradação das condições económicas, das mudanças sociais e culturais que têm ocorrido em Portugal nos últimos anos. Estes sucessivos movimentos migratórios fazem desta região uma área onde várias gerações de emigrantes com identidades múltiplas e com percursos socioeconómicos e culturais distintos se cruzam e convivem na era da globalização e da mobilidade geográfica.

Pretende-se ainda que esta investigação contribua para reforçar a base de estudos sobre a comunidade portuguesa a residir no estrangeiro em múltiplas dimensões da espacial, à demográfica, à social, à económica ou à cultural.

A presente investigação visa cumprir fundamentalmente três objectivos:

- a) Analisar os sucessivos processos de implantação da comunidade portuguesa neste território.
- b) Compreender os processos de integração económica, social e cultural destes migrantes.

- c) Identificar e caracterizar as relações que se desenvolvem entre esta comunidade e o seu território de origem.

Com base nestes três objectivos poderemos apresentar perfis distintos do imigrante português nesta região e problematizar a questão da identidade e da territorialidade a partir das suas práticas e vivências. Trata-se, de facto, de um trabalho de Geografia. Os problemas colocados e os métodos propostos enquadram-se essencialmente no domínio da geografia humana, sendo que as incursões e o recurso a linguagens de outras disciplinas possam ser inevitáveis, uma vez que a investigação na temática das migrações se reveste de uma perspectiva pluridisciplinar, manifestando convergência de estudo com outros domínios científicos como a economia e a sociologia, entre outros, e cujo desenvolvimento só se torna exequível com o auxílio de um suporte teórico diversificado, complementado por estudos de aproximação à realidade que compreendem necessariamente recolhas directas de informação, nomeadamente através da realização de entrevistas diversas e um questionário.

PARTE I

Capítulo I

Caracterização do estudo

1.1 Introdução e formulação da problemática

As migrações aumentaram consideravelmente e agora afectam o planeta na sua globalidade.

As questões das migrações num contexto de intensificação e aceleração do processo de mundialização são intrinsecamente um assunto de actualidade, uma vez que se trata de um campo de investigação cada vez mais complexo e fértil em termos de pesquisa científica.

Ao longo da história, os fenómenos de movimentos populacionais sempre foram importantes: as sociedades humanas não são estáticas tendo estado sujeitas, de uma forma geral, a desastres, guerras e convulsões que provocaram migrações, fugas e a busca de refúgios seguros (Jackson, 1991).

O tema das migrações foi largamente ignorado pelos autores clássicos das principais ciências sociais no período histórico em que estas se constituíram e consolidaram no contexto europeu do final do século XIX e início do século XX (Peixoto 1998). Apesar dos movimentos migratórios terem constituído motivo de interesse para a Economia Política, para a História Económica, para a Demografia Histórica e para a Geografia, por vezes foram estudados marginalmente relativamente aos objectos específicos de cada uma das disciplinas (Rocha-Trindade, 1995).

Apesar da longevidade da mobilidade demográfica, foi no decurso do século XX em particular depois da Segunda Guerra Mundial que os movimentos migratórios, à semelhança de muitos outros fenómenos, vão ser mais estudados nas suas mais diversas ramificações e escalas.

Embora Portugal se tenha também tornado num país de imigração nas últimas décadas, continua nos tempos actuais a ser um país de emigração, cuja diáspora e respectivas comunidades se encontram dispersas pelos diversos continentes, conferindo-lhe uma dimensão e expressão planetárias.

Os movimentos migratórios e a emigração constituem, sem dúvida, um dos temas mais importantes e complexos da história de Portugal. Trata-se de um fenómeno antigo no território português; os movimentos de população estão na base da edificação e consolidação da própria nacionalidade. O geógrafo Orlando Ribeiro (1955), ao fazer um retrato da evolução da população portuguesa até essa data, assinalou que, desde os primeiros séculos da fundação do reino, as linhas gerais da distribuição humana não sofreram grandes alterações: uma área densa do Noroeste, donde irradiaram para o interior e para o sul correntes de povoamento.

É importante salientar que os investigadores nesta área são unânimes em considerar a era das Descobertas, devido à sua dimensão planetária, o ponto de partida do fenómeno de fluxos migratórios da população portuguesa. Neste período verificaram-se importantes movimentos migratórios externos que, num primeiro tempo, se relacionavam com o processo de povoamento dos espaços coloniais e, posteriormente, com a partida em massa de trabalhadores para as colónias independentes (como sucede com a emigração transatlântica para o Brasil a partir do final do século XIX). Após a Segunda Guerra mundial, os movimentos externos populacionais orientaram-se para outros países do continente americano, africano e sobretudo europeu. No contexto europeu, a França, uma vez que partilha inúmeras afinidades históricas e culturais, e, pela sua relativa proximidade geográfica, tornou-se até aos nossos dias o principal destino dos emigrantes portugueses.

Alguns dos trabalhos que têm sido desenvolvidos sobre a emigração portuguesa em França por investigadores portugueses (Rocha-Trindade, 1970; Ramos, 1990; Leandro 1992; Lechner, 2003) e luso-descendentes (Cunha, 1994; Ribeiro, 2005; Da Cunha, 2006; Santos, 2010) têm levado a uma especial incidência dos estudos na região parisiense (principal destino da comunidade lusa neste país) em detrimento de importantes pólos secundários da emigração, como Lyon, Bordéus ou Marselha.

Face a esta grande concentração de estudos sobre a emigração portuguesa na região parisiense torna-se fundamental o desenvolvimento de trabalhos que permitam uma maior diversificação geográfica do universo de estudo. Tal constatação levou-nos a privilegiar a continuação e o aprofundamento da investigação iniciada e desenvolvida sobre a comunidade

portuguesa na região Rhône-Alpes no biénio 1999-2001. A área metropolitana de Lyon constitui um pólo económico e social de importância primordial no contexto territorial francês que regista a segunda maior comunidade portuguesa neste país.

A presente tese engloba, tentando debater e apontar perspectivas de explicação, componentes teóricos e empíricos; investigação directa e indirecta, através da observação no terreno; inquéritos por questionário e por entrevista, dirigidos essencialmente aos membros da comunidade portuguesa, podendo, no entanto, haver dados referentes a elementos de outras comunidades numa perspectiva multiculturalista.

Este cruzamento de métodos e técnicas complementares de recolha de dados permitir-nos-á, sem dúvida, uma melhor eficiência no tratamento, análise e compreensão da problemática em estudo.

A escolha da temática justifica-se pela importância crescente que as questões migratórias têm suscitado no estudo das ciências sociais e humanas, mas também pela necessidade de compreensão das dinâmicas territoriais em contexto migratório que compreendem mudanças ao nível residencial, económico e sociocultural. Torna-se igualmente crucial a análise do conjunto de práticas e vivências e das relações sociais nas áreas de acolhimento que podem explicar uma afirmação identitária e uma territorialidade significativa. Por outro lado, também julgamos fundamental compreender um outro conjunto de relações que se estabelecem entre os territórios de origem e os territórios de implantação e que são manifestamente a consequência do desenvolvimento de canais económicos e da mobilidade de pessoas numa fase de mundialização sem precedentes na história da humanidade.

1.2 Definição de objectivos

A definição de objectivos a alcançar neste trabalho de investigação foi possível de realizar após uma leitura cuidadosa de diferentes documentos relevantes relacionados com a temática.

A aplicação de uma abordagem teórica, com recurso a bibliografia diversa sobre o fenómeno migratório, também aliada a uma abordagem prática ou empírica (conhecimento por vivência própria do meio em análise) e à realização de inquéritos por entrevistas e questionário permitem-nos proceder a uma delimitação e a um enquadramento mais precisos do objecto em estudo.

Neste contexto, optámos por definir quatro grandes objectivos gerais que se subdividem numa série de objectivos específicos correspondentes às diferentes fases da investigação que oportunamente apresentaremos.

Os principais objectivos que norteiam esta investigação podem ser descritos da seguinte forma:

- a) O estudo das migrações reveste uma perspectiva eminentemente epistemológica, e, como tal, propomos uma síntese sobre o estudo das migrações a partir do próprio conceito de diáspora e de comunidade e sobre as diferentes teorias das migrações. Os geógrafos portugueses e franceses, tal como investigadores de outras escolas e nacionalidades, também têm dado o seu contributo para o enriquecimento do estudo desta temática. Os movimentos populacionais e as relações estabelecidas com o espaço geográfico constituem uma componente de primeira importância no desenvolvimento do objecto de estudo da geografia humana, contribuindo deste modo para o desenvolvimento e enriquecimento do sub-domínio disciplinar.
- b) A pluralidade de ligações que se estabelecem com os territórios de origem e com os territórios de acolhimento é um elemento essencial para compreendermos as questões da identidade e de territorialidade das populações em contexto migratório. Pretende-se assim identificar e caracterizar os tipos de ligação que os emigrantes mantêm com esses territórios através dos símbolos e das práticas da portugalidade.

- c) Uma crescente integração socioeconómica das comunidades estrangeiras nos territórios de implantação conduz a comportamentos que se manifestam numa mobilidade espacial em termos residenciais. A habitação e o espaço residencial constituem o elemento primário da territorialidade. Neste âmbito, procurar-se-á aferir a influência das redes familiares e comunitárias na mobilidade residencial.
- d) Uma crescente integração socioeconómica nos territórios de acolhimento pressupõe uma evolução socioprofissional dos imigrantes bem como uma dinâmica empresarial no seio da comunidade. Deste modo, pretendemos analisar as actividades económicas étnicas e o empreendedorismo luso nesta região.
- e) O processo de integração dos migrantes no mundo globalizado resulta da intensificação da mobilidade de pessoas e de fluxos materiais e imateriais entre espaços geográficos emissores e receptores. Neste ponto serão caracterizados os tipos de relações territoriais existentes ao nível da mobilidade de pessoas e das práticas transnacionais.

A problemática desta investigação centra-se nas questões da identidade e da territorialidade com base nas mudanças socioeconómicas e culturais da comunidade lusa no país de acolhimento e em relação ao país de origem. Essas mudanças manifestam-se nas práticas e nas vivências territoriais que se têm observado desde as primeiras gerações de imigrantes até às recém-chegadas.

As práticas e vivências territoriais poderão ser observadas a vários níveis tais como a frequência de locais étnicos (associações, comércio, restauração); o recurso às redes sociais para construir ou renovar a sua habitação; as ligações afectivas com o país de origem e com o país de acolhimento; os fluxos materiais de bens e imateriais (comunicações electrónicas) bem como a mobilidade de pessoas entre os dois territórios que contribuem para a definição e construção de identidades múltiplas.

Tentamos apresentar, sempre que possível, a visão e o cruzamento dos fenómenos a diferentes escalas numa macro e micro-perspectiva o que

resultará numa análise mais diversificada e aprofundada da problemática exposta.

Ainda que pouco representativos os trabalhos académicos com conteúdos e objectivos semelhantes focam a sua análise numa perspectiva que resulta da apresentação de análises predominantemente quantitativas, em detrimento de dados mais qualitativos e subjectivos. Neste trabalho pretende-se efectuar uma ponte entre estes dois níveis de análise, uma vez que se trata de um fenómeno muito complexo e multiforme que não pode ser explicado por uma única teoria e que necessita de uma complementaridade de métodos de análise.

1.3 Metodologia

Ao seleccionar a metodologia mais adequada para os objectivos deste trabalho, foram tidos em conta os métodos e as técnicas a utilizar; os instrumentos e a sua aplicação; a população e a amostra do universo em estudo, assim como a recolha e o tratamento dos dados obtidos.

Do ponto de vista teórico, começámos por seleccionar as obras que nos pareceram, ou nos foram aconselhadas, como as mais pertinentes em relação ao tema do trabalho.

A partir da análise geral documental, efectuaram-se os primeiros levantamentos da problemática deste trabalho, prosseguidos pela determinação de objectivos mais concretos que resultaram da leitura aprofundada da bibliografia que consta em anexo.

Dá-se, paralelamente, ênfase ao trabalho de campo que, com o recurso à observação directa e indirecta, permite uma análise empírica detalhada e amplamente presente ao longo dos diferentes capítulos. Privilegiámos particularmente o contacto directo com o território objecto de estudo através da investigação desenvolvida junto da comunidade portuguesa.

Segundo Rocha-Trindade (1995), no domínio das ciências sociais, para a investigação de um determinado problema é fundamental, em termos metodológicos, estabelecer uma distinção entre métodos de abordagem microscópica e macroscópica, cuja articulação resultará num mútuo esclarecimento e complementaridade. As duas abordagens não estão apenas ligadas à dimensão da população em estudo, mas principalmente à natureza da informação que o investigador pretende extrair.

Desta forma, esta investigação contempla estas duas escalas de análise, por um lado, uma perspectiva mais geral e quantitativa do problema (ponto de vista macroscópico) e, por outro lado, a abordagem mais qualitativa (ponto de vista microscópico) que procura motivações e acções individuais, contextos pessoais ou próprios de um grupo.

Consideramos a observação directa como sendo uma técnica adequada ao objecto de estudo, uma vez que os espaços comerciais étnicos, e particularmente os cafés e os restaurantes funcionam como *janelas de investigação* onde os espaços correspondem a pontos de encontro de pessoas

de origens diferentes, onde se estabelecem contactos, se trocam informações e bens e onde se desenvolvem práticas sociais e culturais. Privilegiaremos particularmente o contacto directo com a realidade, incidindo numa investigação desenvolvida junto da população portuguesa que frequente ou não os espaços comerciais e culturais étnicos mas também junto dos empreendedores lusos e dos organismos franceses que prestem todo o tipo de informação que seja susceptível de enriquecer a investigação, tais como a *Chambre du Commerce et de l'Industrie de Lyon*.

Tendo em conta a importância que reveste para a Geografia a distribuição espacial de uma determinada actividade humana, acrescido do facto que o nosso trabalho de campo necessita de um substrato espacial para desenvolvermos o processo experimental, foi realizado um levantamento cartográfico da distribuição populacional lusa na região de Lyon bem como um levantamento e tratamento estatístico do empreendedorismo nesta comunidade.

Relativamente aos instrumentos escolhidos, optámos pelas entrevistas semidirectivas e entrevistas centradas: as entrevistas semidirectivas levam o investigador a dispor de uma série de perguntas orientadoras, parcialmente abertas, deixando todavia margem para que o entrevistado possa expressar-se sem condicionamento. Nas entrevistas centradas o objectivo consistirá em analisar o impacto de acontecimentos ou de experiências precisas a que assistiram ou que neles participaram; daí o seu nome (Quivy, 1998).

Outro instrumento de análise consiste em utilizar inquéritos por questionário de resposta aberta e de resposta restrita, que, numa perspectiva sociológica, distingue-se de uma simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem (Ibid.). Os inquéritos foram elaborados em colaboração com o orientador deste trabalho de maneira a servir eficientemente os fundamentos da investigação desenvolvida. O tratamento estatístico dos dados foi processado por um programa informático de gestão de dados orientado para as ciências sociais denominado SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Os resultados apurados são apresentados sob a forma de gráficos e tabelas.

Como se torna impossível em tempo útil analisar a totalidade da população em questão, por ser muito numerosa, recorreremos a uma amostra representativa da população com a possibilidade de estabelecer quotas de inquiridos segundo determinadas características predefinidas como a idade e o sexo – dados que são importantes para análise da temática em estudo.

A população em estudo corresponde à comunidade portuguesa em geral (com mais de dezoito anos), incluindo os luso-descendentes, atravessando as diferentes camadas sociais e os diferentes níveis de escolaridade. Desenvolvemos um inquérito por questionário à população portuguesa da área metropolitana de Lyon (versão impressa) bem como inquéritos por entrevista de modo a enriquecer e a complementar do ponto de vista qualitativo a investigação.

O enquadramento metodológico desta investigação insere-se no domínio das Ciências Sociais, mais particularmente nas questões da identidade, das dinâmicas territoriais, das vivências e das práticas em contexto multicultural, da consequente mobilidade das populações e das práticas transnacionais na época da globalização que são cada vez mais pertinentes e complexas no campo de investigação na Geografia Humana e nos estudos das migrações.

Capítulo II

O estudo das migrações

1. As migrações internacionais

O termo emigração designa tradicionalmente o acto de emigrar, isto é, a saída de alguém com ausência suposta de duração significativa, do país que é seu por relação de nacionalidade e por vivência no território que politicamente lhe é adstrito (...) Emigrar significa, portanto, deixar a pátria ou a terra própria para se refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência em país estranho; os protagonistas desta acção serão designados por quem os considere como ausentes e enquanto essa situação se mantiver, por emigrantes.

(Rocha-Trindade, 1995)

Na era da mundialização os movimentos internacionais de transferência de populações não se resumem apenas a transferências de trabalhadores dos países menos desenvolvidos para os países desenvolvidos.

Actualmente a situação migratória mundial é muita mais complexa do que a simples perspectiva de configuração de fluxos migratórios entre o hemisfério sul e o hemisfério norte constituída essencialmente por migrantes de trabalho e por refugiados. A mobilidade de populações compreende cada vez mais as relações que se estabelecem também entre países em vias desenvolvimento e países subdesenvolvidos à escala intracontinental ou intercontinental. No tempo presente a situação económica, política e social dos países em desenvolvimento é muito diferente daquela vivida ao longo do século XX e, por conseguinte, conduz a uma nova mobilidade com carácter multifacetado, havendo em simultâneo fluxos de trabalhadores pouco qualificados, outros com elevada qualificação e ainda os refugiados de todo o género.

No entanto, se os movimentos migratórios representam em si um indicador das mudanças económicas, sociais, culturais e ambientais no planeta, a percentagem de imigrantes no mundo é relativamente baixa se comparada com

a população mundial. Apesar da dificuldade de obtenção de dados estatísticos precisos, a Organização Internacional para as Migrações estima que havia em 1960 65 milhões de migrantes internacionais. Este número não parou de aumentar desde então, cifrando-se em 150 milhões de pessoas em 2000 e nos últimos dez anos atingiu os 214 milhões em 2010 (quadro 1). Em termos relativos, os efectivos de migrantes internacionais correspondem aproximadamente a 3% da população do planeta numa fase de crescente diversificação em termos de países emissores e países receptores devido, em grande parte, às mudanças económicas e sociais que se fazem sentir nos países em desenvolvimento. Caso os migrantes constituíssem um país, dariam origem ao quinto mais povoado do mundo.

Quadro 1: População migrante em 2010

Região geográfica	Migrantes (milhões)	Migrantes / população residente (%)
Europa	69,8	9,5
Ásia	61,3	1,1
América do Norte	50,0	14,2
África	19,3	1,9
América Latina	7,5	1,3
Oceânia	6,0	16,8

Fonte: Nações Unidas, Trends in Migrant Stock: The 2008 Revision

As migrações internacionais que nunca foram tão numerosas como nos finais do século XX (Castles; Miller, 1998), desenvolvem-se em contextos socioeconómicos, políticos e ambientais diversificados (crise económica, conflitos, repressões políticas, catástrofes ambientais).

No mesmo sentido, Robin Cohen (2005:33-38) considera que apesar das tentativas de restrição, controlo, gestão e selecção de imigrantes por parte dos Estados, observada a nível global, a migração de todos os tipos aumentou rapidamente nos últimos trinta anos e de que são evidentes pelo menos oito

tipos: migração de trabalhadores legais, migração de trabalhadores ilegais ou indocumentados, migração de refugiados e de pessoas deslocadas, migração feminina independente, trabalhadores migrantes especializados passageiros, trabalhadores migrantes especializados de longa duração, movimentos internos em grande escala e movimentos ligados ao turismo.

Dentro dos fenómenos que caracterizam a dinâmica da população as migrações tornam-se naquele que é mais difícil de mensurar devido ao seu carácter renovável e reversível (Domenach; Picouet, 1995).

As alterações nas formas de povoamento do território, os períodos de instabilidade política, social e económica, o comércio dos escravos e as guerras de religião afectaram as regiões do mundo durante séculos.

Pierre George (1976) considera pertinente fazer corresponder o período moderno das migrações com os primeiros movimentos em massa de populações activas depois da fase inicial de colonização pelas expedições de carácter militar e pela importação de uma mão-de-obra escrava. Esta delimitação cronológica dos movimentos migratórios da era moderna começa com o século XIX que, do ponto de vista geográfico e histórico, fica marcada pela independência de colónias dos países europeus e pela afirmação crescente dos estados-nação.

Nos últimos dois séculos, enquanto o mundo se “cobriu” de estados e se quadriculou de fronteiras que dão todo o seu sentido à noção de migrações internacionais, quatro grandes movimentos pelo menos se têm manifestado, sucedido e combinado: o século XIX na sua globalidade devido à pobreza e à fome, os meados do século XX associado aos conflitos nacionais e internacionais, o pós segunda guerra mundial e as grandes necessidades de mão-de-obra nos países desenvolvidos e o último desde 1970 associado ao fenómeno da mundialização que reorientou fluxos migratórios para outros continentes e para países em desenvolvimento (Brunet, 2000).

No século XIX destaca-se o principal movimento migratório originado pelos europeus para fugirem à miséria e mesmo à fome em direcção aos países novos e às colónias reclamadas pelas grandes potências: irlandeses cuja família foi dizimada pela fome resultante da doença da batata; operários ingleses postos de lado pela Revolução Industrial; empregados do comércio das grandes cidades incapazes de assegurar uma vida decente à sua família

numa sociedade particularmente voraz (George, idem). Na Europa, alemães, italianos, polacos, suecos e portugueses escolheram as Américas e, na Ásia, chineses, japoneses e emigrantes do médio oriente também atravessaram os oceanos para afluir a este continente. Um pouco mais tarde, na primeira metade do século XX, os reajustes intra-europeus provocaram migrações dos países mais pobres (Europa meridional e oriental) para os países mais ricos ou para os menos povoados (essencialmente para a Alemanha e para a França). Os registos estatísticos oficiais franceses do INSEE apontam para cerca de 4 milhões de imigrantes em França em 1975.

A meio do século XX apareceram sob a forma de êxodos e deportações uma série de fenómenos novos e massificados como consequência da intensificação de conflitos nacionais, étnicos e religiosos entre os quais podemos referir a deportação de povos inteiros para a Sibéria sob a decisão de Estaline; o recorte geopolítico da Europa em 1945 depois da segunda guerra mundial que provocou a deslocalização de milhões de pessoas; a cisão da península indiana e das tensões subsistentes até aos dias de hoje; os inúmeros conflitos no médio oriente; as guerras e guerrilhas no sudeste asiático, na América central, em África e na Europa com a desintegração da Jugoslávia bem como os efeitos em cadeia da descolonização e da auto-determinação dos povos um pouco por todo o mundo. Todos estes acontecimentos traduziram-se em deslocações constringentes e dramáticas de populações inteiras que afectaram essencialmente os países em desenvolvimento. Em sentido inverso, a emergência de novas nações e a reunificação de outras provocou o reagrupamento com base étnica ou religiosa em situações distintas como a da Arménia, do Paquistão ou de Israel ou ainda mais recentemente da Alemanha (Brunet, Idem).

Após a segunda guerra mundial, surgiram trinta anos de uma política deliberada por parte da maioria dos países desenvolvidos de importação de trabalhadores geralmente pouco qualificados e estima-se em 13 milhões o número de emigrantes mediterrânicos (Península Ibérica, Itálica, norte de África e Turquia principalmente) chamados pela Europa ocidental durante essas décadas. A emigração é então uma consequência da fraca industrialização e de uma crise agrária crónica nas regiões periféricas mais pobres que eram incapazes de assegurar uma mão-de-obra rural crescente num período de forte

expansão demográfica. Durante esse período os efectivos recebidos pelos Estados Unidos e pelo Canadá foram ainda maiores (stock de imigrantes estimado pelas Nações Unidas de 23 milhões nos EUA e de 5 milhões no Canadá em 1990) e sendo que a própria Austrália recebeu cerca de 4 milhões de imigrantes até 1990. A transformação deliberada das políticas económicas das empresas e das grandes potências na década de 1970, que estão na base da mundialização, teve um impacto directo sobre as migrações internacionais: procura de baixos salários, descentralização dos locais de produção bem como a subida do desemprego nos países industrializados após os choques petrolíferos dos anos 1970. As tensões e as crispações provocadas pelas migrações internacionais acompanharam-se de políticas migratórias muito restritivas e desencadeou uma reorientação dos fluxos migratórios. Contrariamente ao médio oriente, devido ao forte desenvolvimento económico suportado pelos petrodólares e à Ásia do Sudeste, onde os NPI (Novos Países Industrializados) procuravam trabalhadores especializados e outros não qualificados, a Europa, confrontada com o fenómeno do desemprego crónico, fechou as suas fronteiras nos últimos 35 anos (Brunet, ibidem).

Os efeitos destas grandes ondas migratórias sucedem-se em todos os continentes e, por vezes, as tendências antigas subsistem localmente ou se reactivam em função das necessidades, falando-se actualmente do apelo à mão-de-obra estrangeira por parte das grandes potências preocupadas com a crise demográfica suscitada pelo envelhecimento das suas populações e pela necessidade de substituição de inúmeros trabalhadores da geração baby-boomer que chegam à idade da reforma nos países mais industrializados. Na Europa, o exemplo alemão é o mais significativo uma vez que a maior economia deste continente que, actualmente regista cerca de sete milhões de imigrantes, deverá recorrer à importação de mão-de-obra para fazer face à redução de cerca de dez milhões de activos até 2030. Esta tendência de recrutamento de mão-de-obra estrangeira verificar-se-á provavelmente em todos os países que serão afectados pelo forte envelhecimento demográfico, caso não consigam inverter as tendências do decréscimo da natalidade e entre os quais se inclui Portugal.

A mundialização também transformou a essência das migrações. No passado, a maioria dos migrantes partia unicamente para um país com a ideia

de aí se instalar definitivamente ou para um período temporário. Hoje, muitos trabalhos demonstram que os migrantes desenvolvem estratégias que não conduzem nem a uma instalação definitiva nem a um regresso definitivo, mas sim a estadias repetidas de duração variável pontuadas por regressos nos países de origem. Mesmo nos países receptores tradicionais, as entradas para trabalhar ou para estudar ultrapassam o número de entradas para uma instalação permanente. Muitos jovens consideram importante para a sua carreira uma experiência de trabalho no estrangeiro. As migrações assumem assim formas cada vez mais variadas e complexas (Castles 2008).

A complexidade da natureza das mobilidades humanas e a sua internacionalização contemporânea enriqueceram também o vocabulário com termos que permitem (re) pensar e compreender os processos migratórios. Os termos circulação, mobilidade, campo ou território migratório, Transnacionalismo, sociedade em redes ou ainda globalização/mundialização constituem algumas das noções largamente utilizadas para descrever as reconfigurações no espaço e no tempo das nossas sociedades.

1.1 A diáspora

Ao longo dos séculos, o termo diáspora caracteriza em si a evolução das correntes migratórias nas sociedades mais antigas até aos movimentos migratórios das sociedades actuais.

O termo diáspora deriva do verbo grego *speirein* (semear) ou mais precisamente do verbo composto *diaspeirein* (disseminar) e indica em si a dispersão de um povo. Significou também, desde a antiguidade, uma dispersão forçada devido à guerra e às revoluções. (Bruneau, 2004)

Esta palavra tornou-se um termo que evoca ao mesmo tempo um fenómeno de dispersão, uma organização étnica, nacional ou religiosa, uma população dispersa sobre vários territórios, lugares de dispersão, espaços de trocas. O que para uns reflecte a flexibilidade do feito migratório, para outros representa uma traição do sentido da palavra. No primeiro caso, a Diáspora apenas significa a ideia de deslocação e de manutenção de uma ligação com uma terra real ou imaginária. No segundo caso, a questão é de saber se uma determinada população merece o nome de Diáspora. (Dufoix, 2003)

Certos autores como Yemini (antropóloga) e Berthomière (geógrafo social) sublinham, em 2005, a utilização abusiva do termo diáspora tanto sobrecarregado de sentido como esvaziado de sentido, de tal modo que para o sociólogo Robin Cohen (1997) se fale de diásporas culturais, de diásporas do medo e mesmo de diásporas virtuais para o antropólogo indiano Arjun Appadurai (1997). De acordo com Cohen (idem) o significado da diáspora evoluiu e, o que começou por ser um conceito com conotações positivas, que descrevia a expansão e a dispersão do povo grego e a sua colonização moderna, passou a ser utilizado, largamente, como conceito ligado com as experiências da escravatura, do exílio, da saudade e da alienação dos judeus, africanos e arménios.

Nas ciências sociais, a utilização do termo de diáspora é recente (Berthomière, 2005) e, antes dos anos 1980, apenas algumas referências do termo eram perceptíveis. Para a socióloga israelita Judith Shuval (2003), essa ausência do termo deve-se ao facto de que antes dos anos 60 os grupos

étnicos deviam perder a sua identidade étnica e assimilar-se às normas locais. Durante os anos 1970 e 1980 a teoria da assimilação e da integração mostraram a sua falibilidade e então o recurso à noção de diáspora foi cada vez mais frequente para descrever grupos de migrantes caracterizados por uma identidade étnica e um sentimento comunitário forte (Bruneau, 1995; Shuval, 2003).

O sentido da palavra diáspora mudou ao longo dos tempos, em 2006 a antropóloga e socióloga Denise Helly considerou quatro grandes períodos da história que marcaram a evolução do termo: a alta antiguidade, a idade média e o renascimento, os séculos XIX e XX até 1970 e dos anos 1980 aos nossos dias. Durante a antiguidade, o termo descreve a colonização da Ásia Menor e do mediterrâneo pelas populações gregas (800-600 antes Cristo) e tem uma conotação positiva já que reenvia às ideias de conquista e expansão comercial. Depois, foi utilizado pela primeira vez por judeus numa tradução grega da bíblia no terceiro século a.C. e adquire uma conotação negativa, aquela de punição divina, de desenraizamento forçado e de sofrimento (Cohen, 1997:92). A instalação dos judeus fora da Palestina, que se tornou livre ao longo dos séculos, passa a significar a sua dispersão no mundo greco-romano e não o seu exílio, adquirindo um significado positivo que se foi todavia desgastando ao longo dos tempos depois da destruição da Judeia pelos Romanos e reactivando o sentido de dispersão e de perda de um centro cultural histórico. Na Idade Média, o anti-judaísmo desenvolve-se na Europa que os expulsa quando nos países muçulmanos os mesmos gozam de um reconhecimento e estatuto. O Renascimento significa uma melhoria da sua sorte na Europa do Norte, nomeadamente no século XVII em que se destacam os judeus sefarditas de origem portuguesa na Holanda e no Reino Unido, os mesmos que manteriam relações privilegiadas com a América latina (Chaliand et Rageau, 1991: 32-35).

No século XIX começa o período dos estados-nação e o termo diáspora retoma o significado de deslocação de população, de exílio forçado e de perda. Nos anos 1830, as potências de então adoptam o princípio das nacionalidades que consigna o direito das minorias nacionais a um estado. A ideia de que a forma normal de existência de um grupo linguístico ou cultural seja o Estado é difundida. Pensadores sionistas comparam as populações em exílio a criaturas

doentes e descrevem a diáspora judaica como um modo patológico de existência.

Do ponto de vista político, a expressão inimigo do interior para designar as diásporas, minorias e opositores políticos é inventada no século XIX e os judeus franceses são acusados de infidelidade em relação à França porque obedecem a instâncias não nacionais (papado, rabinatos e diásporas). Os membros de minorias são depreciados e discriminados em numerosos países europeus (ciganos), expulsos pelos regimes nacionalistas autocráticos (judeus na Rússia e Europa central, arménios no império Otomano, deslocados pelos acordos internacionais (gregos), ou assassinados (arménios e assírios em 1915, pontífices entre 1919 e 1923 na Anatólia e o Holocausto). Esta percepção dos membros de diásporas como elementos pouco seguros é reforçada pelo peso político e económico das suas regiões de origem: os gregos financiam em parte o movimento de independência da Grécia durante os anos 1830. Os Hua Qiao (emigrantes temporários) participam activamente na instauração da república chinesa de 1911; os judeus europeus emigram para a Palestina e apoiam a criação do estado de Israel. A definição de diáspora como dispersão de populações indiferentes às fronteiras dos impérios, dos estados e das culturas e religiões maioritárias é usual e pouco questionada até à década de 1960 e implica uma distinção clara entre diásporas e fluxos migratórios provocados pelo movimento capitalista e a criação dos novos estados da Europa Central e do sul no século XIX e no terceiro mundo no século XX. A emigração polaca, escandinava, alemã, italiana e portuguesa não são encaradas como diásporas mas sim como emigração de pessoas sem posses e oprimidos que não desenvolvem algum sentido de unidade e de solidariedade através das fronteiras (Helly, *ibid*).

A partir de 1970-1980, o termo diáspora torna o sentido de uma definição mais aberta ao considerar como diáspora toda colectividade étnica que não dispõe de uma base territorial no seio de uma sociedade política (Armstrong, 1976). A esta definição o politólogo israelita Gabriel Sheffer (1986) acrescenta o elemento fundamental da ligação que as populações mantêm com as suas raízes de origem: as diásporas modernas são grupos étnicos minoritários provenientes das migrações que agem nos países de acolhimento

com fortes ligações afectivas e materiais com os países de origem, as suas pátrias (Homelands).

Segundo alguns autores desta mudança semântica, (Sheffer, 1986; Connor, 1986; Esman, 1986) as minorias de ascendência imigrante que desenvolvem fortes ligações com o país de origem são as diásporas dos tempos modernos e ao falarmos de diáspora mexicana, filipina, japonesa e polaca também podemos bem falar de diáspora portuguesa.

Jonh Armstrong (1976) fala de diáspora proletária a propósito da emigração polaca, irlandesa, portuguesa, espanhola e italiana e explica como estas correntes migratórias desenvolveram as suas próprias redes religiosas, culturais e sociopolíticas.

Stephane Dufoix (2003) evoca uma outra categoria de definições ditas oximóricas que encontram o seu fundamento nos anos 1980 no pensamento pós-moderno que, perante as sociedades modernas caracterizadas pela crença na razão, o progresso, o universal e o estável, se opõem às sociedades pós-modernas onde dominam a dúvida, o fim dos discursos da verdade, a mestiçagem e a fluidez das identidades. O pós-modernismo difundiu-se na maior parte das ciências sociais e em particular na sociologia e na antropologia, onde desde 1980 encontra a corrente inglesa dos Cultural Studies que estuda as subculturas, subalternas ou pós-coloniais (operários, minorias, imigrantes, etc.). É nesta perspectiva que se desenvolve uma visão radicalmente diferente das definições abertas e categóricas. Perante estas últimas, que insistem sobre a referência a um ponto de partida e à manutenção de uma identidade apesar da dispersão, a reflexão pós-moderna privilegia a identidade paradoxal, o não-centro e a hibridez.

Nos anos 1990 a aceleração da globalização dos mercados e das comunicações bem como a extensão da ideologia dos direitos do Homem que quer ignorar as fronteiras, levam a uma valorização da mobilidade geográfica e cultural. Com estas evoluções, muitos emigrantes e os seus descendentes movimentam-se em espaços onde as fronteiras dos estados perderam importância e desenvolvem pertenças sociais duplas ou formam comunidades transnacionais. Vários estudos demonstram a existência de redes de imigrantes transnacionais e a multiplicação de identidades múltiplas, de identidades transnacionais (Glick *et al.*, 1992; Blanc *et al.*, 1995; Jones-Correa,

1998; Portes, 1997, 1999 ; Glick, 1999 ; Vertovec, 1999; 2001, 2009; Helly et van Schendel, 2001; Castles, 2005).

Perante estes processos os autores falam de transnação, de nação deslocalizada, de “desterritorialização” (Appadurai, 1996; Kearney 1995) ou ainda da passagem de imigrantes para transmigrantes (Basch *et al.*, 1995), representando os imigrantes como actores simbólicos que transcendem as fronteiras, os estados e as identidades nacionais.

Para o antropólogo Pierre Centlivres (2000), a palavra diáspora tornou-se quase sinónimo de comunidade transnacional, de minoria estrangeira ou ainda mais vagamente de migração.

Na geografia francesa, a definição de diáspora também não reúne consenso e os trabalhos do geógrafo Michel Bruneau sobre esta temática (2004) reflectem bem estes propósitos quando simultaneamente traça a evolução epistemológica deste termo em França. Se o termo diáspora foi utilizado em primeiro nos textos literários ou sagrados dos povos do mediterrâneo oriental, só tardiamente foi retomado na literatura das ciências sociais.

O dicionário histórico de língua francesa de A. Rey (Le Robert, 1992:600) data de 1908 a introdução do termo grego de diáspora na língua francesa. Tratar-se-ia apenas da primeira ocorrência lexicográfica. Em 1970 o termo ainda não era considerado como usual uma vez que não figurava no dicionário Le Robert. Apesar da sua extensão a outros casos que não judeus, Stéphane Dufoix, (idem) mostra que algumas referências datam de 1949 e que o termo se materializa nos dicionários apenas em 1980, tornando-se usual a sua utilização, desde então, nas teses em França na segunda metade dessa década. No entanto, os dicionários britânicos já mencionavam a sua aplicação a povos não judaicos a partir de 1961, tendo-se generalizado e difundido o termo durante os anos 1970.

Para Gabriel Sheffer (1993:263), o conceito de diáspora inclui três características essenciais: a consciência e o facto de reivindicar uma identidade étnica ou nacional; a existência de uma organização política, religiosa e ou cultural do grupo que forma a diáspora (riqueza da vida associativa; a existência de contactos sob as diversas formas, reais ou imaginárias com o território ou país de origem.

Saberíamos falar de diáspora se não existisse um mínimo de institucionalização dos intercâmbios e de trocas económicos, políticos e identitários entre as diversas implantações do povo disperso, se não existisse estabilidade nas relações com a sociedade de instalação, se não existisse um modo de aspiração à unidade e ao regresso mesmo, nem que seja imaginário? (Shnappper, 2001: 31).

A sensibilidade para estudos sobre as diásporas na Geografia apareceu desde os inícios da Geografia Humana quando a mesma se constituiu como uma disciplina distinta das outras ciências humanas embora sem utilizar o termo em si mesmo ou sem o dissociar da sua aplicação ao caso judeu. Para ilustrar esses primórdios em França, o geógrafo Michel Bruneau (2004) cita exemplos de geógrafos como Élysée Reclus (1905) que na sua obra *L'homme et la terre*, criticou o estado burguês e o princípio das nacionalidades levou-o a analisar a repartição dos povos que se encontram fora dos estados-nação, tendo particularmente estudado os judeus, gregos e arménios. Jean Brunhes e Camille Vallaux (1921) também fazem inúmeras referências aos grandes êxodos dos hebraicos aquando da saída do Egipto, aos judeus da Rússia entre 1899 e 1913, abordando também a questão da nacionalidade bem como as questões identitárias associadas às línguas e às religiões. Em 1948 Pierre Deffontaines na sua obra *Géographie et Religions* também aborda o tema das migrações, nomeadamente da diáspora judaica desde os tempos antigos até ao povoamento sionista da Palestina. Todavia, para este geógrafo o termo diáspora está muito associado ao contexto histórico judaico cuja noção não se pode aplicar a múltiplos casos.

Maximilien Sorre redige na década de cinquenta uma obra sobre as migrações dos povos e utiliza o termo quando se refere à migração chinesa para os Estados Unidos ou dos arménios dispersos pelo mundo. Partindo das migrações judaicas, Sorre, alude à diáspora como um espaço das minorias nacionais em terra estrangeira com um forte ideal colectivo: *o poder de um ideal colectivo que permite conservar no migrante a sua autonomia material e espiritual, também a poderíamos ter estudado nos mineiros polacos instalados na Rhur que depois foram levados para as bermas do Reno no norte da França ou então nos arménios e em outros mais.* (1955:228)

Só muito recentemente, a partir dos anos 1980, é que os geógrafos recorrem amplamente a este termo no espaço francófono. Pierre George, embora o termo figurasse no seu Dicionário da Geografia de 1970: *conjunto da colectividade judaica dispersa no mundo ou toda colectividade etno-cultural difundida fora do seu meio de origem*, desenvolve uma definição de diáspora, em 1984, na sua obra *Géopolitique des minorités*. A diáspora é deste modo caracterizada com base no modelo judaico que foi alimentado por êxodos sucessivos forçados ou voluntários, segregada étnica e culturalmente que, apesar dos contactos estabelecidos com a população circundante, mantém práticas culturais próprias. Yves Lacoste (1989) reserva o termo diáspora aos fenómenos de grande êxodo provocados sobretudo por constrangimentos de natureza política. Lacoste restringe ainda mais a definição e o termo diáspora que, segundo ele, só se deve aplicar quando a maior parte dos elementos da diáspora ultrapassar em número os que ficaram no território de origem. A definição de Yves Lacoste, à semelhança das de William Safran (1991) e de Robin Cohen (1997), fazem parte de um conjunto de definições ditas categóricas que inscrevem o objecto a estudar numa diversidade de critérios estritos que devem obrigatoriamente serem preenchidos para que haja cientificidade do termo. Outra consideração pertinente é dada por Sylvie Chedemail (1998) que, apesar de ser também bastante influenciada pelo paradigma judeu, considera a análise espacial da diáspora em 3 tipos: o cá (espaço de vida actual balizado por lugares simbólicos que permitem o agrupamento e as ligações eventualmente num bairro específico); o lá (espaço de memória do lugar de origem, objecto de uma representação quase mítica e o outro lugar que é o espaço descontínuo, policêntrico e móbil das comunidades dispersas no mundo ou numa parte dele. As relações em rede num espaço transnacional dão uma grande flexibilidade, em particular às relações económicas.

Outros autores alargam ainda mais a definição (definições maximalistas) para lhe fazer englobar todo o tipo de espaços migratórios e para fazer dele um fenómeno geográfico com tendência a se generalizar. Roger Brunet no dicionário crítico *Les Mots de la Géographie* (1995:158) refere que a palavra diáspora tende a referir-se a qualquer disseminação ou dispersão e enumera três tipos de causas para as mesmas: uma dispersão constrangida, com a

ausência de um país próprio; uma dificuldade de existência mais ou menos momentânea (diáspora portuguesa e irlandesa) ou uma escolha de actividade e de um modo de vida. Esta definição dá uma larga acepção admitida por um grande número de geógrafos e Roger Brunet (2001:23) no *Déchiffrement du Monde*, considera que *toda diáspora é um espaço com os seus lugares, as suas redes, os seus nós mesmo que ele se aninhe nos recônditos dos espaços dos outros*. Gildas Simon, geógrafo social especialista nas migrações internacionais que refere a dimensão quase planetária da diáspora portuguesa na *Géodynamique des Migrations Internationales dans le monde* (1995:216), atribui o fenómeno da diáspora à sedentarização dos imigrantes e à consolidação do seu estatuto administrativo; à reprodução local de populações migrantes; às dificuldades de inserção e de integração e às políticas de imigração na sociedade de acolhimento e à facilidade das comunicações e ao decréscimo relativo dos custos de transportes. O autor analisa a formação de uma economia de trocas transnacionais no interior das diásporas entre os países de origem e os focos de países de acolhimento, cujas trocas repousam essencialmente sobre as relações familiares e culturais (comércios étnicos). A dupla residência desenvolve-se nos migrantes, favorecendo as idas e voltas várias vezes ao ano e refere, como tal, o exemplo dos portugueses em França. Simon destaca ainda a grande plasticidade das diásporas actuais que lhes permitem uma adaptação a várias escalas desde o local à mundialização e defende que a fluidez característica destes grupos constitui um dos factores primordiais da geodinâmica das migrações contemporâneas.

Jean Gottman (1996) estima que as redes das diásporas se tornaram num factor essencial da vida quotidiana do sistema global e as cidades aparecem como mosaicos étnicos em redes ligadas entre elas, em parte pelas diásporas e em parte por sistemas de interesses que não são estranhos às diásporas que eles criam ou que resultam destes sistemas de interesses e têm tendência a tornarem-se mais importantes que os territórios e as fronteiras dos estados-nação. Estamos perante uma concepção maximalista do termo diáspora no sentido de dispersão sem restrição alguma. A mundialização é cada vez mais caracterizada por uma mistura de diásporas em redes muito complexas.

Deste modo, nota-se que não existe consenso na comunidade geográfica francesa quanto à definição de diáspora desde que esta se alargou a um domínio mais vasto do que as diásporas clássicas de judeus, gregos e arménios. A noção apareceu tardiamente na Geografia apesar de uma sensibilidade precoce a esta temática no domínio da Geografia Humana. Bruneau (idem) aponta a dificuldade em se definir um território próprio na diáspora como o possível factor que possa explicar em parte este atraso na Geografia.

Apesar da complexidade em definir o termo e da heterogeneidade do seu significado acordado pelos diversos investigadores, a utilização actual do mesmo coloca sempre questões ligadas com a migração voluntária e involuntária de populações; com a manutenção ou a recomposição de identidades; com as trocas com um país ou um espaço de origem e com a existência de comunidades reivindicando a sua ligação aos lugares.

Para a Geografia, as questões suscitadas pela mobilidade das populações e pela análise dos seus territórios de pertença, de identificação, de residência e de sobrevivência constituem campos de investigação de importância capital no contexto actual de mundialização.

1.2 A comunidade

A palavra comunidade deriva da palavra *comunal*, ou seja, o estado ou carácter do que é comum. Mesmo que existam vários tipos de comunidades, falamos geralmente de comunidades humanas num sentido histórico, sociológico ou geográfico.

O termo foi introduzido analiticamente pelo sociólogo Ferdinand Tönnies, em 1887. De origem alemã, o conceito de comunidade (*Gemeinschaft*) fez os belos dias da sociologia clássica europeia e nutriu-se também de numerosos trabalhos ingleses e norte-americanos. Tönnies, que estabelece pela primeira vez a distinção entre comunidade (*Gemeinschaft*) e sociedade (*Gesellschaft*), sendo uma definida como contraponto da outra: tudo o que é confiante, íntimo, vivendo exclusivamente em conjunto é entendido como a vida em comunidade [...] a sociedade é tudo o que é público, é o mundo, encontramos-nos em comunidade com os nossos desde que nascemos, ligados a ela no bem como no mal. Entramos na sociedade como em terra estrangeira (Tönnies, 1977:47-48).

Para Weber (2008:72), a comunidade pode basear-se em qualquer espécie de ligação emocional, afectiva ou tradicional [...] sendo claro que a grande maioria dos relacionamentos sociais compartilham tanto da comunidade, como da sociedade. Pertencer a uma comunidade subentende-se a aceitação *de valores* afectivos, emotivos ou tradicionais.

Em contexto migratório, a comunidade existe como forma organizada, estruturada, objectivamente visível de pontos comuns em termos de origens. A comunidade – ora assente num território comum (bairros e locais étnicos, por exemplo), ora na partilha da mesma língua, crença, etnia, corporação eclesiástica ou profissional, representa uma entidade social de identidade e inter-conhecimento, onde os actores sociais são vistos no seu todo.

A utilização deste termo na sua aceitação mais clássica subentende geralmente a noção de partilha de valores comuns. Comunidades migrantes e diásporas partilham valores e espaços comuns: um território de origem, um território de implantação, uma língua original, uma cultura original e relações diversas entre os elementos da comunidade bem como entre os mesmos e os espaços onde se movimentam.

Nos últimos anos, o processo de globalização também fez com que novos termos cada vez mais globalizantes tenham surgido e certos investigadores sociais referem-se a comunidades globalizadas e redes globais. Os sociólogos Paul Kennedy e Victor Roudoumetof (2001:20), aludindo aos fenómenos transnacionais, consideram a distribuição das comunidades globalizadas em cinco tipos: comunidades nacionais transnacionais onde o sentimento de pertença depende das origens étnicas ou nacionais; as comunidades há muito fundadas sobre a origem mas cuja ligação com a pátria é apenas simbólica; as comunidades de estilo de vida e de práticas que se desenvolvem em torno do desporto e da cultura; as comunidades de causa que procuram soluções globais para os problemas políticos ou étnicos e, por último, os grupos que repousam sobre uma profissão ou uma actividade comum. Quanto maior, concentrada e organizada for a comunidade, maior será a possibilidade de a mesma manter eficazmente os marcadores culturais que funcionam ao mesmo tempo como indicadores internos mas também externos.

Em Portugal, são reduzidas as reflexões/trabalhos teóricos que incluem o conceito de diáspora ou comunidade portuguesa nos seus títulos quando se trata da temática da emigração. Constatamos que o termo diáspora foi recorrentemente utilizado para estudos sobre a comunidade judaica de origem portuguesa: Bravo (1949); Tavares (1988); Nogueira (1999); Associação Portuguesa de Estudos Judaicos (1994); como para estudos sobre a emigração portuguesa: *Diáspora madeirense* (Spranger, 1984); *Portugueses na região parisiense* (Encarnação, 1984); *Encontro da Diáspora Portuguesa* (Mourato, 1986); *O Homem minhoto, das origens à diáspora* (Torres, 1987).

Constatámos também a dupla utilização diáspora/comunidade para títulos de inúmeros trabalhos sobre as populações de imigrantes lusófonos em Portugal. O termo comunidade, associado à emigração portuguesa, acaba por ser escolhido em detrimento do termo diáspora: *A comunidade portuguesa em Toronto* (Blanco, 1985), *Angola e a comunidade portuguesa* (Mesquita, 1974), *A comunidade portuguesa na República da África do Sul* (Júnior, 1966), *A comunidade portuguesa no Reino Unido* (Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, 1986); *A estrutura da comunidade portuguesa em França* (Branco, 1986); *A comunidade portuguesa em França* (Pereira, 1995); *A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes* (Diogo, 2001); *A*

comunidade portuguesa na Venezuela (Costa, 2002); *A comunidade cigana portuguesa em Pamplona* (2003); *A integração social da comunidade portuguesa no Luxemburgo* (Gonçalves, 2005).

Um marco importante do ponto de vista terminológico e do ponto de vista simbólico no reconhecimento da presença da diáspora e das comunidades de emigrantes e descendentes portugueses pelo mundo diz respeito à comemoração do feriado nacional do dia 10 de Junho, uma vez que a terceira República converteu-o no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas em 1978. Em 1980, foi criada, sob a égide do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas numa tentativa de se desenvolver uma política estratégica de migração.

Deste modo, constatamos que em Portugal, nas últimas três décadas sobretudo desde a adesão de Portugal à CEE, o termo diáspora, semanticamente aparentado ao termo comunidade, tende a ser progressivamente menos utilizado pelos investigadores que estudam ou se referem à população portuguesa no contexto da emigração sem, todavia, ser esquecida nos discursos oficiais, como sucedeu com as palavras de agradecimento do actual presidente da república, Aníbal Cavaco Silva, na noite da sua reeleição em Janeiro de 2011. Tal situação é relativamente diferente da que se viveu em França nos últimos vinte anos devido à simplificação na utilização do termo diáspora para designar qualquer comunidade étnica separada por fronteiras de estado ou por comunidades transnacionais. A utilização recorrente do termo pelos mass media e pelos investigadores sociais deve-se em grande parte às influências que as teorias da mundialização e da pós-modernidade têm suscitado no desenvolvimento da definição bem como à publicação de títulos consagrados aos fenómenos transnacionais.

2. O estudo das migrações – uma plêiade de teorias

As desvantagens da “terra de ninguém” têm sido, sob uma outra perspectiva, as vantagens da interdisciplinaridade. Uma vez que as raízes disciplinares são débeis e que o tema importa a um variado número de especialistas, ele tem sido desenvolvido sob diversas perspectivas teóricas, cujo conhecimento recíproco (dado o relativamente reduzido número de investigadores) tem permitido grandes benefícios. (Peixoto, 1998)

Hania Zlotnik (2003:55), autora de um capítulo sobre as teorias das migrações, afirmava que neste início de século ainda não existia uma teoria geral sobre as migrações, apesar dos progressos consideráveis alcançados na elaboração de esquemas explicativos muito úteis que permitiram uma compreensão dos determinantes das migrações e que possibilitaram enunciar hipóteses verificáveis. Tendo em conta as múltiplas facetas das migrações, não foi surpreendente que várias disciplinas contribuíssem para este tema e que cada uma tenha fornecido esquemas teóricos, visando explicar a natureza, a génese e o desenvolvimento de tipos particulares de migrações.

A emigração assume formas e características diferentes do ponto de vista espacial e temporal e está sujeita a condicionantes políticas, económicas, sociais e culturais. Cada uma destas condicionantes está na base da sensibilidade e do desenvolvimento de perspectivas teóricas diferenciadas pela comunidade científica que contribuem para uma melhor compreensão desta temática.

O sociólogo João Peixoto (1988) refere que a história disciplinar das teorias sobre as migrações é, em vários aspectos, atribulada e que o tema das migrações foi largamente ignorado pelos autores clássicos das principais ciências sociais no período histórico em que estas se constituíram e consolidaram no contexto europeu do final do século XIX e início do século XX, quer sob a forma de intensos movimentos internos, nomeadamente do êxodo rural, quer de migrações transoceânicas.

O mesmo autor assinala que, apesar de um interesse crescente pelo fenómeno, referências mais ou menos desenvolvidas se dispersam por várias ciências, apresentando critérios de inserção nem sempre claros. Na sociologia

actual, o tema das migrações não surge, na maioria das vezes, autonomizado, como é o caso dos temas “clássicos” como o trabalho, a educação ou as questões territoriais.

As teorias das migrações tendem a ser fragmentadas, inconsistentes e sofrem com a falta de relação formal, havendo uma ligação ténue com a teoria social geral. A teoria da migração é dividida entre as disciplinas científicas, tais como a economia, a antropologia, a sociologia, a geografia, a demografia e o direito, e está também dividida entre as abordagens centradas sobre os processos que provocam os fluxos migratórios e sobre os modos como os processos migratórios se desenvolvem uma vez iniciados. A investigação sobre as migrações tem as suas raízes na abordagem das ciências sociais, desenvolvidas na época do nacionalismo e da criação dos Estados-nação. No entanto, a dinâmica dos aspectos económicos e sociais das migrações sempre ultrapassou as fronteiras sendo que as teorias e métodos usados para estudá-los deveriam também transcendê-las (International Migration Institute, Oxford, 2010).

Apesar de haver um grande número de teorias sobre as migrações, o economista Douglass Massey (1990) justifica essa fragmentação e falta de articulação com base na divergência entre estudiosos tendo como referência quatro dimensões básicas. A primeira dimensão consiste em saber se o tema deve ser estudado de forma sincrónica ou numa perspectiva diacrónica. A segunda dimensão é em relação à própria acção de migrar, em que se coloca a questão se a migração seria melhor compreendida a partir de uma análise estrutural ou ao nível do indivíduo. A terceira dimensão diz respeito ao nível de análise quer se trate do indivíduo, do domicílio, da comunidade, da região geográfica ou eventualmente de outro nível. A quarta dimensão questiona se o objecto de estudo deve valorizar as causas ou os efeitos da migração. O resultado desta fragmentação leva a que o conhecimento teórico sobre a migração seja incompleto e até, por vezes, incorrecto, fornecendo bases pouco sólidas para a investigação. Para Massey torna-se importante construir uma teoria sobre as migrações que incorpore simultaneamente vários níveis de análise dentro de uma perspectiva processual.

As teorias das migrações, quer sejam de inspiração económica, sociológica, política ou geográfica, evidenciam cada vez mais a complexidade do processo das migrações internacionais.

A partir das principais teorias sobre as migrações que analisámos, confrontam-se duas principais teorias sociológicas: a macro sociologia por um lado, conhecida também como estruturalista que dá prioridade às forças externas (económico, cultural, político, etc.) que condicionam e canalizam as iniciativas dos indivíduos e, por outro lado a micro sociologia, baseada na teoria económica neoclássica, que por sua vez parte do indivíduo, considerando-o como um ser racional capaz de tomar decisões que visam otimizar o seu próprio bem-estar.

Algumas interpretações mais recentes tentam colocar uma ponte entre as perspectivas macro e micro, como a teoria de repulsão/atração, a contribuição das ciências políticas e a abordagem sistémica, que se colocam a meio caminho entre as duas perspectivas. Tratam-se porventura de esforços parciais, pouco ligados entre si e não cumulativos. Nenhum deles consegue propor uma teoria que explique globalmente as migrações porque se trata de um fenómeno muito complexo e multifacetado para que seja explicado com o auxílio de uma única teoria. A comparação entre as várias teorias tem a vantagem de apreender e recolher os principais factores que expliquem os processos migratórios (Ambrosetti, 2008).

Nos subcapítulos seguintes abordamos as principais teorias das migrações nas quais se inserem as quatro principais teorias económicas (teoria neoclássica, teoria da nova economia das migrações, a teoria do mercado de trabalho dual e a teoria dos sistemas mundiais) e seguidamente analisaremos as teorias sociológicas, políticas e sistémicas.

2.1 As teorias económicas das migrações

A *teoria económica neoclássica*, a nível macro, afirma que "as migrações internacionais" e as migrações internas são causadas por diferenças geográficas entre a oferta e a procura de trabalho. Esta teoria foi originalmente desenvolvida por Lewis (1954) e Harris e Todaro (1970). A teoria assenta sobre o facto de que o diferencial de salários entre países pobres e países desenvolvidos provoca a deslocação de trabalhadores dos primeiros para os segundos. Uma das principais críticas deste modelo assenta no facto de não ter em conta outros factores explicativos (factores políticos sociais e culturais são ignorados) que não sejam as diferenças salariais entre países de acolhimento e os países de emissão dos fluxos migratórios.

Ao nível micro, a emigração é uma questão pessoal para o indivíduo que entende, deste modo, maximizar o seu rendimento através de uma relação custo/benefício positiva sobre a transferência. Nesta teoria, o homem age como uma espécie de *homo economicus*. Encontramos esta lógica em todas as teorias antecedentes e ulteriores, procurando identificar os factores de atracção/repulsão (Push/pull factors) que motivariam a mobilidade das pessoas.

As limitações da teoria neoclássica das migrações internacionais são bem conhecidas: incapacidade de ter em conta os contextos políticos e económicos internacionais, os efeitos económicos a nível nacional bem como as decisões políticas que influenciam as decisões individuais para migrar ou não. O reconhecimento das limitações da teoria económica neoclássica desencadeou o desenvolvimento de propostas teóricas alternativas. A mais recente, *A nova economia das migrações* pode ser inovadora em relação à anterior. Partindo de uma investigação empírica da migração mexicana para os Estados Unidos (Stark e Taylor, 1989) sublinha-se que os diferenciais de salários não são a única variável determinante no processo de migração, tendo-se também em conta o contributo das interações sociais nas áreas de partida. Numa análise microeconómica, as opções de migrar já não são consideradas como decisões individuais, mas sim como decisões colectivas tomadas no seio familiar de modo a maximizar os rendimentos mas também a partilhar os riscos. As remessas provenientes do estrangeiro podem financiar actividades económicas na pátria, a aquisição de imóveis, o prosseguimento

dos estudos de familiares, ou então, constituir uma segurança contra o desemprego, o envelhecimento, a deterioração das condições de vida dos familiares que permaneceram na pátria. A nova economia da emigração, a partir de uma perspectiva microeconómica dentro dos lares ou famílias, descreveu uma "real cultura de migrações" existentes em algumas comunidades com a finalidade de compartilhar o risco de pobreza e aumentar o bem-estar. É uma estratégia tanto económica como sociocultural porque a divisão do trabalho e tarefas familiares leva alguns dos seus membros a emigrar. Aqui, os motivos das pessoas que emigram não são apenas económicos, mas também são influenciados por factores sociais e culturais que caracterizam a família e a comunidade de origem, o que torna a emigração mais desejável para alguns dos seus membros. Para algumas famílias das regiões rurais dos países em desenvolvimento, a emigração seria uma verdadeira estratégia económica e social e por isso para fazer face às incertezas da economia local, enviam um membro da família para o estrangeiro (Massey et al., 1993: 436-440). Não se deve também ignorar os constrangimentos sociais aos quais estão sujeitos alguns indivíduos, nomeadamente as mulheres. A socióloga e professora universitária, defensora dos direitos das mulheres na Turquia, Nermin Abadan-Unat (1977), refere que a participação massiva das mulheres nos fluxos migratórios turcos não se deve apenas a um pedido particular de força de trabalho na Alemanha ou noutro país bem como ao seu papel menos valorizado na realidade económica do país de origem, mas constitui também uma reacção na emancipação das mulheres contra a sua posição subalterna no seu país de origem (discriminação sexual, subjugação e trabalho físico duro e não remunerado).

Mais recentemente, estudos relacionados com as migrações femininas subsaarianas demonstram que rupturas conjugais na vida das mulheres (viuvez, divórcio) constituem a oportunidade de as mesmas se libertarem dos constrangimentos domésticos e paralelamente ganham autonomia no plano económico (Sengel, 2000). Outras investigações também apontam nesse sentido e demonstram como efectivamente as mulheres não emigram apenas por motivos exclusivamente económicos, já que as mesmas têm outras razões para partir (emancipar-se de uma tradição que as oprime, fugir a um casamento forçado, violências domésticas ou conjugais, etc.) ao mesmo tempo

que esta tomada de consciência leva a rever alguns conceitos fundamentais. Blanc (2001) também questiona se o projecto migratório dos homens não passa ele também por razões extra-económicas.

A visão mais comum dos fenómenos migratórios tem por base as principais causas estruturais que agem ao nível mundial e particularmente nos países de partida: a pobreza, a falta de trabalho ou a baixa remuneração salarial, o sobrepovoamento nos países menos desenvolvidos, as guerras, a fome, as catástrofes ambientais, as ditaduras, a perseguição de minorias, que levam um número crescente de pessoas a emigrar para o Ocidente e para as áreas mais desenvolvidas do planeta. Deste modo, para os sociólogos Immanuel Wallerstein (1974) e Stephen Castells (1989) são os factores sociais e históricos de grande amplitude que provocam grandes correntes migratórias e não as micro decisões individuais ou iniciativas particulares. Nesta aproximação estruturalista, as investigações e as reflexões multiplicaram-se, focando-se entre dois espaços teóricos complementares inerentes ao processo de expansão do capitalismo contemporâneo e ao funcionamento do mercado de trabalho numa escala global ou seja na teoria do duplo mercado de trabalho (Piore, 1979) e na *teoria dos sistemas mundiais* (Wallerstein, 1983).

A *teoria dos sistemas mundiais*, inspirada pelo quadro teórico marxista, postula que as origens das migrações e que o incentivo à mobilidade para muitas camadas da população são de natureza constringedora e representam uma consequência da penetração de um economia capitalista num país "periférico" não capitalista. A ideia é de que à medida que a terra, as matérias-primas e o trabalho das regiões periféricas se tornam mercadorias controladas pelos mercados, os fluxos migratórios inevitavelmente se produzem. A substituição de uma agricultura tradicional por uma agricultura moderna de mercado, o processo de assalariar um número crescente de camponeses mina as formas tradicionais de organização económica e social baseado em sistemas de reciprocidade e de papéis fixados previamente e cria mercados de trabalho baseados sobre concepções individualistas, sobre o consumo privado e a mudança social. Estas tendências possivelmente favorecem a mobilidade geográfica do trabalho nas regiões em desenvolvimento com consequências internacionais. Deste modo a desestruturação das sociedades do sul pelo colonialismo, neocolonialismo e firmas multinacionais liberta mão-de-obra que

vai alimentar os mercados de trabalho nos países do norte (Massey *et al.*, 1993:445-446).

A *teoria do mercado de trabalho segmentado*, também denominada por *teoria do mercado dual*, analisa a procura de trabalho nas economias avançadas. Para o economista Michael Piore (1979), a imigração não é causada por factores de repulsão (push) nos países de origem (baixos salários ou desemprego), mas sim por factores de atracção (pull) nos países de acolhimento (uma necessidade crónica e inevitável de trabalhadores estrangeiros).

A migração internacional resulta de uma procura permanente de trabalhadores estrangeiros inerente à estrutura económica dos países desenvolvidos e, por outro lado, nestes países, o mercado de trabalho funciona de um modo dual já que se encontra estruturalmente constituído por uma categoria estável de trabalhadores bem qualificados, bem remunerados e protegidos e, por outro lado, por trabalhadores não protegidos afectos a tarefas simples e desgastantes, empregados de um modo flexível (Piore, *idem*). Estas características são necessárias e inelutáveis num sistema produtivo que responde a uma procura flutuante e sazonal que em fase de recessão deve poder despedir facilmente para reduzir os custos. Michael Piore sustenta que no passado essa procura de trabalho mal retribuído e flexível era satisfeito por mulheres e adolescentes nacionais. Com o aumento da taxa de instrução e de emprego feminino, as mulheres foram ocupando profissões mais estáveis, remuneradas e mais prestigiantes.

Constatou-se que, do ponto de vista económico, as migrações internacionais são fundamentalmente consideradas como um movimento internacional de trabalhadores e que as teorias económicas apenas visam explicar as migrações de trabalho. A investigação nas últimas décadas também demonstrou que, para além do factor económico que é deveras importante para o desencadear dos fluxos migratórios, também se deve ter em conta outros factores que possam contribuir para a explicação destes fenómenos, nomeadamente sociais, políticos, culturais e ambientais entre outros.

2.2 As teorias sociológicas das migrações

O ponto de partida da análise proposta por Everett Lee (1966) tem como base as propostas feitas pelo geógrafo cartógrafo Ernest Ravenstein (1885). Este geógrafo anuncia temas e conceitos como a classificação de migrantes (temporários, de curta e média distância, entre outros) migração por etapas, regiões de atracção e repulsão, efeito da distância, contracorrentes, acção de estímulos económicos, entre outros. O mesmo autor argumentou que as principais causas das migrações são sobretudo económicas e que a maior parte das migrações vão das zonas agrícolas para os centros industriais e comerciais, e estabeleceu o primeiro quadro teórico de análise do fenómeno.

O sociólogo Everett Lee (1966:49) constatou que a migração era amplamente definida como uma mudança de residência permanente ou semi-permanente e nenhuma restrição era colocada sobre a distância do movimento ou sobre a natureza voluntária ou involuntária do acto, não existindo portanto distinção entre migrações internas e externas. A partir desta constatação, este sociólogo assinala que tal fenómeno sempre implicará a existência de um lugar de origem, um lugar de destino e de uma série de obstáculos intervenientes. Na abordagem sociológica e de acordo com Lee, a migração é causada tanto por factores positivos, (pull factors) que caracterizam as áreas de destino, e por factores negativos nas áreas de partida (push factors). Assim, tanto a área de partida como a área de chegada são caracterizadas por um conjunto de factores positivos e negativos: teoria da atracção/repulsão. A repulsão (push) da população das suas regiões efectua-se por vários motivos, geralmente de origem económica, social ou política e levam migrantes às áreas de atracção (*Pull*) que são regiões que atraem migrantes por factores opostos aos das regiões de repulsão (oferta de emprego, terras disponíveis, vantagens económicas, entre outros). As desigualdades económicas entre as regiões seriam então essenciais para que as migrações se processassem. Lee também destacou que o processo de migração é selectivo porque os diferenciais tais como a idade, o sexo e a classe social afectam o modo como as pessoas respondem aos factores atracção/repulsão e indica que o perfil destas pessoas

também molda a capacidade dos migrantes superarem os obstáculos no processo migratório.

Em meados dos anos 1970, a análise em termos de luta de classes prevalecia no seio dos sociólogos, sendo que os economistas raciocinavam sobretudo em termos de mercado de trabalho e de relações custos/ benefícios numa perspectiva de presença temporária e funcional nos países de acolhimento (Withol, 2008).

As teorias baseadas numa abordagem sociológica tendem a reconhecer o papel fundamental desempenhado pela família como unidade de decisão, como instituição que apoia o projecto migratório e como actor directamente envolvido na migração. Neste paradigma a emigração implica regularmente o grupo familiar e não apenas o trabalhador como na teoria económica.

Nas teorias macro sociológicas (que destaca as condicionantes externas) e micro sociológicas (parte do indivíduo) a presença de factores culturais é muito mais explícita, nestas o papel desempenhado pela família e pelas redes de migrantes nos países de acolhimento é muito importante. A ideia de grupos de parentesco é pouco a pouco alargada para redes migratórias que, segundo a especialista em demografia Hania Zlotnik (2003:59), incluem todas as ligações interpessoais entre migrantes, antigos migrantes e não migrantes das zonas de origem e de destino. Deste modo, o conceito de rede migratória é uma extensão do conceito baseado sobre o parentesco.

Na teoria das redes migratórias, as migrações são interpretadas como um efeito do funcionamento dos circuitos relacionais e interpessoais entre imigrantes e migrantes potenciais, e as redes migratórias são definidas por Massey (1988:396) como um conjunto de ligações interpessoais que ligam os migrantes, os migrantes precedentes e os não migrantes das regiões de origem e de destino pelos elos de parentesco, amizade e afinidades de origem.

Os grupos de parentesco e as redes já estabelecidas nos países de acolhimento facilitam o processo de adaptação dos membros da família ou da comunidade recém-chegados; apoiam estes novos imigrantes a encontrar um alojamento, um emprego mas também os sensibilizam para as regras e os hábitos que facilitam a sua integração na sociedade de chegada. Estas redes podem também ser de tipo mais institucional, se nos referirmos ao papel das

associações de imigrantes ou às instâncias religiosas nos países de acolhimento. Neste domínio sobressai o papel importantíssimo que teve a igreja católica na integração da primeira geração de imigrantes portugueses em França. A este respeito, alguns investigadores desenvolveram trabalhos sobre a integração dos portugueses e a sua relação com a (s) igreja (s) católica (s) em França. Maria Cristina Tavares traçou, em 2009, uma panorâmica sobre os imigrantes católicos portugueses de França e a relação entre as duas igrejas (portuguesa e francesa) entre os anos 60 e 80 do século XX.

Uma evolução da teoria das redes leva a outra aproximação denominada por *Transnacionalismo* em que no centro desta aproximação teórica aparece a figura social do transmigrante (o imigrante torna-se um transmigrante) que desenvolve numerosas relações (familiares, económicas, sociais, políticas e outras), exercendo actividades em diferentes lugares quer nas áreas de chegada quer nas áreas de partida (Ambrosetti, 2008:11). Nesta corrente e na sua conceptualização teórica destacam-se as sociólogas Shiller, Basch e Blanc (1992); o sociólogo Alejandro Portes (1997, 2003). A questão das identidades transnacionais é também abordada pelo sociólogo Stephen Castles em 2005 e o teórico cultural Stuart Hall em 1990 e 1992 destaca as questões culturais e de identidade na diáspora.

No domínio social, os indivíduos e as famílias reestruturam um tipo de vida muito específico que passa pelo uso de várias línguas, a aquisição de habitação, a adopção de um estilo de vida que é marcado por movimentos regulares entre os dois países, tecendo relações que, através das fronteiras, resultem num quadro de múltiplas referências, culturas e identidades. A cultura é inerente tanto ao país de origem como ao país de acolhimento dos imigrantes.

2.3 As teorias políticas e sistémicas das migrações

Do ponto de vista político, a migração internacional é considerada como uma troca entre os estados de migrantes internacionais que, através de uma transferência de jurisdição, deixam de ser membros de uma sociedade para pertencerem a uma outra (Zolberg, 1981).

Os movimentos migratórios internacionais estão associados a tensões entre os interesses individuais e os interesses nacionais dos estados que controlam as entradas e as saídas de indivíduos bem como as leis sobre a nacionalidade e a naturalização.

O reagrupamento familiar é um dos mais importantes meios utilizados pelos países receptores para promover ou reduzir a integração dos imigrantes em situação legal [...] A imigração está a tornar-se uma questão primordial para os países desenvolvidos, nomeadamente na Europa, que procuram estabelecer novas leis e regulamentações para reduzir o acesso dos trabalhadores imigrantes ao mercado de trabalho e a intensificação das suas actividades legislativas é um sinal da importância política deste tema. As medidas adoptadas para controlar a imigração clandestina são as mesmas um pouco por todo o lado: controlo nas fronteiras, vigilância do território, condenação dos trabalhadores sem autorização de trabalho a penas de prisão ou de expulsão (Baldi; Azevedo, 2006: 502-503).

Obviamente que estas leis ou limitações não têm apenas fundamentos económicos mas também sociais e culturais. Uma das questões que se coloca é simples: que integração para os imigrantes e com que objectivos?

A variedade de teorias propostas para explicar as migrações internacionais reflecte a complexidade do fenómeno, e o objectivo de as combinar está na base de uma *abordagem sistémica* plenamente implementada em 1992, embora a ideia de a utilizar datasse do início dos anos 1970 (Ambrosetti, Tattolo, ibidem).

A aproximação teórica sistémica está baseada na conceptualização de um sistema de migração assente num conjunto de países ligados por trocas migratórias cuja dinâmica é largamente construída pelo funcionamento de diferentes redes unindo os actores das migrações a diferentes níveis de agregação (Kritz *et al.*, 1992). Deste modo combinam-se variáveis macro e

micro e como as migrações envolvem áreas de origem e de destino (espaço unificado), é necessário ter em conta um sistema que no seu conjunto permita compreender as migrações, as suas causas e consequências. Como as migrações constituem apenas um processo que liga as duas áreas em questão, torna-se também necessário identificar a influência que outros processos (ligações históricas, culturais, políticas, económicas) possam ter nas migrações e na evolução das mesmas ao longo dos tempos. Os aspectos culturais facilitam a transmissão de informação e de recursos que facilitam o processo migratório. Deve-se ter em conta o papel do estado para desenvolver ou canalizar as migrações. As redes migratórias (familiares, amigos e outros imigrantes), as actividades dos angariadores de mão-de-obra, as multinacionais, as instituições educativas, religiosas e outras favorecem também os fluxos migratórios internacionais. No entanto, certos autores consideram que a utilização da teoria sistémica ainda está numa fase embrionária, uma vez que a falta de dados completos e comparáveis para certos países sobre as migrações internacionais constituem obstáculos para uma utilização mais aprofundada desta teoria, o que reduz as teorias das migrações a esquemas explicativos únicos (Ambrosetti, Tattolo, *ibidem*)

A aproximação Sistémica também nos parece particularmente interessante do ponto de vista de análise, já que o espaço é entendido como sendo unificado, englobando tanto a área de partida como a de origem que no seu conjunto nos permite compreender as migrações, as suas causas e consequências. Neste espaço, as redes migratórias facilitam a troca de informação e de recursos entre imigrantes e potenciais migrantes. Dentro das teorias sociológicas, a teoria das Redes Migratórias e as questões suscitadas pelo Transnacionalismo demonstram de que forma funcionam os circuitos relacionais e interpessoais entre imigrantes e migrantes potenciais como elementos catalisadores de integração nas áreas de acolhimento. Por outro lado, nas práticas transnacionais, o transmigrante em termos sociais desenvolve numerosas relações (familiares, económicas, sociais, políticas e outras), exerce actividades tanto nas áreas de chegada como de partida. O transmigrante efectua a ponte entre estes territórios.

Para Peixoto (1998:8) a “sociologia das migrações” pode ser considerada como uma amálgama de referências proveniente de diferentes

ciências sociais. A coexistência de explicações sociológicas de tipo “micro” - como as que envolvem o processo racional de tomada de decisão - e de tipo “macro” - como as que referem a existência de “forças” que impelem à migração é notória ao longo do tempo. A maior parte destas teorias tem sido desenvolvida para a análise “clássica” dos movimentos migratórios. O seu carácter interdisciplinar deverá provavelmente reforçar-se ao observarmos as novas formas de “mobilidade”. A análise da “circulação” e de todas as formas de mobilidade que se afastam da “migração” mais corrente obriga, certamente, a uma conjugação reforçada de perspectivas teóricas.

A variável cultural no estudo das migrações é crescente, existindo de facto uma dinâmica que visa interligar a história dos migrantes e das suas tradições, o vivido nos processos migratórios e as vivências no âmbito de mobilidades geográficas e comunicações pós-migratórias crescentes e diversificadas.

2.4 As teorias geográficas das migrações

A Geografia investiga os fenómenos migratórios a partir de uma série de determinações: económicas, políticas, culturais ou sociais, que se vêm modificando e combinando com o passar do tempo. Os fenómenos migratórios implicam por definição movimentações, e a geografia permite analisar a mobilidade de populações, os territórios em circulação e as trocas permanentes. Os territórios e as regiões nas suas mais diversas escalas encontram-se influenciados pelos fenómenos migratórios.

Entre as várias disciplinas que se têm preocupado com o tema das migrações, a Geografia é uma das que tem dado inegável atenção devido talvez aos vínculos comuns que ambas têm com o espaço. O facto de muitos geógrafos utilizarem regularmente contributos teóricos provenientes de outras ciências sociais reflecte, talvez, a situação geral dos estudos sobre o tema (Peixoto 1998:3).

Ernst Georg Ravenstein é considerado pelos investigadores sociais como sendo o autor “clássico” deste tema. Geógrafo e cartógrafo inglês de origem alemã na viragem do século XIX para o XX, Ravenstein publicou, no final do século XIX, dois textos sobre as “leis das migrações”, acerca de fluxos internos e internacionais (Ravenstein, 1885 e 1889). O carácter precursor de Ravenstein é notório já que apresenta uma análise empírica pormenorizada dos fenómenos migratórios, onde se reconhecem muitos dos procedimentos metodológicos ulteriores. Vários dos temas e conceitos que este geógrafo anuncia serão posteriormente estudados: classificações de migrantes (temporários, de curta e média distância, entre outros), migrações por etapas, regiões de atracção e repulsão, efeito da distância, contra-correntes, acção de estímulos económicos, etc. Este autor está na base de todos os modelos modernos de atracção-repulsão (conhecidos vulgarmente por modelos de push-pull) que se enquadram numa leitura económica neo-clássica da realidade. De alguma forma, o facto de Ravenstein ter sido reivindicado também pela sociologia, ao longo do século XX, como um “clássico” das migrações, demonstra o carácter transversal desta área temática.

Peixoto (1998:7) admite que *a diferença mais evidente entre os diferentes tratamentos disciplinares seja, talvez, de tipo formal ou*

metodológico. As abordagens sociológicas privilegiam, em geral, um tratamento mais qualitativo, embora possam recorrer a um tratamento quantitativo (demográfico) simples do problema. Os estudos económicos diferenciam-se pelo uso intensivo de modelos matemáticos, que tornam parte das suas referências inacessível a um leitor oriundo de outras áreas científicas. As análises geográficas e demográficas caracterizam-se por uma utilização variada de metodologias: temas qualitativos (sobretudo na geografia) e uma utilização, mais ou menos aprofundada, da matematização (no caso da demografia, as análises consistem tanto em elaboradas formalizações como em tratamentos relativamente incipientes do fenómeno).

O estudo da população constitui uma das temáticas mais antigas da geografia humana desde a sua fundação, destacando-se fundamentalmente o papel dos geógrafos alemães e franceses tais como Levasseur, Ratzel ou Vidal de la Blache.

Vidal de la Blache aborda desde 1921 nos *Princípios de Geografia Humana* (1954:83) as questões de superpovoamento e emigração ao exemplificar que quando a colmeia está repleta, os enxames saem dela, é a história de todos os tempos. Os livros onde foram consignados as mais antigas memórias da Humanidade, os antigos livros sagrados da pérsia, a bíblia, os documentos chineses e as crónicas mexicanas estão cheios de narrativas de migrações.

Em 1996, Jorge Malheiros sublinha que esta temática assumira um papel secundário nas diversas correntes da geografia, tratando-se mesmo de *um auxiliar para as questões fundamentais: a descrição da paisagem e as relações homem-meio, no caso da Geografia Possibilista francesa; a determinante económica das diferenciações e comportamentos espaciais da Nova Geografia ou o reflexo das relações de classe e das estratégias do capital sobre o território, em relação à Geografia Social de índole marxista (idem:17)*. O mesmo autor refere a então habitual inclusão de um capítulo sobre a população (actividades humanas) nas monografias regionais inspiradas na Geografia Possibilista francesa, destacando o papel das migrações nas formações das grandes aglomerações humanas bem como o modo de adaptação dos povos migrantes aos novos meios de acolhimento em Vidal de la Blache (idem).

Outro marco importante na geografia é da autoria de Pierre George (1951) que pela primeira vez redige uma síntese sobre o estudo da população a nível mundial e no qual faz considerações importantes sobre os movimentos migratórios (particularmente na segunda parte do livro sobre a variação da população onde examina os movimentos internos mas também a emigração e imigração, a mudança de nação e a mudança de nacionalidade). Do mesmo autor sairão importantes contributos para o estudo das migrações em 1972 e ainda mais em 1976 com uma obra dedicada exclusivamente às migrações internacionais. Nestes estudos o autor analisa as questões demográficas no que toca à origem das migrações e os seus efeitos sobre a evolução demográfica nos países de partida e nos países de chegada, mas evoca também, embora que parcialmente, questões de índole mais social como os conflitos sociais, a segregação a condição de vida dos imigrantes, o pluralismo cultural e a integração dos emigrantes nas sociedades de acolhimento.

Após a segunda guerra mundial, a concepção positivista da Nova Geografia, que se desenvolve em primeiro nos Estados Unidos e nos países escandinavos, difunde-se na Europa na década de 1970 em França e sobretudo na Alemanha. Esta corrente geográfica preocupa-se em procurar regras gerais com o auxílio da Matemática, da Estatística e das regras da Economia, que expliquem a organização territorial e o comportamento espacial dos indivíduos. Deste modo, o mundo anglo-saxónico soube inovar ao aplicar novas teorias espaciais. A Nova Geografia também proporcionou uma compartimentação da disciplina em temáticas que conduziu a determinadas especializações (Geografia rural, urbana, económica, entre outras). Por sua vez, esta especialização contribuiu também para impulsionar a geografia da população apoiada pelo desenvolvimento de meios técnicos (máquinas de calcular, computadores) bem como pela incrementação de informação (estatísticas, recenseamentos). A Geografia humana procurou criar um conjunto de teorias e modelos que explicasse a organização espacial e, particularmente, o modo como a distância intervém na formação dos fluxos territoriais como sucedeu na Teoria dos Lugares Centrais de Christaller (1933) e na teoria da Difusão Espacial de Inovações de Hagerstrand (1953). Estas teorias demonstram que a mobilidade dos indivíduos contribui para a construção e a organização territorial. Na década de 1970, Hagerstrand,

fundador da Time-geography, baseia-se nas trajectórias e experiências individuais quotidianas para se chegar a uma realidade colectiva.

Malheiros salienta então que a importância conferida por estas teorias às migrações resulta apenas por se tratar de um processo eminentemente espacial, no qual intervém a variável distância, porque as determinantes da Nova Geografia são, essencialmente, de índole económicas em que existe uma generalização do comportamento espacial dos indivíduos que se rege por critérios de racionalidade económica. Nos modelos da Nova Geografia, as migrações são essencialmente vistas em termos de fluxos que se estabelecem entre territórios diferentes.

No domínio das migrações, a Geografia Behaviorista, comportamental ou da percepção inspirada em correntes da psicologia (a partir da década de 1970), centra o seu objecto de estudo nos processos de decisão e comportamento individuais e colectivos e pretende constituir-se como uma alternativa às aproximações normativas baseadas sobre uma lógica económica racional. Para o geógrafo Gareth Lewis (1982), a Geografia Comportamental também foi determinante para o desenvolvimento de estudos sobre as causas que determinam as migrações, deste modo, realça-se o processo de decisão individual como factor fundamental para o surgimento das mesmas com destaque para a mobilidade nas áreas urbanas. Os behavioristas colocam o enfoque na decisão individual dos indivíduos, que sendo condicionada pela percepção que estes têm do território, vai gerar atitudes e comportamentos espaciais. Esta metodologia insere-se numa corrente eminentemente indutiva já que as decisões individuais dos indivíduos permite partir para generalizações que expliquem as atitudes dos indivíduos no espaço onde se movimentam.

Os conflitos sociais em finais da década 60 do século XX e as crescentes preocupações com as desigualdades territoriais conduziram ao desenvolvimento de “geografias sociais” de inspiração marxista que se preocupam com questões relacionadas com a pobreza, o bem-estar e a discriminação.

Paul Claval (1999) dá uma grande importância à revolução de Maio de 1968 em França e descreve mesmo que a geografia seria pulverizada. Em 2008, considera as publicações dos anos 1970 como sendo vivas porque falam de homens e mulheres que vemos e que ouvimos e mostram a variedade de

lugares bem como os mesmos são vividos pelos seus habitantes. P. George denuncia a ilusão quantitativa, e o alargamento das curiosidades geográficas acelera, no início dos anos 1970, com pistas de investigação alargadas, diversificadas que se acompanham por uma reflexão teórica, fazendo com que a Geografia se tornasse fundamentalmente numa ciência social.

Os geógrafos radicais criticam fortemente a Nova Geografia, uma vez que formula leis que explicam apenas a estrutura espacial, mas não os processos que a originam, sendo que as suas críticas também abrangem a Geografia Comportamental, segundo os quais esta isola o indivíduo do contexto estabelecido ao nível da infra-estrutura. Os novos modelos devem situar-se ao nível das relações que se estabelecem entre a organização espacial e as condições que a geram e que sofrem alterações sucessivas já que os modelos são válidos em contextos espaço-temporais determinados (Malheiros, 1996:22). Para este geógrafo, dentro das correntes alternativas de inspiração marxista, o Estruturacionismo Realista assume um carácter extremamente atractivo, devendo-se assumir que a existência de condicionantes estruturais (relações sociais de produção, lógica da divisão regional do trabalho por exemplo) actua sobre a organização do território e o comportamento espacial dos indivíduos que pelas suas decisões (papel activo) também influenciam as estruturas que não são estáticas, já que se desenvolvem em contextos históricos em permanente mutação. Para a abordagem das migrações, Malheiros considera esta perspectiva como sendo a mais feliz, já que o processo migratório envolve um conjunto de condicionantes estruturais, designadamente de âmbito económico (relação entre procura e oferta de trabalho), mas depende, em última análise, das opções particulares manifestadas pelos indivíduos que se deslocam (decisão de migrar e destino da deslocação) e remete-nos para a discussão do modo de abordagem da temática da população e mais, concretamente, das migrações na Geografia Humana, considerando para tal que seja fundamental assumir a Geografia das Migrações como uma componente específica da Geografia da População e, mais especificamente, da Geografia Social. Na sua opinião, os estudos migratórios incluem sempre a análise das causas, consequências e contingências inerentes a um processo que não se esgota apenas na abordagem demográfica simples dos fluxos de população. A mobilidade

internacional dos indivíduos implica uma análise das relações que se estabelecem entre os migrantes e um conjunto de domínios (características e funcionamento dos mercados de emprego; políticas de estrangeiros e o controlo de fronteiras; o estabelecimento e modo de funcionamento das redes de solidariedade entre os membros das comunidades imigradas; relações entre populações imigrantes e populações autóctones).

Posteriormente, este geógrafo desenvolveu estudos em Geografia Social e em Geografia das migrações que apontam nessa direcção, sendo que a sua tese de Doutoramento reflecte justamente domínios acima referenciados, nomeadamente no que concerne a questão da mobilidade e do Transnacionalismo. Trabalhos de investigação sucessivos na área das migrações serão essencialmente abordados pelos geógrafos do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa quanto à questão do Transnacionalismo (Malheiros 2001, 2002, Costa e Sá 2009); da integração dos imigrantes (Fonseca 2002, 2004, 2005, 2006, 2007; Malheiros 2002, 2004, 2005, 2006; Caldeira e outros 2003; Machado 2004); sobre as actividades étnicas (Malheiros, Fonseca 2004); a reunificação familiar (Fonseca 2005); a identidade (Malheiros 2005); a interculturalidade (Malheiros, 2009); a saúde (Fonseca 2007, 2009); condições de habitação (Fonseca 2010) e o empreendedorismo nas mulheres imigrantes (Malheiros, 2011).

Em Geografia, a temática das migrações tem sido essencialmente abordada por investigadores da universidade de Lisboa mas também, como veremos mais adiante, tema de investigação para geógrafos de outras universidades do país, nomeadamente de Aveiro, Coimbra e Porto.

De realçar que em Portugal os investigadores das migrações têm abandonado a temporalidade como eixo sustentador da sua análise para se centrarem no espaço e na contemporaneidade.

Na última década, os geógrafos portugueses trabalharam essencialmente a temática da imigração em Portugal devido à importância que esta assumiu na sociedade portuguesa, tradicionalmente mais emissora do que importadora de mão-de-obra, sendo que têm sido substancialmente menores as investigações no domínio da emigração, como veremos mais adiante. Em ambos os casos, quer se trate de imigração ou emigração, existem correntes e domínios aplicados noutras ciências, nomeadamente na sociologia, que

necessitarão de uma maior envolvimento e aproximação na área das migrações.

Uma outra ideia interessante para a evolução da investigação em Geografia Humana consiste na ideia de que a Geografia ou é social ou é cultural e nunca as duas ao mesmo tempo. Em França, em 2003, Christine Chivallon coloca justamente esta discussão, afirmando que esta especificidade deve-se à configuração das correntes de pensamento e nomeadamente à clivagem política esquerda/direita sempre manifesta no país. A Geografia social em França despertou nos anos 80 do século XX e levou a que os geógrafos passassem a olhar mais para a sociedade e as suas relações com o espaço. Pierre George exprime justamente essa vontade de situar a Geografia como o estudo das sociedades em si e na sua relação com o espaço que traduz o teor das relações de produção (Chivallon: 647). Chivallon critica ainda mais os métodos utilizados pelos geógrafos franceses, nomeadamente no recurso à cartografia que continua a ser o instrumento privilegiado de numerosos geógrafos: uma impressão de que se investiu mais em procedimentos do tipo Atlas (exemplo com a distribuição diferencial dos indicadores sociais) do que no aprofundamento do seu projecto teórico virado para as outras ciências sociais (idem, 649). Um dos aspectos positivos da Geografia Social, segundo esta autora, conduziu numerosos geógrafos, que não se revêem nas teorias positivistas em destaque nos últimos anos, a se federar em torno do conceito de territorialidade. Para Guy di Méo (1998), o território significa ter em conta um lugar de todos os registos da vida humana e social. Com o conceito de território também lhe associamos os conceitos de identidade e de memória e toma o sentido daqueles que se apropriam dele.

A geografia cultural por seu lado também foi construída em termos de complementaridade com as outras aproximações da disciplina. Para Paul Claval (1995), o mentor da Geografia Cultural em França, o espaço combina com a língua, a moral, a religião, os costumes para definir um grupo de pertença.

Em contexto migratório, os indivíduos acabam por tecer relações bi-culturais ou pluriculturais, como é o exemplo das comunidades portuguesas no Luxemburgo, no Canadá ou na Suíça, fazendo com que manifestem identidades plurais. A propósito da interferência que comunidades

plurilinguísticas têm na identidade, Jorge Arroteia (2009:141) refere a particularidade do sistema educativo luxemburguês que utiliza, obrigatoriamente, a língua oficial luxemburguesa, o alemão e o francês e que condiciona o rendimento dos alunos portugueses.

Paul Claval (ibid) refere que entre o indivíduo e as colectividades a que pertence, a identidade nunca é única, definitiva ou estática, pois claramente não pertencemos a um único grupo social nem a um único território e a mobilidade permite-nos alargar o campo de experiências sociais e espaciais.

No mesmo sentido, Mattis Stock (2004) sublinha que uma crescente mobilidade geográfica tem por consequência a prática de um elevado número de lugares, todos susceptíveis de constituir um referencial geográfico para a vida dos indivíduos.

Esta mobilidade internacional acrescida de pessoas está inseparavelmente ligada aos outros fluxos da mundialização, capitais e mercadorias, e que nesse sentido, as migrações representam uma das forças motrizes das transformações sociais em acção no período actual. A mundialização, definida como a multiplicação dos fluxos transfronteiriços e das redes transnacionais, modificou o contexto pelo qual se efectuam as migrações ao criar uma forte pressão cultural para a mobilidade. O desenvolvimento das comunicações electrónicas facilita a disseminação do conhecimento sobre os percursos migratórios e as oportunidades de trabalho. Com a redução dos custos de transporte de longa distância, os migrantes podem ir e vir mais facilmente do que antigamente. Eles migram por períodos de tempo curtos, regressam a casa e migram de novo, trata-se então de migrações circulares, um esquema pelo qual é facilitada a circulação entre o país de origem e o país de acolhimento.

A complexidade que as migrações assumem no contexto internacional também indicia que o contributo da transdisciplinaridade e das diversas sensibilidades e aproximações metodológicas inerentes às diversas disciplinas no estudo das mesmas constitui o modo mais coerente e enriquecedor de as analisar. A Geografia, como ciência social por excelência com as suas mais diversas sensibilidades nos ramos da população, da economia, do social e do cultural contribui deste modo para a análise desta problemática. Para os estudos inerentes à Geografia Humana, na qual incluímos a Geografia das

migrações, a dimensão espacial quer física quer mental, continua a estar omnipresente na explicação da relação e da identificação do homem com a sociedade e com seu meio envolvente.

3. O estudo da emigração portuguesa

3.1 O estudo da emigração portuguesa no mundo

Para uma melhor compreensão do estudo da emigração portuguesa no mundo, optou-se por analisar detalhadamente as referências sobre a emigração que constam no sítio do Observatório da Emigração. Embora a bibliografia referenciada não seja exaustiva, a mesma permite dar uma panorâmica bastante alargada sobre a produção científica criada no âmbito da emigração portuguesa quer por parte de autores portugueses quer por estrangeiros, e esta compreende algumas produções mais antigas e um vasto leque de trabalhos produzidos na última década.

Ao consultarmos a página de internet do Observatório da Emigração, constatámos que no mesmo se encontravam referenciados 751 registos bibliográficos (Novembro de 2010).

Para uma análise cronológica mais detalhada da bibliografia referida optámos por segmentar os trabalhos por décadas (quadro 2).

Quadro 2:Distribuição das referências bibliográficas sobre emigração por década e por ano												
Década	Ano da década										Total	%
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano		
1900- 1909											0	0,0
1910-1919		1									1	0,1
1920-1929											0	0,0
1930-1939											0	0,0
1940-1949						1					1	0,1
1950-1959											0	0,0
1960-1969						2	1				3	0,2
1970-1979	3			5	3	3	8	6	5	4	37	2,8
1980-1989	1	10	10	24	13	24	28	16	10	15	151	11,4
1990-1999	22	10	13	23	9	10	15	12	21	18	153	11,5
2000 -2009*	42	22	34	56	28	24	25	55	35	63	405	30,5
Total											752	100%

* Observação: de modo a não isolar o ano 2010 (21 referências até Novembro de 2010), optámos por incluí-lo no total da última década.

Fonte: Observatório de Emigração (Novembro 2010), tratamento próprio

Os resultados obtidos demonstram que os anos 70 do século XX constituem efectivamente o ponto de partida da produção científica, embora ainda não seja muito significativo, uma vez que apenas 37 trabalhos foram registados em toda essa década. Estes dados confirmam, no entanto, o despertar de interesse por esta temática por parte de investigadores das diferentes áreas de formação. Na Europa a investigação no domínio das migrações também começa a adquirir importância notória nesta década. Os anos 1980 e anos 1990 constituem o reforço desta tendência fomentada pela entrada de Portugal na CEE e a afirmação da Europa como o principal continente de destino da emigração nacional desde esse período. Este facto é particularmente visível nos anos pré e pós-adesão à Comunidade Europeia. A última década constitui, todavia, o ponto de aceleração da produção científica nesta temática, uma vez que esta reúne mais trabalhos registados do que todas as décadas anteriores. Ao longo desta década, salientam-se os três primeiros anos (2001-03) e os últimos três que, tendo em conta a crise económica do início do século e sobretudo posterior a de 2008, constituíram motores para a recrudescência da emigração portuguesa após 15 anos de relativa acalmia dos fluxos emigratórios. Por outro lado, nos últimos anos, às gerações mais antigas de investigadores têm-se juntado novas gerações de investigadores, entre os quais luso-descendentes que, à semelhança do que sucede em França, têm contribuído para o desenvolvimento de estudos sobre as comunidades portuguesas.

Se observarmos a distribuição bibliográfica por países de emigração em que se concentram os estudos, podemos referir que a produção científica provém e corresponde em geral aos países de acolhimento que concentram as principais comunidades portuguesas, a saber a França que conta com 144 referências bibliográficas, o que representa um número apreciável de autores radicados quer em Portugal quer em França como adiante se verá num subcapítulo específico. De seguida, o Brasil apresenta 102 referências com 31 investigadores que trabalharam a temática da emigração portuguesa nesse país, entre as quais podemos destacar os trabalhos do antropólogo João Leal sobre práticas culturais, etnicidade e identidade dos açorianos em Santa Catarina no Brasil (2002, 2007). Realçamos também o contributo da socióloga Maria Beatriz Rocha Trindade nas questões das ligações sociais e culturais

que os emigrantes têm e mantêm com as terras de origem num artigo de 1976 num conjunto de vários trabalhos realizados sobre a emigração portuguesa neste. Ana Scott, historiadora, trabalhou na década de 2000 sobre a emigração portuguesa para o Brasil numa perspectiva histórica (século XIX - inícios do século XX). Destacam-se duas teses de doutoramento, a primeira do Historiador Jorge Alves Fernandes da Universidade do Porto (1994)² sobre a emigração para o Brasil e o retorno no Porto oitocentista e a segunda da Historiadora Marie-José Santos (2006)³ sobre a reconstrução política, relações culturais Brasil-Portugal no período 1889-1922. Ao consultarmos os investigadores referidos como historiadores pelo Observatório da Emigração, salienta-se o papel fundamental que os mesmos têm desempenhado no estudo das migrações para este país.

Os Estados Unidos, com 68 registos bibliográficos, ocupam o terceiro lugar em termos de publicações sobre a emigração portuguesa. Pela importância numérica que os açorianos ocupam nos contingentes nacionais que se implantaram neste país, é notável o número de trabalhos produzidos neste âmbito. No que toca às áreas geográficas, existe uma grande representação quer da costa Oeste (Califórnia) quer da costa Leste que constituem as regiões que mais emigrantes lusos acolheram. Estes investigadores centraram as suas investigações no domínio da cultura e da etnicidade. Podemos destacar os trabalhos do antropólogo social João Leal sobre etnicidade, transnacionalidade e migrações da comunidade açoriana nos EUA (Nova Inglaterra) e no Brasil. Onésimo Almeida, filósofo e escritor de origem açoriana, com uma carreira universitária na Universidade de Brown (Rhode Island) é também um cronista de língua portuguesa radicado nos Estados Unidos desde 1972. Os seus trabalhos têm incidido sobre as questões da identidade e da cultura dos portugueses e mais particularmente dos açorianos na América do Norte.

A Argentina constitui uma excepção: 33 registos bibliográficos para apenas um stock de 15180 portugueses (registo consular de 2009,

² Alves, Jorge Fernandes (1994), *Os brasileiros. Emigração e Retorno no Porto oitocentista* Universidade do Porto, Porto (Tese de Doutoramento).

³ Santos, Marie-José (2006) *Du "prolongement" à la normalisation républicaine: Brésil-Portugal 1889-1922. Reconstruction politique, relations culturelles, migrations*. Estrasburgo (Tese de Doutoramento).

Observatório da Emigração) e coloca-se na quarta posição em termos de produção bibliográfica à frente de países com comunidades lusas bem mais importantes, tais como o Canadá, a Espanha e o Reino Unido (quadro 3).

Quadro 3: Bibliografia sobre emigração portuguesa por país de destino	
País	Nº de registos bibliográficos
França	144
Brasil	102
EUA	68
Argentina	33
Canadá	57
Espanha	24
Reino Unido	21
Venezuela	9
África do Sul	8
Alemanha	8
Suíça	8
Luxemburgo	5
Moçambique	4
Angola	4

Fonte: Observatório de Emigração (Novembro 2010), tratamento próprio

Na Argentina, os trabalhos de Ada Nemirovsky têm-se focado, nos últimos anos, na análise histórica e sociológica do processo de construção social e da identidade dos imigrantes portugueses. Marcelo Borges, historiador, tem analisado as migrações transatlânticas dos portugueses para Buenos Aires. Emir Reitano, também historiador, é autor da tese de doutoramento (2004) intitulada "Los portugueses del Buenos Aires tardocolonial: inmigración, sociedad, familia, vida cotidiana y religión" bem como de artigos sobre os portugueses nesse período pós-colonial.

O Canadá, com 57 referências bibliográficas, constitui também um dos principais destinos da emigração portuguesa. Neste país, tal como sucede com o país vizinho, os trabalhos sobre a emigração portuguesa encontram-se muito ligados às questões culturais nomeadamente em termos de identidade mas também às questões multiculturais e às actividades étnicas. Neste contexto

sobressaem dois autores, sendo eles Fernando Nunes⁴, filósofo doutorado pela Universidade de Toronto e o geógrafo Carlos Teixeira⁵.

Fernando Nunes aborda mais as questões da educação e da cidadania no seio da comunidade lusa. Esta investigação permitiu demonstrar que os níveis de instrução e de rendimentos substancialmente mais baixos dos lusocanadianos em relação a outros imigrantes contribui para a sua marginalização.

Carlos Teixeira tem, por seu lado, investigado na área da geografia social. As grandes temáticas focadas pela sua investigação têm sido três: a estrutura e evolução das comunidades; a mobilidade para os subúrbios a partir das primeiras cidades onde as comunidades se instalaram e o papel do comércio étnico português.

Para Espanha⁶ registam-se 24 referências, os estudos feitos sobre a emigração portuguesa e lusófona são sobretudo da autoria do geógrafo espanhol Lorenzo Lopez Trigal que tem trabalhado nos últimos 20 anos sobre a evolução desta comunidade neste país bem como sobre questões de integração no principado de Andorra. Embora vivam neste principado mais de 13000 portugueses, poucos são os trabalhos desenvolvidos sobre a comunidade lusa. Das investigações realizadas salientam-se o artigo de José Carvalho (2007) que dá uma panorâmica geral da imigração portuguesa no principado e um estudo de caso do geógrafo Jorge Malheiros em 2002 sobre os movimentos migratórios portugueses e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal.

O Reino Unido, que, nos últimos anos tem sido um país de acolhimento de vários milhares de portugueses, regista 21 referências bibliográficas relacionadas com a comunidade lusa. Neste país evidenciam-se os trabalhos da doutorada em Psicologia, Guida de Abreu que é professora de Psicologia

⁴ Nunes, Fernando (1999) Portuguese-Canadians and Academic Underachievement. A Community-based Participatory Research Project, Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto, Toronto (Tese de doutoramento).

⁵ Teixeira, Carlos (1999) *Portugueses em Toronto: Uma Comunidade em Mudança (The Portuguese in Toronto: A Community in Transition)*. Angra do Heroísmo, Açores: Direcção Regional das Comunidades. Governo da Região Autónoma dos Açores (225 p.) tradução portuguesa da mesma tese de 1993.

⁶ Destaca-se o contributo do artigo sobre a emigração portuguesa para Espanha da geógrafa Carminda Cavaco de 1971 sobre a migração temporária dos trabalhadores do Sotavento algarvio empregados na pesca e nas indústrias conserveiras da costa andaluza.

Cultural na Escola de Ciências Sociais e Direito da Universidade de Oxford Brookes (Inglaterra). Os seus principais temas de investigação gravitam em torno da educação, nomeadamente na análise dos jovens portugueses e da influência dos aspectos culturais na sua aprendizagem; na relação dialéctica entre o ensino / aprendizagem escolar e a formação da identidade de crianças e jovens imigrantes ou pertencentes a grupos minoritários; no impacto do fenómeno migratório no desenvolvimento cultural dos adultos. Temos também outros investigadores como José Almeida, que tem realizado investigação com base em estudos de caso sobre trabalhadores portugueses residentes no Reino Unido. Não poderíamos deixar de referir os artigos do geógrafo Martin Eaton (2007, 2010) da Universidade de Ulster sobre as experiências migratórias dos portugueses da região do Porto na Irlanda do Norte.

Da análise da bibliografia sobre emigração para os restantes países, denota-se claramente uma sub-representação em países onde as comunidades portuguesas são tradicionalmente mais fortes mesmo que estas sejam de correntes mais antigas como sucede na Alemanha (apenas 8 referências bibliográficas). Neste país, os poucos trabalhos registados desenvolvem-se essencialmente em torno da questão da identidade e da aculturação dos portugueses no país (Klimt, 2006, 2009 e Neto 2005). A produção científica sobre a emigração lusa também é muito fraca no Luxemburgo (5 referências) sobressaindo os trabalhos do geógrafo Jorge Arroteia (1986) e de Delfina Beirão (2002), luso-descendente licenciada em Comunicação, que realizou estudos sobre a integração dos portugueses no Grão-ducado. Apesar da Bélgica recensar cerca de trinta mil portugueses residentes em 2008, desconhece-se bibliografia sobre a emigração lusa no país, isto, se exceptuarmos os artigos do historiador Daniel Melo (2008, 2009) que trata o associativismo imigrante português naquele país.

Na Suíça, os poucos trabalhos desenvolvidos nos últimos anos tratam essencialmente das questões relacionadas com as práticas transnacionais, sendo estes da autoria dos sociólogos José Marques⁷ (2002, 2006 e 2008), Pedro Góis (2008) do Eduardo Araújo (2008).

⁷ Marques, José Carlos Laranjo (2006), Os Novos Movimentos Migratórios Portugueses. O Caso da Emigração Portuguesa para a Suíça, Universidade de Coimbra, Coimbra (Tese de Doutoramento).

A Venezuela, apesar de registar uma das mais importantes comunidades lusas no mundo, também apresenta uma escassa produção científica nesta área que se foca numa perspectiva de evolução cronológica da comunidade lusa neste país e em temas alusivos à sua integração e ao retorno a Portugal. Situação idêntica ocorre na África do Sul, cujos trabalhos mais recentes sobre a integração dos portugueses naquele país culmina com a tese de doutoramento de Paulo Bessa (2006) que analisa a integração da comunidade portuguesa residente nesse país após o 25 de Abril de 1974⁸.

No contexto das novas rotas da emigração portuguesa para o continente africano podemos constatar que os países lusófonos deste continente contam ainda com uma escassa bibliografia sobre os portugueses aí residentes prevendo-se porém que este número tenderá a aumentar significativamente nos próximos anos se atendermos ao facto de que a emigração para este continente se encontra em fase de acelerado crescimento, nomeadamente para Angola e Moçambique.

Partindo dos dados recolhidos no Observatório da Emigração para a elaboração deste subcapítulo, bem como de outros obtidos através de bases bibliográficas, nomeadamente em universidades francesas e portuguesas, parece-nos fundamental efectuar uma síntese sobre os trabalhos académicos (doutoramentos e mestrados) que se especializaram nesta área.

Segundo os dados que foi possível apurar (números que não nos parecem exaustivos, nomeadamente em termos de trabalhos de mestrado), cerca de 46 teses de Doutoramento e 15 dissertações de Mestrado tiveram como temática a emigração portuguesa nos últimos 40 anos. Em termos cronológicos, as teses de doutoramento foram apresentadas entre os anos 1970 e 2010, sendo que a primeira a ser defendida no âmbito da emigração portuguesa é da autoria da socióloga Maria Beatriz Rocha Trindade⁹ (1970) sobre a observação psico-sociológica de um grupo de portugueses na região parisiense, constituindo a única a ser defendida nessa década. Nos anos 1980, foram defendidas três teses, sendo que o trabalho de investigação do geógrafo

⁸ Bessa, Paulo da Cruz (2006), *Do Apartheid à Democracia. Um Estudo da Integração da Comunidade Portuguesa na África do Sul após 1974*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (Tese de Doutoramento).

⁹ Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1970), *Observation Psycho-Sociologique d'un Groupe de Portugais dans la Banlieue Parisienne* (Orsay), Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de Paris, Paris (Tese de doutoramento).

Jorge Arroteia em 1982¹⁰ sobre os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa, evidencia fortes preocupações no domínio da geografia social. Os anos oitenta veriam ainda duas teses serem apresentadas sobre a emigração, mas o real incremento nesta área surgiria nos anos 1990 e ainda mais na primeira década do século XXI.

Ao observarmos os investigadores por áreas disciplinares verificamos uma diversificação nas ciências sociais. Nas ciências sociais, destacam-se sociólogos e historiadores, seguidos no tratamento desta temática por antropólogos, geógrafos, psicólogos e economistas (quadro 4).

Quadro 4: Teses sobre emigração portuguesa por área de investigação	
Sociologia	13
Historia	8
Antropologia	6
Geografia	5
Psicologia	3
Economia	3
Linguística	2
C. Educação	2
Demografia	1
Outras	3
Total	46

Fonte: Observatório da emigração, Universidades portuguesas e estrangeiras, tratamento próprio.

Das 46 teses de doutoramento referenciadas, mais de metade foram apresentadas em universidades francesas, dezassete foram apresentadas em universidades portuguesas, duas no Canadá, uma no Brasil, uma na Argentina e uma Espanha (quadro 5). Quando observamos a distribuição das teses por país de apresentação, verifica-se que os domínios de investigação mantêm a sua ordem de importância nos dois países com maior número de referências que são França e Portugal, embora neste último, a geografia esteja mais representada do que a antropologia.

¹⁰ Arroteia, Jorge (1982), Os Ílhavos e os Murtoseiros na Emigração Portuguesa, Universidade de Aveiro, Aveiro (Tese de Doutoramento).

Quadro 5: Distribuição das teses sobre emigração portuguesa por área de investigação e por país de apresentação						
	Portugal	França	Canadá	Brasil	Argentina	Espanha
Sociologia	5	7	1			
História	4	3			1	
Antropologia	1	3		1		1
Geografia	2	2	1			
Psicologia	1	2				
Economia	1	2				
Linguística	1	1				
C. Educação	1	1				
Demografia		1				
Outras	1	2				
Total	17	24	2	1	1	1

Fonte: Observatório da emigração, Universidades portuguesas e estrangeiras, tratamento próprio

Em Portugal, a distribuição das teses pelas universidades nacionais confirma uma representação preponderante das universidades de Lisboa (9), seguidas pelas restantes universidades: Porto (3), Braga e Aveiro (duas cada) e Coimbra e Vila Real (uma cada).

Após um início que podemos classificar de tímido e tardio na década de 1970 e década de 1980, os trabalhos universitários relacionados com esta temática encontram-se desde a década de 1990 em fase de expansão (12 e 16 teses apresentadas respectivamente nos anos 90 e na primeira década do século XXI), começando também a haver por parte dos investigadores portugueses uma participação directa nos diversos centros ou núcleos de investigação nacionais no âmbito das migrações, como sucede com o Centro de Estudos da Migrações e Relações Interculturais (CEMRI), criado em 1989, sob a tutela da Universidade Aberta. Este centro está orientado para a área das migrações e das relações interculturais.

No âmbito da História e das Ciências Sociais em geral, referimos o Centro de Estudos da População Economia e Sociedade (CEPESE), no Porto, que tem por objecto a investigação e divulgação dos temas directa ou indirectamente relacionados com a população, a economia e a sociedade.

Na vertente económica e social destacamos o Núcleo de Estudos das Migrações do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

No âmbito da sociologia da família, da identidade e da integração dos emigrantes lusos em França e na Alemanha destacam-se trabalhos realizados por investigadores do Centro de Investigação em Ciências Sociais da universidade do Minho.

No domínio da Geografia salientamos o Núcleo de Investigação sobre Migrações, Espaços e Sociedades como unidade de investigação do Centro de Estudo Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-MIGRARE).

Todos estes centros de investigação têm contribuído para o desenvolvimento da temática das migrações em Portugal mas carecem de uma dinâmica de colaboração em rede que poderia tornar mais eficiente a investigação nesta área. A fundação em 2008 do Observatório da Emigração sob a responsabilidade da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas com objectivos específicos de produzir e disponibilizar informação sobre a evolução e as características da emigração e das comunidades portuguesas bem como contribuir para a definição de políticas públicas neste domínio, veio colmatar em parte essa lacuna ao ter permitido dar maior vizibilidade ao estudo da emigração na sociedade portuguesa como também constitui um suporte informativo indispensável aos investigadores.

3. 2 Os geógrafos portugueses e o estudo da emigração

Os geógrafos portugueses despertaram tardiamente para as questões migratórias apesar da abordagem da temática, sobretudo no que toca às migrações internas, por Orlando Ribeiro (1941,1946), Amorim Girão (1941, 1948) e Lopes Velho (1948).

Orlando Ribeiro na *Geografia de Portugal* (1989:753) evidencia as limitações dos recursos naturais no território português, considerando-as como factores determinantes para a geração de fluxos migratórios: *contrastes naturais que determinam modos de vida ou regem economias diferentes são motivos de deslocamento da população.*

Jorge Malheiros (1996) sublinha que, apesar de a temática da população aparecer constantemente nas monografias, os estudos sobre a geografia da população reduziram-se a pequenos artigos ou notícias e em número restrito. A única excepção é constituída pelo trabalho do demógrafo João Evangelista (1971) que elabora, com o auxílio de muita estatística, uma síntese da evolução e das características da população portuguesa entre 1860 e 1960, na qual o autor dá particular importância às migrações internas como à problemática da emigração.

A Geografia Possibilista de origem francófona deixa progressivamente lugar à Nova Geografia de origem anglo-saxónica a partir da década de 1970, num período em que a Geografia Social de inspiração marxista também faz o seu aparecimento, possibilitando deste modo o desenvolvimento de mais trabalhos sobre as migrações dentro da Geografia Humana. Neste contexto destacam-se os trabalhos de Jorge Arroteia sobre a emigração portuguesa (1982,1983,1985,1986) que se centra nas questões da emigração, principalmente para França e para o Luxemburgo, tendo também elaborado um Atlas da Emigração portuguesa para a Secretaria de Estado das Comunidades em 1985, onde representa, em 106 mapas, o valor absoluto e a percentagem da emigração oficial para os sete principais países de acolhimento bem como a origem dos emigrantes a partir dos diversos concelhos do país. O facto da sua tese de Doutoramento, em 1982, se enquadrar no domínio das Ciências Sociais e todo o trabalho desenvolvido ao longo da sua carreira abordar eminentemente esta área, podemos dizer que o mesmo se enquadra no grupo

dos geógrafos sociais. Do mesmo autor destacam-se trabalhos sobre a emigração portuguesa em geral para países como a França, o Luxemburgo ou o Canadá, tendo desenvolvido, por exemplo, temas relacionados com o multiculturalismo, a integração e escolarização de jovens na diáspora.

Rosa Fernanda Moreira da Silva da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, após uma tese de doutoramento em 1981 sobre a paisagem agrária das planícies e colinas minhotas, apresentou em 1989 um trabalho complementar para provas de Agregação em Geografia Humana onde efectuou dois estudos acerca da emigração portuguesa. O primeiro incidia sobre os emigrantes portugueses na região de Estrasburgo (França) e o segundo sobre o retorno dos emigrantes naturais das aldeias da serra do Gerês entre 1984/1987.

A questão da mobilidade demográfica e da emigração é analisada por Álvaro Domingues (1986) do ponto de vista histórico num artigo sobre a região de Melgaço na segunda metade do século XIX.

Destacamos também o contributo de duas teses em geografia da população que contribuíram para o estudo da emigração. A primeira, de Fernanda Cravidão da Universidade de Coimbra, intitulada *A população e o Povoamento de Gândara (génese e evolução), de 1988, realça* a importância da emigração como componente essencial na evolução da população naquela localidade desde a segunda metade do século XIX. As variáveis demográficas, económicas, socioculturais e políticas revelam-se essenciais para compreender o processo emigratório nas perspectivas de partida e de regresso dos emigrantes. Partindo de um inquérito local sobre o regresso dos emigrantes, a autora constata a primazia das motivações socioculturais (questões familiares, ligações culturais ao país...) sobre as motivações económicas que fundamentam o regresso a Portugal. A investigação também sublinha o impacto positivo da emigração na difusão de novas técnicas na agricultura e analisa a mobilidade profissional dos ex-emigrantes para sectores de comércio e serviços.

Na tese de doutoramento de Lucinda Fonseca da Universidade de Lisboa, de 1989, intitulada *População e Território – do País à Área Metropolitana*, a autora analisa a influência dos factores estruturais e das motivações individuais na mobilidade geográfica. Num capítulo da tese

dedicado à emigração portuguesa de 1950 a 1984, esta investigadora salienta a grande dimensão dos movimentos migratórios externos como um dos principais vectores da evolução demográfica portuguesa das últimas décadas.

Posteriormente, em 1996, Jorge Malheiros, na sua tese de Mestrado sobre os imigrantes na região de Lisboa, embora trate mais concretamente a temática da imigração, também tem a preocupação de articular, ao longo do seu trabalho, a vertente imigratória com a vertente emigratória, conforme consta no subcapítulo dedicado à posição de Portugal no actual contexto das migrações internacionais. Em 2001, este geógrafo alarga a sua área de estudo com uma tese de Doutoramento intitulada *Arquipélagos Migratórios Transnacionais e Inovação* que analisa o desenvolvimento do transnacionalismo entre os grupos de imigrantes (comunidade cabo-verdiana e dois segmentos da diáspora hindu) e a sua capacidade de transformarem as cidades do destino situadas nos países europeus (Lisboa e Roterdão), contribuindo para a inovação (sócio-espacial) e para a internacionalização destas.

Do mesmo autor destacamos particularmente o capítulo referente às migrações em Portugal no segundo volume da Geografia de Portugal (2005), dirigido por Carlos Alberto Medeiros, onde analisa os movimentos migratórios internos e externos.

Luís Paulo Martins (2003) da Universidade do Porto aborda as questões do desenvolvimento português associadas ao fenómeno migratório num artigo onde se refere à emigração como um processo migratório particularmente doloroso para as populações, com impactos significativos na reestruturação do território e na paisagem, que marcou positivamente a modernização socioeconómica do país.

Na Universidade Nova de Lisboa, o geógrafo Fernando Martins¹¹, na sua tese de doutoramento apresentada em 2004, analisa a questão do regresso na emigração portuguesa, mais concretamente na sub-região estatística do Pinhal Interior Sul (Região Centro). Na mesma universidade, a geógrafa Maria de Nazaré Roca, em 1999, também se debruçou sobre a

¹¹ Martins, Fernando Ribeiro (2004), *Pinhal Interior Sul e o Regresso de Emigrantes (1975-2001)*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa (Tese de Doutoramento).

questão do regresso na emigração e as suas implicações em meio rural no concelho de Ponte de Lima na região do Minho. Em 2003, Dulce Pimentel analisou os números da emigração em Portugal no período de 1992-2003 e em 2004 elaborou o capítulo sobre a emigração para o Atlas de Portugal do Instituto Geográfico Português.

Na Universidade Aberta, os estudos interculturais e as questões migratórias constituem um dos principais eixos de investigação. Alguns trabalhos sobre a emigração portuguesa têm surgido em cursos de Mestrado em Relações Interculturais por estudantes das mais diversas áreas de formação, entre as quais também se encontram geógrafos.

Ainda na Universidade Aberta em 2007¹², Maria Gonçalves defendeu uma tese de Doutoramento em Geografia sobre o contributo da emigração e do seu regresso para o desenvolvimento em meio rural, nomeadamente no concelho de Boticas, na Região do Barroso.

O geógrafo João Sardinha, que se licenciou no Canadá e se doutorou em 2007¹³ na Universidade de Sussex no Reino Unido, tem revelado interesse pela problemática das associações de imigrantes, a integração e a identidade de vários grupos étnicos residentes em Portugal, como os angolanos, os brasileiros e os europeus de Leste. O mesmo autor tem direccionado a sua investigação para a área da geografia social e cultural, com destaque para as questões da identidade, da integração dos emigrantes portugueses no Canadá bem como pelas problemáticas relacionadas com o transnacionalismo e o processo de retorno.

Facilmente concluímos que, nos últimos anos, a produção científica na área da emigração por parte de geógrafos, ainda que pouco expressiva em quantidade se deveria intensificar nas universidades do norte e do centro do país, isto, se atendermos ao simples facto de que a diáspora portuguesa foi e, continua a ser, maioritariamente originária destas regiões. Por outro lado a sua investigação em geografia ainda mais se justifica tendo em conta que este fenómeno se intensificou nos últimos anos e que outras ciências sociais, mais

¹² Gonçalves, M (2007) Desenvolvimento em meio rural. Contributos da emigração e do regresso. Aplicação ao concelho de Boticas na região barrosã. Tese de doutoramento em geografia Humana, Universidade Aberta.

¹³ Sardinha, J (2007) Immigrant Associations, Integration and Identity: Angolan, Brazilian and Eastern European Communities in Portugal. Tese de Doutoramento. Sussex Centre for Migration Research, University of Sussex.

do que a geografia, têm suscitado um maior envolvimento e interesse no seu estudo.

3.3 O estudo da emigração portuguesa em França

A principal nota é a contradição entre a dimensão enorme que a comunidade portuguesa tinha, mesmo no contexto francês, e o silêncio à sua volta. Isso era algo que embasbacava os investigadores. Era preciso remar contra a maré para publicar um artigo porque não interessava às pessoas, mesmo nos meios da investigação [...] Praticamente, a única imigração que interessa os financiadores da investigação pública é a imigração magrebina e, eventualmente, a africana. A emigração portuguesa não interessa porque não há real contencioso histórico entre portugueses e franceses, não há problemática comum conflitual [...] Considerações sociais e políticas levam a focalizar atenções nas migrações pós-coloniais, em detrimento das outras migrações.

Albano Cordeiro (2010)¹⁴

O número de imigrantes lusos em França é o mais expressivo de todos os países onde a diáspora se implantou, e por isso, é compreensível que a grande maioria da bibliografia sobre a emigração registada quer no Observatório da Emigração quer nas fontes universitárias se debruçam sobre esta temática (144 registos bibliográficos). O estudo da emigração portuguesa em França não só foi realizado por investigadores nacionais como também franceses e luso-descendentes. Com base na informação do Observatório da Emigração e da pesquisa efectuada noutras instituições universitárias, conseguimos recensar 28 investigadores que tenham trabalhado sobre a comunidade portuguesa neste país. Este grupo constitui, sem dúvida, o núcleo duro da investigação em França, se bem que a lista de investigadores bem como as referências bibliográficas sejam mais extensas se considerarmos que dificilmente se consegue recensar todos os trabalhos académicos apresentados quer em Portugal quer em França. Neste grupo podemos identificar que a maioria dos investigadores é de nacionalidade portuguesa e

¹⁴ Entrevista concedida ao Observatório da Emigração em 30 de Julho de 2010
[Http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/1907.html](http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/1907.html)

trabalha a partir de Portugal e os restantes são luso-descendentes e alguns franceses.

Através da análise bibliográfica pesquisada, podemos constatar que 28 teses de Doutoramento trataram especificamente a emigração portuguesa em França. Deste grupo, destacamos que apenas 3 teses foram apresentadas em Portugal, uma em Espanha e 24 foram-no em França. Das 24 teses que foram apresentadas em França, 17 foram defendidas em Paris, duas em Toulouse, uma em Bordéus, uma em Lille, uma em Grenoble e uma em Nice. Esta concentração geográfica das teses em Paris não traduz que as mesmas se debrucem exclusivamente à comunidade portuguesa nesta região, dado que algumas teses analisam também a comunidade portuguesa numa perspectiva espacial mais abrangente. Também nos foi possível perceber que do ponto de vista cronológico as mesmas se situam entre 1970 e 2010: duas na década de 1970, cinco nos anos 1980, catorze nos anos 1990 e sete nos últimos dez anos. No conjunto das 28 teses, as seis últimas foram apresentadas por luso-descendentes, o que demonstra a evolução académica dos mesmos no país, permitindo um legado para as gerações mais novas em termos de investigação.

Quando analisamos o grupo de investigadores que trabalharam sobre a emigração portuguesa neste país, constata-se que, embora exista de facto um leque diversificado de domínios de investigação, os mesmos sejam mais numerosos em Sociologia, História e Antropologia, seguindo-se áreas como a Geografia, a Psicologia e a Economia, entre outras. (quadro 6).

Com o intuito de melhor perceber o estudo da emigração portuguesa em França, propomo-nos apresentar uma breve síntese dos trabalhos que foram desenvolvidos em algumas áreas disciplinares.

Tendo em conta a particular importância que a Sociologia dedicou ao estudo da emigração em França parece-nos pertinente iniciar com esta área de investigação.

Como já referimos anteriormente é com a tese de M.B. Rocha Trindade que se dá ponto de partida. A mesma autora desenvolverá posteriormente ao longo da sua carreira universitária uma quantidade apreciável de trabalhos sobre os portugueses em França a partir de estudos de casos em Portugal e em comparação com outros países de destino como sucede com os EUA e o

Brasil, dando particularmente importância às questões da integração, das redes sociais (1973, 1976) e da identidade dos jovens portugueses em França (1984). Em 1998, esta investigadora, conjuntamente com François Raveau, organizou um livro sobre a presença portuguesa em França onde vários autores analisam particularmente as questões de integração na sociedade francesa.

Quadro 6: Investigadores sobre emigração portuguesa em França por áreas de investigação	
Sociologia	7
História	3
Antropologia	3
Geografia	2
Psicologia	2
Economia	2
Linguística	1
C. Educação	1
Demografia	1
Outras	2
Total	24

Fonte: Observatório da Emigração e Universidades Portuguesas e Francesas, tratamento próprio.

Albano Cordeiro, exilado político da ditadura salazarista, formou-se em economia e demografia em Roma e instalou-se em França, começando por investigar a emigração portuguesa na região de Grenoble em 1966. Trabalhou na área das migrações e, passados uns anos, especializou-se no estudo da comunidade portuguesa em França. Em 1992, doutorou-se em Sociologia em Paris com a apresentação de uma tese sobre a temática da imigração e da teoria das relações inter-étnicas¹⁵. Aposentado em 2002, prosseguiu os seus trabalhos com a publicação de artigos em revistas científicas e especializadas, em particular sobre a imigração portuguesa em França.

Em meados dos anos 1970¹⁶, os estudos sobre a imigração portuguesa estavam apenas no seu início e Albano Cordeiro integra um grupo de

¹⁵ Cordeiro, Albano (1992) D'une immigration de travail à une immigration de peuplement : jalons pour une théorie des relations inter-ethniques, Thèse de doctorat Paris 7.

¹⁶ Ibid A. Cordeiro (2010).

investigação que se constitui em Nice à volta do professor Michel Oriol para trabalhar num projecto sobre a identidade dos jovens de origem portuguesa para a qual também contribuíram mais de uma dezena de investigadores e efectuou uma análise do *corpus* da imprensa portuguesa dedicada à emigração. A participação de Albano Cordeiro no organismo criado no seio do CNRS (Centre National de Recherche Scientifique) contava com a participação de investigadores que se dedicavam ao estudo da imigração em geral, permitiu-lhe estabelecer contactos com outros colegas e estabelecer bases de comparação para melhor analisar a imigração portuguesa.

A etapa seguinte, já nos anos 1980, no quadro do Colectivo de Estudos e de Dinamização da Emigração Portuguesa (Collectif d'Etudes et de Dynamisation de l'Emigration Portugaise - CEDEP), Cordeiro redigiu um estudo sobre o movimento associativo português em França ("*Enfermement et ouvertures*", em Janeiro de 1986). Em 1982 integra o Centre National de Recherche Scientifique (CNRS). O próprio autor resumiu em 5 etapas o seu percurso como investigador. A primeira etapa diz respeito ao estudo da população imigrante no sistema das prestações sociais (1970-1973) na região de Lyon, sendo que este trabalho permitiu contrariar a ideia de que os estrangeiros custam caro ao sistema de segurança social francês. O segundo momento trata os estudos levados a cabo sobre a problemática da imigração no Luxemburgo (1975). Seguidamente, aprofundou os conhecimentos sobre a imigração portuguesa em França a partir do estudo do maior movimento associativo local de residentes estrangeiros que este país alguma vez conheceu ao longo da sua história. No final dos anos 1970 desenvolve investigação sobre a comunidade argelina, estudando os movimentos de regresso ao país de origem. O quinto momento consiste na pesquisa realizada para o Ministério dos Assuntos Sociais francês (1986-1987) com Fernanda Silva sobre a comunidade portuguesa na aglomeração de Clermont-Ferrand e de Paris, visando estudar as diferentes estratégias que esta comunidade implementava para a sair da crise económica. Esta investigação permitiu mostrar a importância dos laços comunitários (ou redes familiares) para fazer face às situações de precariedade, de desemprego e para a ascensão social dos imigrantes.

Albano Cordeiro ficará na história da diáspora portuguesa em França por a ter apelidado de "comunidade invisível": *como explicar a discrição com a qual os portugueses viveram em França ao ponto de fazer esquecer a sua própria existência e de se tornar a maior comunidade invisível de França*, se interrogava ele em 1985¹⁷.

Os temas de interesse e de estudo eleitos a propósito da comunidade portuguesa levaram-no a analisar e a reflectir sobre as questões da integração na sociedade de acolhimento (1985, 1988, 1999), os movimentos associativos (1987), as redes sociais (1989), a identidade (1999, 2000), a cidadania e a participação política (1992, 2002, 2004, 2005). Os últimos anos foram dedicados à questão da participação política dos portugueses na vida pública francesa, sendo que o mesmo sempre se considerou um sociólogo, *definindo-se como intelectual de terreno: como militantes, temos todos a ganhar com a investigação, em particular com a investigação sociológica, económica e política e nós podemos alimentá-la com a nossa própria experiência. Isto significa que a investigação sobre qualquer tema pode sempre trazer elementos que vêm enriquecer a argumentação daqueles que defendem as ideias que eles estimam justas e que combatem a injustiça e a desordem social que testemunhamos* (2006:87).

No domínio da Sociologia podemos ainda referir o contributo de Maria Engrácia Leandro com estudos sobre a inserção social dos portugueses na região parisiense, destacam-se a tese de doutoramento neste domínio em 1992 e um artigo de 2003 sobre a inserção social dos jovens em França e na Alemanha.

Marie Antoinette Hily¹⁸ é possivelmente a socióloga francesa que mais trabalhou sobre a emigração portuguesa em França. Esta investigadora integrou o grupo do sociólogo Michel Oriol¹⁹ em Nice e tem desenvolvido trabalhos sobre a produção de identidades colectivas em situação migratória bem como sobre a circulação migratória e as associações portuguesas no

¹⁷ Cit in Cordeiro, 1999.

¹⁸ Hily, M. A (1993) Les identités collectives à l'épreuve de l'emigration-immigration: le cas des portugais en France, Thèse de Doctorat, Nice.

¹⁹ Redigiu um relatório intitulado *Les variations de l'identité: étude de l'évolution de l'identité culturelle des enfants d'émigrés portugais en France et au Portugal*, Nice, Rapport final de l'ATP CNRS 054, Vol. 1, 1984, et Vol. 2, 1988.

espaço público. Da sua bibliografia destaca-se um livro, considerado livro-chave para a compreensão da identidade do emigrante português, que foi escrito em cooperação com o sociólogo Yves Charbit e o geógrafo Michel Poinard e que resultou de um trabalho de campo realizado durante as férias de verão de 1992 e 1993 em 3 aldeias portuguesas. Publicado em 1997, intitulado *Le va-et-vient identitaire: migrants portugais et villages d'origine*, o mesmo pretende demonstrar justamente o vaivém dos emigrantes portugueses entre os dois países, como sendo uma forma de afirmação e de ligação ao território de onde são provenientes, permitindo que a cultura de origem se conjuga com os traços culturais do país de acolhimento. A mesma autora reflecte sobre as funções e o valor do fenómeno associativo português em França (1985).

Nos últimos anos as gerações de luso-descendentes têm, de acordo com as respectivas áreas de especialização, trabalhado sobre a emigração portuguesa neste país. Ainda no campo da Sociologia, referimos dois trabalhos do sociólogo Jorge De La Barre. O primeiro de 1997 retrata a evolução do associativismo português em França e o segundo de 2006 debruça-se sobre a questão da identidade dos jovens luso-descendentes num contexto alargado de cidadania europeia. Este último livro constitui um texto revisto da tese homónima apresentada em 2004²⁰.

A problemática das trajectórias residenciais, da auto-reabilitação na habitação e da dupla residência na comunidade portuguesa em França representa também objecto de estudo em alguns trabalhos da socióloga francesa Roselyne de Villanova (1989, 1998, 2006).

No domínio das Ciências da Educação, Maria Cunha apresentou uma tese em Paris em 1994²¹ sobre aspectos da comunidade portuguesa: família, associações e identidades. O seu trabalho consistiu em seguir e questionar as identidades individuais e colectivas de um grupo de portugueses que criara e animara uma associação na periferia parisiense desde os finais dos anos 1970 até aos finais dos anos 1980. A mesma investigadora tinha editado em 1988

²⁰ Dela Barre, Jorge (2004) *Identités multiples en Europe? Le cas des lusodescendants en France*, Thèse de Doctorat, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris.

²¹ Cunha, Maria (1994) *Tribulations de la "Saudade": familles, associations, identités des Portugais en France* Thèse de Doctorat, Paris VIII.

um livro que se considerava um ensaio sobre a dinâmica de dupla pertença dos portugueses em França.

Como contributo dos luso-descendentes podemos ainda citar no domínio das Ciências da Comunicação a tese de doutoramento de Manuel Da Cunha em 2006²² sobre as questões da identidade dos portugueses na região parisiense. Para este trabalho analisou os conteúdos dos jornais informativos, de programas de entretenimento, de documentários e de campanhas de publicidade tendo entrevistado 60 famílias para conhecer o seu percurso de vida, saber o que vêem na RTP1 e que olhar têm sobre Portugal e a França.

Na área da demografia, Isabel Ribeiro²³ trabalhou sobre a problemática do envelhecimento da população portuguesa nascida em Portugal (caso dos 50-69 anos) a residir na região parisiense. Na área sociodemográfica e em questões relacionadas com o envelhecimento e a integração da comunidade portuguesa em França também se destacam artigos de Jorge Portugal Branco (1986, 2004, 2009).

Em Antropologia destacam-se duas investigadoras. A primeira, Elsa Lechner²⁴, embora não sendo luso-descendente, trabalhou sobre a questão da reconstrução identitária dos transmontanos na região parisiense. Mais recentemente, Irene dos Santos²⁵, luso-descendente, também analisou a questão da experiência migratória e da questão identitária dos descendentes de portugueses neste país.

Em Portugal, na área da Psicologia, Félix Neto apresentou em Paris uma tese de mestrado sobre a questão do regresso dos emigrantes e, em 1984²⁶ na cidade do Porto na sua tese de doutoramento, prosseguiu a sua investigação

²² Da Cunha Manuel (2006) *Télévision, migrations et enjeux identitaires: l'exemple de RTP1: La réception d'une chaîne de souveraineté par les portugais d'Ile-de-France*, Thèse de Doctorat: Sciences de l'information et de la communication, Paris.

²³ Ribeiro, Isabel Amorim (2005) *Le Vieillissement des Migrants Nés au Portugal en Région Parisienne. Le Cas des 50-69 ans*, Thèse de Doctorat, Université Paris X.

²⁴ Lechner, Elsa (2003) *Enfants de l'Eau. La Reconstruction de l'Identité en Situation d'Immigration. Le cas des Transmontanos en Région Parisienne*, Thèse de Doctorat, École des hautes études en sciences sociales, Paris.

²⁵ Santos, Irène Strijhorst dos (2010) *Les brumes de la mémoire : expérience migratoire et quête identitaire de descendants de migrants portugais de France*, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Thèse de Doctorat, Paris.

²⁶ Neto, Félix (1984) *A migração portuguesa vivida e representada – contribuição para o estudo dos projectos migratórios*. Tese de doutoramento em Psicologia, Porto.

neste domínio com um vasto trabalho de campo sobre a percepção da migração bem como sobre os projectos de regresso da migração portuguesa de França.

Em 1994²⁷, Natália Ramos, que tem desenvolvido estudos no domínio da educação intercultural e da Psicologia Intercultural entre outros, apresenta uma tese em Psicologia que analisa a problemática dos cuidados maternos tradicionais e modernos em contexto da imigração portuguesa em França.

Ainda no ramo da Psicologia, na Universidade de Toulouse em 2003²⁸ é apresentada uma tese de doutoramento por Maria Alves sobre a crise identitária nas pessoas provocada pelos impactos psicológicos e económicos aquando do regresso ao país de origem.

No domínio das ciências económicas destacamos fundamentalmente duas investigadoras: a primeira está radicada em Portugal e a segunda é luso-descendente em França.

Em Portugal, Maria Conceição Ramos tem produzido na área das migrações numerosos trabalhos associados à emigração portuguesa (economias étnicas, transnacionalismo, circulação migratória, cidadania, políticas migratórias, integração económica dos migrantes) desde a sua tese de doutoramento apresentada em Paris em 1991²⁹.

Na esfera da Economia a luso-descendente Manon dos Santos tem trabalhado sobre as consequências das migrações na economia (2005) e analisou o contributo do peso das origens nas questões da integração no mercado laboral francês dos trabalhadores magrebinos e portugueses. Em 2009 também trabalhou sobre a questão dos factores de regresso dos migrantes e as suas implicações económicas de modo a melhor definir políticas migratórias adaptadas. Esta investigadora, quanto às migrações, tem se focado nas questões económicas associadas ao desemprego e à integração no mercado de trabalho.

²⁷ Ramos, M. Natália P. (1994) *Maternage en milieu portugais et autochtone et immigré – de la tradition à la modernité. Une étude ethnopsychologique*, Thèse de Doctorat, Paris, Université de Paris V.

²⁸ Alves, Maria Neves (2003) *Les Émigrés de Retour au Portugal. Attitudes, Stress et Stratégies de Coping*, Université de Toulouse-le-Mirail, Thèse de Doctorat, Toulouse.

²⁹ Ramos M C (1991) *Marchés du Travail et Migrations Internationales: Croissance, Crise et Marché Unique. Cas du Portugal et de la France*, Thèse de Doctorat, Paris I.

Em História regista-se dois investigadores luso-descendentes que têm trabalhado sobre os portugueses em França. Em 1998, Cristina Clímaco³⁰ apresenta uma tese de doutoramento em Paris alusiva aos portugueses exilados em França e em Espanha entre 1927 e 1940. O segundo investigador é Vítor Pereira que apresentou uma tese de doutoramento em Paris em 2007 sobre o estado português e os portugueses de França de 1957 a 1974. O investigador pretendeu esclarecer as tensões existentes no seio do estado português em relação à modernização do país, às políticas sobre emigração bem como às relações estabelecidas entre o estado português e os seus emigrantes em França com o intuito de compreender o poder que o regime exercia sobre a população portuguesa. O mesmo investigador, embora tenha trabalhado essencialmente as questões políticas do estado português e o exílio na emigração, também demonstrou outros interesses de investigação, tais como a temática do futebol na comunidade lusa (2003, 2004). Uma outra historiadora, Marie-Christine Volovitch-Tavares, tem trabalhado sobre a emigração portuguesa na região parisiense, destacando-se um livro de 1995³¹ sobre as difíceis condições de vida que a comunidade portuguesa enfrentou no bairro de lata de Champigny bem como um outro artigo onde faz uma retrospectiva histórica sobre as fases da emigração portuguesa em França (2001).

Não poderíamos deixar de referir o recente contributo para a emigração portuguesa no domínio das Ciências Políticas pela investigadora Malika Ghemmaz³² que em 2008 apresentou uma investigação de doutoramento na universidade de Lille sobre a participação política, as práticas eleitorais, as representações políticas e as pertenças identitárias dos cidadãos portugueses nos estados da Europa do norte (França, Bélgica e Luxemburgo).

Tendo em conta a área disciplinar em que se desenvolve esta tese, também nos parece fundamental referir o contributo da geografia e dos geógrafos portugueses e de outras nacionalidades que tenham contribuído

³⁰ Clímaco, Cristina (1998) *L'exil portugais en France et en Espagne, 1927-1940*, Thèse de Doctorat, Paris VII.

³¹ Volovitch, Marie Christine, *Portugais à Champigny: le temps des baraques*, Editions Autrement, Paris

³² Ghemmaz Malika (2008), *Les portugais en Europe du Nord: un comparaison, France, Belgique, Luxembourg Contribution a une sociologie electorale de la citoyenneté européenne*, Thèse de doctorat, Université de Lille.

para o estudo da emigração em França. Refira-se porém que a comunidade geográfica a trabalhar e os trabalhos produzidos sobre a diáspora lusa neste país são escassos, quando comparados com a produção de outras ciências já referenciada.

Se tivermos em conta a produção académica, constatamos que não existe uma única tese de doutoramento do ramo da geografia que tenha sido desenvolvida sobre a emigração portuguesa em França e apenas registamos duas teses que o tenham sido neste país por geógrafos franceses. Em Portugal, tal como já enunciamos anteriormente, os geógrafos foram participando parcialmente em trabalhos de investigação, entre os quais destacamos estudos sobre a emigração portuguesa em França por Jorge Arroiteia desde 1974³³. Do mesmo investigador seguem-se trabalhos, a partir de Portugal, sobre a emigração portuguesa em França e mais particularmente sobre os portugueses na Aquitânia (1986,1990) e do ensino do português na mesma região (1990). Em conjunto com Rocha Trindade, Jorge Arroiteia elabora uma bibliografia sobre a emigração portuguesa em 1984. Em 1989 publicou três artigos de divulgação científica na Imprensa sobre a emigração portuguesa em França. Seguidamente, este investigador trabalha sobre questões de integração social e cultural nos jovens franco-portugueses em França (1998).

Como vimos anteriormente quando nos referimos ao estudo da emigração, outros geógrafos abordaram ou trabalharam mais especificamente sobre esta temática em França: Moreira da Silva (1981,1989), Martins (2004), Gomes (2007), Diogo (2001,2009). Para além destes, temos de referir o importante contributo dos geógrafos franceses como François Guichard, Michel Poinard e Nathalie Kotlok.

Em 1990 é publicado um livro coordenado por François Guichard, que resulta da cooperação entre as universidades do Porto e de Bordéus e um colectivo regional sobre a emigração portuguesa na Aquitânia (trabalhos e documentos do Centro de Estudos Norte de Portugal-Aquitânia). Este livro conta principalmente com a colaboração de geógrafos e resulta de uma série

³³ "Aspectos da emigração portuguesa em França -1" Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1974, 91 pp. (Série: Estudos e Documentos) policopiado

de comunicações e debates que ocorreram ao longo de dois seminários que tiveram lugar em 1984 e 1986. A primeira parte do livro descreve as características geográficas da imigração portuguesa, sendo que a segunda trata sobretudo os problemas de identidade a partir da vida associativa. O mesmo autor, em 1998³⁴, faz uma síntese sobre os últimos trabalhos publicados sobre a emigração portuguesa nessa altura.

O geógrafo francês que mais trabalhou sobre a emigração portuguesa em França foi Michel Poinard. A primeira referência publicada deste geógrafo data de 1971, quando o mesmo analisa a presença da imigração portuguesa na região de Lyon. Neste artigo, o autor descreve e explica a chegada e o processo de implantação dos imigrantes portugueses nesta cidade. Em 1972, Poinard redige um outro artigo onde analisa do ponto de vista espacial e sócio-demográfico a implantação dos imigrantes portugueses à escala do distrito do Ródano para o período 1960/1970. Este artigo constituiu uma parte da sua tese de Mestrado. Este geógrafo desenvolve em 1977 um estudo comparado entre a emigração em Portugal e a emigração na Jugoslávia, dois países com diferenças políticas e étnicas mas com similitudes no lugar que as emigrações respectivas ocupam na desigual divisão internacional do trabalho. Seguidamente, em 1979, elabora para o Ministério do Trabalho francês um relatório sobre o regresso dos trabalhadores portugueses.

Conjuntamente com Hily, Poinard analisa em 1985 a especificidade e a diversidade do fenómeno associativo português em França não só numa perspectiva diacrónica como também contemporânea e futura. Posteriormente em 1988 efectua uma análise de trabalhos relativos à questão do regresso dos portugueses na emigração. Após um quarto de século de estudos e reflexões sobre a emigração, Poinard apresenta, na universidade de Toulouse em 1991³⁵, a sua tese de doutoramento sobre a emigração portuguesa em França na perspectiva do país de partida e dos efeitos que esta provocara em Portugal. A tese é composta por duas partes: na primeira, o autor efectua um

³⁴ L'émigration portugaise revisitée, La chronique des livres, pp. 561-563.

³⁵ Poinard Michel, (1991) Les Portugais dans l'émigration: une géographie de l'absence, Thèse de Doctorat, Université de Toulouse, 1991.

estudo cronológico dos fluxos migratórios em Portugal até 1974 e, na segunda parte, trata dos problemas colocados pela emigração a partir de 1975 no Portugal democrático e do lugar que os emigrantes portugueses ocupam no país. Poinard passa a destacar o fenómeno do retorno e da circulação migratória (vaivém) como um modo de vida que subverte a existência das fronteiras (Drain, 1991). O livro de 1997, fruto do trabalho conjunto com Yves Charby e Marie Antoinette Hily sobre o vaivém geográfico dos migrantes portugueses e as suas aldeias de origem, constitui uma referência na questão da compreensão da dupla identidade ou dupla pertença e da ligação ao território de origem, tendo em conta a noção de percurso migratório. A ideia central é de que o vaivém geográfico, já assinalado por este geógrafo em 1981, se torna num vaivém identitário.

Uma outra geógrafa que trabalhou sobre a emigração portuguesa é Nathalie Kotlock, que, apesar de nos últimos anos ter orientado os seus estudos para outras comunidades estrangeiras residentes em França, desenvolveu no início da sua carreira uma série de trabalhos sobre a emigração lusa. Em 1988, na Universidade de Poitiers a mesma investigadora redigiu uma dissertação de Maîtrise³⁶ sobre a circulação migratória entre a França e Portugal e em 1994³⁷ apresentou a sua tese de doutoramento sobre a comunidade portuguesa em França, sob a orientação de Michel Poinard. Contrariamente a Poinard, Kotlock focou, na sua tese, a emigração portuguesa em França desde a sua implantação geográfica à análise da integração económica e social, passando pela circulação migratória intensa constatada entre os dois países. Em 1997, redige um artigo sobre a inserção profissional (evolução e aspiração) dos jovens luso-descendentes em França.

Como vimos o contributo dos geógrafos para o estudo da emigração portuguesa em França, apesar de ser escasso em termos quantitativos, tem todavia o mérito de abordar a problemática sobre diversos aspectos. Os trabalhos que foram elaborados quer em Portugal, quer em França evidenciam sensibilidades diferenciadas dentro do campo da Geografia Humana. Apesar

³⁶ Nathalie Klock (1988) Dissertação de Maîtrise de Géographie Humaine (orientação de Simon Gildas) La circulation migratoire entre la France et le Portugal, Université de Poitiers.

³⁷ Nathalie Klock (1994) La communauté portugaise en France, espace et devenir, Thèse de Doctorat, Université de Toulouse.

de os mesmos, se terem sobretudo orientado para as questões sociais tais como a identidade, a integração e o fenómeno associativo, outras facetas da emigração também foram exploradas nomeadamente nas questões demográficas e da mobilidade.

As temáticas da mobilidade e da crescente integração social, económica e cultural dos imigrantes lusos nos territórios de residência e das interligações crescentes entre territórios de origem e de implantação tendem a demonstrar um interesse crescente pelos estudiosos na área das migrações numa época de grandes mudanças estruturais e individuais e de uma globalização que estimula a miscigenação crescente de práticas e vivências nos mais diversos domínios.

PARTE II

Capítulo I

Identidades, práticas e vivências territoriais

1. Multiculturalismo, identidades e territorialidade

1.1 O multiculturalismo e a construção identitária

É a partir da maneira como os seres humanos ressentem, concebem e vivenciam o seu ambiente natural e social, ou seja, através das suas culturas, que se pode tentar compreendê-lo. Este processo leva a estudar as representações na sua articulação com as práticas espaciais e a reflectir sobre o papel que a cultura tem nos fenómenos e nos processos geográficos que daí resultam.

(Claval; Staszack, 2008:3)

A cultura que herdamos do passado, e que é enriquecida por tudo o que o presente lhe traz, é um meio de se projectar no futuro e dá sentido à existência colectiva e individual do ser humano, permitindo a organização das sociedades e do território.

Para o geógrafo Guy De Meo (2008:51-52), o termo *cultura* foi essencialmente entendido na Grécia antiga, e mais tarde na idade média, como uma concepção fechada dentro do ideal e do espiritual. Com o Renascimento e o século das luzes, o termo *cultura* adquiriu um sentido mais lato, mas foi sempre reservado a tudo o que relevava do espírito, do saber e do refinamento dos costumes. Faltava, todavia, a essa concepção moderna, uma dimensão física e material, a capacidade de se inscrever nos objectos, nas coisas, mas também nas práticas muito concretas e quotidianas dos actores sociais. Neste autor prevalece a ideia de produção social e histórica de crenças, de ideias consubstanciadas na realidade material, de contextos objectivos das existências humanas como também de representações mentais mais abstractas.

A cultura reveste-se dessa particularidade de ser partilhada já que para Stuart Hall (1995), a cultura é um sistema de significados partilhados por pessoas pertencentes à mesma comunidade, grupo ou nação, ao qual recorrem para interpretar e compreender o mundo.

O geógrafo Joel Bonnemaïson (2000) define a cultura como algo que se transmite e que se reinventa em permanência. Os homens vivem a cultura num dado momento e num determinado espaço. A partir desta constatação de Bonnemaïson, podemos conceber que os emigrantes formam comunidades com culturas(s) e território(s) próprios que evoluem e se reinventam.

O geógrafo americano Don Mitchell (1995) demonstrou a fragilidade das diferentes definições da palavra cultura na Geografia cultural ao evocar que, por vezes, o sentido da palavra cultura é muito mais abrangente e pode referir-se a um certo modo de vida – *way of life*.

As sociedades contemporâneas são particularmente heterogêneas e poucos deverão ser os estados que são culturalmente homogêneos. Uma política monocultural tem como objectivo valorizar a homogeneidade cultural pela imposição de uma cultura oficial. Todavia, as sociedades actuais, deparam-se com diferenças linguísticas, étnicas, religiosas, ideológicas e geracionais. Nas democracias contemporâneas assistimos a um aumento das reivindicações identitárias, e as sociedades multiculturais devem encontrar soluções para fazer coexistir grupos distintos.

A afirmação da diversidade regional do planeta e a aceleração da globalização baralham os pontos de referência de sociedades que rivalizam entre si. Deste movimento contraditório de unificação e de fragmentação, emana a afirmação do renascimento das identidades comunitárias, étnicas, culturais e religiosas. Coloca-se recorrentemente uma questão muito importante nas sociedades contemporâneas: Como ser cidadão de pleno direito sem renegar as suas especificidades culturais?

O filósofo canadiano Charles Taylor (1994:45), para quem a vida social e política moderna gira em torno das questões do reconhecimento, afirma que a política contemporânea estimula a necessidade de exigência de reconhecimento. O reconhecimento está intrinsecamente ligado à identidade, e esta é formada, em parte, pela existência ou ausência de reconhecimento, muitas vezes feito de modo incorrecto por parte dos outros, podendo levar a

que uma pessoa ou grupo de pessoas seja realmente prejudicado quando é alvo de uma verdadeira distorção quando os que o rodeiam reflectem uma imagem limitativa de inferioridade ou de desprezo.

A concepção das diferenças culturais dos indivíduos não como sinónimo de inferioridade ou de desigualdade mas sim como sinónimo de pluralidade e de diversidade estão na base do conceito de multiculturalismo.

O multiculturalismo pode ser definido como uma situação proveniente de uma diversidade cultural, de um pluralismo próprio a qualquer sociedade industrial (Kastoryano, 2000:164).

Para Castles (2005:132-134), o multiculturalismo significa de um modo geral a aceitação pública dos grupos de imigrantes e de grupos minoritários enquanto comunidades distintas, diferenciáveis da maioria da população através da língua, da cultura e do comportamento social, e que têm as suas próprias associações e infra-estruturas sociais. O multiculturalismo constitui-se assim como a antítese da assimilação que representou até há bem pouco tempo o modelo dominante do relacionamento existente entre as minorias étnicas e a população autóctone. Castles evidencia três aspectos fundamentais do multiculturalismo. O primeiro surge com a utilização do termo sociedade multicultural. Nesta acepção, o termo sociedade multicultural reenvia-nos para uma sociedade onde convivem lado a lado grupos que possuem diferentes línguas e culturas, o que nestes termos aponta para que maioria das sociedades do mundo seja multicultural. O segundo, dominante nos Estados Unidos, é subentendido como a afirmação de uma posição perante as identidades, onde a gestão das relações intergrupais não faz parte das funções do estado. Os seus oponentes argumentam que este multiculturalismo legitima o separatismo, o relativismo cultural e mesmo o fundamentalismo, sendo assim considerado como uma ameaça à modernidade, ao secularismo e à igualdade. Num terceiro aspecto, o multiculturalismo pode ser entendido como um modelo para as políticas públicas, de modo a assegurar a participação socioeconómica e política de todos os membros de uma população cada vez mais diversificada.

Este conceito teve principalmente eco na Austrália e no Canadá a partir da década de 70 e, mais recentemente, em alguns países europeus de imigração. Para a doutrina multiculturalista, as culturas minoritárias são discriminadas, devendo ser reconhecidas e valorizadas por todos. O termo é

por vezes utilizado para propor uma integração suave e aberta dos migrantes numa sociedade de acolhimento como sucede nos Estados Unidos com o modelo do Melting Pot, onde a pertença comunitária pode então funcionar como um recurso provisório para activar um processo que contribui para a invenção de uma cidadania comum e de identidades pós-comunitárias (Lévy 2008:40).

As primeiras políticas multiculturais foram implementadas na América do Norte há cerca de quarenta anos. A partir de 1971, o Canadá promove politicamente a pluralidade cultural da sociedade civil baseada em três princípios: o reconhecimento pelo estado da existência de uma diversidade de grupos culturais com direito ao respeito e à manutenção das suas particularidades socioculturais (o que implica um apoio financeiro público); a redução das barreiras étnicas que prejudicam a participação política e social dos seus membros e o terceiro princípio visa a multiplicação dos contactos interétnicos de modo a aumentar a tolerância perante a diferença cultural na sociedade [...] a justaposição de dois programas mostra como se pretende a fundação de uma identidade canadense, preocupação governamental desde a década de 1960, pela via de uma integração institucional e simbólica igualitária dos imigrantes e descendentes (Helly, 2000:7-8).

Para P. George (1976:136) as vias da integração são essencialmente vias económicas para a maioria dos imigrantes. Tornar-se canadiano é sinónimo de tornar-se abastado, senão mesmo rico. As vias da integração conduzem evidentemente à inserção numa sociedade e numa economia solidamente enraizada no continente e, passam de um modo muito liberal, absolutamente oficial, pelo pluralismo cultural. O Canadá repudia a intenção de impor ao recém-chegado um modelo de vida material, de pensamento e de comportamento. A adesão a um esforço colectivo de desenvolvimento económico e de bem-estar social é o único elemento comum considerado como acto de participação.

A política do Canadá prevê programas e serviços de apoio às associações étnico-culturais bem como às comunidades minoritárias de modo a superarem os obstáculos que as impedem de participar plenamente na sociedade canadense. Em 1982, o multiculturalismo é incorporado na Constituição através de uma Carta dos Direitos e das Liberdades, seguida por

uma legislação que visa promover o reconhecimento e a valorização das diversas culturas do país e promover a reflexão e as manifestações progressivas dessas culturas na sociedade canadiana (*Loi sur le Multiculturalisme canadien*, 1985-1988).

Paul Claval (2008:12) recua ainda mais no tempo ao evocar os espaços urbanos do mundo ocidental com traços de multiculturalismo que advêm da Revolução Industrial que atraíra migrações internacionais. Este fenómeno foi desvalorizado pelos investigadores, considerando que de uma situação transitória se tratava. Para Claval, os geógrafos anglo-saxónicos tomaram conta da dimensão étnica que tinha sido subestimada na diversidade das sociedades, fazendo com que fosse prestada mais atenção às diferenças culturais e à persistência das mesmas. Falar de cultura nos Estados Unidos é compreender o papel que as comunidades étnicas aí detêm. No Reino Unido evocar a cultura é interrogar-se sobre as características particulares dos novos bairros paquistaneses, indianos ou jamaicanos que se multiplicam nas grandes cidades.

Não se esperava que houvesse uma instalação definitiva de imigrantes nos diferentes países de acolhimento, embora tenha havido algumas excepções como consequência de factores demográficos, como foi o caso de França, e de políticas pós-coloniais, neste país, mas também na Grã-Bretanha e nos Países Baixos. Ninguém previu os fluxos contínuos de migrações provenientes de países cada vez mais diversos e a consequente emergência de sociedades multiculturais (Castles, 2005:47).

A questão actual nas sociedades democráticas, cujo princípio de base é o tratamento igual para todos, coloca uma questão fundamental: como reconhecer e gerir politicamente num mesmo território identidades plurais de comunidades ou grupos que se distinguem por convicções filosóficas, religiosas, morais, culturais e com estilo de vida e práticas diferenciadas?

Uma resposta possível passa pela implementação de políticas multiculturais. Como conceito e como política, o multiculturalismo reconhece institucionalmente as múltiplas identidades culturais, étnicas e sociais no seio de uma sociedade e opõe-se ao processo de assimilação numa única cultura (monoculturalismo). O multiculturalismo apresenta-se como uma escolha política que se apoia no reconhecimento das diferenças naquilo que hoje

apelidamos, de políticas de identidade (identity politics). Isto consiste em promover as especificidades culturais e a assegurar a sua representatividade na comunidade política (Kastoryano, 2000).

A representação dos diferentes grupos é visto como um meio de os incluir e de assegurar a sua participação na comunidade nacional. Deste modo, podemos encarar o multiculturalismo em dois planos. O primeiro situa-se ao nível da realidade concreta que leva a reconhecer como sendo multicultural uma sociedade onde coexistem várias culturas, e o segundo desenvolve-se ao nível das concepções e da política onde a qualificação de multicultural significa um modo específico de apreensão da realidade multicultural por um sistema de reconhecimento e de participação.

A sedentarização das migrações e as reivindicações dos grupos étnicos e religiosos na Europa no século XX conduziu ao aparecimento da questão multicultural. As sociedades europeias são multiculturais e multiétnicas, e a sua diversidade é enriquecedora e construtiva. (Conselho da Europa, 2001)

No contexto europeu, o multiculturalismo torna-se um desafio para a construção europeia e, como tal, a Europa confronta-se com duas opções: a primeira consiste na adopção de uma cultura comum e a segunda baseia-se num regime multicultural constituído por um mosaico de nações.

Na Europa o conceito de multiculturalismo tem sido utilizado em todos os países, especialmente a partir de meados dos anos oitenta, existem diferentes formas de multiculturalismo. Na Holanda e na Bélgica, o multiculturalismo está em consonância com o conceito mais tradicional, quando no Reino Unido e nos países escandinavos se fala mais de respeito pelo pluralismo. Na maioria destes países, o conceito de pluralismo é muitas vezes preferido ao de multiculturalismo. Na Alemanha e na Holanda, as políticas levadas em nome do multiculturalismo datam também dos anos oitenta (Kastoryano, *idem*).

A rejeição crescente do multiculturalismo nos Estados Unidos nas últimas duas décadas ou ainda mais recentemente em diversos países da Europa onde se tornara popular como o Reino Unido e a Holanda, foi acompanhado de um contra-comunitarismo do estado, particularmente marcado em França (Lévy, 2008:41). Na Alemanha a constatação do fracasso do multiculturalismo foi declarada pela própria chanceler Angela Merkel, num discurso de Novembro de 2010 (Siebold, *Le nouvel Observateur*, 16/10/2010),

ao considerar que tinha falhado o esforço de fazer conviver pessoas com origens culturais diferentes sem as fazer integrar e argumentou que os recém-chegados deveriam estudar a língua alemã e aproveitar o sistema escolar de modo a encontrar o seu lugar no mercado de trabalho. Na política alemã, para Merkel, a abordagem tem sido desde há décadas a não necessidade de promoção da integração. Em Fevereiro de 2011, o primeiro ministro britânico David Cameron (Público, 05/02/11), atacou três décadas de multiculturalismo no Reino Unido, defendendo que as políticas de integração têm alimentado o extremismo. Cameron defendeu que é preciso uma identidade nacional mais forte e uma política de “liberalismo musculado” para reforçar os valores da igualdade e da lei junto de todos os elementos da sociedade. O tema da integração está no centro das preocupações no Reino Unido desde o atentado terrorista de Londres de Julho de 2005. Como Merkel o tinha feito anteriormente, Cameron sublinhou a exigência que todos os imigrantes devem aprender a falar inglês e as escolas têm de ensinar “a cultura comum do país”. Para o primeiro-ministro britânico a integração não foi suficiente forte junto de alguns elementos das comunidades e a doutrina dominante encorajou as diferentes culturas a viverem separadamente.

Como os seus homólogos britânico e alemão, o presidente francês Nicholas Sarkozy considerou que *as nossas democracias preocuparam-se muito com a identidade da pessoa que chegava e insuficientemente com a identidade do país que o acolhia, chegando a afirmar que não deseja uma sociedade onde as comunidades coexistam lado a lado. Ao vir para França, aceitamos fundir-nos numa única comunidade, a comunidade nacional* (France 24 - 10/02/11). Alguns críticos políticos do presidente francês não estranham as suas afirmações relativamente ao multiculturalismo, sobretudo numa altura em que a Frente Nacional (partido nacionalista de extrema direita) obtém bons resultados nas sondagens para as próximas eleições presidenciais de 2012.

De facto, as direitas europeias apropriaram-se do debate do multiculturalismo e, segundo o sociólogo Michel Wieviorka (2011), as mesmas não visam tanto um conjunto de diferenças culturais claramente identificadas, que são fundamentalmente o objecto do multiculturalismo, mas sim uma nebulosa semântica que inclui imigração, terrorismo, criminalidade, delinquência, segurança e sobretudo o islão, ou seja, a religião. Para este

investigador, caso se retirasse o islão do debate, o que restaria na rejeição do multiculturalismo?

Em França, do ponto de vista histórico, as particularidades culturais são rejeitadas para o espaço privado e o multiculturalismo é visto como um fermento de decomposição do Estado-nação. O modelo jacobino herdado da revolução de 1789 consagra uma república universalista e individualista. As identidades religiosas não se podem constituir politicamente (separação entre Igreja e Estado), o mesmo prevalece para as identidades étnicas, sexuais ou outras que tenham um modo de vida próprio (Souty, 2002).

Por outro lado, desde o século XVIII, a questão da identidade e da pertença dos franceses foi sendo construída valorizando consideravelmente o pólo institucional (político) em relação ao pólo existencial (subjectivo), o que leva a privilegiar, de modo quase exclusivo, como caução de lealdade, as marcas de participação política e de respeito cívico das leis e dos regulamentos (Oriol, 2004:12).

Para Krulic (2008) a Revolução Francesa consagrou a lei como sendo a expressão da vontade geral e as políticas do estado visaram uma homogeneização do povo francês.

O universalismo republicano francês valoriza uma sociedade fundada em valores comuns mais importantes que os valores particulares das comunidades dessa sociedade. A França não reconhece nem a existência, nem os direitos de minorias ou de comunidades e, o multiculturalismo político, que permitiria esse reconhecimento, é amplamente contestado porque é associado ao comunitarismo, à ideia de segmentação da sociedade.

Para Pierre Taguieff (2004:43) a ambivalência da palavra comunitarismo, cujo sentido oscila entre a solidariedade de grupo e o fechar sobre si, contrasta com o sentido depreciativo acordado hoje à palavra comunitarismo, que designa, em estigmatizando, qualquer processo de constituição sobre o território nacional, de grupos com bases identitárias (em referência a uma origem étnica ou etnonacional comum, a uma mesma religião, a uma língua de origem minoritária etc.) que visam ter um papel no campo político.

A denúncia do comunitarismo e dos conflitos identitários tornou-se um gesto ritual em França sobretudo nas pessoas que se revêem nos valores do universalismo republicano [...] os seus defensores agem como se as

comunidades se tornassem suspeitas, acusadas de suscitar a intolerância ou resistissem a qualquer forma de modernização (sinónimo de progresso) [...] a tudo isto se acrescentaram os efeitos de conflitualidade da guerra declarada ao Ocidente liberal e democrático pelos islamitas radicais (idem:88).

A questão consiste em saber se o comunitarismo ameaça o cimento político de uma cidadania que se baseia nos pontos comuns e não sobre as diferenças entre indivíduos.

O modelo teórico de integração francês tende a sufocar as especificidades culturais, e a concepção de cidadania, que leva o cidadão a esquecer os seus valores identitários e culturais para encarnar um suposto universalismo convive dificilmente com as realidades do mundo contemporâneo.

O multiculturalismo não é um fenómeno novo em França, apesar de se ter tornado particularmente importante no final do século XX com a celebração do centenário da Revolução francesa e da afirmação dos princípios republicanos. Neste início de século XXI, e tendo em conta realidades como a crise das periferias das cidades francesas que abalou o país em 2005, o universalismo defendido junto dos jovens é criticado uma vez que não tem sido capaz de resolver os seus problemas no quotidiano. Deste modo, a solução poderia passar por políticas mais ajustadas em relação às comunidades.

Neste país, a tradição como país de acolhimento é antiga, e a diversidade cultural tornou-se importante desde o século XIX com as primeiras chegadas de imigrantes provenientes da Bélgica, da Polónia e de Itália que vieram à procura de trabalho nas minas; seguiram-se os russos que abandonaram o seu país por causa da Revolução bolchevique de Outubro de 1917; os espanhóis expulsos pelo franquismo a partir dos anos 1930 e, depois da segunda guerra mundial, os portugueses e outras comunidades, provenientes em grande parte, das ex-colónias do Magrebe. Nessa perspectiva, e devido à presença de cinco milhões de imigrantes no seu solo, a França tornou-se de facto uma sociedade plural e multicultural no sentido cultural do termo, coexistindo num espaço geográfico uma pluralidade de culturas apesar da ausência de políticas multiculturais.

Podemos deste modo compreender que o projecto social francês se encontra perante uma escolha entre duas orientações socioculturais

fundamentais. A primeira assemelha-se mais com uma situação de patriotismo constitucional associada às tendências centrípetas do universalismo da sociedade francesa (visa uma progressiva assimilação social e cultural) e o segundo visa mais o reconhecimento de uma justiça etnocultural que se compadece mais com as tendências centrífugas do comunitarismo da sociedade norte-americana (maior reconhecimento político das diferentes comunidades e das suas especificidades identitárias).

Uma via mediana entre universalismo e comunitarismo é possível para certos autores, já que consideram que não se deve institucionalizar as diferenças culturais, como sucede nos Estados Unidos, mas sim dar-lhes visibilidade na vida social. Essas diferenças não se deveriam limitar ao espaço privado como também não deveriam ocupar a frente da esfera política. Em vez de fazer do multiculturalismo uma proposta que visa impedir as discriminações culturais, trata-se mais de instaurar uma nova aprendizagem democrática que torne possível a comunicação intercultural. Promover os grupos culturais implicaria um reconhecimento mútuo das identidades, sendo que o estado favoreceria a mobilidade e os intercâmbios entre os grupos (Souty, 2002).

No caso da pequena nação do Quebec no Canadá, houve sempre a preocupação com o seu futuro como minoria cultural, e a integração representava não só uma condição do seu desenvolvimento como também a sua sobrevivência, e, perante esta realidade, o interculturalismo surgiu como resposta ao multiculturalismo. Embora a noção de interculturalismo esteja hoje muito difundida, ela nunca recebeu uma definição formal e oficial (Bouchard; Taylors, 2010:118).

Para Bouchard e Taylor (2010) o interculturalismo esforça-se assim, no caso do Quebec, de conciliar a diversidade etnocultural com a continuidade do núcleo francófono e a preservação do elo social. Ao instituir o francês como língua oficial comum, ele estabelece um quadro de comunicações e de intercâmbios com a sociedade e tem a virtude de ser flexível, aberto à negociação, às adaptações e às inovações.

Também em Portugal alguns autores como Rocha-Trindade (2001) têm-se debruçado sobre a filosofia intercultural ao alegar que estas facilitam o conhecimento mútuo e a aceitação recíproca das formas de viver diferenciadas, bem como promovem um contacto construtivo entre

comunidades distintas e de acrescentar que a aceitação desta filosofia por parte de governos nacionais condicionará políticas sociais e culturais a toda a população, nela incluindo, os cidadãos estrangeiros residentes.

Quer se trate de multiculturalismo ou de interculturalismo, ambos se preocupam com a necessidade de se ter em conta a diversidade cultural como uma realidade sociológica que se manifesta nas práticas comunitárias e individuais. Do mesmo modo, também concluímos que se trata de uma realidade geográfica, uma vez que o suporte territorial é o palco onde se desenvolvem e observam essas práticas socioculturais, entre outras. O multiculturalismo serve na sua essência para designar a coexistência de diferentes culturas no seio de um espaço e permite articular as minorias com a nação bem como conciliar o universal e o particular.

A aproximação cultural convida os geógrafos a debruçarem-se sobre o problema das identidades, as modalidades da sua construção e sobre o seu significado (Claval, Staszack, 2008:6).

O geógrafo cultural Wilburg Zelinsky (2001:129), quando afirma que nem sequer havia referência ao termo na *Encyclopedia of Social Sciences*, atesta que a geografia e as outras ciências sociais ignoraram as questões de identidade até meados do século XX. O aumento populacional no globo nos últimos cinquenta anos, bem como a diversidade dos lugares habitados, levaram os investigadores a dar importância às questões da identidade.

Para Claval (2006), a identidade afigura-se hoje como uma questão-chave para quem deseja entender a esfera social, e tal situação reflecte o papel do território na construção de identidades. Este processo é geralmente apresentado de tal forma simplificada que não dá lugar a aspectos geográficos: sou semelhante a outras pessoas desde que eu acredite nos mesmos símbolos e nos mesmos valores. O significado dos símbolos é ignorado quando estes não são uma pura abstracção. Cada elemento material do meio ambiente pode servir como um sinal de pertença: ferramentas, vestuário, habitações, campos, entre muitos outros (Claval, 2006:14-15).

Uma outra questão relacionada com o processo de globalização leva Claval em 2008 a interrogar-se sobre os efeitos que as intensificações dos fluxos de comunicação e de trocas que caracterizam a mundialização

contemporânea têm sobre a expansão do multiculturalismo, apesar das inúmeras críticas proferidas a seu respeito.

Essa mesma globalização também concorre para moldar e fazer evoluir as identidades em contexto migratório. Para Stuart Hall (2003:84-86), a globalização permite uma proliferação de novas posições de identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas. Existe deste modo a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades. Hall aponta como um bom exemplo o das novas identidades que emergiram nos anos 70, reunidas à volta do significante *black*, o qual, no contexto britânico, fornece um novo foco de identificação tanto para as comunidades de África e Caraíbas como para as asiáticas. O que essas comunidades têm em comum, o que elas representam através da apreensão da identidade *black*, não é que elas sejam cultural, étnica, linguística ou mesmo fisicamente a mesma coisa, mas que elas são vistas e tratadas como "a mesma coisa" (isto é, não-brancas, como o "outro") pela cultura dominante.

Para Hall, a globalização pode ter o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional.

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades "tradicionais" e as "modernas". O sociólogo Anthony Giddens (1990:37) advoga que nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio que permite lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer actividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes e não é inteiramente estática, já que é reinventada pelas novas gerações.

Uma outra perspectiva é a de Di Méo (2008:51) que nos leva para a consubstancialização absoluta do social e do cultural na Geografia. Este geógrafo sublinha que se deve provavelmente realçar os factos culturais que constroem por sua vez e simultaneamente os universos sociais e espaciais dos quais eles são completamente solidários.

Partindo destes pressupostos, compreendemos que a aproximação existente entre a Geografia social e a Geografia cultural esteja na base do desenvolvimento de uma Geografia sociocultural que nos interessa particularmente no estudo das migrações. Os emigrantes desenvolvem um conjunto de práticas socioculturais nos países de acolhimento que estão intimamente solidárias com as culturas de origem. Esse conjunto de práticas e vivências territoriais na emigração (como frequentar estabelecimentos étnicos de todo tipo, desde a restauração às associações culturais e desportivas) constituem a essência identitária e cultural da comunidade. Estas práticas que se relacionam com a cultura original dos imigrantes tendem a tecer relações territoriais mais intensas do ponto de vista social, económico e cultural ao envolver áreas de acolhimento e áreas de origem, existindo de facto dinâmicas territoriais onde pessoas, mercadorias e informação circulam com maior facilidade. A evolução tecnológica e um maior acesso em termos de comunicação física ou virtual, permite (re) aproximações com a cultura original. Os emigrantes já não tendem apenas a construir e a viver os territórios da cultura originária que recriaram nos espaços de acolhimento a partir das suas práticas socioculturais, mas passaram também a viver ou reviver os territórios de origem com maior regularidade, tirando partido das benesses da globalização. A mobilidade acrescida das populações migrantes e das relações que mantêm ou que se criam entre territórios de origem e de partida, bem como os fluxos materiais diversos (alimentos, roupa, calçado entre outros) e imateriais (comunicação electrónica), permitem caracterizar uma possível contra-globalização no sentido da não uniformização e não universalização das culturas dominantes, possibilitando uma certa reafirmação da diversidade cultural, sobretudo quando os imigrantes ou os autóctones contactam material ou imaterialmente com as culturas das regiões de origem. As diásporas funcionam, deste modo, como um elo de ligação entre a escala global e as escalas locais.

Deste modo, o estudo da globalização e dos seus efeitos abre à Geografia um vasto campo de pesquisa que, em grande medida, se manifesta na esfera sociocultural. A globalização não se esgota, com efeito, na sua dimensão económica. No domínio do estudo das migrações, o processo de globalização reforça as interdependências territoriais que se traduzem em

fluxos de pessoas e bens entre espaços geográficos. Neste contexto, trata-se antes de mais de conceber o aprofundamento de práticas socioculturais novas ou já existentes que contribuem para a identidade dos indivíduos.

1.2 A territorialidade

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de “terreo-terror” (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efectiva “apropriação”.

(Rogério Haesbaert, 2004)

O termo *territorialidade* aparece no dicionário histórico da língua francesa (1992) com dois sentidos. O primeiro relaciona o termo com tudo o que pertence a um território considerado politicamente e pelo conjunto de leis que aí se aplicam aos seus habitantes. O segundo sentido tem uma conotação muito mais social pois considera a relação individual ou colectiva a um território como sendo apropriado. Estes princípios da territorialidade aqui evocados podem ser transpostos e permitiram a migrantes reconstituir os seus horizontes em novos espaços, apropriando-se de novos territórios.

Para o geógrafo Robert Sack (1986:5), a territorialidade nos humanos é uma estratégia geográfica potente que permite controlar gentes e coisas numa área. Territórios políticos e propriedades privadas ocorrem em graus variados em diversos contextos sociais.

O geógrafo Rogério Haesbaert (2004:3) considera que a noção de territorialidade é mais ampla do que a de território: a todo o território corresponde uma territorialidade, mas nem toda a territorialidade implica a existência de um território já que o território necessita de uma base material, concreta, sendo que a territorialidade pode ser a dimensão simbólica, um referencial territorial (simbólico) para a construção de um território que não exige obrigatoriamente uma forma concreta.

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz também respeito às relações económicas e culturais, pois está

intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar.

Discutir a territorialidade no sentido comum é evocar a interacção entre a consciência identitária de uma colectividade humana, mesmo que indefinida, em relação a um lugar mais ou menos determinado mas com ocupação, significado e uso fortes (Ferland, 2006).

O estado-nação e o seu território, definido como o espaço controlado pelo poder do estado, tornou-se um elemento central da identidade nacional e é hoje atacado na base pelas raízes étnicas (a humanidade estaria reduzida a uma organização regressiva de tribos territorializadas) e no topo pelo processo de transnacionalização (De Meo, 1988).

Para o geógrafo Claude Raffestin (1982), a territorialidade reflecte o carácter multi-dimensional do vivido territorial pelos membros de uma colectividade, pelas sociedades em geral e é considerada a dimensão latente do quotidiano, a estrutura relacional, pouco ou nada percebida, do quotidiano. A territorialidade reenvia-nos para o campo do sujeito social, da sua lógica pessoal, do seu espaço vivido feito de relações íntimas, reais ou imaginárias com os lugares, relações enriquecidas de experiências, pelas suas aprendizagens sociais e espaciais. Ao evocarmos a territorialidade, referimos também o conceito de identidade que se nutre no indivíduo pela interiorização de valores, normas, ideais e mitos próprios das sociedades a que pertencem. A identidade funciona social e culturalmente como o meio de legitimar um grupo num território no qual extrai recursos materiais, ideias e simbólicos em particular.

Neste sentido, Paul Claval (1995) salienta que três componentes concorrem para a afirmação de identidades culturais: a vontade de se conformar com as práticas de um grupo; a ideia de uma origem comum; a construção da pessoa que repousa sobre a articulação assumida de todos os aspectos da vida em torno de valores centrais da cultura. A territorialidade acompanha-se muitas vezes de um sentimento de não se deixar influenciar ou contaminar por elementos exteriores.

Sobre as trajectórias que utilizam, os indivíduos fixam-se por períodos mais ou menos longos. Eles modelam esses lugares pela sua acção e presença. Paralelamente, o ambiente que aí encontram e as pessoas que eles

conhecem influem sobre as suas ideias, a sua sensibilidade e a sua concepção da vida. (Claval, 2008:15)

Nesse mesmo espaço carregado de símbolos encontram ainda os indivíduos balizas ou referenciais de carácter mais profundo para a sua existência. Os lugares evocam memórias e isso permite, ou ajuda, ao enraizamento das pessoas no território, gerando sentimentos de pertença que se sabe serem essenciais para a formação das identidades, tanto individuais como colectivas (Lowenthal, cit in Henriques 2002). De resto, se o território se encontra em toda a sua extensão potencialmente investido de significados, funcionando no seu todo como um sistema de significação, alguns lugares representam algo apenas para alguns indivíduos, em função da sua biografia ou experiência de vida concreta (Henriques, 2002). Nos territórios da emigração os lugares étnicos constituem bons exemplos de apropriação destes espaços que carregam um forte significado cultural e identitário.

A concentração de imigrantes numa mesma cidade favorece o processo de reconstituição do entre si. O local torna-se então o lugar de produção de identidades comunitárias sobre o modelo das que prevaleciam no país de origem, pelo intermediário de instituições ou práticas que asseguram a pertinência actual dos quadros de ontem na forma da área de acolhimento e se possível que transcenda para lá das gerações (Dufoix, 2002:82).

No caso da comunidade portuguesa em França, Albano Cordeiro (1999:3) evoca a criação de um terceiro território que se situa algures entre a sociedade local francesa e a aldeia de origem. Trata-se de um espaço eminentemente económico, social mas também cultural, já que prolonga as ligações estabelecidas entre as famílias, ao criar espaços associativos próprios, ao prestar apoio na procura de um emprego e ao apoiar nas diferentes tarefas relacionadas com a educação dos filhos. Do ponto vista cultural, trata-se eminentemente de um território com grande vocação para o lazer e o divertimento.

A territorialidade nas comunidades migrantes pode ser analisada a partir da evolução do seu espaço residencial, uma vez que a habitação onde vivemos constitui sem dúvida um indicador de integração socioeconómica. Os territórios onde os imigrantes convivem e onde desenvolvem práticas económicas e socioculturais diversificadas também se revelam fundamentais para

compreendermos a respectiva integração sociocultural. A identidade dos imigrantes passa constantemente pela sua identificação com determinados territórios que podemos apelidar e identificar como sendo os territórios da portugalidade. Todavia, as práticas e as vivências que contribuem para construir a identidade em contexto migratório devem ser encaradas em relação aos territórios de acolhimento mas também crescentemente em relação ao território de origem (devido à intensa mobilidade de pessoas, bens e informação) numa óptica de interações que se mantêm, estabelecem, desenvolvem ou eventualmente se extinguem.

Os territórios da emigração são simultaneamente funcionais e altamente simbólicos. Os emigrantes movem-se assim em contexto de multi-territorialidade. Trata-se de uma multi-territorialidade vivida em vários espaços providos de uma essência cultural própria e, deste modo, contribuem para uma afirmação identitária individual e colectiva.

A territorialidade no contexto migratório reenvia-nos para o estudo da implantação territorial dos imigrantes nas áreas de chegada, das suas condições de habitação, dos espaços económicos, sociais e culturais étnicos que frequentam e que permitem criar e manter uma identidade cultural própria. A identidade cultural da comunidade lusa em França passa também por uma evolução social em termos profissional, residencial e pode também ser estudada a partir da utilização dos espaços comerciais étnicos e dos espaços associativos. Mas a territorialidade da comunidade portuguesa não se resume apenas às práticas e vivências em relação ao território de acolhimento. Estas relações com os espaços étnicos também mudam à medida que a globalização permite intensificar e diversificar as comunicações com o território e a cultura de origem num processo que se complexifica. As práticas e as vivências dos imigrantes lusos com as áreas de origem quer sejam reais, virtuais ou simbólicas não são estáticas, e deste modo, à semelhança de inúmeras correntes migratórias internacionais, tiram proveito do processo de globalização.

2. Dinâmicas socioculturais e territoriais.

2.1 Evolução sociodemográfica da comunidade portuguesa em França³⁸

A imigração em França é um fenómeno antigo fortemente ligado à história económica do país. Ao longo de uma história de industrialização antiga, seguida por uma urgente reconstrução económica após a segunda guerra mundial, tornou-se imprescindível o recurso à mão-de-obra operária estrangeira, conduzindo para tal a uma recrudescência dos movimentos migratórios para este país.

Os portugueses responderam a uma solicitação de mão-de-obra da região parisiense que regista metade dos efectivos. Fora desta região eles ocuparam os vazios deixados pelo desacelerar das migrações italianas. Eles apareceram e rapidamente se multiplicaram no Puy-de-Dôme à volta de Clermont-Ferrand, na região lionesa, em Sône-et-Loire e nos distritos circundantes da região parisiense. Os portugueses são os mais dispersos, não hesitam em se fixar nas aldeias abandonadas que se encontram relativamente perto dos seus empregos à volta de Clermont-Ferrand ou de Lyon por exemplo (George, 1976:200-201).

Em Maio de 2004, residiam em França metropolitana cerca de 4,9 milhões de imigrantes que correspondiam a 8,1% da população³⁹, ou seja uma proporção ligeiramente superior à do recenseamento de 1999 (7,4 %, INSEE, 2000). No entanto, as suas origens geográficas são cada vez mais diversificadas e longínquas. O número de imigrantes oriundos da Europa decresce progressivamente (de 57% para 40% do total de imigrantes entre 1975 e 2004) perante um aumento dos imigrantes dos continentes Africano e Asiático. Desde 1999 e dentro da corrente europeia tradicional o número de espanhóis e de italianos diminuiu, tendo estabilizado o número de portugueses. Paralelamente, constata-se um aumento do número de imigrantes da Europa de Leste bem como dos países do Magrebe.

³⁸ Este subcapítulo resulta da revisão do artigo do autor desta tese de 2009 intitulado: A comunidade portuguesa em França e na região de Lyon: uma evolução sociodemográfica, *Cadernos - Curso de doutoramento em Geografia*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

³⁹ Enquêtes annuelles de recensement de 2004 et 2005, près de 5 millions d'immigrés à la mi 2004, Borrel, Catherine, INSEE Première n° 1098, Août 2006.

Em 2004, cerca de 40% da população estrangeira em França vivia na região Île-de-France (17% da população da região) sendo Rhône-Alpes e Provence Alpes Côte d'Azur são as duas outras regiões que acolhem mais imigrantes (respectivamente 11% e 9 %)⁴⁰. A população imigrante é cidadina e muito concentrada nas grandes cidades. Dois em cada três imigrantes residem em unidades urbanas com mais de 200 000 habitantes, e em Paris um em cada 6 habitantes é estrangeiro. O aumento dos efectivos e o equilíbrio entre os dois sexos na população imigrante devem-se essencialmente ao aumento do sexo feminino no âmbito do reagrupamento familiar que, desde 1974 sucedeu a uma imigração de trabalho, substancialmente masculina. Relativamente a 1999, a população imigrante continua a envelhecer em maior proporção nos imigrantes de origem europeia, (por definição os imigrantes não nascem em França) registando contudo um maior numero de jovens adultos do que na restante população. Relativamente à aquisição da nacionalidade francesa, os números oficiais indicam que até 2004⁴¹ cerca de dois milhões de imigrantes adquiriram a nacionalidade francesa (40% do total do número de imigrantes).

O primeiro recenseamento que individualizou os portugueses entre a população estrangeira presente em França data de 1921 (11 000 portugueses ou seja 0,7% da população estrangeira). Este número vai crescendo ao longo do período que separa as duas guerras, acabando por diminuir durante o segundo conflito mundial (INSEE, 1994).

Com a entrada de Portugal na primeira Guerra Mundial em 1916, o governo português enviou uma força expedicionária em França (nomeadamente para as trincheiras do Pas de Calais) e forneceu um efectivo de 20000 trabalhadores contratados. Alguns destes trabalhadores não regressaram a Portugal no final da guerra, ao contrário do que estava estipulado no contrato de trabalho, acabando por ficar no país, e juntando-se-lhes, posteriormente, alguns dos seus familiares. Este número de portugueses

⁴⁰ Ibid, INSEE Première n° 1098, Août 2006.

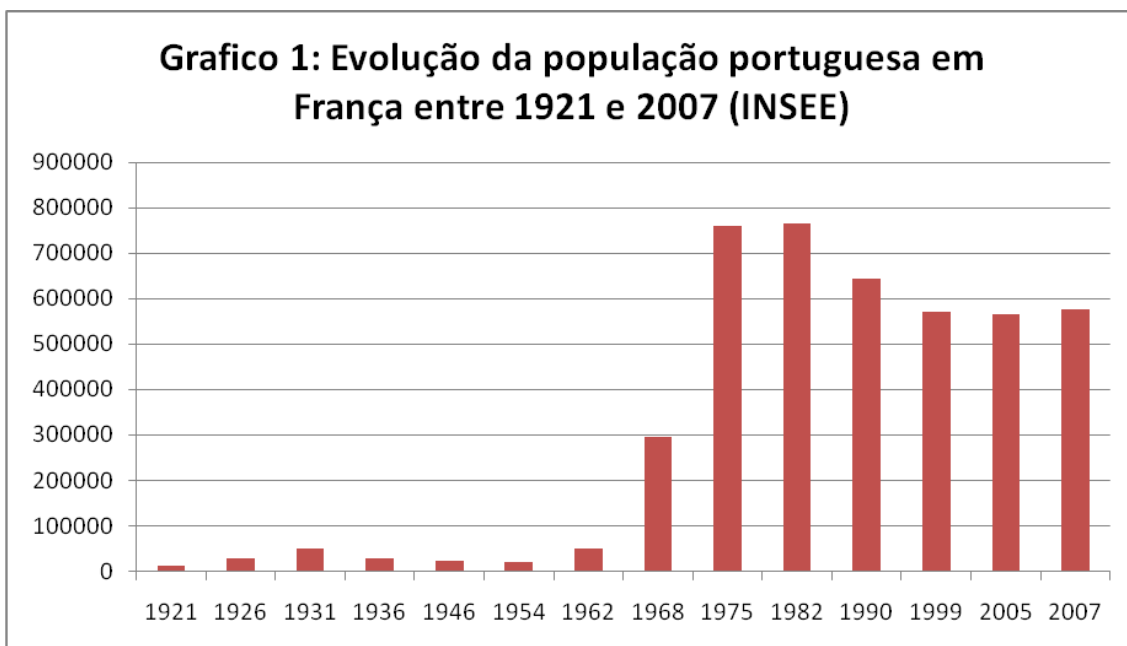
⁴¹ É necessário distinguir estrangeiros nascidos em França que por definição não são imigrantes: 550 000; estrangeiros nascidos no estrangeiro: 2 960 000; pessoas que nasceram no estrangeiro e que adquiriram a nacionalidade francesa: 1 970 000 (INSEE, 2006).

aumentou ainda mais com os soldados desmobilizados. A França tornou-se assim um dos horizontes de emigração portuguesa. O golpe militar de Maio de 1926 em Portugal, levou para França alguns exilados políticos portugueses. Tratou-se então do primeiro grande grupo de exilados políticos portugueses em França. Em 1931 registavam-se quase 50000 trabalhadores portugueses empregados sobretudo em grandes sectores da indústria química, da metalurgia e do trabalho florestal (mas muito pouco na agricultura). Tratava-se essencialmente de trabalhadores permanentes e raramente sazonais. A Grande Depressão dos anos 30 levou muitos trabalhadores a regressar a Portugal, mas incentivou outros a permanecer em França (Tavares 2001).

Depois da Segunda Guerra mundial e até 1962 não se verifica um aumento significativo do número de portugueses. A partir dessa data, a população portuguesa aumenta consideravelmente: 11,3% do total de estrangeiros em França em 1968; 22% em 1975 (primeira comunidade estrangeira), 20,7% em 1982, 18,1% em 1990, sendo ultrapassada em termos numéricos pelas comunidades Argelina em 1999 e Marroquina em 2005 segundo os dados do INSEE (gráfico 1 – quadro 7).

Quadro 7: Principais comunidades estrangeiras em França entre 1921 e 2007 (INSEE)

	1921	1926	1931	1936	1946	1954	1962	1968	1975	1982	1990	1999	2005	2007
Portugal	11 000	29 000	49 000	28 000	22 200	20 000	50 000	296 000	759 000	764 800	645 000	571 874	567 000	576 084
Itália	420 000	760 000	808 000	720 000	450 000	504 620	908 620	782 760	669 085	570 104	483 695	378 649	338 000	323 809
Espanha	255 000	323 000	352 000	254 000	302 000	290 780	516 020	689 140	590 825	471 968	397 126	316 232	276 000	262 883
Argélia							330 500	383 000	555 220	597 644	555 715	574 208	679 000	702 811
Marrocos							32 840	108 120	256 820	367 896	457 456	522 504	625 000	645 695
Tunísia							43 820	115 300	180 925	202 564	207 127	201 561	222 000	231 062
Turquia							38 880	42 920	75 565	121 212	168 359	174 160	222 000	234 540



Se recorrermos aos dados disponibilizados pela Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP), constatamos que a comunidade portuguesa poderá ser muito maior do que o é habitualmente referido pelos serviços oficiais franceses. As limitações destes dados consulares dizem respeito ao facto do registo ser voluntário, significando que geralmente só se regista quem precisa de ir ao consulado tratar de algum assunto ou documento português, não estando implicada qualquer obrigatoriedade de comunicação de alterações que implicam a eliminação do registo (nomeadamente saída e óbito). Acrescenta-se também que a progressiva informatização dos registos consulares nos últimos anos leva a que se obtenha dados que tenham aumentado consideravelmente de um ano para outro (caso de Ajaccio e Bordéus, por exemplo). Não obstante esta imprecisão, conseguimos, todavia, constatar um aumento do número de portugueses em França nos últimos 5 anos, já que os quadros 8 e 9 demonstram haver um aumento dos stocks anuais de registos. Notável é o aumento verificado dos portugueses que nasceram em Portugal (mais 95853 portugueses registados entre 2005 e 2010). Este conjunto integra principalmente os imigrantes que terão chegado mais recentemente a França. Por outro lado, os stocks totais sugerem que a comunidade portuguesa radicada em França, incluindo os luso-descendentes, seja provavelmente

bem superior em termos numéricos aos dados que são avançados pelos serviços estatísticos franceses.

Quadro 8: Inscrições consulares em França (stocks) - Fonte DGACCP					
	2005	2008	2009	2010	Variação 2005-2010
Ajaccio	413	4083	5332	6586	6173
Bordéus	16138	33971	37738	41222	25084
Clermont-Ferrand	77196	78815	79323	79912	2716
Lille	29584	30756	31161	31609	2025
Lyon	158454	166482	169330	172056	13602
Estrasburgo	18471	22282	23519	25098	6627
Marselha	22352	28163	30757	33716	11364
Paris	641217	692289	710102	729397	88180
Toulouse	18423	22683	24176	25935	7512
Total	982248	1079524	1111438	1145531	163283

Quadro 9: Inscrições consulares em França (stocks de pessoas nascidas em Portugal) Fonte DGACCP							
	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Variação 2005-2010
Ajaccio	333	1349	2225	3155	4111	5054	4721
Bordéus	10639	13597	17315	23004	25456	25456	14817
Clermont-Ferrand	73636	73892	74236	74532	74835	75187	1551
Lille	26441	26618	26803	27003	27226	27444	1003
Lyon	42408	43649	45035	46781	48556	50139	7731
Estrasburgo	12451	13212	14034	14806	15609	16589	4138
Marselha	15879	17009	18238	19534	21030	22773	6894
Paris	499194	509774	520010	528354	538575	549128	49934
Toulouse	13964	14866	15843	16915	17860	19028	5064
Total	694945	713966	733739	754084	773258	790798	95853

O aumento significativo da população portuguesa neste país, não se deve apenas à evolução dos fluxos migratórios, mas também à elevada fecundidade das mães portuguesas (4,27 crianças em média por mulher entre 1962 e 1964). Este índice manter-se-á bastante elevado até 1982 (índice de fecundidade das mulheres portuguesas superior ao índice sintético de renovação das gerações: 2.2 filhos por mulher). Todavia, a partir de 1982, o índice sintético de fecundidade das mulheres portuguesas, decresce regularmente atingindo índices inferiores ao nível de renovação das gerações ou seja 1,9 filhos em média por mulher em 1990). Comparativamente, durante

esse mesmo período (anos 80), o índice sintético de fecundidade decrescia ainda mais em Portugal (1,6 filhos em média por mulher em 1990).

A queda contínua da natalidade na comunidade portuguesa pode ser confirmada pela análise da população escolar portuguesa a frequentar a escola primária francesa. Constatamos que o número de alunos portugueses neste grau de ensino durante o ano escolar de 1991-92 era de 71 990 (cerca de 11,5% da totalidade dos alunos estrangeiros), sendo que os 143 512 estudantes argelinos constituíam o dobro do efectivo português. Será sobretudo a partir do segundo grau de ensino que o número de estudantes se equilibra entre as comunidades estrangeiras mais importantes (1992: 73 593 portugueses; 82 392 argelinos e 100 000 marroquinos (INSEE, 1994). No ensino superior os estudantes portugueses são muito menos numerosos do que noutras comunidades estrangeiras, (em 1991-92 registando-se 3349 portugueses, 24 036 marroquinos e 16 308 argelinos). Estes números confirmam que a maior parte dos filhos de portugueses frequentam níveis escolares intermédios com o objectivo de uma entrada mais rápida no mercado de trabalho (Ibid.).

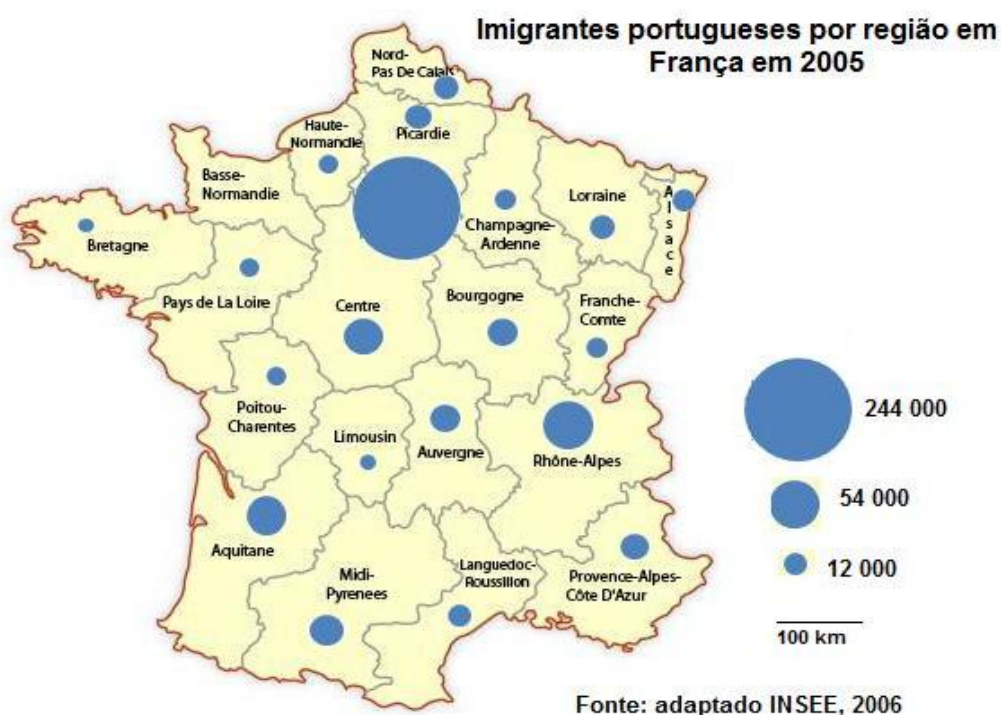
Na distribuição da população portuguesa por regiões, destaca-se principalmente a região parisiense (244 000 em 2005; quadro 10 - mapa 1), com cerca de metade dos imigrantes residentes em França (efectivos de 645 000 em 1990, 571 000 em 1999 e 567 000 em 2005 segundo o INSEE)⁴² sendo que os departamentos desta região registam percentagens de portugueses superiores a 5% da população total.

As regiões Norte e Oeste da França continuam a registar um menor número de portugueses, o que se explica, em grande parte, pelo menor grau de industrialização e desenvolvimento económico. Em 567 000 portugueses, a taxa de aquisição da nacionalidade francesa em 2005, embora sendo inferior à taxa dos imigrantes em geral, era de 28%, correspondendo a cerca de 159 000 pessoas sendo que 84 000 pessoas nascidas neste país ainda não tinham a nacionalidade francesa (esquema 1).

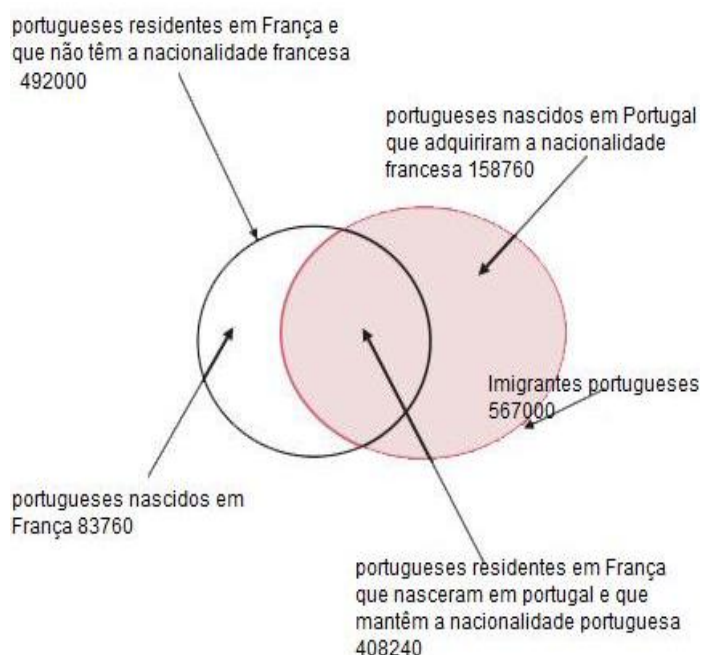
⁴² Os serviços estatísticos franceses não têm em conta os portugueses com a dupla nacionalidade. As autoridades portuguesas estimam a comunidade portuguesa em França em 800 000 pessoas possuidoras de um bilhete de identidade português.

Quadro 10: portugueses de França por região em 2005 (INSEE)		
Região	Imigrantes	Portugal
Ile-de-France	1.916.000	244.000
Champagne-Ardenne	73.000	10.000
Picardie	88.000	14.000
Haute-Normandie	73.000	8.000
Centre	139.000	31.000
Basse-Normandie	34.000	
Bourgogne	92.000	19.000
Nord-Pas-de-Calais	180.000	13.000
Lorraine	180.000	13.000
Alsace	181.000	11.000
Franche-Comté	74.000	9.000
Pays de la Loire	87.000	8.000
Bretagne	69.000	5.000
Poitou-Charentes	54.000	8.000
Aquitaine	180.000	35.000
Midi-Pyrénées	196.000	24.000
Limousin	33.000	6.000
Rhône-Alpes	537.000	54.000
Auvergne	61.000	19.000
Languedoc-Roussillon	228.000	12.000
Provence-Alpes-Côte d'Azur	458.000	17.000
Corse	26.000	4.000
Total França	4.959.000	567.000
Aquisição nacionalidade francesa	40% 1983600	28% 158760

Mapa 1



Esquema 1: Portugueses em função do estatuto de imigrante e de estrangeiro



Fonte: adaptado INSEE 2005

Quadro 11: Portugueses por sexo, estrutura etária e taxa de actividade em França	Imigrante	Estrangeiro
Homens	51%	53%
Mulheres	49%	47%
0 a 19 anos	4%	15%
20 a 39 anos	25%	27%
40 a 64 anos	60%	48%
65 e mais anos	11%	10%
Taxa de actividade	70%	70%
<i>homens</i>	38%	40%
<i>mulheres</i>	32%	30%

Imigrante: conceito que inclui apenas os sujeitos que nasceram em Portugal

Estrangeiro: conceito que inclui também os sujeitos que nasceram em França

mas que ainda não têm a nacionalidade francesa

Fonte: adaptado INSEE 2005

A população portuguesa caracteriza-se também por uma ligeira vantagem dos efectivos masculinos sobre os efectivos femininos. Em termos etários podemos observar percentagens diferentes no grupo dos jovens que nasceram em Portugal e que representam apenas 4% do grupo etário e os que já nasceram em França (15%) contabilizados como estrangeiros (quadro 11). Esta diferença de percentagens explica-se pelo facto de que um jovem

que nasce em França por definição não é imigrante. O quadro 3 também evidencia a elevada taxa de actividade dos portugueses em França (70% em 2005). A superioridade da taxa de actividade masculina sobre a feminina pode em parte ser explicada pelo facto de muitas mulheres trabalharem em serviços que mais facilmente entram na economia informal tal como sucede com os serviços prestados como empregadas domésticas que, em parte, não incorporam as estatísticas oficiais.

2.2 Evolução sociodemográfica da comunidade portuguesa em Rhône-Alpes⁴³

A região Rhône-Alpes localiza-se na parte centro este da França e corresponde a uma subdivisão administrativa territorial francesa constituída por oito departamentos: Ain, Ardèche, Drôme, Isère, Loire, Rhône, Savoie e Haute-Savoie. Esta região beneficia de uma localização favorável num eixo de comunicação entre o norte e o sul do continente europeu. Do ponto de vista demográfico é a segunda região de França com cerca de 6,12 milhões de habitantes (INSEE, 2008) distribuídos numa área de 43 698 km² (pouco menos de metade da superfície de Portugal continental). Desde o século XIX, a indústria foi sendo diversificada, ocupando um lugar preponderante na economia da região reforçando a concentração da população em torno das principais áreas urbano-industriais.

Nesta região destaca-se principalmente a cidade de Lyon, que constitui a segunda maior aglomeração de França que, embora não podendo rivalizar com a cidade de Paris, à escala nacional, constitui todavia um pólo económico atractivo à escala regional e internacional no âmbito da Europa das regiões. Outras áreas urbanas secundárias como Grenoble, St Etienne e Chambéry, também desempenham um papel de destaque na economia regional.

As necessidades em mão-de-obra de uma região rica num país democrático, em plena expansão desde a revolução industrial, explicam a chegada de fluxos de imigrantes mais desfavorecidos economicamente e de refugiados políticos. De 1894 a 1954, a região Rhône-Alpes deparou-se com uma fraca fecundidade: aumento de 2% da população contra 6% em toda a França. O crescimento natural da população autóctone não conseguia satisfazer em mão-de-obra a forte expansão industrial da região (Institut d'Etudes Politiques, 1966).

Desde cedo, o dinamismo económico trouxe a esta região uma importante comunidade estrangeira oriunda de países fronteiriços de Espanha

⁴³ O presente subcapítulo é inspirado e aprofunda o artigo do autor desta tese de 2009 intitulado: A comunidade portuguesa em França e na região de Lyon: uma evolução sociodemográfica, *Cadernos - Curso de doutoramento em Geografia*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

e Itália, mas também da Polónia na primeira metade do século XX. A estas primeiras comunidades estrangeiras viriam juntar-se, a partir de 1960, outras oriundas de Portugal assim como do norte de África: Argélia, Marrocos, Tunísia e Turquia.

Em 2005, os imigrantes representavam cerca de 9% da população total da região. Nesta região, entre 1999 e 2005, a população imigrante aumentou cerca de 13% (+ 67000 em relação a 1999)⁴⁴, (quadro 12).

Quadro 12: Comunidades estrangeiras em Rhône-Alpes de 1962 a 2005									
Ano	Total	%	Italianos	Espanhois	Portugueses	Argelinos	Marroquinos	Tunisinos	Outros
1962	246042	6,1	108296	39175	3135	58726	1937	2323	32449
1968	326244	7,4	107048	67172	23508	82244	5300	6692	34280
1975	444640	9,3	93795	56615	69505	128420	20310	25780	50215
1982	462396	9,2	68688	35592	70584	136668	38264	34888	77712
1990	430983	8	49896	23388	62527	101375	46890	40427	106480
1999	471585	8,2	74222	33212	54263	84228	39604	29683	116965
2005	515000	8,9	68000	29000	54100	99000	47000	31000	156717

Fonte: INSEE

Os imigrantes concentram-se essencialmente nos departamentos mais urbanizados. O departamento do Rhône acolhe um terço da população estrangeira da região. Os estrangeiros vivem essencialmente na periferia leste de Lyon, mas também a norte na direcção de Neuville-sur-Saône e Villefranche-sur-Saône. Salienta-se a importância das grandes vias de comunicação e o fundo dos vales industrializados como sucede na cidade de St Etienne. O departamento da Isère concentra a segunda maior comunidade estrangeira da região Rhône-Alpes com cerca de 68000 estrangeiros, graças em parte à periferia industrial de Grenoble, bem como a alguns concelhos de Pont-de-Chéruf. Os estrangeiros também estão bem presentes nos departamentos da Haute-Savoie. No departamento de l'Ain, a presença também é bastante significativa em torno de dois pólos: perto de Oyonnax e no Pays de Gex onde muitos são trabalhadores fronteiriços que exercem actividade na vizinha Suíça. No oposto destas áreas atractivas em termos urbanos e industriais, temos as áreas deprimidas e mais rurais do sul e do

⁴⁴ 515000 immigrés en Rhône-Alpes, La lettre, n° 95, Septembre 2008, INSEE Rhône-Alpes.

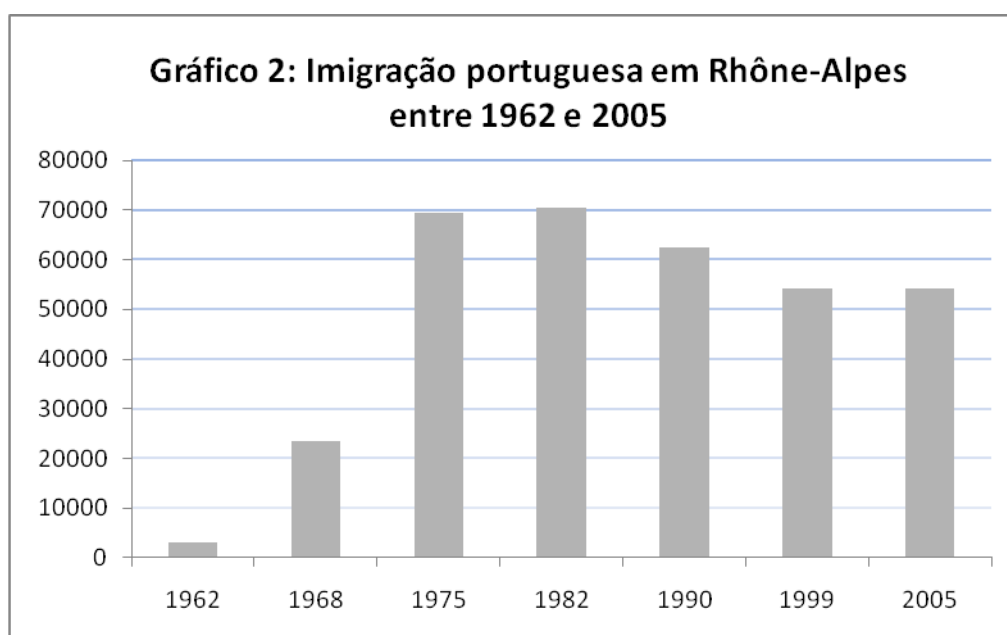
oeste da região, que leva a uma menor concentração de população e de estrangeiros. De um modo geral a população estrangeira vive mais nos centros do que nas periferias das grandes aglomerações com mais de 50000 habitantes, que acolhem cerca de dois terços destas populações.

Ao longo dos últimos 40 anos, destacaram-se três períodos migratórios fundamentais para esta região: por um lado, um aumento significativo das primeiras comunidades estrangeiras, nomeadamente italiana e espanhola até 1970, data em que atingem o auge imigratório e, por outro lado a emergência de novas nacionalidades tais como a portuguesa e a argelina a partir dos anos 60 cujos fluxos se intensificaram e amadureceram nos anos 70 e uma parte dos anos 80. Num terceiro momento apareceram fluxos imigratórios mais recentes constituídos essencialmente por marroquinos e tunisinos a partir de 1975 e seguidamente por Turcos, cujos contingentes atingem a maturidade até à década de 1990. Em 2005⁴⁵, segundo dados do INSEE, a comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes era constituída por 54100 indivíduos, o que equivale a 9,5% do total da comunidade lusa residente em França. Se na região parisiense os portugueses constituem o principal contingente de estrangeiros, tal facto não se verifica na região Rhône-Alpes, onde a comunidade argelina e italiana são mais numerosas com, respectivamente, 99000 e 66300 membros em 2005, distanciando todavia, a comunidade marroquina (45500), tunisina (29300) e espanhola (28400) (INSEE, 2005). A emigração portuguesa com peso demográfico significativo para esta região é relativamente recente, adquirindo expressão a partir dos anos 60: “Os portugueses que eram apenas mil em 1954, são hoje mais de 3 000 e podemos contar com uma certa aceleração nos anos que vêm, visto a progressão de 1961-1962” (Institut D’Etudes Politiques, 1966, p. 17).

A origem dos imigrantes espanhóis, muitos dos quais com estatuto de refugiados políticos e dos italianos (proximidade geográfica) explica mais facilmente a razão da sua fixação nesta região. Os portugueses não revelam

⁴⁵ Dados do INSEE de 2005 que têm em conta os portugueses nascidos em Portugal e em França mas não abrangem aqueles que adquiriram a nacionalidade francesa quer tenham nascido em França ou em Portugal. Os serviços do Consulado Geral de Portugal em Lyon apontavam em 2008 para cerca de 80000 portugueses (excluindo os que têm a dupla nacionalidade) nesta área consular.

razões específicas com significado histórico (exceptuando-se a deserção de jovens adultos em contexto de guerra colonial) ou geográfico que explique a sua fixação nesta região. De sete imigrantes registados no departamento do Rhône em 1911, passando por um leve incremento entre as duas guerras, a progressão acontece de forma fulgurante entre 1962 e 1968 com o número de portugueses a aumentar de 3135 para 23508. A partir de 1970, a legislação portuguesa flexibiliza-se e permite a regularização de muitos emigrantes em situação ilegal junto dos consulados em França mediante o pagamento de uma multa.⁴⁶ Em 1975 já se contabilizavam cerca de 70000 portugueses na região. Este contingente manter-se-á em termos de efectivos até ao recenseamento de 1982. Desde então, num primeiro momento, os números decrescem, estabilizando-se seguidamente, passando de 63 000 em 1990 para pouco mais de 53000 portugueses em 1999 e 54000 em 2005 (gráfico 2).



Fonte: INSEE, tratamento do autor.

Ao decréscimo registado não está certamente alheio, o facto de, por um lado, os fluxos terem atingido o pico migratório até 1974, data essa que corresponde ao fim de uma política de abertura das fronteiras à imigração em

⁴⁶ Ver Poinard, Michel, *Les portugais dans le département du Rhône entre 1962 et 1970*, Geocarrefour, 1972, Volume 47, nº 1, pp. 35-58.

França, sendo que os movimentos migratórios se tornam progressivamente de tipo temporário a partir dos anos 80. Acresce também o facto do reagrupamento familiar se efectuar de modo muito intenso desde a chegada dos trabalhadores permanentes (Nguindjel, 1981). Todavia, a aquisição da nacionalidade francesa por parte dos nacionais portugueses, bem como dos seus descendentes que já nasceram em território francês provoca alterações e dificuldades de quantificação objectiva dos dados estatísticos.

Os problemas em quantificar os fluxos a partir de Portugal agravaram-se em 1988, quando foi extinto o Passaporte de Emigrante. A adesão à União Europeia e consequente ratificação do acordo de Shengen pelo estado português, celebrado em 1999, permitiu a livre circulação de pessoas dentro deste espaço, dificultando ainda mais a produção estatística sobre os fluxos emigratórios.

Os números fornecidos pelos serviços estatísticos oficiais franceses (INSEE) poderão estar muito aquém daqueles que são estimados pelo consulado de Portugal em Lyon, que em Julho de 2010 apontava para cerca de 115000 portugueses na área consular. Este número é composto por aproximadamente 78015 indivíduos que são exclusivamente portugueses, por 23404 indivíduos que têm a dupla nacionalidade (os nacionais titulares de dupla nacionalidade segundo uma estimativa consular representam cerca de 30% do contingente total, sendo que, ao adquirirem a nacionalidade francesa deixam de constar como portugueses nos dados fornecidos pelos organismos administrativos franceses). Para perfazer o total supra-citado, incluímos também 13748 indivíduos registados neste posto consular entre 2003 e Abril de 2010. Estes números são sem dúvida de importância capital pois demonstram que os últimos 7 anos correspondem aproximadamente a 14% do total dos registos dos portugueses nesta área consular, o que evidencia fluxos importantes de imigrantes recém-chegados a esta região.

O crescimento anémico da economia portuguesa e as duas recessões económicas verificadas em Portugal desde o início deste século XXI (diminuição sucessiva do crescimento do PIB de 3,9% em 2000 para 0,5% em 2010 com dois períodos de recessão - 0,8% em 2003 e - 2,6% em 2009 - Eurostat) tiveram impactos significativos em sectores empregadores de mão-de-obra em Portugal como a construção civil e a indústria transformadora

tradicional, nomeadamente do têxtil e do calçado e, como consequência, tem incitado muitos portugueses a migrar para outras regiões da Europa mais prósperas, processo esse facilitado pelas redes de primo-imigrantes aí instaladas.

O aumento das inscrições registadas nos últimos anos na área Consular de Lyon⁴⁷ entre 2005 e 2010 confirma o crescimento do número de portugueses nesta região. Estes números evidenciam um crescimento anual constante do número de portugueses entre essas duas datas (quadro 13). O presidente da Federação das Associações Portuguesas de Rhône-Alpes (FAPRA), Manuel Lima em visita à assembleia da Republica Portuguesa em Maio de 2010, informou que o cônsul geral de Lyon *está a fazer diariamente umas vinte inscrições de portugueses que acabaram de chegar, todos perderam o emprego em Portugal* (Mundo Português, Maio de 2010).

Os números consulares também deverão ficar muito aquém da real amplitude dos fluxos de chegada porque simplesmente, para o imigrante, o registo consular não é obrigatório. De facto, o inquérito realizado junto desta comunidade em finais de 2010 é bastante revelador e confirma plenamente a tendência de intensificação dos fluxos nos últimos anos, já que 15,9% da amostra é composta por indivíduos que chegaram a França há menos de 5 anos e cerca de 29,9% há menos de 10 anos (resultados detalhados no capítulo II da segunda parte).

Quadro 13: Inscrições no Consulado Geral de Portugal em Lyon 2005-2010

Ano	Inscrições Consulares
2005	1.778
2006	1.731
2007	1.925
2008	2.335
2009	2.418
2010 (até 30 de Abril)	848
Total	11.035

Fonte: Consulado Geral de Portugal em Lyon

⁴⁷ Convém referir que não se verifica uma correspondência administrativa entre a região Rhône-Alpes e a área Consular de Lyon, sendo que esta última integra 9 departamentos (área de 53 976 km²) entre os quais sete integram a região Rhône-Alpes: Ain, Isère, Loire, Rhône, Savoie, Haute-Savoie, Saône et Loire e dois de outras regiões: Côte d'Or (região Bourgogne) e Jura (região Franche-Comté). Sendo que dois departamentos localizados mais a sul desta região: Ardèche e Drôme, integram a área Consular de Marselha.

A investigação levada a cabo em Julho de 2010 junto da comunidade portuguesa de Lyon e as entrevistas então realizadas permitiram confirmar esta tendência crescente de chegada de imigrantes lusos. Um dos entrevistados, um dos maiores empregadores de nacionalidade portuguesa emigrado nesta região há quarenta anos e a desenvolver a sua actividade na área da construção civil, referiu-nos que, dentro do efectivo salarial da empresa, aproximadamente 20% dos trabalhadores terão chegado nos últimos anos:

Muitos dos meus trabalhadores que chegaram a Lyon nos últimos anos são essencialmente originários do norte do país, sobretudo do Minho: Braga, Amares, Vila Verde e de áreas próximas do litoral como é o caso da região do Porto, sendo que muitos provêm da indústria dos móveis (Paços de Ferreira), do calçado e do têxtil. Os trabalhadores da primeira geração vinham essencialmente do campo, das áreas rurais.

(A. Jesus, empresário na construção civil)

Este empresário reconhece que os trabalhadores que chegaram a esta região de França nos últimos anos têm percursos profissionais mais diversificados, provêm de localidades mais citadinas, são mais informados quanto ao mercado laboral do que as primeiras gerações, e, por conseguinte, são também mais reivindicativos em termos salariais e sociais. Os mesmos estavam habituados a um outro tipo de vida em Portugal, sendo que muitos deles vinham com meses de salários em atraso e com dívidas acumuladas.

Um dos dois maiores empresários da área da comercialização e distribuição de produtos alimentares portugueses na região confirmou-nos o seguinte: *alguns desses portugueses chegaram nos últimos anos e são oriundos das mais diversas áreas geográficas de Portugal mas com preponderância para o norte do país. Alguns trabalhadores recém-chegados não se integram profissionalmente porque o trabalho não é tão fácil como se pensava que seria. Os hábitos de vida não são iguais àqueles que tinham no país. Veja o simples hábito de tomar o cafezinho depois do almoço em Portugal.*

(M. Machado, distribuidor no sector alimentar)

Um outro empresário português proprietário de uma agência de viagens localizada no centro da cidade de Lyon e que trabalha com uma clientela 90% étnica referiu: *cada vez mais temos clientes que chegaram recentemente a Lyon. Trata-se de uma clientela que procura sempre os preços mais baixos em termos de bilhetes e que, como chegam em situação precária (promessas de mundos e fundos), os mesmos são muitas vezes explorados por elementos da comunidade portuguesa.*

(A. Pereira, empresário, agente de viagens).

Os dados obtidos ao longo da presente investigação e a história da evolução da emigração portuguesa em França, mais especificamente nesta região, permitem delinear uma tipologia de três perfis de emigrantes portugueses. Aos primeiros emigrantes, que aqui se enraizaram entre as décadas de 1960 e 1970, caracterizados por uma origem essencialmente rural e de baixo nível instrução e qualificação profissional (muitas vezes analfabetos e raramente com uma escolaridade superior ao actual primeiro ciclo) se juntaram progressivamente, a partir da década de 80 e 90, um segundo conjunto de emigrantes com raízes mais urbanas que as anteriores e com um maior nível de escolaridade, embora raramente acima do terceiro ciclo do ensino básico (em Portugal a escolaridade mínima obrigatória de 6 anos só se efectivou concretamente em 1979 apesar de estar legislada desde 1966 e a de 9 anos esteve vigente entre 1986 e 2009) mas com maior qualificação profissional, uma vez que muitos deles têm uma experiência noutros sectores da economia à semelhança da indústria, da restauração ou dos serviços. Desde a recessão económica de 2003 tem deixado o país um outro tipo de emigrantes com habilitações académicas e profissionais bem mais elevadas à procura de emprego, de melhores salários e de uma realização profissional⁴⁸.

Embora os fluxos migratórios sejam bastante flutuantes, não existem, por enquanto em Portugal, dados quantitativos que permitam fazer análises mais profundas sobre este tipo de emigrantes. Desde 2003 que o Instituto Nacional de Estatísticas deixou de referenciar estes dados e o Observatório da

⁴⁸ Vários estudos empíricos demonstraram que, no ano 2000, Portugal era o segundo país da OCDE com maior fuga de cérebros, isto é de pessoas com formação universitária (Álvaro Pereira), Economista, Revista Visão, Junho de 2010.

Emigração, criado em 2008, encontra-se ainda a recolher indicadores estatísticos⁴⁹.

Jovens quadros técnicos e científicos optam cada vez mais por fazer carreira no estrangeiro, devido a melhores oportunidades e salários. Substituíram a «mala de cartão» por uma mala-trólei; já não passam a fronteira a salto, mas sim de avião; em vez de escreverem longas cartas a falar da nova vida e das saudades da família ou de fazerem curtos telefonemas de tempos a tempos, comunicam através das redes sociais, dos programas informáticos de conversação instantânea ou por telemóvel (Mariano, 2010).

Os dados do inquérito que realizámos junto da população lusa da região de Lyon em finais de 2010 confirmam efectivamente a chegada crescente de pessoas com qualificações mais elevadas (nível secundário e superior) que representam 1/5 da amostra dos indivíduos que chegaram nos últimos dez anos. Todavia, a amostra permite concluir que, na sua grande maioria, os imigrantes portugueses que chegaram nos últimos anos continuam a ter maioritariamente uma escolaridade ao nível do 2º e 3º ciclo do ensino básico (parte II - capítulo II).

Os dados do inquérito que referimos anteriormente são complementados por inúmeras histórias de vida relatadas na imprensa ou que fomos testemunhando ao longo da investigação desenvolvida na área de Lyon (Julho de 2010) à semelhança do Luís e da Manuela, casados, ambos emigrantes portugueses a residir em Lyon com elevadas qualificações académicas e profissionais.

O Luís tem 30 anos, Licenciado em Engenharia Electrotécnica e Computadores pela Universidade do Porto e Doutoramento em Energétiques pela “École des Mines”, encontrando-se desde 2004 nos caminhos da emigração. Na continuidade de um estágio na “École des Mines” no tecnopólo de Sofia Antipolis (sudeste da França), desenvolveu a tese de doutoramento em paralelo com contratos de investigação de quadros comunitários nas áreas das energias renováveis. Recusou contratos de trabalho em Portugal,

⁴⁹ Se atendermos à opinião expressa ao Observatório da Emigração por Rui Pena Pires, Coordenador do Conselho Científico do Observatório da Emigração, a fuga de cérebros portugueses, embora não sendo fenómeno novo na sociedade portuguesa uma vez que muitos “cérebros” emigravam na década de 60 para as ex-colónias, o mesmo não parará devido às desigualdades internacionais e à atractividade de economias mais desenvolvidas.

considerando-os precários e de baixo nível salarial e aproveitou uma proposta de uma multinacional francesa do sector energético em Lyon. Aceitou ingressar nesta empresa porque considerou que já se sentia integrado no país, motivado por um contrato de trabalho de duração indeterminada na área em que desejava trabalhar. Outra das razões evocadas na fixação nesta região dizem respeito à esposa que se encontrava também a trabalhar num tecnopólo no sula da França e que teve uma proposta de trabalho para Lyon. Tenciona regressar a Portugal dentro de 4 a 5 anos mas duvida que venha a acontecer, uma vez que não vislumbra o mesmo tipo de trabalho no seu país de origem. Estas incertezas também já o levaram a pensar pedir a nacionalidade francesa, pois sente-se cada vez mais francês.

A esposa do Luís, Manuela de 29 anos, Licenciada em Turismo, nasceu em França e regressou a Portugal com 9 anos de idade. Acabou os estudos universitários em 2003. Em Portugal esteve desempregada durante um ano aproveitando para fazer uma formação em gestão de hotelaria. Uma vez que o Luís estava em França a estudar, decidiu acompanhar o marido na emigração. A Manuela desenvolveu uma série de contratos de trabalho mais precários e na óptica de melhor se adaptar ao mercado de trabalho, teve formação mais específica e aprendeu o Italiano. Estagiou na Portugália em Nice e aceitou uma outra proposta na agência de viagens American Express em Sofia. Seguindo os passos do marido, também solicitou uma transferência para Lyon que não ocorreu logo, ficando mesmo desempregada 4 meses. No seguimento de contratos de trabalhos precários noutras agências, acabou por ser definitivamente contratada pela American Express. Embora o marido tenha entretanto recebido uma proposta para trabalhar na Bretanha, recusada uma vez que consideraram as mudanças sucessivas um processo algo cansativo.

Quando analisamos a distribuição espacial dos emigrantes lusos à escala regional, constatamos a evidência dos desequilíbrios registados, sendo que as principais concentrações ocorrem preferencialmente nas áreas urbano-industriais do norte e do leste da região. Em 2007, o *departamento* do Rhône com 13486 imigrantes, continuava a registar o maior contingente de portugueses, correspondendo deste modo a 29% da comunidade lusa da região Rhône-Alpes (quadro 14).

Quadro 14: Portugueses por departamento de 1962 a 2007								
Ano	Ain	Ardèche	Drôme	Isère	Loire	Rhône	Hte. Savoie	Savoie
1962	184	122	156	665	752	995	128	133
1968	2164	780	1188	5416	4048	7376	1660	876
1975	7365	1605	2520	14295	10215	29155	6520	3830
1982	7112	1580	2580	15392	10024	22228	7444	3824
1990	6721	1560	2560	13584	7436	20214	6440	4012
1999	5665	1202	2020	11052	5658	16162	5536	3124
2007	5569	1205	1939	10241	5056	13486	5628	3163

Fonte: INSEE

Estes números justificam-se em grande medida pela influência económica exercida pela aglomeração de Lyon. Destaca-se a seguir o departamento da Isère com 10241 portugueses, o que equivale a 22% da comunidade na região. À semelhança do que se verifica na cidade de Lyon, no departamento vizinho, a comunidade lusa também se concentra em torno da cidade principal de Grenoble. Nesta localidade, os portugueses destacam-se numericamente na zona de Saint-Martin-d'Hères onde em 1990 representavam cerca de 20% da população local. Do mesmo modo que noutras localidades da região Rhône-Alpes, os portugueses chegaram a este departamento antes do 25 de Abril de 1974 devido em grande parte aos grandes empreendimentos realizados para os Jogos Olímpicos de Inverno de 1968 em Grenoble. Seguidamente registam-se efectivos mais ou menos idênticos, em quatro departamentos: Ain 5569 portugueses, em que se destacam áreas urbanas de menor dimensão como Montluel, Miribel, Trevoux, Bourg en Bresse; Loire com 5056 portugueses, destacando-se St Etienne como principal aglomeração e 5628 portugueses no departamento da Haute Savoie onde se destacam as cidades de Annecy, Bonneville e Annemasse bem como efectivos mais reduzidos na Savoie (3163) com principal destaque para a cidade de Chambéry. Os departamentos com menor concentração de portugueses são a Drôme (1939) e a Ardèche (1205). Estes dois últimos revelam áreas urbanas de menor dimensão, um fraco dinamismo industrial, tratando-se de áreas de dominante rural menos atractivas não só para as comunidades estrangeiras mas também para a própria população autóctone.

Os resultados do recenseamento de 1999 (uma vez que ainda não se encontram disponíveis os dados completos de 2007) permitem observar que o sexo masculino continua maioritário em termos de efectivos (27129 homens para 23290 mulheres). Outra constatação prende-se com a redução das camadas mais jovens que passam para menos de 12% da população em qualquer um dos departamentos. O departamento da Loire continua a ser aquele que regista a menor percentagem de jovens, ou seja 8,14% da população; outros departamentos como a Savoie e a Haute Savoie têm as percentagens de jovens mais elevadas (respectivamente 11,7% e 11,8%). Porém, a proporção de jovens na população portuguesa global é baixa em todos os departamentos da região Rhône-Alpes (quadro 15).

A emigração portuguesa para a Europa é essencialmente oriunda das regiões norte e centro do país, com principal destaque para o noroeste português, que desde tempos remotos, constitui uma importante área emissora. Já no século XVI esta região se tornara no principal foco emissor em matéria de emigração para o Brasil (Godinho, 1977). Este autor realça também, que durante o século XX, a emigração para França oriunda desta região de Portugal foi bastante significativa. Tomando como referência o ano de 1969, ele constatou que os distritos de Braga e Porto forneciam 28% da totalidade dos emigrantes, sendo as regiões a norte da cordilheira central responsáveis por aproximadamente 80% dos emigrantes nacionais.

Quadro 15: Estrutura etária da população portuguesa em Rhône-Alpes em 1999			
	Total	Homens	Mulheres
0 a 14 anos	5402	2738	2664
15 a 24 anos	4147	2172	1975
25 a 39 anos	15625	9018	6607
40 a 59 anos	19188	10006	9182
60 anos ou +	6245	3195	3050
Total	50607	27129	23478

Fonte: INSEE, Rhône-Alpes, 2000

Na perspectiva de esclarecermos a origem geográfica dos imigrantes lusos em Rhône-Alpes optámos por cruzar dados de vários estudos. Numa

primeira abordagem efectuamos uma analogia com um estudo realizado em 1984 sobre a origem dos portugueses na área urbana de Bordéus; seguidamente baseámo-nos em dois estudos realizados por geógrafos e num último momento recorremos aos resultados de um inquérito que realizámos na aglomeração de Lyon em 2011. O cruzamento e complementaridade destas fontes de informação fornecem-nos uma perspectiva mais objectiva quanto à possível origem dos imigrantes portugueses nesta região. Numa investigação realizada sobre a cidade de Bordéus, os autores confirmaram a origem transmontana e raiana dos emigrantes portugueses, provenientes dos concelhos fronteiriços do distrito de Bragança e da Guarda, mas fundamentalmente minhota com forte representatividade do distrito de Viana do Castelo. A sul do país, o rio Tejo constitui uma verdadeira fronteira do movimento migratório⁵⁰.

Na região Rhône-Alpes, os resultados apontam no mesmo sentido, sendo que em 2001 para o responsável pelos serviços sociais do Consulado de Portugal em Lyon, a origem regional dos imigrantes distribuía-se de uma forma semelhante: “temos bastantes emigrantes do Minho e de Trás-os-Montes, além de uma forte representação das Beiras”⁵¹

Na investigação desenvolvida por Michel Poinard em 1972 sobre os portugueses no departamento do Rhône entre 1960 e 1970, metade dos imigrantes que chegavam a esta região tinham origem minhota (Poinard, 1972:45). A mesma tendência foi registada num inquérito realizado à população portuguesa numa localidade da periferia de Grenoble pela geógrafa Gwendoline Neves (1994) que constatou que cerca de 84% dos portugueses inquiridos eram originários do norte de Portugal. O inquérito realizado junto desta comunidade na área de Lyon em 2001⁵² confirmou a mesma tendência dos estudos aqui referenciados dado que a maioria dos

⁵⁰ Gilbert, Maria Emilia, (1990) Les portugais dans l'agglomération de Bordeaux, in *Les Portugais en Aquitaine*, pp 72-73.

⁵¹ Entrevista de 2001 com Carlos Ferreira, responsável pela relação com as associações na área consular de Lyon.

⁵² Helder Diogo (2001) A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes numa perspectiva geográfica, económica e sociocultural, Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais, Universidade Aberta, Porto.

inquiridos responderam serem originários do Norte de Portugal. Mais recentemente, o inquérito que desenvolvemos junto da comunidade em finais de 2010 para a presente investigação também destacou a região minhota (Braga e Viana do Castelo), transmontana (Vila Real) e do litoral (Porto e Aveiro) (quadro 4 a - anexo I). Esta investigação demonstrou também haver um reforço nos últimos dez anos de imigrantes provenientes dos distritos do litoral, nomeadamente dos distritos do Porto e de Aveiro. Os dados apurados também confirmam uma dupla tendência: a primeira demonstra uma origem geográfica cada vez mais diversificada dos portugueses em termos distritais e a segunda reflecte a sua crescente origem urbana (gráfico 7 b – anexo I).

2.3 Evolução sociodemográfica da comunidade portuguesa na comunidade urbana de Lyon⁵³

O território da Comunidade Urbana de Lyon, vulgarmente designada por Grand Lyon, localiza-se no centro leste da França e integra-se no Departamento do Rhône e na região administrativa de Rhône-Alpes. O Grand Lyon é constituído por 58 freguesias (communes) concentrando uma população de 1 300 000 habitantes em 2006 (80% da população do departamento) em apenas 16% da sua superfície.

Como refere o geógrafo Michel Poinard em 1972 no seu estudo sobre a comunidade portuguesa no departamento do Rhône, tornava-se difícil a localização dos emigrantes portugueses nesta área urbana. Os primeiros imigrantes que chegavam, geralmente sem família, eram directamente hospedados pelos empregadores e viviam junto ao local de trabalho em habitações precárias improvisadas. Constatou também que, muitos portugueses se instalavam numa primeira fase, nos arredores da aglomeração lionesa onde substituíam a mão-de-obra local tanto na agricultura como na pequena indústria, permitindo desta forma lutar contra o êxodo rural que se intensificava nos anos 60 e 70 do século XX. Este meio semi-rural permitia-lhes beneficiar de melhores condições de habitabilidade em relação ao centro da cidade onde outras comunidades estrangeiras ocupavam os bairros mais degradados.

Poinard (1972) identificou a existência de dois grupos que alimentavam fluxos com direcção oposta na implantação dos portugueses nesta área urbana. O primeiro era constituído por portugueses que substituíam os antigos imigrantes nos bairros mais degradados da cidade e o segundo, sob a pressão demográfica e a remodelação urbana que afugenta os pobres, por portugueses que se instalaram nos bairros peri-urbanos bem como em freguesias rurais. No início da década de 70, contrariamente a outras grandes cidades industriais francesas, a autarquia implementou programas de realojamento das famílias que viviam em bairros de lata, conduzindo desta

⁵³ Este subcapítulo é inspirado e aprofunda o artigo do autor desta tese de 2009 intitulado: A comunidade portuguesa em França e na região de Lyon: uma evolução sociodemográfica, *Cadernos - Curso de doutoramento em Geografia*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

forma à sua extinção⁵⁴. No Vieux Lyon, hoje bairro histórico emblemático do ponto de vista arquitectónico, cultural e comercial da cidade, cuja área renasceu após décadas de abandono social e económico, os portugueses que chegaram tardiamente, apenas encontraram lugar por um curto período. Muitas famílias portuguesas que se tinham instalado em bairros mais degradados do centro da cidade como sucedeu na Part-Dieu ou junto da rua Moncey aí permaneceram por pouco tempo, uma vez que os projectos de remodelação urbana empreendidos durante a década de 70 para fins comerciais, administrativos e financeiros, realojaram essas populações em freguesias mais periféricas ou permitiriam ocupar habitações mais salubres desocupadas por outros imigrantes, tal como sucedeu com os italianos no bairro da Croix Rousse. Outros bairros mais nobres também foram procurados pelos imigrantes, sendo o caso do bairro dos Brotteaux e das áreas adjacentes ao Parc da Tête d'Or, solicitando apartamentos de porteiros, quartos em mansardas ou tornaram-se empregadas domésticas (Poinard, 1972).

O recenseamento geral da população de 1999, cujos resultados estatísticos ilustramos no mapa 4 e no quadro 16, continua a demonstrar uma dispersão heterogénea da comunidade portuguesa pela área urbana de Lyon. As desigualdades territoriais quanto ao dinamismo económico e industrial na cidade e sua periferia continuam a induzir uma distribuição semelhante à que foi observada por Poinard 40 anos antes. Nesta Comunidade Urbana os estrangeiros residem maioritariamente na periferia leste da cidade onde um em cada dez habitantes é estrangeiro, sendo um para quatro em Saint-Fons e Vaux-en-Velin e um para cinco em Vénissieux.

Quadro 16: Portugueses na Comunidade urbana de Lyon em 1999	Total	H	M
População portuguesa	13222	6591	6628
Aquisição da nacionalidade francesa	2412	1025	1327

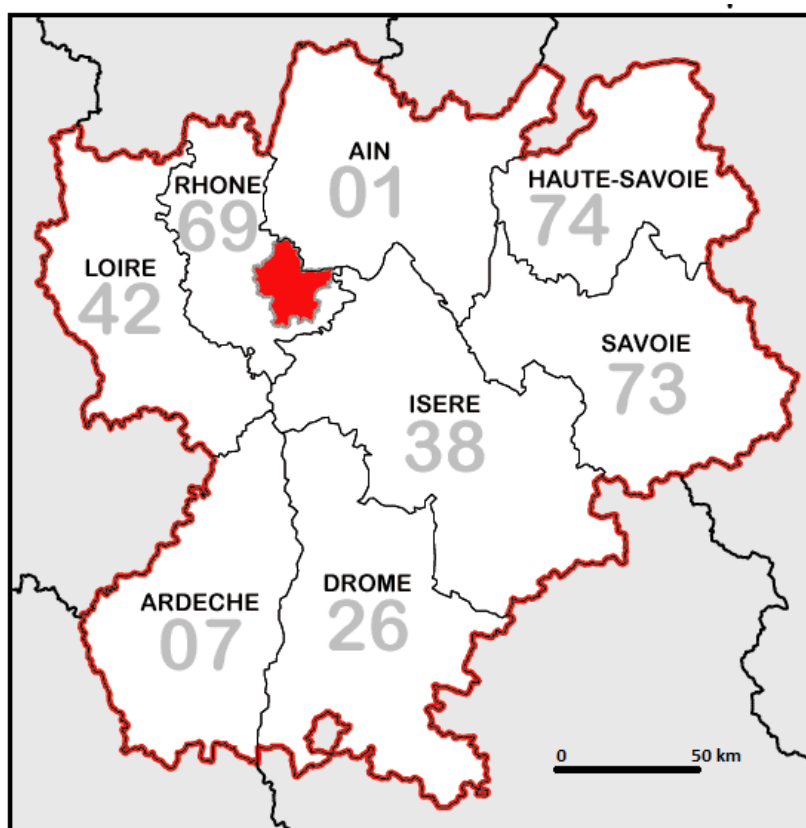
Fonte: INSEE, 2000

Não inclui dados (indisponíveis) para freguesias com menos de 5000 habitantes.

⁵⁴ Trata-se segundo Poinard da aglomeração restrita.

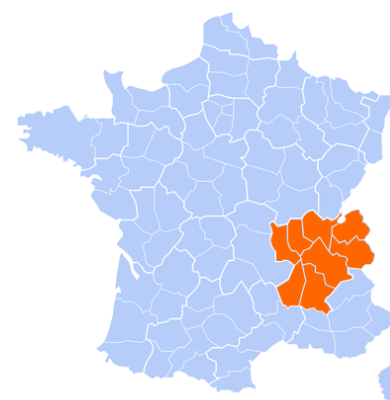
A distribuição dos portugueses pela área metropolitana destaca em primeiro plano a freguesia central da cidade de Lyon (4302), bem como a sua periferia urbano-industrial Sul: Givors (376), Feyzin (266); Sudeste: Vénissieux (663), Saint Fons (611); Saint Priest (708); Este: Villeurbanne (1270); Bron (266), Décines (469), Meyzieu (265); Vaux en Velin (836); nordeste: Rillieux la Pape (316) e Norte: Caluire et Cuire (409) e Neuville sur Saône (208). As freguesias localizadas a norte e a oeste registam fracas concentrações de imigrantes lusos porque geralmente são freguesias de menor desenvolvimento industrial, destacando-se, todavia, nesta área a freguesia de Saintes Foyes les Lyon (285).

Mapa 2 e 3: Comunidade Urbana de Lyon na região Rhône-Alpes e em França



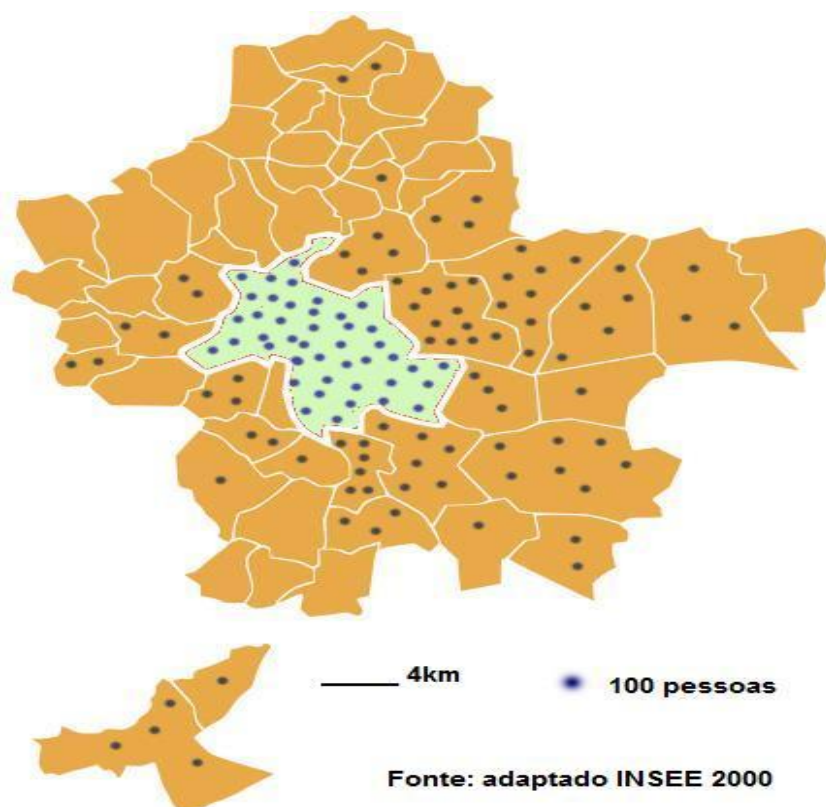
Fonte: Grand Lyon, Communauté urbaine

Mapa 2



Mapa 3

Mapa 4: Distribuição espacial da população portuguesa na Comunidade Urbana de Lyon em 1999



Em termos relativos observamos que nas freguesias menos povoadas os portugueses representam por vezes as percentagens mais elevadas como sucede em Craponne (22,4%), Neuville sur Saône (20,1%), Saint-Fons (15%), Fontaines sur Saône (13,9%), Saintes Foyes (13,5%) ou Grigny (12,9%) (quadro 17). Outro aspecto importante da análise prende-se com a forte mobilidade residencial e espacial evidenciada nos recenseamentos de 1975 e 1982 (quadro 18). Em 1975 apenas 2096 portugueses num total de 6012 mantinham a mesma habitação na freguesia de Lyon. Os 4564 imigrantes que se mantinham na mesma freguesia indiciam que 1448 eram novos habitantes nesta área. No mesmo ano à escala da aglomeração de Lyon, os números também apontam na mesma direcção sendo que apenas 8124 num total de 20972 mantinham o mesmo alojamento, que 14856 residiam na mesma freguesia, mantendo-se todavia na sua grande maioria no mesmo departamento do Rhône (18372). As estatísticas de 1982 para o departamento do Rhône continuam a reforçar a ideia de uma forte mobilidade residencial visto que 8466 imigrantes num total de 20214 mantinham o

mesmo alojamento e que 13990 a mesma freguesia apesar de se manterem maioritariamente no mesmo departamento (17306). Os resultados de 1990 a nível regional demonstram a mesma tendência anteriormente verificada uma vez que apenas 165120 estrangeiros em 445274 viviam no mesmo alojamento e pouco mais de 277000 na mesma freguesia e 333921 mantinham-se no mesmo departamento. Esta forte mobilidade residencial acompanha a integração económica e social do imigrante que percorreu um longo caminho desde a sua chegada a esta região. O acesso à propriedade individual e o aumento gradual do conforto habitacional substituíram as condições precárias de habitabilidade de outrora. O acesso à propriedade por parte dos imigrantes lusos nesta região é bastante importante. O inquérito de 2010 junto desta comunidade portuguesa permitiu constatar que cerca de 37% dos inquiridos são proprietários da sua habitação (questão 19 a – Anexo I). Todavia, na área de Lyon, os imigrantes portugueses continuam a ser muito numerosos nas freguesias mais populares, quer centrais ou periféricas, e praticamente ausentes em freguesias mais valorizadas da zona oeste que também testemunham uma ascensão socioeconómica tais como St Cyr au Mont d'Or, St Didier au Mont D'Or ou mesmo Dardilly.

Quadro 17: Freguesias com maior número de portugueses na área urbana de Lyon em 1999		
	Total	em % do total de estrangeiros
Lyon	4302	7
Villeurbanne	1270	5,6
Vaux en Velin	836	7,6
Saint Priest	708	8,8
Venissieux	663	5,1
Saint Fons	611	15
Decines	469	10,4
Givors	376	11,6
Rillieux la Pape	316	5,9
Saintes Foyes	285	13,5
Feyzin	266	18,9

Fonte: INSEE, 2000

Quadro 18: local de residência dos imigrantes portugueses					
1975	Total	mesma habitação	mesma freguesia	mesmo departamento	mesma região
Freg. Lyon	6012	2096	4564	5260	5400
Area urb. Lyon	20972	8124	14856	18372	18832
Depart. Rhône	22228	8616	15752	19484	19972
Rhône-Alpes 1982	62527	62527	25098	53818	55806
Freg. Lyon 1990 *	445 274	165 120	277 166	333 921	371 206

Fonte: INSEE, 2000

* Para todas as nacionalidades: dados não disponíveis por nacionalidade detalhada

A análise da estrutura etária (quadro 19) demonstra uma evolução típica de envelhecimento da população com uma dupla tendência: contracção do grupo etário mais jovem e expansão do grupo etário dos idosos. A proporção de jovens reduziu consideravelmente, sendo que os efectivos com menos de 15 anos passaram de 24,70% em 1975 para 10,50% em 1999. Neste mesmo período, o número de adultos, já elevado em 1975 (74%), reforçou-se ainda mais até 1999 (78,6%) sendo que o grupo dos idosos foi o que mais aumentou em termos de efectivos entre 1975 (1%) e 1999 (10,90%). A análise destes dados permite compreender que o fenómeno de envelhecimento da população deverá acentuar-se nos próximos anos, não se esperando provavelmente grandes alterações quanto à baixa natalidade registada. No entanto, o grupo dos adultos poderá pelo menos manter-se ou até mesmo crescer com o reforço dos fluxos migratórios registados recentemente para a região e deste modo atenuar os efeitos visíveis do aumento do envelhecimento na comunidade.

	Quadro 19: Portugueses por idade e por sexo na freguesia de Lyon em 1975 e 1999											
	1975						1999					
	M		F		Total		M		F		Total	
0 a 14 anos	772	24,40%	712	25	1484	24,70%	222	4,90%	226	10,80%	448	10,50%
15 a 24 anos	516	16,40%	468	16,40%	984	16,40%	195	20,00%	203	9,70%	398	9,30%
25 a 39 anos	1840	58,20%	1648	57,80%	3488	58,00%	728	43,70%	598	28,70%	1 326	31,10%
40 a 59 anos							802	23,50%	826	39,60%	1 628	38,20%
60 ou mais anos	32	1%	24	0,80%	56	0,90%	232	7,90%	231	11,10%	463	10,90%
Total	3160	100,00%	2852	100	6012	100	2 179	100,00%	2 084	100,00%	4 263	100,00%

Fonte: INSEE, 2000

Outro indicador sóciodemográfico a ter em conta na comunidade portuguesa consiste na análise da composição da família. Tendo por base o recenseamento de 1999, constatamos que as famílias portuguesas são maioritariamente constituídas por 2, 3 ou 4 pessoas o que as diferencia das famílias francesas e italianas maioritariamente constituídas por 1 ou 2

peças ou das famílias mais numerosas de Argelinos e Marroquinos que, apesar de também registarem metade dos agregados com uma ou duas peças, também são nestas que ainda se observa uma maior proporção de famílias com 6 e mais membros (quadro 20).

Quadro 20: Composição dos lares por nacionalidade na freguesia de Lyon em 1999												
	Portugueses		Franceses		Franceses /aquisição		Italianos		Argelinos		Marroquinos	
	nº lares	%	nº lares	%	nº lares	%	nº lares	%	nº lares	%	nº lares	%
1 pessoa	385	19,10%	91 688	48,70%	4 267	37,80%	509	38,60%	1 421	28,80%	298	31,00%
2 pessoas	568	28,10%	53 803	28,60%	3 125	27,70%	454	34,50%	927	18,80%	209	21,70%
3 pessoas	481	23,80%	21 047	11,20%	1 508	13,40%	178	13,50%	658	13,30%	131	13,60%
4 pessoas	428	21,20%	14 957	7,90%	1 287	11,40%	118	9,00%	600	12,20%	99	10,30%
5 pessoas	129	6,40%	5 216	2,80%	690	6,10%	45	3,40%	492	10,00%	78	8,10%
6 e mais pessoas	29	1,40%	1 611	0,90%	400	3,50%	13	1,00%	840	17,00%	146	15,20%
Total	2 020	100,00%	188 322	100,00%	11 277	100,00%	1 317	100,00%	4 938	100,00%	961	100,00%

Fonte: INSEE, 2000

Do ponto de vista económico, a chegada de muitos imigrantes, traduz-se num contributo substancial em mão-de-obra para os países acolhedores. Esse contributo permite aumentar directamente a população activa de uma forma espontânea, bem como compensar a médio prazo a diminuição da mão-de-obra provocada pela queda da natalidade autóctone verificada nos países mais industrializados da Europa Ocidental. O geógrafo Russell King (1994), ao referir-se aos trabalhadores imigrantes alude a um processo de substituição da mão-de-obra autóctone pela mão-de-obra imigrante. Na região de Lyon os dados estatísticos permitem suportar esta citação. Apesar da redução registada entre 1975 e 2007 do número de operários, os imigrantes portugueses, à semelhança de outras comunidades estrangeiras, continuam bastante presentes no sector secundário (26,8% em 2007) sendo que as percentagens são inferiores aos dados regionais e nacionais (32,7% e 28,6% respectivamente; quadros 21-22). Os últimos dados disponibilizados em 2010 pelo INSEE referentes ao ano de 2007 demonstram uma evolução no sentido de terciarização crescente da mão-de-obra lusa nas várias escalas de análise territorial. Como corolário da desindustrialização progressiva do tecido económico francês, o número de operários, apesar de ainda ser bastante considerável, continua a decrescer. Todavia, o aumento mais significativo surge nos efectivos dos reformados que resulta da chegada à idade da reforma da primeira geração de imigrantes. Em menos de uma década o número de reformados cresceu mais do dobro nas várias escalas de análise territorial (quadro 22).

Quadro 21: Portugueses por categoria socioprofissional em 1975 e 1999											
categ. socioprof.	1975				1999						
	Lyon (freguesia)		Dep. do Rhône		Lyon (freguesia)		Dep. Rhône	Região Rhône-Alpes		França	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	Total	%	Total	%
Agricultores	0	0,0%	4	0,0%	0	0,0%	8	78	0,2%	1 045	0,2%
Artesãos, comerciantes	40	0,7%	116	0,6%	140	3,4%	562	1 819	3,5%	20 850	3,8%
Técnicos, prof. Intel.	4	0,0%	24	0,1%	43	1,1%	119	329	0,6%	6 256	1,1%
Profissões inter.	72	1,4%	264	1,3%	225	5,5%	735	2 143	4,2%	25 877	4,7%
Empregados	920	15,3%	1948	9,3%	1 035	25,4%	2 967	7 430	14,5%	104 550	18,8%
Operários	2400	39,9%	8156	38,9%	1 287	31,6%	5 959	20 879	40,7%	200 868	36,2%
Reformados	52	0,9%	224	1,1%	239	5,9%	1 102	3 770	7,3%	42 562	7,7%
Outros inactivos	2524	42,0%	10236	48,8%	1 102	27,1%	4 561	14 887	29,0%	153 375	27,6%
Taxa de actividade	57%		50,1%		67%		64,6	63,7		64,7	
Total	6012	100%	20972	100%	4 071	100%	16 013	51 335	100%	555 383	100%

Fonte: INSEE

Quadro 22: Portugueses por categoria socioprofissional em 2007								
	Lyon (freguesia)		Depart. do Rhône		Região Rhône-Alpes		França	
categ. socioprof.	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Agricultores	9	0,3	28	0,2	83	0,2	1007	0,2
Artesãos, comerciantes	90	2,9	672	5,0	2060	4,5	22367	4,6
Técnicos, prof. Intel.	71	2,3	227	1,7	772	1,7	11780	2,4
Profissões inter.	199	6,4	846	6,3	2639	5,7	31210	6,3
Empregados	791	25,5	2440	18,1	6805	14,7	89170	18,1
Operários	832	26,8	3809	28,2	15135	32,7	140365	28,6
Reformados	415	13,4	2279	16,9	7770	16,8	81180	16,5
Outros inactivos	698	22,5	3184	23,6	11023	23,8	114455	23,3
Taxa de actividade	64%		60%		59%		60%	
Total	3103	100%	13486	100%	46288	100,0%	491533	100,0%

Fonte: INSEE, 2010

Geralmente a periferia próxima ou mais distante, com níveis elevados de industrialização, regista percentagens de operários muito superiores ao núcleo urbano central: Neuville sur Saône (50,5%), Décines (50%), Saint Fons (45,1%) e Feyzin (43,4%) incluem-se na lista de pelo menos dez freguesias referenciadas com valores superiores a 40% de operários (quadro 23).

Na comunidade portuguesa os filhos de imigrantes têm realizado preferencialmente estudos de curta duração vocacionados para uma entrada mais rápida no mercado de trabalho e explica, em grande parte, a fraca percentagem de activos nas profissões mais qualificadas (1,1% dos técnicos e profissões intelectuais em 1999) bem como uma taxa de actividade elevada em 1999 (67% em Lyon). Nos últimos anos, a crescente qualificação dos jovens luso-descendentes, bem como a retracção do sector secundário e consequente aumento do sector dos serviços na cidade de Lyon, tem reforçado a presença de imigrantes no sector terciário. Entre 1975 e 2007 a percentagem de portugueses como empregados passou de 15% para 25%.

Os resultados são susceptíveis de divergir em função da escala de análise territorial. Com efeito, a percentagem de activos nesta categoria socioprofissional é menor à escala regional (14,50%) e nacional (18,80%). O processo de terciarização da mão-de-obra imigrante na cidade de Lyon é semelhante ao de outros centros urbanos. Algumas freguesias, nomeadamente da zona oeste que, apesar de não registarem os maiores contingentes de portugueses, evidenciam, no entanto, uma crescente terciarização. Nestas últimas, a percentagem de empregados é mesmo superior à constatada em Lyon: Tassin (36,4%), Ecully (26,5%), Dardilly (25%) e St Cyr (40%) embora com efectivos muito reduzidos (quadro 23).

Quadro 23: portugueses na área urbana de Lyon por categoria socioprofissional em 1999									
	Saint Fons	Feyzin	venissieux	Decines	Neuville	Ecully	Tassin	Dardilly	St Cyr
categ. socioprof.	%								
Agricultores	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Artesãos, comerciantes	1,2%	1,2%	0,7%	2,5%	3,7%	4,1%	2,3%	25,0%	0,0%
Técnicos, prof. Intel.	0,0%	0,0%	0,7%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Profissões inter.	3,1%	6,0%	6,6%	1,6%	2,1%	2,0%	4,5%	0,0%	20,0%
Empregados	11,1%	8,4%	15,8%	6,6%	8,4%	26,5%	36,4%	25,0%	40,0%
Operários	45,1%	43,4%	42,8%	50,0%	50,5%	34,7%	22,7%	8,3%	40,0%
Reformados	6,8%	9,6%	10,5%	8,2%	4,7%	8,2%	6,8%	0,0%	0,0%
Outros inactivos	32,7%	31,3%	23,0%	29,5%	30,5%	24,5%	27,3%	41,7%	0,0%
Taxa de actividade	60,5%	59,1%	66,5%	62,3%	64,8%	67,3%	65,9%	58,3%	100,0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: INSEE, 2000

Os portugueses de França continuam a formar uma das maiores comunidades estrangeiras no país. Em 2005, a distribuição da comunidade pelo território francês evidencia grande heterogeneidade regional, sendo que a região Ile-de-France concentra 43% do total dos efectivos e distancia consideravelmente a região Rhône-Alpes com 9,5%. A evolução demográfica dos últimos anos aponta para um envelhecimento progressivo da população em resultado de uma quebra da natalidade bem como do aumento progressivo do grupo dos idosos e da progressiva aquisição da nacionalidade francesa dos imigrantes e dos seus descendentes. Esta evolução demográfica também se acompanha por uma redução de elementos nos agregados familiares. A família típica imigrante lusa é maioritariamente compreendida entre as duas e as quatro pessoas.

O aumento significativo dos registos consulares nos últimos anos confirma a tendência de chegada de novos emigrantes portugueses em todo o território francês e contribui, deste modo, para aliviar o processo de

envelhecimento demográfico da comunidade, uma vez que muitos dos emigrantes continuam a ser predominantemente jovens. Como consequência da evolução da sociedade portuguesa nas últimas décadas, muitos portugueses que chegam a este país têm níveis escolares e qualificações profissionais substancialmente mais elevadas do que os seus predecessores.

A região Rhône-Alpes e a área urbana de Lyon são exemplos desta dinâmica migratória que manifesta grandes disparidades sociodemográficas nesta comunidade. A freguesia central da cidade de Lyon bem como as freguesias periféricas que se estendem para este e para sul tendem a concentrar a maior parte da população. Estas últimas, mais dinâmicas economicamente e com uma tradição industrial ainda bastante presente, integram uma parte muito significativa da população activa no sector secundário. A integração socioeconómica, associada a uma melhor qualificação profissional dos luso-descendentes, tem reforçado a mão-de-obra no sector terciário, apesar de se observarem resultados substancialmente diferentes entre áreas mais centrais e outras mais periféricas. Constatamos também que uma maior integração socioeconómica dos imigrantes lusos desencadeia um processo de maior mobilidade residencial, uma vez que os portugueses tendem a adquirir progressivamente habitação própria.

2.4 As actividades étnicas como símbolos da portugalidade

Entendemos por actividades étnicas todo o tipo de actividades económicas, sociais e culturais que se referem a uma comunidade implantada fora do território original. Para este trabalho optamos por analisar as actividades socioculturais ligadas ao dinamismo associativo bem como as actividades económicas com forte influência cultural, como a restauração e a venda de produtos alimentares étnicos.

2.4.1 O dinamismo associativo português em França⁵⁵

La population portugaise de France connaît une vie associative et culturelle intense au point de faire presque figure de société parallèle au sein de la société française. (Cordeiro, 1999:110)

O extraordinário desenvolvimento do fenómeno associativo português em França reflecte para Poinard (1985:26) a vitalidade da comunidade bem como a capacidade de se organizar na imigração. Poinard considera também importante abordar a questão associativa em termos de rede social, uma vez que este conceito permite ter em conta a especificidade das dinâmicas sociais a partir de solidariedades identitárias. Após a sua fase de instalação e a familiarização com o espaço francês e um adiamento constante do regresso ao país natal, os portugueses podem abertamente assumir a sua identidade e reencontrar os seus compatriotas aos fins-de-semana e nos dias de festas. A história do movimento associativo português em França confunde-se com a própria evolução da emigração portuguesa nos anos 60 e 70 do século XX neste país.

É a partir dos finais dos anos 60 que os portugueses vão construindo uma vasta rede de movimento associativo. Em 2001 Marie-Christine Tavares,

⁵⁵ Este subcapítulo é inspirado e aprofunda uma parte da dissertação de Mestrado do autor desta tese de 2001: A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes numa perspectiva geográfica, económica e sociocultural, Universidade Aberta, Porto.

historiadora e especialista da imigração portuguesa em França, efectuou a seguinte síntese sobre os primórdios deste fenómeno: em meados dos anos 60, algumas associações portuguesas viram o dia. Eram pouco numerosas e muitas vezes informais devido às restrições em vigor da lei de 1939 sobre o direito de associação dos estrangeiros. As associações estavam essencialmente ligadas a grupos políticos, a grupos religiosos e a grupos de oposição ao regime. Paralelamente, e muitas vezes de modo informal, começam a desenvolver-se lentamente as primeiras associações desportivas e os primeiros cafés de convívio bem como alguns grupos com vocação cultural em actividades teatrais (religiosas ou militantes). Em 1971 contavam-se uma vintena de associações, e este número crescera rapidamente porque os portugueses tomaram consciência que o regresso ao país iria demorar e que, pelo menos durante alguns anos, os filhos cresceriam em França. Trata-se do início do fenómeno associativo tal como o conhecemos hoje: familiar, de convivência, ritmado pelas festas, pelo reencontro com a cultura da aldeia, pela vontade de transmitir aos filhos as tradições às quais se encontravam ancorados (daí a importância dos grupos folclóricos) bem como pela organização de aulas de língua portuguesa. O fim da ditadura em Portugal bem como a extinção das últimas restrições sobre as associações estrangeiras em França, no início dos anos 80, permitiu consolidar o movimento associativo.

Desde então, o movimento associativo português neste país não deixou de se expandir para atingir o número de 460 associações nos princípios dos anos 80 e cerca de 700 nos finais da década de 90 (Cordeiro, 1999). Em 2011 os dados disponibilizados pela Coordenação das Colectividades Portuguesas de França assinalam a existência de cerca de 883 associações portuguesas neste país. Este número é expressivo visto que reflecte um aumento da rede associativa relativamente ao final da década de 90⁵⁶.

Nos primórdios dos movimentos associativos, as associações eram sobretudo dirigidas por homens com mais de 40 anos de idade que tinham

⁵⁶ Um levantamento efectuado desde 2007 junto das Missões Diplomáticas e Postos Consulares pela Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas (DGACCP) estima em cerca de 2700 o número de associações portuguesas no mundo, sendo os países com um maior número de associações a França (1026); os E.UA (343); a Alemanha (281); o Brasil (254); o Canadá (216); a Suíça (162); o Luxemburgo (83); a África do Sul (81) e a Austrália (61).

chegado há pouco tempo de Portugal e que estavam essencialmente preocupados em continuar a preservar em França os traços da cultura portuguesa, bem como de criar ligações que se substituem àquelas que a emigração tinha rompido. As associações dão aos portugueses a possibilidade de se encontrar em grupo, onde se partilha uma mesma língua, um mesmo fundo cultural e, por vezes, momentos de vida comunitária (Cravo, 1995).

Os jovens recém-chegados de Portugal frequentavam as associações, os elementos masculinos eram convidados a participar nas equipas de futebol e os filhos destes (que são os jovens de hoje) começaram a participar na vida associativa até então bastante masculina, tomando então uma dimensão mais familiar com a influência dos grupos folclóricos. A partir de meados dos anos 70 e princípios dos anos 80, as direcções destas associações passam a ser assumidas por adultos mais jovens entre os 30 e os 40 anos que tinham chegado a França nos princípios da idade adulta e que se encontravam também em situação de maior escolarização do que os seus antecessores. Quando se referem à associação, os pais evitam parcialmente alguns desentendimentos com os filhos e permitem-lhes também afastá-los um pouco da atracção exercida sobre eles pela sociedade de consumo. A associação funciona, desta forma, como uma espécie de barreira às normas sociais do país de acolhimento; o movimento associativo é um dos instrumentos que os pais criaram para poder influir sobre os processos de aculturação dos jovens, e como as associações pretendem atrair os jovens para a sua frequência (sem os quais a sua existência teria pouco sentido), estas foram obrigadas a encontrar no seu seio estratégias que permitam conciliar os projectos dos adultos e as escolhas dos jovens (Cravo, 1995).

Assistimos assim a uma maior diversificação das actividades das associações com a introdução de viagens organizadas, festivais de dança e de música, aulas de dança moderna, aulas de teatro, entre outras.

Esta configuração de primeira e segunda geração de dirigentes associativos, que se prolongou ao longo dos anos 80, conduziu ao aparecimento de uma nova onda de associações criadas por e para jovens (De la Barre, 1995).

Num passado recente, podia falar-se de movimento associativo português, pressentindo uma certa unidade mais ou menos reivindicada

segundo os casos. Ora assistimos hoje a uma multiplicação das dimensões do fenómeno associativo. Este não se desenvolve apenas na base de um reagrupamento cultural (as associações portuguesas em geral), mas também em volta de uma classe etária no sentido lato (os jovens) ou de uma posição social (os estudantes universitários que geralmente pertencem aos núcleos de aprendizagem da língua portuguesa nas universidades francesas). Ao longo destas três últimas décadas, o fenómeno associativo português em França ao tomar estas diferentes formas, resultantes das necessidades das novas gerações emergentes, permitiu-lhe assegurar a relativa continuação da sua existência. A chegada mais recente de imigrantes portugueses a França também tem revigorado o fenómeno associativo já que os mesmos são frequentadores assíduos do meio associativo (questão 24 c – anexo I).

2.4.2 O dinamismo associativo português na área consular de Lyon⁵⁷

O geógrafo François Guichard (1988) demonstrou a partir do exemplo da comunidade lusa instalada na região Aquitaine que a concentração de comunidades portuguesas, sob a forma de alojamento colectivo em núcleos periféricos e relativamente homogêneos, favorece a vida associativa e as coerências socioculturais no seio da comunidade.

A área Consular de Lyon constitui uma das mais dinâmicas de França no domínio associativo e atingiu o seu auge nos anos 80 do século XX, mais precisamente em 1986, com cerca de 220 organizações não governamentais registadas no Consulado português. Estes números reflectem bem a capacidade de organização da comunidade portuguesa residente nesta região, bem como a organização de actividades, por vezes de âmbito individualista, mas de qualidade cultural e desportiva na sua maioria (Ferreira, 1999).

O envelhecimento cada vez mais acentuado da comunidade portuguesa em França, o regresso ao país de dirigentes associativos e sobretudo a falta de interesse por parte das segundas e terceiras gerações, levaram a uma quebra na continuidade das actividades das associações. Em resultado de tais factores, esta área consular conta com um número aproximado de 98 associações culturais em 2000.

Por outro lado, o encerramento de algumas associações em zonas onde se sentiu a grande crise industrial, marcada pelo desaparecimento da siderurgia e da exploração mineira, como acontece nas cidades do Creuzot, Autun e Mâcon, conduziu ao êxodo maciço da comunidade portuguesa para outras áreas mais dinâmicas economicamente.

Poder-se-á dizer que este decréscimo não é uma exclusividade das áreas periféricas menos dinâmicas economicamente, a crise do fenómeno associativo toca também os centros urbanos mais dinâmicos. O exemplo da cidade de Lyon (concelho) é ilustrativo, uma vez que, nos últimos anos do século XX, passou de 10 para 6 associações, entre as quais apenas duas se

⁵⁷ Este subcapítulo é inspirado e aprofunda uma parte da dissertação de Mestrado do autor de 2001: A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes numa perspectiva geográfica, económica e sociocultural, Universidade Aberta, Porto.

dedicavam ao ensino da língua e cultura portuguesas (escolas privadas). Desde então apenas uma escola privada facultava estudos em língua portuguesa.

Na última década, a partir das informações fornecidas pelo representante das associações portuguesas nesta região, o número de associações continuou a decrescer na cidade de Lyon (concelho). De facto, o dinamismo associativo português na região Rhône-Alpes continua a localizar-se fundamentalmente na periferia das cidades. Em Lyon destacam-se as localidades periféricas de St. Priest, St. Genis Laval, Brignais e Neuville Sur Saône. Em áreas mais distantes destacam-se a cidade de Gueugnon, St Etienne e Echirolles.

Em termos de actividades, as associações estão maioritariamente ligadas ao desporto, organizando torneios de futebol com clubes franceses ou então jogos com clubes de Portugal. Algumas associações como a Associação Desportiva e Cultural dos Jovens de Saint Priest conseguem atrair jovens e formam equipas que actuam em campeonatos locais. Os seus dirigentes ostentam orgulhosamente em sede da associação os troféus ganhos bem como símbolos da cultura portuguesa futebolística, entre outras.



Foto 1: associação portuguesa de St Priest
(periferia sudeste de Lyon)



Foto 2: associação portuguesa de St Fons
(periferia sul de Lyon)

Em 2000, no âmbito da dissertação de mestrado, realizámos uma entrevista à pessoa que, nessa altura, era responsável pelas relações entre o consulado e as associações portuguesas de Lyon para aferirmos a evolução do fenómeno associativo português na região.

O então responsável consular referira que algumas associações que detinham um número importante de equipas de futebol como a de Mâcon (chegando mesmo a ter 7 equipas com 160 jogadores deixaram de exercer este desporto, não só por falta de praticantes, como devido a problemas de integração das equipas portuguesas noutras equipas francesas que, na maioria dos casos, resultavam de pressões exercidas pelas autoridades francesas desta localidade. Outra actividade significativa prende-se com o folclore que é expresso através da realização de festivais populares, como os de Gueugnon, St Etienne e Lyon e de outras manifestações culturais, nomeadamente as semanas culturais da Associação Cultural de Gueugnon, os festejos do mês de Portugal da Associação Cultural Portuguesa de St Etienne, entre outras.

Nessa entrevista este ex-responsável resumiu-nos a evolução do fenómeno associativo na região: *Os portugueses da primeira geração vieram com a ideia de ganhar uns tostões para colocar em Portugal. A segunda geração, os descendentes da geração dos primeiros emigrantes, não gostavam do movimento associativo, visto ter sido ele, muitas vezes, um ponto de discórdia e de desunião dentro dos lares portugueses. A associação era um local onde os pais iam beber uns copos e jogar um chinquinho, e tal como acontecia na aldeia, voltavam bêbados para casa, e inevitavelmente, eram as mulheres e os filhos que pagavam. Desta maneira, o mal recaía sobre a associação e os filhos dessa primeira geração repudiaram totalmente o movimento associativo. Havia desta forma uma quebra entre a primeira geração dos anos 60 e os filhos desses emigrantes, e a geração que veio a seguir, deu-se então uma segunda geração, a que chamo de segunda geração de emigrantes. Não são aqueles que nasceram dos primeiros emigrantes, esses foram uma continuidade dessa primeira geração, a segunda geração que já são os netos dessa primeira geração, são esses que viu na associação Lusomundo. A maior parte deles já são provenientes de uma emigração mais moderna, mais tecnocrata, mais ciente daquilo que querem fazer, porque a primeira geração não estava ciente daquilo que vinha fazer.*

A primeira geração vinha porque tinha necessidade de dinheiro e porque as condições em Portugal não eram as melhores. Saíam do país, na maior parte das vezes, com a ilusão de vir buscar o dinheiro, tanto dinheiro como aquele que regressava à terra com o seu casaco de couro e com a sua mobilette na altura dos floretes. Regressavam com os floretes e as suas bocas de sapo, e era esse eldorado que fazia as pessoas sair do país. Umas por necessidade económica, outras porque queriam aventurar-se fora do país.

O português é um bocado invejoso, é um misto de desconfiado e de invejoso, portanto veio buscar aquilo a que achava ter direito, tal como os outros tiveram.

O jovem que viu na associação Lusomundo já é essa geração que procura, até pela sua própria formação intelectual, saber que raio de país é esse que deu novos mundos ao mundo, mas que deixou sair aquilo que tinha de melhor, que é a sua riqueza humana, portanto a sua mão-de-obra. São esses jovens que vão à procura das raízes. Na maior parte das actividades que eles têm desenvolvido, procuram saber e divulgar o que se passa em Portugal, através de exposições, colóquios, conferências, que fazem na universidade. Aderem a tudo, têm uma adesão total a tudo o que está relacionado com Portugal e a sua cultura.

Para este ex-responsável, um dos principais problemas com que as associações portuguesas se debatiam era precisamente o problema do auto financiamento, uma vez que na sua generalidade, as mesmas recorrem ao sistema do bar, com venda de bebidas para financiar as suas actividades culturais e desportivas. Acrescentara ainda que são justamente as associações que não dispõem de bar que funcionam melhor do ponto de vista cultural. As restantes ficam muitas vezes associadas ao alcoolismo e aos problemas que daí possam surgir em termos de relacionamento entre os portugueses. O inquérito realizado em 2000 junto da comunidade lusa demonstrou que para uma maioria dos portugueses muitas das associações serviam apenas para a cultura do copo e da cerveja, minimizando assim o verdadeiro aspecto cultural. Porém, a grande maioria das respostas a esse questionário confirmava que as associações serviam para perpetuar a tradição cultural portuguesa, daí serem muito importantes. A maioria dos entrevistados confirmava o papel importante das associações como local de divertimento para jogar umas cartas, mas

também para uns bailaricos em que actuavam regularmente cantores populares vindos de Portugal. Os indivíduos que manifestaram outras opiniões referiram que as pessoas que frequentam estas associações são cada vez mais idosas ou então fazem referência ao seu aspecto pouco cultural, classificando estas associações apenas como locais de encontro para beber uns copos.

Embora as associações sejam maioritariamente frequentadas por adultos ou por pessoas mais idosas, não podemos de modo algum generalizar, uma vez que aquando da realização do inquérito junto da comunidade lusa de Lyon em Dezembro de 2010, foi possível constatar que muitas associações perpetuam uma tradição cultural relacionada com actividades musicais e folclóricas que recorrem e necessitam de muitos jovens para desenvolverem estas actividades.

Volvidos dez anos sobre o anterior trabalho de investigação no meio associativo português na área de Lyon, realizámos em Novembro de 2010 uma entrevista com o presidente das associações portuguesas da região Rhône-Alpes para melhor compreendermos e caracterizar a dinâmica associativa passada e a actual, de que passamos a transcrever os excertos que nos pareceram mais pertinentes para este trabalho.

O fenómeno associativo estava em fase de desenvolvimento por volta de 1990, quando surgiu a ideia de criar uma organização que reagrupasse as associações portuguesas na região de Lyon. Desde 1991 que assumi a presidência das associações portuguesas em Rhône-Alpes. Antes de 1981, as associações não podiam ter dirigentes portugueses.

Na década de 90, as vinte associações na área de Lyon tinham muitas actividades. Uma delas consistia em proporcionar espectáculos de cantores vindos de Portugal (por vezes actuavam três artistas num mesmo fim-de-semana em associações diferentes), o que era constrangedor, já que se criava uma certa competitividade desnecessária entre as associações num contexto de desorganização na planificação e apresentação das mesmas actividades. Nos tempos actuais actua um artista por mês já que, do ponto de vista financeiro, não compensa a sua contratação. No início da década de 90 surgiu então a ideia de se criar uma organização (federação) no sentido de organizar e melhorar as actividades das associações. Infelizmente até hoje nunca se

chegou a concretizar os objectivos iniciais a que nos tínhamos proposto. Com o passar dos anos, as pessoas também se fartaram de assistir a espectáculos de cantores e de pagar para os ver actuar. Para tal desinteresse contribuíram ao longo dos anos as actuações gratuitas nas festas das vilas e das aldeias durante o Verão bem como a crise económica, já que mais gente tem sido afectada pela crise provocada pelo desemprego. Entretanto desenvolveram-se mais actividades de convívio no seio das associações. Os jovens também começaram a desinteressar-se, já que as associações não deram a abertura suficiente para a realização de outras actividades mais em consonância com os seus gostos. Actualmente, as associações debatem-se com o problema inerente ao envelhecimento dos seus dirigentes que são maioritariamente adultos na ordem dos 50 anos. Também se constata que em certos casos existem muitas associações na mesma zona (zangam-se, rivalidades) quando na realidade poderiam reagrupar-se de modo a concentrar os esforços para melhor servir os sócios. As associações não têm qualquer apoio do governo português (excepto apoio moral, há muitas capelinhas e por vezes pouca componente cultural nas actividades desenvolvidas) mas dispõem de um certo apoio por parte das autarquias locais (salas, apoio financeiro, disponibilizam estádios). Os dirigentes mais antigos continuam a dar prioridade à cultura do copo e das cartas. Existe todavia um outro tipo de dirigentes mais activos que visam objectivos políticos (os portugueses em França apenas com nacionalidade portuguesa não podem ser vereadores nem presidentes de câmara mas podem ser conselheiros municipais).

Na área do grande Lyon registam-se ainda aproximadamente 14 grupos folclóricos que, segundo o presidente das associações, debatem-se com problemas de recrutamento de pessoal mais jovem. Na área de Lyon (raio de 30 km) registam-se cerca de 40 associações e na área consular cerca de 100. As pessoas adultas maioritariamente masculinas são as que mais frequentam as associações. No período diurno muitas mulheres também marcam presença uma vez que se organizam actividades de convívio com almoços ou jantares sobretudo ao fim-de-semana e nas ocasiões festivas especiais. A maioria das associações dispõe de um local próprio permanente (cerca de metade das mesmas é disponibilizado pelas câmaras e a outra metade depende de fundos

próprios). Uma parte das mesmas só dispõe de um espaço aos fins-de-semana quando o mesmo é cedido pelas câmaras locais.

Futuramente, muitas associações irão desaparecer devido à diferença cultural entre as sucessivas gerações. O número de jovens que frequentam o meio associativo é baixo. Existe resistência por parte dos dirigentes associativos e sócios em certas ocasiões, já que as actividades a partir de uma certa hora da noite são mais orientadas para os mais novos (estilos musicais diferentes). Naturalmente, ao longo dos anos, os jovens irão impor um misto crescente de cultura portuguesa e francesa.

(C. Lima, Presidente das Associações Portuguesas na região Rhône-Alpes)

A partir desta entrevista constatamos que o movimento associativo se encontra, em vários aspectos, num processo de mudança.

Em 2010 na área de Lyon, o dinamismo associativo, apesar de ter sofrido a redução que se anunciava dez anos antes, sobretudo com a perda de dinamismo em zonas mais centrais da cidade, parece ter estabilizado uma vez que o número de cem associações registadas no âmbito desta área consular corresponde aproximadamente ao mesmo efectivo que referimos na investigação realizada em 2000.

A *cultura do copo e das cartas* e particularmente as actividades desportivas, musicais, folclóricas e gastronómicas, entre outras nos espaços associativos, são o espelho e o reflexo da portugalidade resultante de um conjunto de manifestações e de acções que estão omnipresentes na cultura popular lusa. Os espaços associativos são muitas vezes pouco atractivos ao nível exterior (tratando-se frequentemente de espaços vetustos devido em parte às limitações do auto-financiamento e pelo facto de serem disponibilizados gratuitamente pelas autarquias), tornando-se no entanto mais acolhedores no seu interior sobejamente decorado com elementos simbólicos inconfundíveis da cultura portuguesa como as bandeiras da pátria, cachecóis e símbolos das diversas equipas do campeonato nacional de futebol (existe sempre uma televisão que transmita os jogos do campeonato nacional português), publicidade a marcas de bebidas lusas, a empresas portuguesas como instituições bancárias, panfletos publicitários de todo o género alusivos

ao turismo, ao vinho e à gastronomia, entre outros objectos alusivos ao patriotismo.

As associações constituem porém um oásis de comunicação entre os portugueses na comunidade e formam uma poderosa rede social de contactos. Desempenham também um papel fundamental na integração dos recém-chegados que através das mesmas reencontram um pouco da cultura e da saudade deixada no país de partida. Ao funcionarem como uma forte rede social para troca de informações, estas facilitam o processo de integração profissional dos portugueses recém-chegados. É notório a frequência destes espaços por parte dos portugueses que chegaram mais recentemente à região, o que permite de novo alimentar estes espaços com elementos mais jovens.

Esta realidade pode porém levar a uma excessiva assimilação do fenómeno associativo que, por sua vez, pode contribuir para a *guetização* do indivíduo em relação à sociedade de acolhimento e assim travar uma integração cultural no seio da mesma.

Relativamente ao fenómeno associativo, um outro aspecto importante a ter em conta é a reduzida feminização do corpo dirigente associativo. As mulheres têm vindo a ocupar cargos como dirigentes associativos, embora de modo muito tímido. Num universo de 25 associações na área de Lyon, identificámos apenas 3 mulheres como dirigentes. Todavia, as mesmas desenvolvem um elevado sentido de organização e de empenho. Tal facto foi possível constatar-lo em duas associações que visitámos nos arredores da cidade e as mesmas não têm tarefa fácil, já que precisam de se afirmar num meio ainda predominantemente masculino.



Foto 3: corpo dirigente feminino na associação portuguesa de Neuville sur Saône (periferia norte de Lyon).

Outro ponto interessante relaciona-se com a estreita ligação que existe entre o fenómeno associativo e o poder local. Neste sentido, alguns dirigentes associativos são particularmente seduzidos pelo poder local em caça de votos. A sedução e a angariação do voto no meio luso para as eleições autárquicas podem ser determinantes, entre outras possíveis ajudas das câmaras, como a cedência gratuita de um espaço associativo.

Consideramos igualmente pertinente salientar um outro aspecto que diz respeito à crescente mobilidade geográfica em que vivemos e que contribui também para um maior afastamento das pessoas em relação ao fenómeno associativo. Tal facto é particularmente notável em relação a novas práticas socioculturais que justificam os movimentos circulatorios entre a França e Portugal. Esta mobilidade acrescida permite matar a saudade muito mais rapidamente por períodos mais curtos e mais repetidos. Como veremos mais adiante, novas práticas socioculturais como, por exemplo, assistir a um “dérbi” de futebol de equipas lusas directamente no estádio em Portugal ou então deslocar-se para certas ocasiões festivas já faz parte do quotidiano de alguns imigrantes.

2.4.3 As actividades económicas étnicas e o empreendedorismo luso⁵⁸

O trabalho e a actividade económica constituem uma dimensão essencial nas sociedades em diáspora. As migrações, a mobilidade inerente a este fenómeno e o facto de ter vivido em locais diferentes, contactando com povos eles mesmos muito diferentes, predispõem para as trocas e o comércio.

(Bruneau, 2004:19)

As migrações de trabalho induzidas pelo apelo de mão-de-obra para economias mais desenvolvidas na Europa ocidental estão na base daquilo que alguns investigadores apelidam de migrações proletárias (Armstrong, 1976).

Mas estes trabalhadores, logo que tenham a possibilidade, acumulam um pequeno capital e criam a sua empresa. Posteriormente, a diáspora proletária ou pioneira torna-se também mercantil e intelectual quando se integra socioeconomicamente e culturalmente no país de implantação (Bruneau, 2004:123).

Na Europa, por exemplo, quase todas as principais cidades têm grandes concentrações de imigrantes. Alguns bairros tornam-se centros de concentração de imigrantes, que marcam o território com os seus negócios, as suas associações, os seus equipamentos sociais e os seus locais de culto. Estes bairros constituem-se como plataforma para a formação de comunidades étnicas e favorecem a perpetuação de tradições culturais e linguísticas (Castles 2005:29).

A diáspora portuguesa no mundo e em França ao enquadrar-se neste tipo de migrações proletárias do tipo definitivo também ela se tornou dinâmica em termos de empreendedorismo à medida que se integrou na sociedade de acolhimento.

Numa primeira fase de implantação, tratou-se sobretudo de emigrantes provenientes maioritariamente do meio rural que ocuparam o fundo da escala

⁵⁸ Este subcapítulo é inspirado e aprofunda a comunicação apresentada pelo autor desta tese no XII Colóquio Ibérico de Geografia intitulada *Empreendedorismo e mobilidade da comunidade lusa na região Rhône-Alpes: dinâmicas locais e internacionais* - 6 a 9 de Outubro 2010, Porto: Faculdade de Letras (Universidade do Porto).

social em termos de profissões e de rendimentos. Os primo-emigrantes ou emigrantes da primeira geração constituíram então uma massa indiferenciada de operários que teve imensas dificuldades em integrar-se nas sociedades de acolhimento. A segunda geração de emigrantes, baseada numa maior integração sociocultural e económica, melhorou substancialmente o seu estatuto social e económico, tornando-se também mais empreendedora. Numa primeira análise, se compararmos com a comunidade chinesa radicada em França, não podemos afirmar que os empreendedores portugueses possam constituir um conjunto económico coerente na região, uma vez que não parecem constituir relações tão fortes entre os diferentes actores económicos: patrões, trabalhadores e clientes. Quando observada e investigada à escala local, apercebemo-nos que temos de relativizar esta afirmação. Para ilustrar tais factos baseámo-nos em 3 pontos. O primeiro ponto concerne as relações entre os patrões e os trabalhadores. Se atendermos às empresas ditas étnicas (uma vez que se orientam em grande parte para a clientela de origem portuguesa) que contactámos tais como restaurantes, cafés, bancos, mercearias, agências de seguro e de viagens entre outras, facilmente constatámos que empregam na sua maioria trabalhadores de origem portuguesa. No domínio da construção civil, as pequenas e médias empresas recorrem também a trabalhadores maioritariamente nacionais e constituem reservatórios de emprego para os nacionais em caso de crise económica (Ramos, 1999).

Se atendermos ao tipo de clientela deste tipo de empresas, exceptuando-se o sector da construção civil e obras públicas onde a clientela étnica é minoritária, todas elas, quando assumem a sua etnicidade, se orientam para uma clientela maioritariamente étnica. O elo mais fraco observado nesta rede de relações consiste na relação dentro do próprio patronato. Apesar de se constatar que os contactos entre empresários se efectuem mais de boca em boca nomeadamente em locais como cafés e restaurantes, verifica-se que só recentemente em Novembro de 2006 foi constituído por iniciativa do ex-cônsul de Portugal em Lyon um clube de negócios que tem reunido portugueses luso-descendentes, empresários e quadros de empresas que, segundo informações consulares, incluiria cerca de uma centena de membros em 2010.

As redes de profissionais portugueses em França têm-se desenvolvido ao longo dos últimos anos, uma vez que o aprofundamento das redes sociais leva a que se constitua uma determinada clientela para os trabalhadores por conta própria: artesãos na construção civil, proprietários de comércios diversos (cafés, restaurantes, agências de viagens, mercearias, agências de seguros, escolas de condução entre outros) aos quais acrescentamos todas as sucursais de instituições financeiras portuguesas que se implantam em maior número nas grandes cidades onde as comunidades de imigrantes são mais numerosas.

Na região de Lyon apesar de existir uma pequena concentração local de comércio classificado como étnico, fundamentalmente em torno do Consulado de Portugal na região, não estamos em presença de um bairro tipicamente português à semelhança do que sucede nos EUA (New Jersey) ou no Canadá (Toronto), mas sim de embriões limitados e dispersos territorialmente pela cidade e arredores (Diogo, 2001). É de referir que não existe concretamente nas comunidades lusas dispersas pelo continente europeu o mesmo poder de concentração espacial verificado na América do Norte.

A propósito dos emigrantes portugueses residentes no Canadá, Pierre George (1976:138) referiu o seguinte: *em 1970, Toronto registava aproximadamente 70000 portugueses. A comunidade judaica, a mais velha comunidade estrangeira local que ocupou em primeiro uma parte do centro da cidade na zona do actual edifício da câmara municipal e da cidade chinesa, transferiu-se depois para Kensington market. Ela emigrou depois nos anos 1930 seguindo um processo de promoção económica e social para um bairro mais confortável, Forest Hill Village, abandonando assim o antigo bairro da sinagoga a volta de kensington Market aos mediterrânicos e em particular aos portugueses. Estes reocuparam o antigo bairro judaico. Em cada caso, lojas, letreiros, posters, lembram a tonalidade dominante do povo do bairro. O ambiente é o mesmo que nos países de origem e não deixa de surpreender em terras americanas.*

O geógrafo Carlos Teixeira (2009)⁵⁹ refere que no Canadá, após o reagrupamento familiar do fim dos anos 1950, as comunidades portuguesas

⁵⁹ Entrevista concedida ao Observatório da Emigração em 02/10/2009.

começam a estruturar-se no princípio dos anos 1960, e em meados da década já há comércio, agências de viagens, mercearias; emerge o núcleo de igrejas que difunde a sua mensagem em língua portuguesa; surgem os primeiros clubes e associações, e assim se dá início a uma comunidade. Formaram comunidades portuguesas muito bem organizadas onde todos os dias se ouve português, recrearam Portugal através dos Little Portugal, puseram de pé muitas igrejas e clubes/associações, comércios dos mais variados, jornais, estações de rádio. Se chegar a Little Portugal em Toronto ou em Montreal não se vai sentir diferenças.

Se atendermos à perspectiva deste geógrafo, a génese da comunidade portuguesa no Canadá só aconteceu quando na prática se desenvolveu um conjunto de iniciativas que perpetuam as tradições culturais do país de origem.

Num contexto de imigração os cafés, os restaurantes e outros espaços comerciais étnicos revestem-se de uma grande importância, e, nesse segmento, a investigação desenvolvida em sectores ligados à alimentação torna-se um espaço fértil de práticas sociais e de representações. Para os geógrafos não existem campos de análise mais fascinantes do que aqueles onde coexistem a comida e a bebida; a alimentação reflecte as estruturas da sociedade. Alimentamo-nos para viver, mas as razões pelas quais os homens dão tanta importância àquilo que comem e lhes consagram uma parte importante do seu tempo, da sua energia e dos seus rendimentos, não derivam todas da psicologia. Comer e beber são prazeres que gostamos de partilhar e fazer partilhar e a convivialidade tem um papel determinante na vida social. A psicologia do gosto repousa sobre as aptidões naturais de cada um, mas os hábitos alimentares contraídos durante a infância ou progressivamente adquiridos conduzem a privilegiar certos sabores (Claval, 1995).

A restauração étnica nunca esteve tão activa, basta para tal observar os inúmeros restaurantes das mais diversas nacionalidades dispersos pelas cidades do mundo inteiro.

Longe parecem os tempos em que os cafés étnicos nomeadamente “portugueses” se pareciam mais com tascas e eram apenas frequentados por membros essencialmente masculinos da comunidade. O café representava a principal escapatória aos alojamentos exíguos, era o salão do pobre, onde vinha quotidianamente e se sentia como em casa e constituía, para os homens,

a extensão da esfera doméstica. Tal situação foi apresentada num estudo sobre as práticas sociais de rua num bairro cosmopolita na região de Paris (Simon, 1997).

O comércio étnico na cidade de Lyon é constituído maioritariamente por um conjunto de cafés, restaurantes, mercearias, uma agência de viagem, uma agência de seguros e uma agência imobiliária. As empresas do domínio da restauração beneficiam de uma maior dispersão geográfica.

O comércio de produtos alimentares portugueses é dominado por dois grossistas/retalhistas que desenvolveram uma rede de supermercados e armazéns no território francês.

Um desses empresários que nos foi possível entrevistar dirige uma empresa que emprega cerca de cinquenta trabalhadores, constituída por uma rede de armazéns, supermercados e mercearias de produtos portugueses na região e no país: O senhor Machado tem 45 anos, nasceu em Guimarães e veio em 1969 com os seus pais para França. Estudou até ao nível do BAC (décimo segundo ano de escolaridade francês) e começou por trabalhar por conta própria na área do comércio logo depois da obtenção do BAC (diploma de conclusão dos estudos secundários). Com 21 anos de idade foi residir para a cidade de Lyon, tendo iniciado a venda de pão em sistema de porta a porta em localidades mais rurais onde não havia distribuição de pão nem padarias. Na praça Bellecour (centro de Lyon), administrou um café concessionado durante 15 anos. Em paralelo, vendia bacalhau em porta a porta por um sistema de encomendas que teve bastante sucesso, uma vez que distribuía na região Rhône-Alpes, especialmente em áreas onde não havia locais de vendas deste produto. Abriu a sua primeira mercearia no bairro de Perrache. Durante esse período, o bacalhau continuou a ser um dos produtos mais vendidos (30% das vendas), tendo depois alargado a oferta ao ramo das bebidas e estendido a venda dos seus produtos para associações e cafés até aos nossos dias. Comprou há 8 anos a empresa que dirige actualmente, numa altura em que considerava ter um volume de negócios superior em 50% ao da empresa que adquirira inicialmente, o que lhe permitiu ficar como distribuidor da Unicer e das caves Aliança. A empresa adquirida tinha sido fundada 20 anos atrás por três sócios e, segundo o mesmo, encontrava-se numa situação financeira deficitária.

As mercearias portuguesas da região começaram também a comprar a este distribuidor. Aumentou a área dos armazéns, abrindo uma sucursal em Ringis e estendendo, deste modo, a área de negócios à região parisiense (como grossista).

Em Lyon tem duas lojas de venda: uma no bairro central de Perrache e outra na periferia este em St Priest (300m²), tendo aberto em Novembro de 2009 uma outra loja em Marselha (300 m²) e prepara se de abrir uma loja de 1000 m² em Paris para o final de 2010.

Em termos de volumes de vendas, aproximadamente 30% dos produtos são provenientes da Unicer, o que demonstra a importância do sector das bebidas. Pensa que este ano o seu volume de negócios rondará os 20 milhões de euros, distanciando-se do seu concorrente directo que deverá facturar cerca de 14 milhões de euros.

Os grandes distribuidores entram em concorrência directa com os pequenos merceiros, o que leva ao enfraquecimento e à extinção destes últimos. Como prova desta realidade, existe, na zona do Consulado de Portugal, uma pequena mercearia que faz parte de um dos primeiros grupos de distribuição de produtos portugueses implantado em França com sede na região parisiense e que está a conseguir subsistir, ao contrário das restantes lojas deste grupo distribuidor que têm vindo a desaparecer nas várias regiões de França, dando sinal da perda de dinâmica do mesmo grupo. O empregado responsável pela loja tem 55 anos de idade e há 20 anos que ali trabalha e encara o futuro da loja com algum pessimismo.

Inicialmente, a loja foi aberta como sendo uma livraria (jornais, livros, revistas e cassetes), mas como o negócio não compensava, alargou-se o leque de produtos ao integrar o grupo de distribuição actual. Segundo o funcionário da loja, a actividade dos pequenos merceiros está decadente uma vez que os grandes distribuidores também vendem ao retalho. A concorrência agrava-se com a venda dos produtos portugueses na grande distribuição francesa. Considera também desleal a venda de produtos alimentares portugueses pelas próprias associações portuguesas.

A clientela é composta maioritariamente por portugueses que compram desde o bacalhau aos enchidos e, em menor quantidade, os vinhos porque saem caros. Para além destes compradores, uma minoria de franceses compra

essencialmente vinho do Porto e algum bacalhau. Há 15 anos atrás vendiam-se em média 120 jornais desportivos (de domingo e segunda) e actualmente vendem-se em média 20. No que respeita a Diários informativos, são vendidos em média cinco a sete por semana. Este decréscimo significativo de venda de jornais deve-se muito provavelmente ao desenvolvimento da internet e ao acesso simplificado a todo o tipo de informação que este meio tecnológico proporciona.

A perda de dinamismo desta loja pareceu-nos estar directamente relacionada com a falta de investimento que o grupo deixou de realizar na mesma quando observámos expositores pouco atraentes bem como uma gama de produtos pouco diversificada. A loja pareceu-nos ter parado no tempo em termos de funcionamento, alguns produtos subsistem como símbolos de cultura (discos antigos de vinil, livros, cassetes, livros de romances e romances de lá que em tempos passados eram bastante solicitados pelas senhoras para fazerem vestuário para os filhos ocupando assim o pouco tempo livre do fim-de-semana). Todavia, alguns destes símbolos ainda se vendem já que, segundo o vendedor, numa semana antes da passagem pela loja ainda se venderam duas dezenas de cassetes de música portuguesa a pessoas com idade mais avançada.

Nos antípodas deste negócio em perda de alguma dinâmica comercial encontramos um concorrente directo no canto da mesma rua. Trata-se de uma loja de venda a retalho de um dos dois grossistas de produtos alimentares portugueses da região. A loja revela uma melhor disposição e apresentação dos produtos e uma oferta muito maior do que a loja anterior. Alguns produtos são mesmo específicos tais como as bebidas energéticas com a bandeira portuguesa que foram comercializadas para a ocasião do mundial de futebol de 2010. A empregada, com 40 anos de idade, disse-nos que vende um pouco de tudo e que alguns dos seus clientes (4 em cada 10) são franceses. Este tipo de clientes compra essencialmente vinho do Porto e vinho verde, conservas de atum e sardinhas, azeite, pastéis de nata e bolinhos de bacalhau. Na sua maioria, este tipo de clientela já esteve em Portugal ou então tem conhecimento dos produtos portugueses através das suas empregadas de casa que são de origem portuguesa.



Foto 4: mercearia lusa (zona central de Lyon)

Foto 5: mercearia lusa (zona central de Lyon)

A única agência de seguros étnica portuguesa também se encontra na mesma zona. Segundo um dos funcionários, 90% da clientela é étnica e tem notado um crescimento sustentável do número de clientes ao longo dos anos, sendo que o ramo forte do negócio consiste no sector da habitação. O mesmo responsável tem constatado uma maior preocupação com o ramo da saúde por parte dos portugueses, o que se explica em parte por este tipo de seguros ser cada vez menos pago pelos empregadores aos seus trabalhadores.

As empresas ditas étnicas na diáspora constituem apenas uma pequena parte do real empreendedorismo da comunidade lusa na região, sendo que muitas empresas que têm aparecido nas últimas duas décadas não se limitam prioritariamente a este tipo de clientela. Ao consultarmos a página on-line e o respectivo anuário da Câmara de Comércio e da Indústria da região de Lyon, conseguimos referenciar inúmeras empresas que são dirigidas por portugueses ou descendentes. Não foi porém possível obter as informações pretendidas neste domínio junto deste organismo, uma vez que não disponibiliza dados sobre a nacionalidade dos gerentes das empresas na região e sabendo também que o consulado de Portugal em Lyon ainda não obteve os mesmos dados junto da mesma instituição, optámos por investigar por meios próprios recorrendo à utilização dos apelidos portugueses mais comuns. Com recurso a este método conseguimos referenciar aproximadamente 62 apelidos no mês de Julho de 2010.

Este método de utilização dos apelidos para efectuar a pesquisa sobre os empresários registados, apesar de não ser exaustivo, tem todavia a

vantagem de incluir os portugueses descendentes ou eventuais pessoas que tenham adquirido o apelido do cônjuge. Em lado algum é feita qualquer referência à nacionalidade. A investigação dos dados permitiu obter informação sobre o ramo de actividade, a localidade de implantação, o sexo do empresário, o número de trabalhadores, a data de registo da empresa bem como o volume de negócios. Os itens com menos informação disponibilizada é referente ao número de trabalhadores, embora neste caso a taxa de informação seja de 63% (360 resultados), o mesmo ocorreu com o volume de negócios em que a informação disponibilizada supera os 54% (308 resultados). O número total de empresas que foi possível apurar com nomes portugueses é de 571 distribuídas pelos nove bairros da cidade de Lyon (175) e pelas freguesias circundantes da área urbana (396) que dependem desta Câmara de Comércio e da Indústria (quadro 24). Os empresários são maioritariamente do sexo masculino e as mulheres estão particularmente mais representadas no sector comercial, na restauração e nos serviços em geral, como veremos mais adiante.

Quadro 24: Empresários por área geográfica e sexo na área urbana de Lyon em 2010			
Área	Registos	Sexo Masculino	Sexo feminino
Lyon	175	480 (84%)	90 (16%)
Arredores	396		
Total	571		

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio.

A análise dos dados também nos permite distribuir e caracterizar as empresas do ponto de vista sectorial. Verificamos a importância do sector da construção civil, uma vez que o mesmo regista cerca de 40% da totalidade dos empresários referenciados. Apesar dos efectivos nesta actividade do sector secundário serem bastante expressivos, e, uma vez que o sector industrial é pouco representativo (1,9%), constatamos que a maioria dos empresários trabalha no sector terciário com principal destaque para as actividades ligadas aos serviços (27,5%) ao comércio (19,8%) e à restauração (10,2%) (quadro 25).

Quadro 25: Empresários por sector de actividade na área urbana de Lyon		
Actividade	Efectivos	%
Construção Civil	232	40,6%
Serviços em geral	157	27,5%
Comércio geral	113	19,8%
Restauração	58	10,2%
Indústria	11	1,9%
Total	571	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

De um modo geral trata-se de empresas que empregam um pequeno número de trabalhadores sendo elas maioritariamente micro ou pequenas empresas com menos de 10 trabalhadores (90,1%). Temos apenas registado 31 empresas com mais de 10 trabalhadores sendo que 5 têm entre 40 a 49 trabalhadores e uma única com mais de 50 (quadro 26).

Quadro 26: Empresas por número de trabalhadores na área urbana de Lyon		
Número de trabalhadores	Nº de empresas	%
1 a 2	176	49,7%
3 a 5	99	28,0%
6 a 9	44	12,4%
10 a 14	13	3,7%
15 a 19	4	1,1%
20 a 29	7	2,0%
30 a 39	1	0,3%
40 a 49	5	1,4%
50 a 74	1	0,3%
Total	354	100%

Nota: para 217 empresas (38%), não existe informação disponível sobre o número de trabalhadores

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

A data de registo das empresas na Câmara de Comércio e da Indústria de Lyon é um indicador da data de criação da empresa para efeitos legais e administrativos, os resultados obtidos são bastante reveladores, demonstrando por um lado, o tardio desenvolvimento de actividades por conta própria dentro da comunidade lusa nesta região, mas também a dinâmica empresarial verificada na primeira década deste milénio, uma vez que 85% das empresas foram registadas até Agosto de 2010 (quadro 27). Se atendermos a uma análise cronológica mais pormenorizada dos últimos 10 anos, constatamos que a dinâmica foi galopante nos últimos 5 anos (70% das empresas foram

registadas desde 2006). A crise económica que tem abalado as economias ocidentais e a França desde 2008 não interrompeu esta dinâmica, parecendo mesmo intensificá-la, uma vez que 43,8% do total das empresas registadas ocorreram desde essa data (quadro 28).

Quadro 27: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon		
Ano de registo	Nº de empresas	%
1950 - 1959	1	0,2%
1960 - 1969	0	0,0%
1970 - 1979	2	0,4%
1980- 1989	14	2,5%
1990 - 1999	65	11,5%
2000 – 2010*	483	85,5%
Total	565	100%

* Nota: dados observados até Agosto de 2010

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Quadro 28: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon		
Ano de registo	Nº de empresas	%
2000	16	3,3%
2001	16	3,3%
2002	18	3,7%
2003	27	5,6%
2004	28	5,8%
2005	39	8,1%
2006	53	11,0%
2007	74	15,3%
2008	87	18,0%
2009	76	15,7%
2010*	49	10,1%
Total	483	100%

* Nota: dados registados até Agosto de 2010

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Os dados também permitem distribuir as empresas em função do seu volume de negócios. Facilmente constatamos que apenas 5,5% das empresas registam um volume de negócios inferior a 50 000 euros anuais. A grande maioria das empresas (66,9%) tem um volume de negócios que se situa entre os 50 000 e os 500 000 euros, visto tratar-se maioritariamente de micro e pequenas empresas. Realça-se, todavia, que 14% das empresas realizam um volume de negócios entre 500 000 e 1 milhão de euros e 10,7 % das mesmas

realizam um volume entre 1 milhão e 5 milhões de euros. As grandes empresas são raras e por isso os grandes volumes de negócios apenas satisfazem uma pequena minoria (quadro 29). O volume de negócios das empresas dirigidas por elementos da comunidade lusa, para as quais apurámos dados objectivos (55%), poderá cifrar-se nos 288 milhões de Euros.

O sector da construção civil assume particular destaque: cerca de 50 empresas são dirigidas por portugueses na cidade de Lyon (nos 9 bairros administrativos que constituem a cidade) às quais acrescem 185 empresas do mesmo sector em 69 freguesias circundantes, sendo que 9 das mesmas concentram cerca de 47% do total destes empresários (com principal destaque para as freguesias contíguas a este de Lyon como Villeurbanne; Vaux en Velin; Decines Charpieu e Pusignan; a sudeste como St Priest; Venissieux e St Fons e mais a norte Caluire et Cuire; Rillieux la Pape e Neuville Sur Saône. Os restantes 53% de empresários distribuem-se por 61 freguesias, sendo que cada uma delas regista menos de 4 efectivos (quadros 30 e 31).

Quadro 29: Empresas por volume de negócios na área urbana de Lyon em 2010		
Volume de negócios em euros	Nº de empresas	%
<50 000	17	5,5%
50 000 - 100 000	44	14,3%
100 000 - 200 000	62	20,1%
200 000 - 500 000	100	32,5%
500 000 - 1 000 000	43	14,0%
1 000 000 - 2 000 000	18	5,8%
2 000 000 - 5 000 000	15	4,9%
5 000 000 - 10 000 000	2	0,6%
10 000 000 - 20 000 000	5	1,6%
> 20 000 000	2	0,6%
Total*	308	100%

* Não disponível para 263 empresas (46%)

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio.

Quadro 30: Empresários na construção civil por bairro (Lyon) em 2010		
Área	Nº de empresários	%
Lyon 09	16	32%
Lyon 08	10	20%
Lyon 07	7	14%
Lyon 06	5	10%
Lyon 05	5	10%
Lyon 03	5	10%
Lyon 04	1	2%
Lyon 02	1	2%
Lyon 01*	0	0%
Total Lyon	50	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio.

Quadro 31: Empresários na construção civil por área geográfica (freguesias circundantes de Lyon) em 2010		
Área	Nº de empresários	%
Villeurbanne	18	10%
Vaux en Vvelin	13	7%
Decines Charpieu	13	7%
St Priest	9	5%
Caluire et Cuire	7	4%
Rillieux	7	4%
Venissieux	6	3%
Neuville sur Saone	5	3%
Pusignan	5	3%
St Fons	4	2%
Outras freguesias*	98	53%
Total freguesias arredores de Lyon	185	100%

* Neste grupo incluímos todas as freguesias que registam um efectivo de empresários inferior a 4.

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio.

O sector da construção civil não só evidencia diversidade e heterogeneidade em termos de especialização de trabalhos como também em termos de efectivos de trabalhadores e de volume de negócios. Deste modo, temos empresas em número maioritário que se dedicam à construção de um modo geral, fazendo todo o tipo de trabalhos (82), outras dedicam-se à renovação de fachadas, à empreitada de estuques ou à pintura (47), há ainda as que se dedicam à carpintaria (19) com especialidade na colocação de telhados, do domínio da colocação de azulejos e solos (11) e outras do domínio da electricidade (12) e da pichelaria (10) (quadro 32).

Quadro 32: Especialização por sectores na construção civil em 2010		
Especialidade	Nº de empresas	%
Construção geral	82	35%
Estuques / pintura	47	20%
Carpintaria	19	8%
Azulejaria, solos	11	5%
Electricidade	12	5%
Pichelaria	10	4%
Outros*	50	22%
Total	231	100%

*outros: climatização; serralharia; revestimentos; renovação fachadas; calafetagem, terraplanagens etc.

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Tratando-se de um sector eminentemente masculino, apenas 6,5 % das empresas estão registadas por elementos do sexo feminino (quadro 33).

Quadro 33: Empresários por sexo no sector da Construção Civil na área de Lyon em 2010				
Sexo	Masculino	%	Feminino	%
Nº de registos	216	93,5	15	6,5

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

As sucessivas convulsões e reconversões do tecido industrial francês após os choques petrolíferos dos anos 70 do século XX levou muitos trabalhadores a requalificarem-se noutros sectores de actividade. O sector da construção civil também sofre as suas flutuações, e, em caso de crise, o desemprego neste sector não significa para os Portugueses o encerramento da actividade e pode mesmo constituir um estímulo para a criação de pequenas empresas de artesãos que raramente ultrapassam os 5 trabalhadores. As micro ou pequenas empresas são bastantes flexíveis do ponto de vista de funcionamento devido ao seu cariz familiar, mas também porque os trabalhadores por conta própria investem pouco os seus benefícios na sua empresa, funcionam com estruturas de gestão pouco complexas e operam, por vezes, com trabalhadores de forma ilegal, originando desta forma toda uma economia paralela que contribui para o aumento do emprego (Ramos, 1990).

Se atendermos aos resultados da análise para a área de Lyon, a criação de empresas neste ramo foi particularmente expressiva na primeira década deste milénio e ainda mais nos últimos 5 anos não obstante a crise económica global que afectou em grande parte as economias ocidentais desde 2008. Concluimos que 87,9% das empresas foram registadas na primeira década

deste século e que, destas últimas, cerca de 76,9% (ou 67% do total das 231 empresas) o foram nos últimos 5 anos (quadros 34 e 35).

Quadro 34: Empresas na construção civil por data de registo na área urbana de Lyon		
Ano de registo	Nº de empresas	%
1980- 1989	4	1,7%
1990 – 1999	19	8,2%
2000 – 2010	203	87,9%
Sem data	5	2,2%
Total	231	100%

* Dados registados até Agosto 2010

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Quadro 35: Empresas na construção civil por data de registo na área urbana de Lyon		
Ano de registo	Nº de empresas	%
2000	3	1,5%
2001	5	2,5%
2002	8	3,9%
2003	11	5,4%
2004	12	5,9%
2005	8	3,9%
2006	20	9,9%
2007	34	16,7%
2008	44	21,7%
2009	39	19,2%
2010*	19	9,4%
Total	203	100%

* Dados registados até Agosto 2010

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Estes números também se explicam em grande medida pela forte expansão deste sector em França na última década. Entre 2003 e 2007 o forte crescimento do mercado imobiliário residencial em França deveu-se à suavização das condições financeiras e a novas incitações fiscais, outro factor foi a especulação de alguns investimentos imobiliários. O decréscimo do mercado imobiliário residencial desde 2007 reflecte, antes de mais, um recuo da procura num contexto de endurecimento das condições de financiamento e dos preços julgados muito elevados face à evolução dos rendimentos e das rendas. Este decréscimo tem sido, no entanto, menos pronunciado do que nos Estados Unidos ou em Espanha devido às especificidades francesas: fraco endividamento das famílias, ausência de mercado hipotecário do tipo subprime

e dos mecanismos de apoio ao sector imobiliário centrados na oferta e na procura (Bouveret et al. 2010).

O quadro 36 mostra-nos que 51,5% das empresas têm menos de 6 trabalhadores e 61,35% contam com menos de 10. Estes dados confirmam a tipologia do tecido empresarial dominante constituída por micro e pequenas empresas. Segundo os cálculos que pudemos apurar, e tendo em conta o efectivo mais elevado para cada classe, estes empresários poderiam empregar cerca de 895 trabalhadores. Provavelmente que estes números estarão longe de reflectir a realidade, uma vez que os dados da Câmara de Comércio e da indústria podem carecer de actualização por um lado e que este sector, por outro lado, emprega provavelmente um número de trabalhadores em regime informal que não constam nos registos.

Quadro 36: Empresas na construção civil por número de trabalhadores na área urbana de Lyon		
Número de trabalhadores	Nº de empresas	%
1 a 2	75	32,5%
3 a 5	44	19,0%
6 a 9	25	10,8%
10 a 14	5	2,2%
15 a 19	2	0,9%
20 a 29	4	1,7%
30 a 39	1	0,4%
40 a 49	2	0,9%
Sem dados	73	31,6%
Total	231	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Do ponto de vista do volume de negócios, tratando-se maioritariamente de pequenas empresas, constatamos que o mesmo se situa na sua maioria entre 50 000 e 500 000 euros (67,1% das empresas). Mesmo que o número de empresas nos extremos inferiores e superiores da tabela sejam pouco expressivos, é de registar que 25 empresas facturam valores acima de um milhão de euros (quadro 37) e que o volume total no sector da construção civil poderá ultrapassar os 107 milhões de euros.

Se é mais fácil compreendermos que existe uma proporcionalidade entre a dimensão das empresas e o respectivo volume de negócios, não parece

todavia existir uma relação idêntica entre o volume de negócios e a especialização dentro do ramo, o que significa que os volumes de negócios mais baixos tanto existem no domínio da construção em geral, como na carpintaria, na pintura ou noutras especializações. O mesmo parece suceder com as empresas que registam valores mais elevados.

Quadro 37: Empresas da construção civil por volume de negócios na área urbana de Lyon em 2010		
Volume de negócios em euros	Nº de empresas	%
<50 000	2	1,3%
50 000 - 100 000	17	11,4%
100 000 - 200 000	31	20,8%
200 000 - 500 000	52	34,9%
500 000 - 1 000 000	22	14,8%
1 000 000 - 2 000 000	13	8,7%
2 000 000 - 5 000 000	10	6,7%
5 000 000 - 10 000 000	0	0,0%
10 000 000 - 20 000 000	2	1,3%
Total	149	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Apesar do sector da construção civil se destacar claramente nos meios empresariais, a verdade é que as empresas do sector dos serviços, como já referimos anteriormente, são dominantes em termos de efectivos, sendo que se destacam claramente algumas actividades como a restauração (58 empresas registadas) a reparação, venda e inspecção de automóveis (29 empresas registadas), os cabeleireiros (28 empresas); a limpeza industrial e geral (13 empresas); as agências e a promoção imobiliária (16 empresas) o comércio de produtos alimentares (17 empresas); a panificação (11 empresas) comércio de vestuário (9 empresas). Realçamos que a evolução e ascensão socioprofissional e educativa da comunidade portuguesa bem como a provável chegada de imigrantes mais qualificados a esta região permite vislumbrar uma crescente diversificação em termos de actividades empresariais, entre as quais podemos referir a área da informática: venda, reparação e aconselhamento (15 empresas); o sector financeiro, de gestão e de aconselhamento a empresas (14 empresas) (quadro 38). Podemos referir que a diversificação de actividades

abrange também algumas empresas como agências de trabalho temporário, agências de seguro e viagens, relojoaria e joalheria, uma farmácia e uma estação de serviço e comércios de todo o tipo, desde o simples vendedor de feira ao comerciante de rolhas de cortiça, passando pelo antiquário ou pelo empresário taxista entre muitos outros exemplos.

Quadro 38: Empresas por sector de actividade na área urbana de Lyon		
Actividade	Efectivos	%
Restauração	58	18,9%
Ramo automóvel	29	9,4%
Beleza (cabeleireiro)	28	9,1%
Comercio alimentar	17	5,5%
Agências e Promoção imobiliária	17	5,5%
Informática	15	4,9%
Serviços financeiros, aconselhamento a empresas	14	4,6%
Limpeza	13	4,2%
Panificação (padaria)	11	3,6%
Comércio vestuário	9	2,9%
Transportes	7	2,3%
Diversos serviços e comércio	88	28,7%
Total	306	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Comparativamente à situação observada anteriormente em relação ao sector da construção civil, também nestes sectores de actividade se constata que a grande maioria das empresas foram registadas na última década e ainda mais a partir de 2005 (quadros 39 e 40).

Quadro 39: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon		
Ano de registo	Número de empresas	%
1950 – 1959	1	0,3%
1960 – 1969	0	0,0%
1970 – 1979	2	0,6%
1980- 1989	10	3,1%
1990 – 1999	44	13,5%
2000 – 2010	269	82,5%
Total	326	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio

Os resultados obtidos também apontam para uma predominância de empresas registadas por elementos do sexo masculino (77% do total) e poucos são os sectores onde existe um maior equilíbrio entre os dois sexos se exceptuarmos o sector da beleza (cabeleireiros) que é o único onde o sexo feminino predomina (64%) existindo também um maior equilíbrio no sector da restauração em relação ao sexo masculino (42% das empresas estão registadas em nomes de mulheres - quadro 41).

Quadro 40: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon		
Ano de registo	Número de empresas	%
2000	12	4,5%
2001	10	3,7%
2002	10	3,7%
2003	16	5,9%
2004	15	5,6%
2005	28	10,4%
2006	32	11,9%
2007	40	14,9%
2008	42	15,6%
2009	34	12,6%
2010	30	11,2%
Total	269	100%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio.

Quadro 41: Empresas por sector de actividade e sexo na área urbana de Lyon				
Actividade	Homens	%	Mulheres	%
Restauração	38	57,7%	28	42,3%
Ramo automóvel	28	96,5%	1	3,5%
Beleza (cabeleireiro)	10	35,7%	18	64,3%
Comércio alimentar	17	81,0%	4	19,0%
Promoção imobiliária	16	94,1%	1	5,9%
Informática	14	93,3%	1	6,7%
Gestão, finanças, conselho empresas	14	70,0%	6	30,0%
Limpeza	10	76,9%	3	23,1%
Panificação (padaria)	10	100,0%	0	0,0%
Comércio vestuário	6	66,7%	3	33,3%
Transportes	6	85,7%	1	14,3%

Fonte: Chambre de commerce et d'industrie de Lyon, tratamento próprio.

Como podemos constatar, o sector da construção civil dirigido por empresários da comunidade apresenta um carácter dinâmico em termos económicos e sociais e é de composição relativamente recente.

Com base nos dados da Câmara de Comércio e da Indústria de Lyon o estudo permitiu compreender que o empreendedorismo luso é particularmente dinâmico nesta região, e as actividades étnicas, apesar de serem relevantes no domínio do comércio alimentar e da restauração e de representarem actualmente uma pequena parte das empresas dirigidas por lusos e luso-descendentes, não deixam de constituir marcos culturais da presença lusa na região. Foi nos possível constatar que existe uma forte representação empresarial no sector secundário e terciário, tratando-se maioritariamente de micro ou pequenas empresas que empregam um pequeno número de trabalhadores. O sector terciário integra a maioria das empresas, o que comprova uma certa reorientação da comunidade portuguesa para sectores de actividade mais valorizados em termos profissionais, económicos e sociais. O estudo demonstrou que o empreendedorismo se encontra bastante masculinizado sendo que os empresários do sexo masculino predominam em termos de registos em quase todos os sectores de actividade. O mesmo demonstra que 85% das empresas foram registadas nos últimos dez anos e que 70% o fora nos últimos cinco, reflectindo uma dinâmica empresarial relativamente recente da comunidade radicada na região apesar da crise económica dos últimos anos. O volume de negócios das empresas, embora que parcialmente analisado, reflecte o potencial económico das mesmas e da comunidade em geral. O sector da construção civil é particularmente pujante, já que representa em si 40% das empresas registadas nesta câmara de comércio e de indústria. As redes comunitárias enraizadas também incentivam e apoiam a construção de habitação própria dentro da comunidade lusa, e o desenvolvimento de práticas de aquisição de bens diversos provenientes de Portugal para a construção e o apetrechamento da habitação no país de acolhimento inscrevem-se numa lógica de práticas transnacionais. Esta dinâmica ainda pouco estudada em termos de fluxos de bens entre os dois países será particularmente abordada nos próximos subcapítulos bem como no segundo capítulo.

2.5 A dinâmica habitacional como afirmação socioterritorial e cultural

Os estudos sobre a temática da habitação no âmbito das comunidades migrantes também são objecto de análises transdisciplinares na confluência da História, da Sociologia, da Antropologia, da Arquitectura e da Geografia.

Após a Segunda Guerra Mundial, a França sofreu uma crise sem precedência em termos de falta de alojamentos que se deveu principalmente a dois factores: o primeiro tem a ver com a explosão demográfica relacionada com o aumento da natalidade que caracteriza a geração babyboom; o segundo factor integra os processos migratórios relacionados com a independência das colónias que conduziram ao repatriamento dos colonos e, por outro lado, à crescente chegada de imigrantes provenientes principalmente da bacia do mediterrâneo. Perante esta crise de alojamento, muitos imigrantes apropriaram-se ilegalmente de espaços a partir dos quais fizeram crescer os bairros de lata.

A historiadora Marie Christine Tavares (2001) apresenta a questão da implantação dos portugueses nos bairros de lata parisiense, advogando que a destruição dos bairros de lata, que começou laboriosamente a partir da passagem da lei Debré, em 1964, só se concretizou depois de 1966 com a Lei Nungesser. Muitos habitantes, e particularmente os portugueses, opuseram-se veementemente, por motivos diversos e complexos, ao realojamento autoritário organizado pela administração. Esta absorção durara até meados dos anos 70 e conhecera um incremento importante depois de Maio de 68.

Ainda no âmbito da implantação do imigrante, o geógrafo Michel Drain (1968:96-97) refere que a habitação dos trabalhadores portugueses e espanhóis é frequentemente relacionada com o seu trabalho. Os trabalhadores da construção civil vivem preferencialmente em barracas temporárias que acompanham os locais das obras. Os portugueses que vivem em família, e cujo nível de vida é substancialmente inferior aos dos espanhóis, vivem então nos bairros de lata (cerca de 15000) como sucede em Champigny (região parisiense).

O historiador Yvan Gastaut (2004) retrata também num artigo a exclusão e a marginalidade nos bairros de lata durante os Trinta Gloriosos. Ao serem

evocadas as difíceis condições de sobrevivência dos portugueses nestes bairros; a ocupação ilegal do espaço bem como as relações tensas que os mesmos tinham com a vizinhança, não se pode deixar de fazer uma analogia com a situação vivida pelas comunidades de imigrantes em Portugal e um pouco por todos os destinos de emigração nas periferias das áreas metropolitanas.

Um estudo de 2002 do INSEE (Barrou, 2006) sobre o alojamento dos imigrantes em França demonstrou que a percentagem de proprietários aumenta em função da antiguidade no país de acolhimento e que a percentagem de locatários em HLM (habitação social) diminui paralelamente em função do mesmo critério. No caso dos imigrantes portugueses, os números revelaram que cerca de 41,8% são proprietários e 23,8% habitam em alojamento social. Estas percentagens são muito mais próximas de outras comunidades como a italiana e a espanhola, distanciando-se das dos restantes imigrantes, sobretudo da comunidade magrebina que habita em maior número em residência social. As diferenças em termos de promoção residencial derivam em parte do nível de recursos económicos dos imigrantes. Na década de 60 do século XX, os trabalhadores portugueses preferiam viver em habitações precárias ou nos bairros de lata em detrimento dos *foyers* (centro de acolhimento para imigrantes). O período de 1962 a 1966 é marcado pela visibilidade dos bairros de lata onde chegaram a viver cerca de 15000 portugueses nos arredores de Paris em Champigny. Todavia, estes bairros nunca constituíram o tipo de residência predominante dos imigrantes lusos durante os anos sessenta e setenta (menos de 20% dos portugueses chegaram a viver nestes espaços). A partir de 1975 assiste-se a uma concentração magrebina nos bairros HLM, enquanto que a comunidade portuguesa conhece uma maior difusão em termos residenciais em velhos edifícios, em vivendas renovadas ou em apartamentos como porteiros em Paris.

À semelhança do que aconteceu no continente europeu, vários autores ilustram o mesmo fenómeno verificado na América do Norte e, mais precisamente no Canadá na região de Montreal. Gilles Lavigne (1995) descreve que a ocupação territorial pelos imigrantes portugueses do bairro Saint Louis, que estava em vias de ser abandonado nos anos 60, se tornou no

Little Portugal à medida que os portugueses se concentraram, sedentarizaram e lançaram bases comunitárias. Segundo estudos efectuados por este autor, e alguns em colaboração com Carlos Teixeira, pôde-se aferir que, nas primeiras três décadas da sua implantação no Canadá, a comunidade portuguesa sofreu um processo de concentração residencial seguida de um fenómeno de desconcentração em que a mobilidade residencial da comunidade portuguesa nesta região se tornou mais facilitada graças às redes comunitárias de familiares e de amigos bem como pelas agências imobiliárias étnicas (Teixeira, 2006:129). Carlos Teixeira demonstrou como as relações étnicas ajudam na procura de emprego ou de casa nas regiões de Montreal ou de Mississauga em Toronto. Carlos Teixeira (2007) conclui que, nos últimos anos, o bairro português de Toronto tinha passado por um processo de transição que se devia principalmente a três tendências; a primeira corresponde à movimentação de muitos portugueses do centro da cidade para os subúrbios onde encontram casas mais amplas, mais baratas e mais espaços verdes; a segunda tem a ver com a rede de profissionais que procura casas velhas próximas do núcleo central e a terceira prende-se com a chegada de imigrantes e refugiados da diáspora portuguesa (inclui também brasileiros e pessoas das antigas colónias portuguesas). Trata-se de um exemplo de apropriação espacial em contexto migratório em que o espaço é moldado em função das características culturais do grupo étnico que o ocupa. Teixeira percebe que o bairro português de Toronto é um espaço em transição, muitos portugueses vão para os subúrbios e o seu lugar nos bairros centrais é substituído por outras comunidades portadoras de novas dinâmicas. Também aqui é visível, tal como sucede na Europa, o fenómeno de concentração e de desconcentração residencial dos imigrantes lusos nas áreas urbanas.

Das várias investigações realizadas sobre o tema da habitação da imigração portuguesa em França e sobre habitação do emigrante em Portugal, surge, em 1994, um estudo referente às casas de emigrantes portugueses na região do Minho. As autoras, Roselyne de Villanova, Carolina Leite e Isabel Raposo elaboraram uma tipologia de diferentes níveis que vão desde a forma geral aos detalhes mais significativos. A elaboração da tipologia resulta da relação existente entre os modelos culturais e o discurso dos entrevistados. Deste estudo, as autoras concluem que o processo de construção é o que

melhor define a casa do emigrante, sendo que o mesmo não transporta com ele um modelo acabado, e, por isso, é indissociável do perfil social, das trajectórias migratórias dos proprietários e das suas ambições.

A casa é assim um objecto privilegiado para a análise do cruzamento de influências que a auto-construção, em parte prevalecente, favorece (Villanova, 1995:201).

A socióloga Roselyne de Villanova (2004) ao basear-se nos vários estudos que realizara sobre a evolução dos comportamentos residenciais dos imigrantes portugueses em França, conclui que os portugueses apareceram como pioneiros em termos de práticas de *alternância*, termo que utiliza para designar o sistema de partilha de tempo entre dois lugares (estudos sobre as residências secundárias ou sobre as migrações de reforma). Inicialmente os investimentos dos portugueses privilegiavam a aquisição de habitação em Portugal e só depois a habitação em França, permitindo-lhes deste modo praticar essa alternância entre residências e territórios.

Esta questão relativa à *alternância* está subjacente à mobilidade que as sociedades actuais praticam com maior regularidade. Esta mobilidade, sob a forma de alternância, é particularmente observável no inquérito de 2010 (parte II, capítulo II) que sondou os imigrantes lusos sobre a eventualidade de passarem a viver nos dois países.

Para esta investigadora, a ligação afectiva e o sentimento identitário reenviam mais para uma pertença relacionada com a aldeia do que propriamente com a nacionalidade portuguesa. Por outro lado, a ligação familiar torna-se um factor essencial nas estratégias residenciais de dupla residência e permite aos portugueses ficarem junto dos filhos ou dos netos, caso tenham escolhido países diferentes. A mobilidade na geração dos descendentes permite à primeira geração preservar a família da desintegração geográfica que gerações anteriores sofreram com as migrações transatlânticas. A dupla residência também permite contornar possíveis discordâncias no casal, caso um dos elementos queira regressar ao país e traduz também uma preocupação de capitalização e de transmissão imobiliária aos filhos nas estratégias residenciais (raciocínio económico).

Villanova nota uma certa continuidade espacial entre as duas residências que, não sendo hierarquizadas, permitem práticas complementares

e permite aos membros da família, a partir das suas preferências, de se identificar mais fortemente com um dos lugares, marcando também as diferenças de género (homem/mulher) ou de gerações. Villanova estudou as intervenções dos imigrantes no planeamento, na construção e na reabilitação dessas habitações, investigou também os empréstimos culturais; as transferências entre culturas nacionais, o saber-fazer construtivo e a utilização dos materiais. Trata-se de uma observação de práticas interculturais e de renovação das formas de arquitectura doméstica que outros apelidariam de híbridas ou cruzadas.

A socióloga Alexandra Castro, num estudo exploratório de 1998, conclui também que as formas das casas dos emigrantes em Portugal traduzem mais a transição de um espaço rural para um espaço urbano do que propriamente a sobreposição de culturas nacionais. Para esta autora, os emigrantes passaram por um processo rápido de reformulações e não tiveram o tempo de amadurecer as novas referências com as quais foram confrontados. Com o passar do tempo, a sensibilidade estética dos mesmos aperfeiçoa-se à medida que aumentam as experimentações, as capacidades económicas e o nível de instrução (1998:83).

Durante o trajecto migratório entre os dois países, o emigrante incorporou um conjunto de referências arquitectónicas muito diversas. A mobilidade geográfica dos mesmos fez do espaço um verdadeiro catálogo de casas. Eles visualizam uma grande diversidade de modelos e fazem uma reinterpretção do que percebem, a partir da sua imaginação, desejos e sonhos (Castro, 2001:332).

Também a arquitecta Isabel Raposo refere que a passagem do rural para o urbano é sempre lenta, o que justifica a persistência de hábitos rurais e a coexistência de práticas urbanas e rurais. A urbanização e a modernização do mundo rural em Portugal são em grande parte o resultado da emigração e o modelo de construção arquitectónica do emigrante traduz mais esta passagem de um modelo rural para um modelo urbano do que propriamente uma influência vinda do estrangeiro (1998:77).

Na sua tese de doutoramento, a socióloga Carolina Leite (1999) foca a perspectiva no espaço doméstico quando analisa o papel desempenhado pela mulher imigrante portuguesa em França nas transformações dos modos de

vida. É de destacar a ideia de que a emigração representou para a maioria das mulheres portuguesas o primeiro trabalho assalariado que lhes permitiu adquirir um novo estatuto social e profissional, fazendo nascer o desejo de aceder à propriedade em França. Estas famílias também recorrem a práticas de auto-construção com base numa solidariedade familiar e até comunitária. A autora assinala que as trajectórias das mulheres que não tiveram promoção residencial corresponde geralmente a situações de precariedade profissional e ou familiar bem como a projectos que estejam mais centrados sobre a acumulação patrimonial em Portugal ou sobre os projectos dos filhos. Carolina Leite também constatou que a promoção residencial baseada na aquisição de uma habitação em França é maioritariamente defendida pelas mulheres que, contrariamente aos homens, preferem adiar o regresso a Portugal.

Em França, em 1997, o sociólogo Jacques Barou escreve um artigo interessante sobre a habitação e a apropriação espacial dos portugueses numa pequena aldeia dos arredores de Clermont-Ferrand. Na periferia desta cidade, que parecia na década 60 votada a uma urbanização estandardizada de tipo loteamento e assim perder a sua identidade rural, uma população migrante fez deste local o seu enraizamento na sociedade francesa e a principal referência memorial de uma aventura começada 40 anos antes. Os portugueses começam por alugar ou comprar as casas do centro das aldeias e restauraram-nas sem todavia transferirem um modo de vida deixado em Portugal ou levarem uma vida comunitária fechada sobre si própria. As famílias reencontraram aqui uma realidade rural que tinham deixado, fazendo dessa localidade o seu património reapropriado nas dimensões tanto material como simbólica (1997:141). Neste artigo de 1997, Barou descreve-nos um dos numerosos exemplos de processo de implantação dos portugueses em meio rural nas várias aldeias vinícolas, que contribuíram para a revitalização de muitas aldeias rurais prometidas, em certos casos, a um despovoamento anunciado ou então orientáveis para um processo de estandardização urbana antes referida.

Na região de Lyon, Poinard tinha descrito um processo semelhante de implantação dos portugueses. Este investigador constatara uma dupla orientação na implantação progressiva dos portugueses neste território; por um lado substituem os imigrantes antigos nos bairros centrais mais degradados e,

por outro lado, sob o efeito da pressão demográfica e da remodelação urbana que expulsa os pobres, os mesmos se instalam nos bairros peri-urbanos e nas freguesias rurais (1972:52). Os portugueses adaptam-se bem a estes espaços periféricos porque tiram proveito de condições mais favoráveis, como acontece com espaços libertados pelo êxodo rural e antigos edifícios industriais desafectados, e assim dispõem de alojamentos mais amplos do que na cidade sendo eles próprios capazes de efectuar as transformações necessárias (1972:57).

Certos investigadores como Rocha Trindade também estudaram, a partir de vários exemplos migratórios, as relações existentes entre as áreas de partida e as áreas de acolhimento dos emigrantes. Rocha Trindade (1976:996) assinala que há uma espécie de limiar crítico, a partir do qual se criam condições para a formação de um grupo - uma subcomunidade – que se estrutura socialmente com base no modelo cultural de origem. Procura-se continuar a respirar o ambiente português e, por isso, tenta-se prolongar o país através da transplantação de traços culturais de natureza material e espiritual.

Podemos prolongar Portugal e respirar o ar da saudade de inúmeras formas. Uma delas consiste em procurar pontos de identificação nas áreas de acolhimento, nomeadamente nos aspectos arquitectónico e paisagístico que lembram ou se assemelham com a terra de origem.

Esta situação foi-nos relatada em 2000 por um técnico do Consulado Português de Lyon que acrescentara existirem analogias entre a região de partida e a região de chegada em França: *A comunidade portuguesa chegou cá, adaptou-se ao meio ambiente, meio social e até mesmo ao meio físico, geográfico. É engraçado porque a comunidade portuguesa escolhe sempre os locais que mais se assemelham ao seu ponto de origem. Para verificarmos isso vemos que existe aqui muito perto uma grande comunidade da região de Leiria que escolheu uma zona que é muito semelhante às pradarias, chamamos-lhe assim, daquela região de Leiria e que corresponde à zona de Cremieux, Mezieux, uma zona que é perfeitamente semelhante àquela zona de Leiria, até tem um castelo medieval parecido com aquele que D. Dinis conquistou aos*

*Mouros em Leiria. Portanto, a comunidade procura locais mais ou menos semelhantes aos de origem e adapta-se.*⁶⁰

Todavia, em França, a implantação da comunidade imigrante portuguesa em meio rural concerne apenas uma ínfima parte da comunidade que, maioritariamente, passou a viver em meio urbano. Muitas das freguesias rurais das grandes cidades onde a comunidade se implantara passaram progressivamente por um processo de rurbanização característico das últimas décadas.

Em 2002 destacámos um trabalho da historiadora em Arte Isabel Cardoso, *Histoire et imaginaire des maisons des immigrés portugais de France*, no qual orientou a sua investigação no sentido de perceber se existia uma correspondência entre o estilo de casa construído em Portugal e as casas que os imigrantes construíam em França. A partir de duas regiões, Ile-de-France (região parisiense) e Auvergne (Maciço Central), a autora pretendeu perceber se existem traços da portugalidade nas habitações que os emigrantes portugueses constroem ou reconstróem em França. Sem realmente ter chegado a demonstrar exemplos concretos do ponto de vista arquitectónico, as conclusões desta autora resultam mais dos depoimentos de técnicos franceses de certos serviços bem como das entrevistas que realizou junto dos emigrantes, procurando demonstrar se os portugueses contornam ou não respeitam muitas vezes os regulamentos urbanísticos tal como acontecera em Portugal. A autora indica que tais procedimentos se devem ao facto de muitos emigrantes optarem por um processo de autoconstrução. Segundo Castro, este paralelismo urbanístico /arquitectónico é muitas vezes travado por constrangimentos legislativos que funcionam como um freio na intervenção exterior das habitações, levando a que as intervenções dos imigrantes em França se centrem sobretudo na esfera interior e privada (Castro, 2001).

O dinamismo observado no sector da construção civil na comunidade portuguesa em França e em Lyon também funciona como um impulso facilitador no acesso à propriedade individual dos portugueses, uma vez que as redes comunitárias apoiam muitos deles na construção ou na renovação da

⁶⁰ C. Ferreira in Hélder Diogo, *A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes numa perspectiva geográfica, económica e sociocultural*, p.36.

habitação. O benefício económico parece ser a principal motivação quando recorrem às redes étnicas de profissionais. Os preços praticados podem ser revistos em baixa se tivermos em conta as práticas informais de contratação bem como o recurso a materiais de construção adquiridos directamente em Portugal a custos inferiores. Tal facto aplica-se a vários materiais, como as rochas ornamentais graníticas, os mármore, os azulejos e a caixilharia, entre muitos outros. A compra destes materiais obedece a vários critérios: um critério cultural, uma vez que os materiais continuam a integrar a arquitectura portuguesa, tendo por isso algum valor afectivo; um critério económico porque são obtidos a menor custo e um critério definido por alguns autores como sendo de alguma ostentação/distinção. Os imigrantes proprietários ou mesmo locatários procedem do mesmo modo para mobilar a sua habitação (móveis de casa de banho, cozinha, sala e quartos).

Ao longo da presente investigação foram realizadas entrevistas a imigrantes portugueses que confirmam esta tendência⁶¹.

Existe na comunidade portuguesa uma vontade crescente para a compra ou construção de casa. Tenho construído vivendas sobretudo para a minha rede de amigos. Apercebo-me também que existem cada vez mais portugueses que vão buscar a Portugal material da construção civil, tais como azulejos, granitos, mármore, caixilharia, portas e janelas mas também móveis de cozinha e móveis em geral.

(A, Jesus, construtor civil em Lyon)

Preferi comprar em Portugal a caixilharia para a minha casa na zona de Braga. Se fosse aqui ficava-me ao dobro do preço. Este mês de Agosto aproveitei para passear por Paços de Ferreira onde comprei o mobiliário para os quatro quartos da casa e também aproveitei para mandar fazer os móveis da minha cozinha na zona de Chaves.

(A, Santos, português a construir a sua vivenda na zona de Lyon)

⁶¹ Estas entrevistas integram a comunicação do autor desta tese apresentada no XII Colóquio Ibérico de Geografia: *Empreendedorismo e mobilidade da comunidade lusa na região Rhône-Alpes: dinâmicas locais e internacionais*, Porto, Faculdade de Letras, 6 a 9 de Outubro 2010.

Quando construí a minha casa, há uns anos atrás, mandei vir de Portugal os granitos para os chãos porque em França eram muito mais caros.

(F, Moutinho, portuguesa radicada na periferia de Lyon)

Se do ponto de vista qualitativo e com base nas entrevistas realizadas localmente confirmamos uma tendência crescente de movimentação de fluxos de materiais e bens diversos entre a França e Portugal, torna-se difícil quantificar a dimensão, uma vez que não existem registos estatísticos que permitam obter informação concreta sobre estas transacções. Com o objectivo de colmatar esta falta de estatísticas sobre este fenómeno orientámos algumas questões do inquérito desenvolvido junto desta comunidade em finais de 2010 (questões 21 e 22 - anexo I).

Pôde-se constatar que a dinâmica residencial da comunidade portuguesa em França efectuou-se nas primeiras décadas de implantação numa lógica de ocupação espacial predominantemente centrípeta, ou seja, os imigrantes instalavam-se nas periferias das cidades, muitas vezes em bairros de lata e em outras habitações precárias, e progressivamente foram integrando os núcleos centrais das cidades. Esta aproximação fez-se, num primeiro momento, para bairros mais degradados que ainda não tinham passado por um processo de renovação e, posteriormente, os portugueses começaram a ocupar bairros e edifícios mais populares deixados por outras comunidades que os tinham precedido e que já tinham transitado por um processo de promoção residencial, como foi o caso dos italianos. Um outro motivo que levou a tal proximidade foi o facto de muitos lusos assumirem o cargo de porteiro de edifícios, sendo lhes facultado uma alojamento no mesmo imóvel. Nos últimos anos, a lógica de implantação revela uma tendência inversa do tipo mais centrífugo uma vez que, à medida que os imigrantes se integram melhor no tecido socioeconómico local, os mesmos aspiram à propriedade individual e tornam-se proprietários, adquirindo ou construindo as suas habitações em zonas periféricas onde o custo dos terrenos e das habitações é mais acessível, e recorrem regularmente a um processo de auto-construção apoiado por redes familiares ou comunitárias. Todavia, a imigração portuguesa nesta região tem sido contínua e os fluxos mais recentes repetem o mesmo ciclo, uma vez que a

situação destes perante a habitação parece fazer ressurgir o processo de alojamento em que os amigos e os familiares dão o seu contributo.

De um modo geral os portugueses em França demonstraram nas últimas décadas uma forte promoção residencial que aconteceu graças à melhoria da sua condição socioeconómica. O imigrante com poucas possibilidades financeiras do bairro de lata ou de fracas condições de habitabilidade acedeu progressivamente ao estatuto de proprietário quer no país de acolhimento quer no país de origem. Esta bipolaridade espacial que se materializa em termos residencial permite, à luz da hipermobilidade contemporânea, definir projectos migratórios mais circulares e regulares entre os territórios de residência e de vida. Esta circulação migratória expressa numa maior mobilidade é também sinónima de uma manutenção de ligações identitárias fortes com o país de origem.

2.6 Relações territoriais: mobilidade e transnacionalismo

O avião, o telefone, o fax e o e-mail facilitam o contacto e o intercâmbio entre os indivíduos de condições modestas a uma escala incomparável ao que poderia ocorrer um século atrás. (Portes, 1999:23)

Nos anos 1990, as antropólogas Linda Basch, Nina Glick Shiller e Cristina Blan-Szanton defendem a necessidade de um novo conceito para descrever as vidas dos migrantes que não são obrigados a romper com a cultura e o país de origem e definem o transnacionalismo como o conjunto de procedimentos pelos quais os imigrantes constroem campos sociais (social fields), ligando o seu país de origem ao país de acolhimento.

Michael Smith e Luis Guarnizo (1998) determinam dois tipos de transnacionalismo: um que se efectua pelo topo, ou seja, que inclui as grandes corporações económicas, políticas e culturais, e outro que acontece pela base quando aludimos às práticas quotidianas dos migrantes.

O sociólogo Thomas Faist (1999:8) considera três tipos de espaços sociais transnacionais decorrentes das migrações internacionais. O primeiro espaço social reúne grupos de parentesco transnacionais, havendo laços de reciprocidade e como exemplo disso cita as remessas enviadas pelos trabalhadores contratados para as famílias dos países de origem. O segundo é referente ao espaço dos circuitos transnacionais baseado no intercâmbio, nas expectativas e obrigações mútuas dos actores, com principal destaque para a exploração de factores ou vantagens internas das comunidades como a língua, as redes sociais, citando como exemplo as redes comerciais chinesas e libanesas, entre outras. O terceiro espaço social transnacional concerne as comunidades transnacionais e baseia-se nos laços de solidariedade, na partilha de ideias, crenças e símbolos expressos numa identidade colectiva. A principal característica prende-se com a mobilização de representações colectivas abstractas como a religião, a nacionalidade e a etnicidade, e como exemplos disso temos a diáspora judaica, palestina, arménia e curda bem como as regiões fronteiriças (ex: México - EUA, mediterrânicas).

Estas pessoas, que vivem as suas vidas cruzando fronteiras, desenvolvendo redes sociais, familiares, políticas, económicas e religiosas que

são incorporadas em dois ou mais estados podem ser consideradas como transmigrantes (Glick-Shiller 1999:203).

Estes transmigrantes desenvolvem e mantêm com o espaço de origem relações de natureza familiar, religiosa, económica e política, colocando assim as bases de nações não territoriais (Dufoix 2003:36).

Khachig Tololyan (1991:3-7) refere que, apesar de o estado-nação constituir a principal forma de organização política, o mundo entrou num momento transnacional onde forças não estaduais desafiam a estabilidade das fronteiras.

Para Alejandro Portes (1997), as comunidades transnacionais contemporâneas são densas redes sociais criadas por migrantes que se movem através das fronteiras políticas, numa busca de recompensas económicas e sociais (cit in Gois, 2006:171). Nas comunidades de imigrantes estas recompensas económicas e sociais sempre reflectiram necessidades do foro cultural. Não se trata apenas de tirar algum proveito económico, mas também de reforçar as ligações afectivas e culturais com o território de origem.

Castles (2005:78-81), considera que o uso excessivo do termo deve ser evitado, uma vez que não considera necessariamente transmigrantes os trabalhadores migrantes que trabalham no estrangeiro por alguns anos, apesar dos contactos que mantêm com as terras de origem. Do mesmo modo, os trabalhadores permanentes que fixam o seu centro de vida na terra de acolhimento e que mantêm uma relação ténue com as terras de origem não devem ser considerados como transmigrantes [...] A proliferação de comunidades transnacionais nestes últimos anos poderá ser melhor compreendida como parte de um processo que tem vindo a intensificar-se com a integração global e a compressão do espaço e do tempo. Trata-se em parte de uma questão tecnológica que resulta da melhoria nos transportes e da comunicação electrónica em tempo real e de fácil acesso, sendo assim as bases materiais da globalização. Mas acima de tudo trata-se de uma questão social e cultural; a globalização está estreitamente associada a alterações nas estruturas, nas relações sociais e nas mudanças dos valores culturais relacionados com o lugar, com a mobilidade e a pertença.

As novas tecnologias de comunicação e de transportes, no quadro da globalização, permitem fluxos frequentes e multidireccionais de pessoas, de

ideias e de símbolos culturais. O resultado destes processos é a transformação das práticas materiais e culturais associadas às migrações e à formação de comunidades, bem como a emergência de comunidades transnacionais, de identidades múltiplas e de cidadanias compósitas (idem:44).

Neste contexto, compreendemos que os imigrantes desenvolvem práticas culturais diferenciadas e que desenvolvam várias identidades. A intensificação das comunicações e do contacto com a cultura de origem permite ao imigrante manter ou desenvolver uma identidade relativamente a esta e simultaneamente adoptar uma cultura e uma identidade em relação à região de acolhimento.

A realidade das migrações mudou muito nos últimos anos e aproxima-se dos conceitos de diáspora e de transnacionalismo, uma vez que os novos meios de comunicação e a crescente interdependência cultural observada nos últimos anos permitem aos emigrantes conservar a identidade de origem e ao mesmo tempo adoptar a identidade do país de acolhimento.

Para Malheiros (2000:380), os contactos transnacionais dos migrantes não são esporádicos ou desinteressados, pressupondo um envolvimento social duplo ou múltiplo, que aponta para uma participação ou, pelo menos, para um acompanhamento dos processos em curso no local de residência (destino), no local de origem e, eventualmente, noutros núcleos da diáspora. Os envolvimento sociais múltiplos a que Malheiros se refere incorporam nas comunidades migrantes uma forte componente cultural, uma vez que as práticas sociais no país de acolhimento dependem de uma matriz cultural original.

O geógrafo Daniel Courgeau, que trabalhou sobre as questões das migrações e da mobilidade, considera, numa perspectiva geográfica, a migração como uma movimentação de população que implica uma mudança de residência de uma unidade geográfica para outra (1988 :12). No enfoque desta definição, o geógrafo Gildas Simon (1995) alarga esta aproximação ao considerar a migração como a passagem de um espaço de vida para outro. O espaço de vida é aqui definido como o conjunto de lugares de estadia e de passagem praticados regularmente pelo indivíduo. Em 2006, este geógrafo reforça a ideia de espaço migratório, já que engloba no espaço praticado pelos

migrantes os espaços de origem, de implantação e de circulação, estando estes intrinsecamente ligados à mobilidade.

Esta abordagem é particularmente interessante na análise das migrações actuais que demonstram uma mobilidade crescente, reenviando para o espaço a manifestação de uma diversidade de práticas humanas. Estas práticas inserem-se em contextos multiculturais, já que reflectem a manutenção de uma cultura original numa terra de acolhimento e apresentam um carácter transnacional, uma vez que se baseiam em relações crescentes ao nível económico, social e cultural entre os diferentes países.

Os migrantes, nos países de acolhimento, criam redes migratórias ou comunitárias de cariz familiar, amical e de vizinhança que facilitam as práticas transnacionais. As redes comunitárias com bases familiares ou amicais constituem o principal apoio necessário para a concretização do acto migratório.

Para Portes (1999:18), as redes sociais de imigrantes apresentam duas características que faltam nas comunidades de trabalhadores nacionais; em primeiro, são densas e geograficamente vastas; em segundo lugar, tendem a criar uma solidariedade em virtude da incerteza generalizada que governa a condição imigrante.

No tocante à questão do transnacionalismo das comunidades imigradas, Malheiros (2000:378) valoriza os diversos processos que permitem não só o desenvolvimento dos contactos e da circulação internacional como também uma manutenção mais fácil dos elementos identitários de base (práticas culturais, religião, hábitos alimentares).

Se a literatura teórica sobre o transnacionalismo se encontra bem desenvolvida, a base empírica na Europa, mais especificamente a emigração portuguesa em França ainda é actualmente bastante limitada. Na vizinha Suíça, alguns trabalhos realizados pelos sociólogos José Carlos Marques e Pedro Góis (2008) sobre os emigrantes portugueses naquele país demonstraram que estes se encontram maioritariamente num projecto migratório de tipo temporário orientados para o país de origem. Os autores reconhecem que embora muitas das actividades possam apenas ser entendidas como transnacionais num sentido bastante lato, não se poderá ignorar o registo do envio regular de remessas para Portugal, para investimento

imobiliário ou para apoiar a família, entre outras práticas que se encontram fortemente dependentes da importação de diferentes bens portugueses (alimentares, moveis, produtos de decoração, cd/dvd). São práticas que acontecem sobretudo na esfera individual e familiar. Os autores salientem que é no domínio cultural que estas práticas são mais visíveis.

Como exemplos mais ilustrativos que fomentam essas práticas culturais temos a difusão e o acesso a produtos mediáticos portugueses facultados pela televisão e pela imprensa, sobretudo os jornais desportivos, bem como o papel desempenhado pelo meio associativo na preservação dos laços culturais com Portugal.

Em França, a abordagem das práticas transnacionais, que consta no subcapítulo anterior, centrou-se essencialmente ao nível da habitação (ideias, processos de construção e materiais), mas estas práticas transnacionais são extensíveis a um conjunto variado de outras práticas como a circulação de bens alimentares, financeiros (remessas) e culturais, entre outros.

Ao analisarmos a comunidade portuguesa na região de Lyon, constatámos que a revolução ocorrida nas comunicações físicas ou virtuais contribuiu amplamente para uma mobilidade de pessoas e para fluxos de bens como para um transnacionalismo virtual. Podemos falar de práticas transnacionais virtuais, uma vez que as novas tecnologias de comunicação permitem ao imigrante regressar virtualmente e regularmente ao país de origem. Não se trata apenas de uma participação do tipo mais passivo como sucede com a recepção por satélite de canais televisivos portugueses, mas sim de uma comunicação efectiva com familiares ou amigos pela internet. A manutenção da identidade em contexto migratório pode, deste modo, operar-se de três modos: o primeiro consagra a manutenção, em espaços de acolhimento, da cultura original através de práticas socioculturais originais ou mesmo híbridas; o segundo baseia-se numa mobilidade acrescida e regular com o território de origem suportada por uma rede de transportes mais acessível (vaivém físico) e o terceiro manifesta-se pelos contactos virtuais facultados principalmente pela televisão e pela internet que simbolizam e materializam um regresso virtual assente numa intercomunicação com a terra de origem e a que podemos apelidar de transvirtualidade (vaivém virtual).

A crescente intensificação e diversificação das relações entre territórios de acolhimento e territórios de origem são suportadas por uma eficiente rede de transportes (companhias aéreas de baixo custo) e comunicações (televisão por satélite e ainda mais a frequente utilização da internet). Tendo em conta a importância destas dinâmicas, as mesmas constituirão objecto de estudo no último capítulo deste trabalho.

Vários autores estudaram este fenómeno migratório e Ramos (Ibid) advoga que na migração intra-europeia dos portugueses se desenvolvem lógicas de dupla residência e de vaivém. Esta lógica de dupla residência e de práticas de alternância, como já vimos anteriormente em certos autores como Villanova (2004), baseia-se num sistema de partilha de tempo entre dois lugares.

A noção de duplo espaço e cultura é igualmente defendida por Poinard e Hily (1997:100-101) que afirmam que o emigrante se situa entre dois espaços, duas culturas e ao longo da sua vida ele intensifica as interdependências entre os dois países, produzindo espaços de circulação de vaivém de pessoas mas também de mercadorias e serviços.

Para Poinard, a mobilidade regular e a intensificação dos contactos com o território de origem continua a caracterizar o vaivém quer identitário, quer material, embora com a intensificação de uma dupla tendência: os vaivéns físicos humanos ou materiais aumentam de frequência e os contactos virtuais atingem uma dimensão sem precedentes na história das migrações.

As diásporas sempre se caracterizaram pela circulação dos homens, mercadorias e informação. A circulação de mercadorias pode surgir como uma dupla necessidade económica e cultural. A primeira necessidade enquadra-se num critério eminentemente económico, já que os imigrantes importam ou transportam bens directamente do país de origem por serem economicamente mais acessíveis, criando-se fluxos de produtos entre as áreas de origem e as áreas de acolhimento. Um dos melhores exemplos no âmbito da presente investigação refere-se aos fluxos de materiais da construção civil (granitos, mármore) bem como aos diversos móveis que apetrecham as habitações dos imigrantes portugueses no país de acolhimento. Outros exemplos como a compra de vestuário e calçado também se inserem neste conjunto de práticas comerciais (capítulo II). Em certos casos surgem redes de profissionais que,

sendo previamente contactadas em Portugal, operam directamente no país de acolhimento e apenas trabalham para nichos de mercado dentro da comunidade lusa. A síntese da seguinte entrevista foi realizada na zona oeste de Lyon a um empresário português aquando da instalação de uma cozinha numa habitação de um emigrante luso em Dezembro de 2010:

Este empresário radicado na zona de Cabeceiras de Basto especializado no ramo mobiliário para habitação trabalha em França para uma clientela lusa desde 2006.

Instalei cerca de 30 cozinhas no país e 10 na região de Lyon. As cozinhas constituem um apelativo para outros produtos, principalmente móveis para salas de jantar e para quartos. Os emigrantes portugueses mandam vir as suas cozinhas de Portugal porque estas demonstram ter uma boa relação qualidade/preço. Consigo ser bastante competitivo graças aos materiais que utilizo, nomeadamente no que respeita aos granitos e aos quartzos nos planos de trabalhos das cozinhas uma vez que os fabricantes franceses utilizam muitas vezes aglomerados. Também é grande a flexibilidade da minha equipa de trabalhadores no que concerne as pequenas tarefas adjacentes a este tipo de montagens. Com efeito, os pequenos problemas eléctricos ou de canalização podem ser resolvidos pela minha pequena equipa de três funcionários o que não aconteceria com os técnicos franceses que chamariam sempre os especialistas de cada área.

A instalação de cozinhas no mercado francês já representa uma percentagem importante (cerca de 10%) do volume de negócios da empresa. O tempo necessário para a montagem de cada cozinha é da ordem de dois dias e geralmente desloco-me previamente de avião a partir de Portugal até à zona de instalação das mesmas para tirar as medidas certas. Para melhor executar os trabalhos em França disponho de uma base logística numa zona de França onde existe uma forte comunidade portuguesa.

(C.Mota, empresário no ramo mobiliário)

Esta entrevista permite compreender que alguns empresários começam a organizar-se a partir de Portugal para melhor corresponder às exigências da comunidade lusa no estrangeiro. Também prevalece a ideia de que a prestação

e oferta de serviços entram numa lógica de bola de neve já que a comercialização de um determinado tipo de produtos leva à compra de outros. No entanto e, apesar de se registar alguma organização no circuito de comercialização, este empresário ainda não dispõe de uma estrutura suficientemente sólida nem manifestou o desejo de um investimento maior que permitam alcançar outro tipo de clientela que não seja propriamente étnico.

À circulação de bens que pode surgir a partir de uma necessidade baseada em critérios económicos como vimos anteriormente, junta-se uma segunda necessidade que é claramente cultural uma vez que se destaca o significado simbólico que o bem representa para quem o adquire. Em prática, quando o imigrante traz nas suas bagagens bens alimentares ou outros que simbolizam a cultura de origem, significa que nesta prática prevalece um critério cultural. Vários são os exemplos que ilustram tais práticas nos resultados do questionário que se encontram no II capítulo desta segunda parte.

Esta lógica de mobilidade humana, de fluxos materiais e virtuais leva a considerar outro aspecto passível de análise, que consiste em determinar o tipo de relação que o imigrante estabelece com o país de origem. Trata-se então de saber se estas são do foro económico, social ou cultural. A maioria destes migrantes continua a manter relações regulares com o território de origem; as relações territoriais podem revestir estas três particularidades simultaneamente mas também é tido como certo que as formas de relacionamento variam também em função dos projectos migratórios. Os tipos de migração, definitiva ou temporária, também condicionam os projectos migratórios e as relações que os imigrantes nutrem com Portugal.

O crescimento muito rápido dos meios de transporte e de comunicação durante a segunda metade do século XX favoreceu o processo de mundialização que, por sua vez, beneficiou a manutenção ou a expansão das diásporas.⁶²

⁶² A parte final deste subcapítulo bem como as entrevistas aqui expressas resultam da revisão da comunicação apresentada pelo autor desta tese no XII Colóquio Ibérico de Geografia intitulada *Empreendedorismo e mobilidade da comunidade lusa na região Rhône-Alpes: dinâmicas locais e internacionais* - 6 a 9 de Outubro 2010, Porto: Faculdade de Letras (Universidade do Porto).

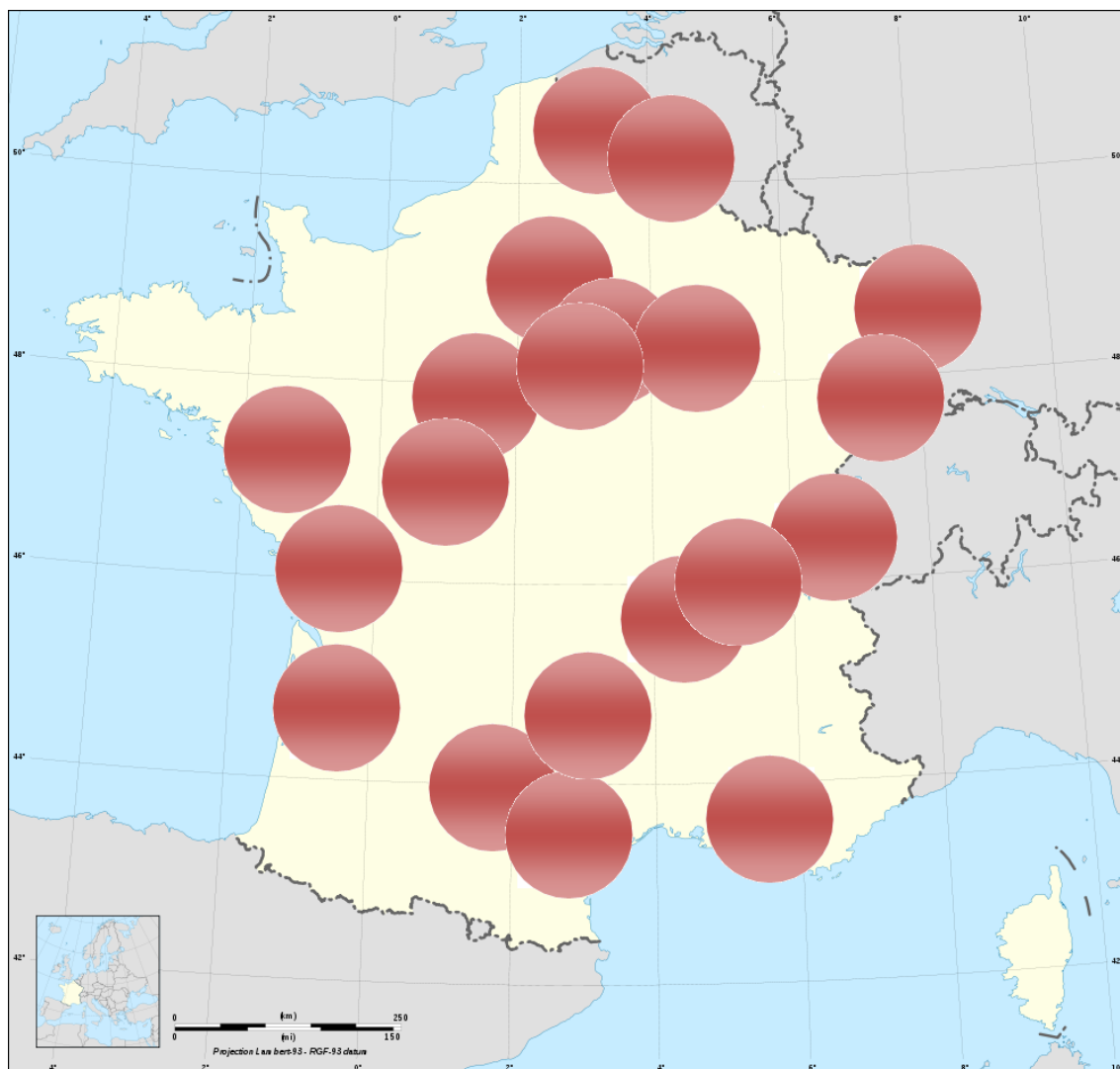
Fazer parte de uma diáspora implica poder viver ao mesmo tempo à escala transnacional do mundo e à escala nacional e local do país de acolhimento e do país de origem. Os fluxos emigratórios portugueses nas últimas duas décadas, classificados em termos de duração como sendo do tipo mais temporário, assemelham--se cada vez mais a fluxos de trabalhadores transnacionais que, não necessitando de um processo de assimilação ou mesmo de aculturação no país de acolhimento, definem projectos migratórios de mais curta duração com o claro objectivo de remediar as situações financeiras ou económicas mais debilitadas deixadas no país de origem ou para simplesmente comprar um bem material como uma casa ou um carro. Este fenómeno foi particularmente sentido na última década em que o país mergulhou num período de recessão e de fraco crescimento económico já referido anteriormente. Estes trabalhadores, bem como os restantes da diáspora enraizados na região de Lyon, beneficiam de uma maior mobilidade geográfica à medida que os custos de transporte, nomeadamente aéreo, baixaram consideravelmente nos últimos anos com o aparecimento das companhias de baixo custo⁶³ que em 2011 operam nas principais áreas urbanas do país e abrangem, deste modo, a comunidade portuguesa na maioria do território francês (mapa 5). Este contexto de *hiper-mobilidade* pode ser retratado em várias entrevistas que nos foram concedidas em Lyon:

Miguel (39 anos) tem apenas como nível de instrução o nono ano de escolaridade e, em finais de 2005, teve uma proposta para trabalhar em Lyon. A mesma partiu de um colega de escola e amigo que já estava a trabalhar nesta cidade há quatro anos. Começou por exercer uma actividade profissional em electricidade industrial sem qualquer conhecimento nesta área. Inicialmente o contrato de trabalho foi de três meses e passou posteriormente para duração indeterminada até hoje. A integração profissional foi muito lenta devido ao desconhecimento da profissão e da língua. Em Portugal, era pasteleiro por conta própria, tendo revelado dificuldades em manter a sua empresa em funcionamento. Foi para França para fazer face aos compromissos financeiros deixados no país (dívidas com os bancos). O salário auferido em França nos

⁶³ A companhia britânica Easyjet efectua as ligações Lyon – Porto (5 vezes semanalmente) e Lyon – Lisboa (4 vezes semanalmente) desde Abril de 2008 enquanto a rival irlandesa Ryanair voa para o aeroporto de St Etienne (70 km de Lyon) desde Setembro de 2009 (3 vezes semanalmente desde de Novembro de 2010).

últimos anos permitiu-lhe reequilibrar as contas, mas, por razões sentimentais, tenciona regressar a Portugal no final do ano. As poupanças granjeadas em França e as companhias aéreas de baixo custo permitem-lhe ir quatro vezes por ano a Portugal em vez de duas (Verão - três semanas; Maio - uma semana; duas semanas no Natal e mesmo por períodos de curta duração como para feriados prolongados de três dias).

Mapa 5: Aeroportos franceses e fronteiriços (área de influência num raio de 75 km) dispondo de ligações aéreas de baixo custo com Portugal.



Fonte: Ryanair, Easyjet, Transavia; tratamento do autor, 2011.

De acordo com as entrevistas, tanto os empresários como os seus trabalhadores confirmam a intensificação das viagens entre os dois países.

Desloco-me umas dez vezes por ano a Portugal quer por razões pessoais quer profissionais e, quando chegar a idade da reforma, tenciono passar uma parte da mesma no país de origem. Tenho o pressentimento que muitos dos meus empregados vão mais vezes a Portugal, já que os voos são mais baratos do que antigamente e isto acontece por pequenos períodos de tempo (de dois a quatro dias) como para baptizados ou casamentos.

(A, Jesus, empresário na construção civil).

Viajo para Portugal seis a sete vezes por ano por motivos profissionais. Os meus pais viajam também mais vezes devido ao aparecimento das companhias aéreas lowcost e à semelhança de muitos outros reformados, contribuem para a lotação dos voos dessas companhias.

(M, Machado, empresário no ramo da distribuição alimentar)

A entrevista que nos foi concedida por um empresário agente de viagens em pleno coração da cidade de Lyon desde 1990 é bastante elucidativa relativamente à hiper-mobilidade e aos fluxos em curso na comunidade portuguesa. Trata-se de uma empresa de cariz familiar, em que os dois filhos do proprietário trabalham na agência com o pai. A clientela étnica é maioritariamente portuguesa (90%), originária essencialmente do norte do país, havendo também alguns clientes franceses que vêm por recomendação de portugueses:

Penso que com a chegada dos voos low cost os portugueses têm viajado mais, sobretudo em época baixa, tendo conta os preços competitivos em relação aos transportes terrestres. Em época baixa destacam-se pessoas que estão reformadas e que fazem idas e voltas regulares entre Portugal e França. O problema do suplemento das bagagens e da limitação do peso nos voos lowcost também desmotiva alguns. Também encontramos pessoas que têm medo de andar de avião ou porque o local de origem em Portugal se encontra distante de qualquer aeroporto.

Os bilhetes de autocarros representam ainda 20% do total dos bilhetes que vendemos e isto sabendo que 60% dos mesmos são vendidos para

peessoas que residem em Portugal numa linha a norte de Viseu. Nas épocas de baixa estação viajam essencialmente pessoas com mais de 45 anos, sobretudo reformados e na época alta temos muitos jovens porque os bilhetes de avião já estão caros além de que por vezes partem em família. Uma família numerosa em época alta pagaria provavelmente o dobro do preço do avião em relação ao autocarro já que neste caso os preços são fixos. Temos como exemplo ida e volta Porto - Lyon por 160 euros e também fazemos descontos promocionais a partir de 15 de Agosto se houver compra antecipada. Apesar da crise económica, a venda de bilhetes tem-se mantido havendo, todavia, uma transferência do transporte rodoviário para o transporte aéreo com uma quebra de 20 a 30% na área de Lyon.

Os restantes produtos da agência, como os pacotes turísticos vendem-se muito pouco, embora os volumes estejam em crescimento já que os portugueses começam a descobrir Portugal com maior regularidade devido ao preço dos voos low cost. Enquanto que antigamente se limitavam mais às suas aldeias de origem, temos agora um grupo de pessoas com mais de 50 anos que já tem a sua vida resolvida quer económica quer familiarmente (filhos autónomos) e aproveitam para visitar as nossas ilhas.

(A, Pereira, empresário, agente de viagens)

A partir desta entrevista é possível constatar que uma maior acessibilidade nos transportes aéreos na comunidade lusa permite matar a saudades com os familiares e a terra natal, mas também descobrir o outro Portugal que ainda desconhecem, nomeadamente os territórios insulares.

Um estudo realizado pela Santa Casa da Misericórdia de Paris e publicado em 2008 sobre a comunidade portuguesa em França e a problemática do seu progressivo envelhecimento demonstra que os dados de um inquérito⁶⁴ fornecem pistas importantes para classificar a mobilidade dos futuros reformados. Do estudo em questão, salienta-se que à pergunta que lhes foi colocada sobre o local preferido para residir durante a reforma, 37,7% respondem que querem permanecer em França, 36,8% movimentar-se-ão em

⁶⁴ Estudo PRI (Passage à la retraite des immigrants) realizado entre Novembro de 2002 e Fevereiro de 2003 junto de 1001 indivíduos portugueses (52,4% do sexo masculino e 47,6% do sexo feminino) entre os quais 48,45% na região parisiense e uma sub-representação da região Rhône-Alpes.

alternância entre os dois países e 11,1% tencionam regressar a Portugal. Os motivos evocados para esta vida em alternância são os filhos em França (57,3% dos inquiridos); o facto de terem familiares nos dois países (21,4%) e de terem vínculos nos dois países (13,7%). Por último, também devemos referir que, apesar da ocupação durante a reforma ser maioritariamente orientada para se ocupar dos netos (26,4%); para ajardinar; fazer bricolage (22,7%); se repousar (12,5%), é certo que também se destaca o facto de quererem viajar (11,3%). Estes dados orientam-nos também para um cenário de uma mobilidade acrescida para as classes etárias mais elevadas, sabendo que o progressivo envelhecimento desta comunidade está em curso.

Todavia, esta mobilidade acrescida na comunidade lusa, como veremos no inquérito, também reflecte novos padrões socioculturais que permitem estreitar as relações com o território de origem, matar a saudade com mais regularidade e afirmar a sua identidade.

Capítulo II

A comunidade portuguesa na região de Lyon

Inquérito, tratamento de dados, análise dos resultados

O presente inquérito foi realizado na comunidade portuguesa de Lyon entre Novembro de 2010 e Janeiro de 2011 e é constituído por um conjunto de 40 perguntas distribuídas pelos mais diversos domínios da temática desta tese e abrange questões de índole demográfica, económica e sociocultural. Pretende-se compreender, no âmbito da comunidade portuguesa, como a portugalidade e a identidade são vividas em contexto migratório através das especificidades económicas e socioculturais que os portugueses desenvolveram no país de acolhimento bem como das relações diversificadas que ainda mantêm ou têm desenvolvido com Portugal. Este inquérito permite confirmar se factores como a mobilidade acrescida de pessoas e bens entre os dois países, a ligação territorial a França pela via da propriedade, a frequência de locais étnicos, a utilização de novos meios de comunicação bem como a questão da nacionalidade influenciam o modo como os portugueses se identificam e se relacionam com Portugal. Na parte final deste capítulo sugere-se uma proposta de tipologia que sintetize os percursos socioculturais e migratórios bem como as tendências diferenciadas quanto às questões da identidade e da territorialidade nos três grupos de imigrantes lusos que julgamos melhor caracterizar a comunidade portuguesa nesta região.

O mesmo foi possível implementar graças ao apoio incondicional manifestado pelos imigrantes portugueses na região: familiares, amigos, empresários, dirigentes associativos ou simplesmente pessoas que se prontificaram para o efeito. Salienta-se o pessoal contributo do Dr. Carlos Barroso, Cônsul de Portugal em Lyon, do Sr. Vice-cônsul Sabino Pereira e do presidente das Associações Portuguesas de Rhône-Alpes, Sr. Manuel Cardia Lima.

O tratamento dos dados recolhidos pelo inquérito foi feito através do programa informático de gestão de dados orientado para as ciências sociais

denominado SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Os resultados foram apresentados sob a forma de gráficos e tabelas.

A aplicação do inquérito ocorreu junto da comunidade lusa residente em diferentes pontos da área metropolitana de Lyon; cerca de metade dos inquiridos respondeu nas instalações do consulado português de Lyon, os restantes foram preenchidos em diversas associações portuguesas dispersas na região de Lyon bem como em comércios étnicos lusos de tipo cafés e mercearias dispersos pela área metropolitana.

Foram inquiridos 509 indivíduos de maioridade por motivos que se prendem com o facto do teor da maioria das questões dizer respeito a pessoas que possam integrar a categoria de activos que já dispõem de uma certa autonomia de vida. O número total de inquiridos com 18 anos e mais foi de 509 (o que equivale a uma amostra de cerca de 3,8 % do total da comunidade portuguesa recenseada pelos serviços do INSEE de 2007 para o distrito do Rhône – 13486) sendo que a amostra é constituída por 255 indivíduos do sexo feminino e 254 do sexo masculino. Os resultados detalhados do inquérito com respectivos gráficos e tabelas seguem em anexo a esta investigação (anexo I).

1.1 Percursos migratórios diferenciados

No âmbito das migrações contemporâneas, a região Rhône-Alpes e a área urbana de Lyon constituem espaços de longa tradição imigratória. Ao longo das últimas cinco décadas, esta região tornou-se no segundo pólo mais dinâmico de sucessivas gerações de imigrantes lusos neste país. Estamos em presença de grupos de imigrantes que se caracterizam em função da época em que chegaram a esta região. Com base nos resultados do inquérito a primeira constatação é de que a idade e o sexo deixaram de ser critérios tão selectivos como o foram no passado, uma vez que as gerações actuais de imigrantes (há menos de 10 anos a residir no país) incluem uma proporção assinalável de pessoas do sexo feminino (41,6%) bem como de adultos com idade mais avançada (1/5 dos inquiridos tem mais de 41 anos).

Se do ponto vista literário, temos amplo conhecimento de que as primeiras gerações de imigrantes lusos deixaram um país predominantemente rural, pouco desenvolvido económico e socialmente, o inquérito permitiu confirmar que a grande maioria destas gerações provém da região Norte e Centro de Portugal, destacando-se distritos como Braga, Porto, Aveiro, Vila Real, Viana do Castelo, Castelo Branco, Coimbra e Lisboa. Em termos geográfico as gerações actuais confirmam uma tendência para origens mais diversificadas, provenientes maioritariamente de cidades e distritos mais urbanizados do litoral como o Porto, Aveiro e Braga que nos últimos anos têm sido confrontados com um aumento elevado da taxa de desemprego, impelindo milhares de portugueses para a emigração.

Um dos indicadores de desenvolvimento humano utilizado desde 1993 pelas Nações Unidas tem em conta o nível de instrução da população, sendo que esta nova vaga de imigrantes reflecte esse desenvolvimento da sociedade portuguesa ao distinguir-se dos seus antepassados pelo nível de instrução que melhorou significativamente. De facto, o desenvolvimento da sociedade portuguesa das últimas décadas deve-se a um aumento gradual do nível de instrução à medida que a escolaridade obrigatória se foi implementando e alargando que reduziu consideravelmente as elevadas taxas de analfabetismo e aumentou as taxas de escolarização. Esta evolução do nível de instrução

também tem sido a tendência registada nos imigrantes lusos nesta região de França, mais particularmente na primeira década do século XXI, embora ainda se constata que cerca de 16% dos inquiridos têm apenas como nível de instrução o primeiro ciclo. Contrariamente ao que é veiculado em certos meios académicos ou jornalísticos com falta de bases científicas quantitativas que permitam uma aproximação real e objectiva da problemática, o presente estudo demonstra que, apesar de o número de pessoas com formação ao nível do ensino secundário e universitário ter aumentado (14% e 5% respectivamente), ainda continuam a chegar portugueses que, na sua maioria, têm a anterior escolaridade obrigatória, ou seja, o nono ano de escolaridade (cerca de 63% têm uma instrução ao nível do segundo e terceiro ciclos do ensino básico). Não obstante este inquérito, as entrevistas efectuadas permitiram confirmar que a emigração de pessoas com instrução superior encontra-se em fase de expansão, mas não constitui ainda o maior contingente de emigrantes lusos.

A situação socioprofissional dos imigrantes também reflecte a evolução da sociedade portuguesa das últimas décadas sendo que o presente inquérito também vem evidenciar resultados diferenciados nas gerações em análise. A sociedade portuguesa tradicionalmente agrária deu progressivamente lugar a um processo de industrialização bem como a uma terciarização da economia nas últimas décadas. Os primeiros imigrantes que provinham maioritariamente das aldeias encontravam-se essencialmente empregados no sector primário e viviam da agricultura que proporcionava poucos rendimentos. A percentagem de pessoas desempregadas também era elevada, e muitos dos que emigraram eram estudantes (31,8%). Estes últimos acompanhavam ou juntavam-se à família, o que ilustra o fenómeno do reagrupamento familiar, particularmente marcante na década de 70 quando fora legalizado e institucionalizado em França em 1976 pelo presidente Valéry Giscard d'Estaing e o seu primeiro ministro Jacques Chirac.

O perfil socioprofissional dos imigrantes recém-chegados difere em alguns pontos dos seus predecessores. Os resultados do inquérito indicam que a grande maioria encontrava-se empregada e mesmo assim foi para França, o que mostra que as motivações para a decisão de emigrar podem ser várias, uma das quais a insatisfação laboral sentida em Portugal, devido aos crónicos baixos vencimentos. A percentagem dos que estavam desempregados (17%) é

sem dúvida importante e ilustra a crise económica que tem abalado o país nos últimos anos. Cerca de 14% dos inquiridos eram estudantes, o que pode também indiciar situações de abandono escolar.

O projecto migratório é, como vimos, amplamente facilitado pelas redes migratórias familiares, de amizade, de vizinhança ou simplesmente de afinidade identitária que se vão estabelecendo nas comunidades migrantes.

Em ambas as gerações de imigrantes lusos é inegável a importância das redes familiares e de amigos como suporte social para se fixarem em França. Duas causas podem explicar o facto de os imigrantes afirmarem irem para França juntar-se à família: a primeira reflecte o acto de emigrar com a família e a segunda determina o reagrupamento familiar. Em ambos os casos o apoio familiar constituiu o principal argumento para a tomada de decisão de emigrar.

O apoio das redes familiares ou de amigos na emigração bem como o reagrupamento familiar não são as únicas causas possíveis para o desencadeamento do processo migratório. Com efeito, os portugueses também são inúmeras vezes caracterizados como sendo um povo de aventureiros e os resultados do estudo apontam nesse sentido, uma vez que é notória a percentagem de pessoas, quer nas mais antigas quer nas gerações mais recentes, que diz ter partido sozinha sem qualquer ligação a redes familiares ou de amigos (16% e 23% respectivamente).

Pouco expressiva é a situação de emigrantes que partiram pela via da empresa em que trabalhavam em Portugal (3% da última geração de imigrantes), o que reflecte a fraca internacionalização da economia portuguesa nesta região⁶⁵.

De facto a questão familiar exerce uma grande influência na decisão de emigrar, se bem que esta possa não ser o único agente de decisão, pois pode tratar-se de um projecto individual. Esta situação reflecte a mutação das sociedades contemporâneas em que os indivíduos são mais instruídos, mais informados e, conseqüentemente, revelam uma maior autonomia de decisão e de acção.

⁶⁵ Os dados fornecidos pelo Consulado Geral de Portugal em Lyon (2010) apontam para uma vintena de investimentos empresariais lusos na região, sendo que 7 estabelecimentos são instituições bancárias, 3 empresas no sector da construção civil, 3 empresas no sector comercial, 3 no sector industrial e as restantes em sectores diversos.

Da evolução da sociedade surgiram novos tipos de família, o que se reflectiu igualmente nas comunidades migrantes. O inquérito realizado demonstra que a maioria dos inquiridos é casada (53%), e simultaneamente aponta para uma tendência crescente da pluralidade de tipo de famílias e de convivências. Referente a este ponto, o estudo evidencia que, na comunidade em geral, a grande maioria dos imigrantes continua a viver com a família, embora seja assinalável que 16,4% dos portugueses já vivem com um(a) companheiro(a). Nas gerações mais recentes de imigrantes, apesar de metade dos sujeitos viver com a família, torna-se significativa a percentagem de pessoas que vive com um(a) companheiro(a) (26%). A explicação passa pelo facto de se estar em presença de um grupo que conta com um número expressivo de pessoas solteiras (37%). Neste grupo também sobressai o facto de que numa imigração recente o número de pessoas que vivem sozinhas tende a ser superior ao de grupos que já registam uma integração mais duradoura na sociedade local. Também o facto de partilhar uma habitação com amigos pode constituir uma solução para melhor superar encargos económicos bem como fazer face à solidão e, de certa forma, compensar a ausência de apoio familiar que caracteriza projectos migratórios mais individualizados. O critério da nacionalidade permite traçar algumas diferenças que distinguem aqueles que têm a nacionalidade francesa dos restantes. Trata-se do grupo que regista o menor número de indivíduos casados (38,7%) e o maior número de indivíduos em situação de união de facto (13,7%) e de divórcio (10,5%). Apesar da diversidade de situações perante o estado civil, a grande maioria dos inquiridos continua a viver em família (77%), o que demonstra o papel preponderante que esta tem como grupo social. Nos tempos actuais, nas sociedades ocidentalizadas a família tradicional convive com uma multiplicidade de tipos de famílias, o que também é representativo no presente estudo, dado que uma percentagem já considerável da população (16%) vive em união de facto.

1.2 Uma crescente mobilidade social e geográfica: impactos na identidade e na territorialidade.

Nas comunidades migrantes a mobilidade profissional constitui uma das formas de mobilidade social que imprime mudança no projecto de vida das pessoas e influencia o processo de integração na sociedade de acolhimento. Em capítulos anteriores, a partir de estudos teóricos foi possível referir que a população lusa nesta região e em França evoluiu positivamente em termos de mobilidade profissional e acompanhou a tendência generalizada de terciarização das economias desenvolvidas e de retracção industrial com diminuição do operariado neste sector. Os estudos têm demonstrado que os imigrantes portugueses masculinos continuam a trabalhar predominantemente nos sectores da construção civil e da indústria e as mulheres nos serviços domésticos (limpezas), quando os descendentes, com qualificações profissionais e nível de instrução mais elevados, trabalham tendencialmente em actividades do sector terciário.

O presente inquérito permitiu determinar várias tendências: na globalidade, os sectores da construção civil e dos serviços domésticos dominam, seguidos por outros serviços e, em menor escala encontra-se o sector industrial. Ao observarmos as tendências por sexo, mais de metade dos indivíduos de sexo masculino trabalha na construção civil e aproximadamente um quinto na indústria. No sexo feminino a terciarização nas profissões é bastante mais expressiva, uma vez que 89,4% das mulheres trabalham neste sector e apenas 9,2% na indústria. Os serviços domésticos concentram quase metade dos efectivos (45,6%), seguidos pelos serviços em geral e pelo comércio. Os portugueses que chegaram nos últimos anos também apresentam uma bipolarização profissional em torno da construção civil e dos serviços domésticos, sendo a empregabilidade na indústria bastante diminuta, o que confirma a contracção de empregos neste sector. Para os indivíduos que nasceram em França também se destaca uma terciarização expressiva das profissões, resultante de uma melhoria em termos de instrução e de integração no mercado de trabalho, embora um terço deste grupo trabalhe ainda na construção civil e na indústria. Na realidade subsiste uma reprodução social como o estipularam Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1964), ao

determinar que a posição social dos pais constitui uma herança para os filhos e que o capital cultural tem um papel fundamental no percurso escolar e na mobilidade profissional. À medida que as gerações de imigrantes aumentam o seu capital cultural, as gerações vindouras terão uma maior probabilidade de adquirir esse capital e de ascender na escala social.

Nas comunidades migrantes, a apropriação territorial pela via do acesso à propriedade habitacional pode constituir um sinal visível de integração económica e sociocultural no país de acolhimento. No que toca à questão referente à propriedade habitacional, o inquérito confirma um número significativo de proprietários: cerca de 37% dos portugueses em geral, o que está conforme com os dados nacionais do INSEE referentes a este tema.

Este indicador demonstra uma integração socioeconómica dos imigrantes lusos e descendentes porque o investimento em património imobiliário corresponde a uma maior acumulação de capitais (melhor nível de vida) mas também a uma maior territorialidade como opção de um processo de apropriação territorial onde o imigrante vive e com o qual se identifica.

Na ascensão à propriedade habitacional a partir de um processo de construção ou na realização de obras na habitação, as redes comunitárias expressam o forte sentimento de entreajuda étnica. Quer os imigrantes fixados há mais tempo, quer os que têm a nacionalidade francesa recorrem à rede comunitária (30 a 40% dos casos) para este tipo de trabalhos. Os imigrantes que residem há menos tempo, sendo maioritariamente arrendatários, recorrem menos a este tipo de práticas.

Esta apropriação territorial ainda é mais expressiva quando constatamos que 61% dos proprietários optam por uma habitação individual (vivenda) e os restantes por um alojamento em espaço colectivo (apartamento). A variável da nacionalidade reforça a ideia de territorialidade já evocada (maior ligação afectiva e identificação), e os indivíduos de nacionalidade francesa revelam uma maior tendência para o acesso à propriedade (49,2%) do que os que mantêm a nacionalidade portuguesa (33,1%). A variável mobilidade residencial também pode ser associada à mobilidade social já que o indivíduo procura melhores condições de habitabilidade em função da melhoria do seu nível de vida. Esta variável é particularmente expressiva na comunidade lusa, sendo que 47% dos inquiridos terão mudado de residência três e mais vezes e

apenas 22,5% uma única vez. O critério nacionalidade francesa reforça ligeiramente esta tendência sem que haja uma grande discrepância em relação à comunidade em geral. Todavia, o grupo mais recente de imigrantes, como conta com uma estadia mais curta no país, revela ter mudado de residência uma ou duas vezes na sua grande maioria (respectivamente 38,2% e 41,5%).

A mobilidade geográfica em contexto migratório é determinante para compreendermos as práticas e as vivências que os portugueses manifestam em França e as relações que definem com o seu país de origem. Como foi sublinhado, o processo de globalização e a maior mobilidade desencadeada pelos transportes, nomeadamente aéreo, tem permitido uma intensificação da mobilidade geográfica do imigrante português.

Globalmente, os resultados do inquérito demonstram que se está em presença de uma corrente migratória do tipo bipolar, já que a maioria dos imigrantes lusos escolheram este país como primeiro destino da emigração (82,9%). Também numa lógica interna de fixação territorial, apesar da grande maioria se ter fixado em primeiro nesta região, constatamos que o projecto migratório de um quarto dos inquiridos não teve como primeira etapa esta região.

Nas gerações mais antigas, o processo de fixação territorial, antes da crise petrolífera dos anos 70, ocorreu regularmente por etapas sucessivas que obedeciam a uma lógica de maior mobilidade laboral num contexto de intensa oferta de emprego e de condições de remunerações diversificadas. Quando as condições de trabalho ou remuneratórias não satisfaziam, era fácil despedir-se, ingressar noutra empresa ou movimentar-se para outra localidade ou região. Outros imigrantes optavam por deslocar-se para as regiões onde estavam instaladas redes familiares e de vizinhança. Para as gerações mais recentes, as motivações não diferem muito comparativamente às dos seus antecessores, uma vez que aspiram por melhores condições de trabalho (embora num contexto muito mais restritivo de oferta laboral) e privilegiam as redes familiares que continuam a assumir um papel preponderante na reorientação territorial do projecto migratório.

Uma análise mais detalhada permite revelar tendências que acompanham as migrações contemporâneas, onde a circulação migratória é mais intensa e onde os projectos migratórios passam por sucessivos destinos.

O grupo de imigrantes mais recente expressa essa crescente circulação migratória multipolar com 1/3 dos inquiridos a relatar experiências migratórias anteriores em outros países. A experiência migratória anterior obedece a uma lógica de proximidade geográfica, destacando-se essencialmente a Espanha e a Suíça, países vizinhos da França que são referenciados como principais destinos da emigração portuguesa nos últimos anos. A Espanha tem vivido uma crise económica com altas taxas de desemprego, o que conduziu a uma reorientação dos projectos migratórios de muitos portugueses, nomeadamente para França. No caso da Suíça, a justificação que levou muitos portugueses a instalarem-se em Rhône-Alpes é de outra natureza e passa pela proximidade geográfica do país (as maiores concentrações de portugueses na confederação helvética ocorrem em cantões limítrofes de Rhône-Alpes, nomeadamente nas áreas urbanas de Genebra e Lausanne; Fibbi et al. 2010) que facilita um estreitamento de relações (familiares e de amizade) e favorece uma redefinição do projecto migratório.

Se atendermos à mobilidade pós-migratória numa lógica de vaivém, de circulação migratória ou de vida em alternância, a primeira constatação é de que existe de facto um aumento da mobilidade entre os dois países. Quer se trate das primeiras gerações, das gerações com nacionalidade francesa ou das gerações recentes, verifica-se um aumento da mobilidade dos imigrantes entre França e Portugal que varia entre os 55% e os 37%. Uma análise mais pormenorizada, tendo em conta o critério da frequência dessa mobilidade, apresenta algumas tendências que convém explicitar.

A primeira tendência confirma que, em todos os grupos, um em cada cinco imigrantes viaja pelo menos três ou mais vezes por ano a Portugal. Todavia, o grupo de imigrantes fixado há menos tempo é o que viaja mais frequentemente para Portugal (cerca de 27% viajam três e mais vezes por ano). Destacam-se dois factores que contribuem para explicar estes dados: o primeiro remete para a forte identificação com o país de origem, tendo em conta que saíram de Portugal há menos tempo, e o segundo deve-se ao facto de um projecto migratório recente apresentar maior probabilidade de ter deixado mais familiares no país. Os imigrantes mais antigos viajam essencialmente uma ou duas vezes, mas cerca de 20% viajam três e mais vezes. Devemos realçar que neste grupo o aumento da frequência da

mobilidade será ainda mais perceptível à medida que os efectivos entrarão na idade da reforma nos próximos anos. Se tivermos em conta o critério da nacionalidade francesa, registamos maioritariamente uma menor frequência de mobilidade nos elementos deste grupo que viajam apenas uma única vez por ano (53%) o que indicia uma menor necessidade de aproximação real com Portugal. Apesar de tudo, neste grupo, uma proporção assinalável de pessoas viaja três ou mais vezes (19%) e remete-nos para uma forte ligação afectiva com Portugal.

O período do ano em que os imigrantes se deslocam a Portugal constitui também um indicador de ligação afectivo e permite compreender os fundamentos de ligação territorial que se estabelece com o país. O Verão e o Natal e seguidamente a Páscoa continuam a ser os grandes momentos anuais de regresso ao país. De facto, o Verão continua a ser a época do ano que todos preferem, uma vez que normalmente o período de férias é coincidente com esta estação. A visita ao país torna-se um momento de reencontro com a família, os amigos e a cultura. O período da deslocação a Portugal também traduz algumas diferenças em função dos grupos em análise.

Por razões directamente relacionadas com um projecto migratório mais recente, o Natal apenas é mais valorizado pelas gerações que chegaram nos últimos anos (57%) e constitui uma oportunidade de reunir com a família que ficou em Portugal. Começa a ser relevante o facto de os portugueses se deslocarem também em momentos do ano que coincidam com ocasiões especiais (dias festivos, por exemplo), o que comprova uma crescente diversificação dos motivos que impulsionam a mobilidade entre os dois países. De um modo global $\frac{1}{4}$ dos elementos de cada grupo desloca-se a Portugal em momentos cada vez mais diversificados ao longo do ano.

A circulação entre os dois países permite confirmar uma tendência para uma bipolarização das viagens em torno das férias e da visita a familiares nos três grupos de imigrantes. Todavia, esta bipolarização não é exclusiva, já que os portugueses movimentam-se também para festas familiares (casamentos, baptizados, entre outras) ou para tratar de negócios. Com uma representatividade muito menor, também se deslocam para assistir a jogos de futebol, principalmente nas gerações mais antigas e nos sujeitos com nacionalidade francesa (respectivamente 6% e 4%). A explicação destes

grupos se destacarem relativamente aos imigrantes mais recentes passa pela ligação cultural que o futebol representa, a socialização entre pares mas também pode ser relacionado com um maior poder económico que permita este tipo de deslocações. Em todo o caso, estes resultados vêm confirmar a tendência para uma diversificação de práticas e vivências em relação ao território de origem e reflectem uma maior identificação em relação à cultura original.

Numa fase pós-migratória em que o nível de integração na sociedade de acolhimento é elevado, a questão do regresso a Portugal também constitui um forte indicador de sentimento de pertença a uma comunidade ou a comunidades. A análise da questão do regresso ao território original é fundamental para compreendermos a conclusão do projecto migratório bem como as relações pós-migratórias que o imigrante desenvolve com França e Portugal. Por se tratar de uma questão deveras complexa de responder porque envolve uma forte componente de identificação cultural e porque representa em si projectos de vida, nos grupos em análise as opiniões expressas suscitam uma grande variabilidade.

Numa primeira análise, temos dois grupos que manifestam tendências mais ou menos idênticas. O grupo das gerações mais antigas bem como o grupo dos indivíduos com nacionalidade francesa demonstram de forma significativa a vontade e pretensão de viver nos dois países (respectivamente 46% e 31%), o que confirma a tendência anunciada por alguns investigadores quanto à residência em alternância entre França e Portugal, dando-se uma mobilidade geográfica do tipo intermitente. Estes resultados confirmam a boa integração destes indivíduos na sociedade de acolhimento que reivindicam também uma cultura de origem que os torna seres plenamente biculturais. Convém referir que em ambos os grupos também verificamos um número significativo de indivíduos que pretendem não regressar (respectivamente 33% e 41%), o que comprova que com o passar dos anos houve uma efectiva integração na sociedade francesa. Num segundo ponto, em situação diametralmente oposta, encontramos os sujeitos que chegaram há menos de dez anos a França e que, na base de um projecto migratório de mais curta duração, afirmam, na sua grande maioria, querer regressar definitivamente a Portugal (75%). Como esse regresso não implica a chegada à idade da reforma

para cerca de 56% dos mesmos, deparamo-nos com um projecto migratório mais reduzido, uma vez que não engloba toda a vida profissional, apenas 18,6% dos inquiridos tencionam somente regressar quando chegarem à reforma (projectos mais longos). Estes números são muito representativos pois indicam claramente que o projecto migratório não é forçosamente um longo ciclo que se conclui apenas com a chegada à reforma dos imigrantes.

Um modo de vida dividido entre dois territórios ou países, com vivências em regime de alternância, ilustra bem o sentimento de partilha entre estas duas culturas do imigrante. Quanto a este aspecto, os números são expressivos visto que cerca de 33% dos imigrantes (1/3) pensam viver entre os dois países e permitem objectivar quantitativamente a tendência para uma residência em alternância referida por alguns investigadores.

Partindo da questão do regresso, podemos concluir que provavelmente a mesma terá cada vez menos interesse em ser equacionada. Uma efectiva circulação e comunicação cada vez mais intensa e rotineira que se vive entre os dois países leva a que o imigrante tenha cada vez menos de optar entre o viver cá ou lá de modo definitivo, porque na realidade pode viver e sentir os dois territórios de forma harmoniosa e partilhada.

1.3 A dinâmica da vivência identitária em territórios da Portugalidade.

Nos países de acolhimento de imigrantes os locais étnicos constituem bons exemplos de apropriação de espaços que carregam um forte significado cultural e identitário. Os locais étnicos, porventura mais expressivos em termos culturais, encontram-se associados ao dinamismo associativo bem como às actividades económicas com forte conotação cultural, como a restauração e a venda de produtos alimentares.

Os resultados deste estudo permitem confirmar uma grande adesão dos elementos da comunidade a locais com os quais se identificam e onde podem socializar (88%).

Ao efectuarmos uma análise por grupos destacam-se particularmente os imigrantes que chegaram mais recentemente à área de Lyon com uma percentagem de frequência destes espaços que atinge os 96%. O facto de ter a nacionalidade francesa não constitui um obstáculo em si na aproximação com a cultura portuguesa, visto a taxa de frequência deste tipo de locais por pessoas com esta nacionalidade atingir os 81,5%.

As associações portuguesas constituem importantes redes de socialização e de contacto com a cultura portuguesa e surgem em segundo maior número de respostas em termos de locais étnicos frequentados logo a seguir às mercearias. Aproximadamente metade dos inquiridos dizem frequentar as associações portuguesas.

As pessoas que se fixaram há menos tempo na região frequentam todo o tipo de estabelecimentos, embora se destaquem as mercearias, os cafés, as associações e em número mais reduzido as agências de viagens. Neste último caso, o fraco número de respostas no inquérito justifica-se pelo facto de existir apenas uma agência de viagens para clientela maioritariamente portuguesa e também devido às novas tecnologias como a internet que facilitam a aquisição deste tipo de serviços sem ter de recorrer ao estabelecimento comercial. Muitos destes imigrantes frequentam as agências bancárias portuguesas (1/3). Isto significa que provavelmente têm conta bancária nestes estabelecimentos e demonstra o papel financeiro desempenhado pelos bancos nacionais nas comunidades portuguesas. Muitos imigrantes começam por abrir uma conta

bancária numa instituição portuguesa pelo facto de ainda não dominarem a língua francesa, por serem aconselhados pela família ou amigos, mas também pela facto de as agências bancárias serem filiais de grandes grupos financeiros portugueses onde podem já ter conta em Portugal.

Ao longo das últimas décadas, estes espaços, por vezes definidos como guetos étnicos (nomeadamente os cafés) também se abriram à comunidade, nomeadamente à população feminina (o inquérito confirma que a clientela feminina é de 36,7% nos cafés e de 41,9% nos restaurantes) aos jovens e recebem também clientes de outras nacionalidades. São espaços que permitem a convivência entre pares onde a cultura gastronómica está omnipresente, onde abundam símbolos da cultura portuguesa que ornamentam as paredes mas que também funcionam como espaços de contactos e de troca de informação profissional para a comunidade e contribuem amplamente para a integração económica e sociocultural dos recém-chegados à comunidade.

Se efectuarmos uma análise global, verifica-se que as mercearias são os espaços mais frequentados pela comunidade lusa (68,5%) seguidas pelas associações (60,3%) pelos restaurantes (57,4%) pelos cafés (54,3%) e pelos bancos (42,6%). Também uma análise pormenorizada permite revelar que estes espaços revelam uma frequência mais feminina. As mulheres são maioritárias na frequência das mercearias (63,7%) e revelam percentagens razoáveis, embora minoritárias, na frequência de associações (45%), de restaurantes (41,9%), dos bancos (40,4%) e das agências de viagens (36,3%).

Uma análise por grupos permite constatar não haver grande variabilidade em termos de preferências dos espaços que referimos. A frequência significativa destes locais étnicos pela comunidade confirma o papel importante que os mesmos têm na ligação com uma diversidade de elementos que representam a cultura portuguesa e na ligação entre pares.

1.4 As práticas transnacionais reais e virtuais como vectores de afirmação identitária

As práticas transnacionais facilitadas pelo processo de globalização com base na revolução tecnológica e no incremento da mobilidade possibilitado pelos transportes podem, como já o demonstramos, ser de vária ordem: económico, social, político e cultural. Nas comunidades migrantes, a matriz cultural original está na base das práticas económicas, sociais e culturais que os indivíduos desenvolvem no país de acolhimento e com o país de origem. Estas práticas transnacionais como têm uma forte conotação cultural contribuem inequivocamente para a construção da identidade do imigrante. A partir de um conjunto de perguntas foi possível avaliar algumas das práticas transnacionais na comunidade portuguesa de Lyon.

Em contexto migratório, certas práticas podem parecer exclusivamente de índole económico, quando, na realidade, uma análise mais atenta permite compreender que as mesmas têm uma forte simbologia cultural, como acontece, por exemplo, com as remessas. O mesmo sucede inversamente, ou seja, as práticas culturais também podem revelar um interesse económico (produtos gastronómicos, materiais para a habitação).

A aquisição de materiais em Portugal para a construção e para equipamento da habitação em França constitui uma prática transnacional corrente. Este tipo de prática pode ter na base um fundamento económico quando o imigrante tenta tirar partido de uma melhor relação qualidade/custo, mas também obedece a critérios culturais como sucede com as rochas ornamentais, tais como os granitos e os mármore, entre outros recursos endógenos que os construtores privilegiam na construção civil em Portugal. Nesta categoria, o inquérito permitiu constatar que cerca de 1/5 dos inquiridos já trouxe materiais de Portugal para a sua habitação em França. Os números são ainda mais expressivos quando se trata de imigrantes que são proprietários da sua habitação (71,2%) e que vivem maioritariamente numa vivenda (61,8%). Os materiais trazidos de Portugal são diversos, mas destacam-se para o apetrechamento da habitação os móveis de sala (16%), de quarto (14%) e de cozinha (12%) e como materiais da construção civil, granitos, azulejos e madeiras. A variável nacionalidade permite constatar que uma percentagem

significativa de indivíduos com nacionalidade francesa (27%) manifesta este tipo de práticas. Neste grupo, os indivíduos privilegiam essencialmente a importação de materiais da construção civil e interessam-se pouco pela compra de móveis para a habitação por exemplo.

Outros bens são adquiridos no país de origem, nomeadamente produtos gastronómicos regionais bem como recordações de viagem que simbolizam a tradição portuguesa. Verificamos que a grande maioria dos portugueses manifesta este tipo de prática (92,8%) ao continuar a transportar regularmente consigo este tipo de produtos. Uma análise por grupos permite concluir que este tipo de práticas também é elevado nos imigrantes mais recentes (91,6%) bem como nos portugueses com nacionalidade francesa (70,1%), mas é menos relevante nos indivíduos que nasceram em França (48,1%). Neste último grupo, embora quase metade dos inquiridos tenha manifestado este tipo de práticas, os resultados menos expressivos devem-se ao facto do mesmo ser constituído por pessoas mais novas que também viaja menos vezes para Portugal.

Os produtos gastronómicos ou alimentares constituem um dos melhores indicadores de ligação a uma cultura, uma vez que comer e beber são necessidades básicas do ser humano. A explicação cultural que está na base da transacção destes tipos de produtos não é única e razões económicas também podem ser evocadas, como sucede, por exemplo, com o típico bacalhau que, segundo os inquiridos, é por vezes de melhor qualidade e pode ficar menos oneroso quando se leva algum de Portugal.

Constata-se que os portugueses continuam a transportar regularmente consigo uma grande diversidade destes tipos de produtos. Os produtos preferidos são as recordações (para mais de 50% dos indivíduos) bem como os produtos alimentares que simbolizam a gastronomia portuguesa, como o vinho (41,8%), o azeite (38,3%), os queijos (36,3%), os enchidos (33%) e até o bacalhau para 1/5 dos mesmos. Comprar calçado nacional reputado pela sua qualidade pode ser um hábito cultural, uma vez que 29% os inquiridos dizem trazer este tipo de produtos de Portugal. Menos relevância tem a aquisição de vestuário (9,4%), apesar da grande tradição têxtil no país. A explicação passa pelo facto de haver uma grande uniformização deste tipo de produtos nas sociedades ocidentais e de haver presentemente poucos particularismos específicos em termos de indumentária ao contrário do que pode suceder em

sociedades islâmicas, africanas ou asiáticas. Os dados poderiam eventualmente sofrer algumas variações caso tivesse sido particularizado algum tipo de vestuário com conotação mais cultural (camisolas e cachecóis referentes ao futebol, com a bandeira nacional entre outros), mas também é certo que este tipo de produtos pode incorporar a categoria *souvenirs*.

Uma análise mais particularizada em função da antiguidade dos imigrantes ou da nacionalidade francesa demonstra haver uma fraca variação em termos de preferências dos produtos já referenciados.

A questão das transacções financeiras ou remessas dos imigrantes lusos é fundamental para compreender, a partir dos objectivos a que se destinam, as relações que se estabelecem entre os imigrantes e Portugal. Trata-se de uma temática bastante privilegiada por investigadores sociais e economistas pelo facto das mesmas terem impactos socioeconómicos significativos nas sociedades receptoras de divisas.

O inquérito demonstrou que as transferências financeiras para Portugal ainda são significativas para os imigrantes portugueses e descendentes (53,8%), mas apenas 15,7% o fazem de modo regular.

Estes dados explicam-se pelo facto de se tratar de uma comunidade com maturidade em termos de implantação, o que significa uma maior integração na sociedade francesa bem como uma menor necessidade de enviar poupanças para Portugal, tendo em conta que as gerações mais antigas já muito provavelmente realizaram os principais projectos de vida que passa pela compra ou construção de uma habitação ou pela acumulação de poupanças substanciais ao longo de uma vida de trabalho.

Pode-se todavia confirmar que se está perante uma situação de transnacionalismo financeiro/económico. Quando se constata que cerca de 80% dos indivíduos que nunca enviam remessas para Portugal têm mais de 10 anos de residência em França, confirma-se a tendência de que à medida que aumenta o número de anos de residência neste país, aumenta também o número de indivíduos que menos remessas enviam.

Outros factores importantes como a questão de não regressar definitivamente a Portugal (22% dos inquiridos) bem como viver alternadamente entre os dois países (33%) contribuem certamente para um menor envio de remessas.

Não obstante estes resultados, o envio de remessas diverge consideravelmente se tivermos em conta as várias gerações de imigrantes. Os primeiros anos de fixação são aqueles em que os imigrantes mais poupam e mais remessas enviam para os países de origem e é em larga escala motivado pelos projectos de regresso ainda bem presentes na memória. O inquérito confirma amplamente essa tendência de envio de remessas para Portugal para cerca de 70% dos inquiridos que chegaram nos últimos dez anos, sendo também mais expressiva a percentagem de pessoas que envia com muita regularidade (30,4%). Outra tendência reveladora concerne as pessoas deste grupo que dizem nunca enviar remessas (29,6%). Neste último caso podem ser apontadas várias causas que possam contribuir para estes resultados. O primeiro prende-se com o facto dos salários nem sempre serem suficientemente elevados para permitirem um grau de poupança e, por outro lado, razões culturais podem estar na origem destes resultados. Com efeito, o emigrante de hoje, com mais instrução, preocupa-se menos com a questão do projecto do regresso (12,4% dos inquiridos tencionam não fazê-lo e 13,8% preferem viver entre os dois países) e partilha de uma filosofia de vida que passa crescentemente por viver mais o momento presente no espaço e na sociedade onde se encontra.

Em posição oposta à tendência geral de transferências de remessas para Portugal encontra-se o grupo de indivíduos com nacionalidade francesa. Cerca de 64,4% deste grupo nunca envia remessas, o que demonstra uma clara orientação dos projectos de vida para a sociedade francesa. Todavia, com 29,6% dos inquiridos a enviar remessas ocasionalmente, compreende-se que uma parte destes indivíduos continue a estreitar ligações com Portugal.

O destino das remessas permite compreender o tipo de relações que o imigrante e descendente mantêm com o país de origem.

Globalmente as remessas servem para passar férias (55% dos inquiridos) comprar, pagar casa (30,4%), ajudar a família (26,5%) apenas poupar (20%) ou também regularizar dívidas (12,7%). Estes resultados indicam uma grande variedade de aplicações, sendo que as férias são o principal destino das remessas, mas também se constata que o imigrante continua a destinar uma parte das poupanças para a construção ou pagar a sua habitação e os laços familiares continuam a fundamentar a entajada entre os seus elementos.

Também é certo que a instabilidade económica vivida em Portugal e que tem empurrado muitas pessoas para a emigração fez com que muitos portugueses, que contratualizaram dívidas anteriores, tenham de direccionar uma parte destas transacções para regularizar situações financeiras. Esta constatação é particularmente visível nas gerações mais recentemente implantadas na região (17% dos inquiridos).

Na generalidade, as remessas revelam ter as mesmas aplicações nos três grupos que foram analisados, embora possamos destacar as pessoas com nacionalidade francesa que destinam significativamente as remessas para passar férias (73,8% dos que enviam remessas) e que paralelamente mantêm laços muito próximos com familiares em Portugal, visto que 26,1% dos inquiridos dizem enviar remessas para ajudar a família. Existe de facto nos inquiridos com nacionalidade francesa uma maior tendência para manterem com Portugal uma relação predominantemente turística, em virtude de uma maior integração na sociedade francesa do que os restantes elementos da comunidade lusa.

A mobilidade física como reforço da identidade e das relações territoriais não é exclusiva, já que apelidaríamos como *transvirtualidade* os processos de comunicação com Portugal dos imigrantes que recorrem às novas tecnologias de informação e de comunicação. De facto, a Internet tornou-se num motor imprescindível de comunicação nas sociedades pós-industriais. A internet permite-nos *movimentar* e comunicar no espaço sem que haja mobilidade física e nas comunidades migrantes pode constituir-se como uma ferramenta fundamental de estreitamento de laços e de aproximação à cultura original. Esta aproximação à cultura original sem que haja necessidade de haver uma mobilidade geográfica também pode funcionar como factor contraproducente, levando o indivíduo a questionar-se sobre a real necessidade de se deslocar ao país para confraternizar com a família quando pode matar a saudade ao comunicar audiovisualmente e regularmente com ela no pequeno ecrã. Em sentido inverso também é verdade que a internet pode constituir um estímulo para a mobilidade geográfica ao suscitar no imigrante luso a apetência para conhecer locais e particularidades paisagísticas, culturais e outras de Portugal que eventualmente desconhecia.

O inquérito veio demonstrar que a internet faz parte do quotidiano do imigrante luso na região. Nos três grupos de portugueses e descendentes

observamos um nível elevado de equipamento com ligação à Internet no domicílio (varia entre os 72% e os 87%) e os mesmos revelam comunicar com frequência com indivíduos em Portugal, principalmente detectável nos imigrantes que chegaram mais recentemente (76%) e nos indivíduos com nacionalidade francesa (68%), constituído por gerações mais novas que dominam mais facilmente estas aplicações digitais. As gerações mais antigas de imigrantes registam uma menor percentagem de sujeitos que comunicam com Portugal a partir da Internet (56%), o que é mais facilmente compreensível se atendermos ao facto que encontramos pessoas com mais idade e com menor grau de instrução que não dominam forçosamente as novas ferramentas da comunicação digital da mesma forma do que os restantes grupos. É de destacar a entreajuda inter-geracional visto que inúmeros inquiridos referiram que os filhos e os netos os apoiam regularmente na utilização deste meio de comunicação.

1.5 Que integração e identidade (s) na sociedade francesa?

O presente estudo tem demonstrado que a comunidade portuguesa em França, e na região de Lyon em particular, tem manifestado uma integração socioeconómica crescente na sociedade francesa como o comprovam alguns indicadores como o nível de integração profissional em sectores cada vez mais terciarizados, a dinâmica do empreendedorismo luso na região, o aumento do nível de instrução nos luso-descendentes e nas gerações mais recentes de imigrantes ou ainda a proporção significativa do acesso à propriedade imobiliária.

O inquérito veio confirmar este sentimento geral de integração na sociedade francesa em todos os grupos estudados (73% dos inquiridos afirmam sentirem-se bem integrados, a percentagem atinge os 82% nas gerações mais antigas e os 79% nos indivíduos com a nacionalidade francesa). Nos três grupos é pouco significativo o número de inquiridos que revela não se sentir bem integrado na sociedade francesa.

É, no entanto, necessário ressaltar algumas diferenças que foram detectadas no grupo de imigrantes que reside na região há menos tempo. Neste grupo, a percentagem de indivíduos que diz sentir-se bem integrada é de 53,9%, quando 39,8% afirmam sentir-se apenas integrados. A percentagem de pessoas que diz sentir-se pouco integrada é baixa (6,2%) embora mais expressiva do que nos restantes grupos. Trata-se maioritariamente de pessoas do sexo masculino entre os 22 e os 40 anos de idade, solteiras, a viver em França há menos de 3 anos, com especial destaque para os que vivem na região apenas há alguns meses.

Estes resultados demonstram uma boa integração na sociedade francesa, mas, como seria expectável, a integração das comunidades migrantes é um processo contínuo que as gerações mais antigas foram aperfeiçoando ao longo de quase meio século nesta sociedade, de modo que os resultados das pessoas mais recentemente implantadas difiram qualitativamente em relação aos restantes imigrantes e luso-descendentes.

Os inquiridos com nacionalidade francesa demonstram também um elevado grau de integração na sociedade francesa. Se tivermos em conta os

resultados de alguns grupos anteriores, também seria de esperar que o factor nacionalidade tornasse os números ainda mais expressivos. Deduz-se que o facto de ter a nacionalidade francesa não seja suficiente em si para revelar uma boa integração na sociedade e compreende-se, como tal, que outros factores mais subjectivos e socioculturais contribuam para a integração de um indivíduo numa sociedade.

Esses factores internos e externos que moldam o indivíduo remetem para uma outra questão complexa do questionário centrada sobre a identidade que leva o imigrante português a manifestar o sentimento de pertença a uma ou duas culturas e sociedades.

Relativamente à problemática da identidade, de um modo geral os indivíduos revelaram três tendências bem definidas: a primeira realça que mais de metade dos indivíduos se manifesta claramente como sendo português ou mais português (54,5%). A segunda permite também constatar que 36,5% dos inquiridos se sentem partilhados entre as duas nacionalidades. Por último a terceira aponta para uma pequena percentagem de imigrantes que se sente francês ou mais francês (9%). Contudo, uma análise mais detalhada das respostas em função das várias gerações de imigrantes revela diferenças significativas.

Quer se trate de imigrantes a residir há mais tempo no país, de indivíduos com nacionalidade francesa ou de luso-descendentes que nasceram em França, confirma-se uma percentagem significativa de indivíduos que se identifica tanto francês como português (respectivamente 52%, 47% e 43%). Estes dados exprimem o sentimento inequívoco de pertença, de partilha entre duas comunidades e por extensão de participação a duas culturas o que reporta para uma dimensão de biculturalidade.

Embora os números não sejam tão expressivos como se esperaria, os indivíduos com nacionalidade francesa são os que se sentem mais franceses (25%). Trata-se fundamentalmente de jovens mais instruídos, os que nasceram em França com habilitação superior e os que se naturalizaram com o nível secundário. Os resultados obtidos neste grupo demonstram também a grande diversidade de opiniões e reforça a tendência de sentimento de biculturalidade para quase dois terços dos indivíduos, se tivermos em conta que as outras categorias de respostas incluem em menor ou maior grau sempre as duas

nacionalidades (mais português ou mais francês). De facto, na imigração, ter uma nacionalidade não reenvia forçosamente para um sentimento de pertença cultural exclusiva a essa comunidade ou nacionalidade.

À medida que os imigrantes lusos se vão enraizando territorial e temporalmente nesta região também aumenta o sentimento de uma maior convivência da identidade portuguesa com a identidade francesa. Do ponto vista social e geográfico, esta identificação manifesta-se pela vontade significativa de viver em alternância nos dois países, no aumento da mobilidade entre os dois territórios bem como na frequência de locais étnicos já evocados.

O facto de se sentirem portugueses ou mais portugueses é particularmente significativo nos inquiridos que residem em França há menos tempo (77%) e é muito menos relevante noutros grupos (cerca de 1/3 dos sujeitos que nasceram em França e dos que têm a nacionalidade francesa). Nestes dois últimos grupos de pessoas com a nacionalidade francesa ou que nasceram em França (mais sensivelmente entre os 27/45 anos), o sentimento de se identificar como sendo português ou mais português reenvia certamente para as raízes dos pais, para as ligações familiares que ainda nutrem com Portugal, tratando-se porventura de uma questão mais sentimental/emocional de ligação às origens.

Como corolário de uma identidade lusa mais sentida e vivida, vários têm sido os indicadores, as práticas e as vivências analisados neste inquérito que permitem ao imigrante afirmar a sua identidade e deste modo relacionar-se com a cultura portuguesa no território de acolhimento, mas também com Portugal. Trata-se essencialmente de uma identidade multidimensional sentida e vivida entre as comunidades francesa, portuguesa na imigração e portuguesa em Portugal. A identidade do imigrante e luso-descendente constrói-se com base nesta triangulação de relações e manifesta-se territorialmente pelas vias da frequência dos locais étnicos em França, pela problemática da habitação, mas também pelo incremento de práticas baseadas na mobilidade de pessoas, bens materiais e imateriais e pela comunicação virtual entre os dois países.

1.6 Proposta de tipologia

Como vimos ao longo desta investigação, e particularmente no trabalho de campo, são várias as dimensões que contribuem para descrever a identidade e a territorialidade em contexto migratório. Com o intuito de sintetizar as características da comunidade portuguesa na área de Lyon, sugerimos uma proposta de tipologia a partir da análise dos resultados do inquérito distribuídos por um conjunto de dimensões que integram os diversos domínios de saber das ciências sociais. Optamos por uma tipologia baseada nas descrições fundamentais de 3 grupos para melhor caracterizar a comunidade imigrante portuguesa na área de Lyon e em França:

- O primeiro grupo inclui as primeiras gerações que chegaram a este território nos anos 70 do século XX; na altura, tratava-se predominantemente de jovens adultos que, com o reagrupamento familiar, levaram para junto de si as esposas e os respectivos filhos mas também por crianças e adolescentes do reagrupamento familiar dos anos 70 do século XX;
- O segundo grupo inclui as últimas gerações de imigrantes que chegaram a França há menos de uma década;
- O terceiro grupo é constituído pelos imigrantes e descendentes das primeiras gerações que, maioritariamente, nasceram em França e têm a nacionalidade francesa ou se naturalizaram como franceses. Salientamos que, relativamente a este grupo, devido ao facto de a maioria ter nascido em França, alguns itens não se aplicam em termos de análise. Tentamos, sempre quanto possível, efectuar uma distribuição coerente dos resultados do inquérito pelas dimensões demográfica, económica, sociocultural e geográfica, mas, ao reconhecermos que o estudo das migrações reveste uma componente indiscutivelmente transdisciplinar, é possível que algumas questões possam integrar simultaneamente diferentes dimensões.

Independentemente desta classificação dimensional dos itens analisados, foi possível construirmos uma imagem da comunidade portuguesa em termos de identidade a partir de um conjunto de práticas e vivências territoriais. Pensamos que esta tipologia possa contribuir de um modo sintetizado para a compreensão da diversidade e da complexidade do estudo da imigração portuguesa em França a partir de um trabalho empírico mais localizado.

Proposta de tipologia identitária do imigrante português (3 grupos) na região de Lyon a partir de 4 dimensões.

	Grupo 1: gerações mais antigas (30 e mais anos de residência em França) – 161 indivíduos	Grupo 2: gerações mais recentes (-10 anos em França) – 133 indivíduos	Grupo 3: sujeitos com nacionalidade francesa - 124 indivíduos
Dimensão demográfica			
Estado civil	Maioritariamente casados (2/3); percentagem mais elevada de divorciados (17%)	Maioritariamente casados, mas com um número de solteiros igualmente relevante (37%)	Quase metade dos inquiridos está casada (48%); grupo de solteiros também numeroso (37%); 13,7% vive em união de facto.
Com quem vive	Maioritariamente com a família (78%) 11% com companheiro(a) e 10% vivem sozinhos.	Metade vive com família (53%), 26% vive com companheiro(a), vivem sozinhos (12%) e com amigos (9%).	Maioritariamente com a família (77%) e com companheiro(a) (16%), poucos vivem sozinhos (5%).
Dimensão económica			
Actividade profissional Portugal/França	Em Portugal, metade trabalhava na agricultura (50%); na construção civil (20%) e na indústria (18%). Número significativo de desempregados (16%) e estudantes (32%). Diversificação sectorial: limpezas (24%), indústria (23%), construção civil (15%), outros serviços (26%).	Em Portugal, os inquiridos trabalhavam essencialmente na construção civil, indústria e agricultura. Número significativo de desempregados (17%) e de estudantes (14%). Em França trabalham na construção civil (46%), limpezas (30%) e outros serviços (12%).	Em França, a grande maioria trabalha no sector dos serviços, o que comprova uma maior promoção profissional. Cerca de 34% trabalham na indústria e na construção civil.
Tipo de habitação e regime de propriedade.	Quase metade vive numa vivenda (48%); em apartamento (41%) e poucos em alojamento social (7%) e 4% são porteiros. Elevado grau de propriedade (60%).	Vivem essencialmente em apartamento (76%), numa vivenda (16%) e poucos em alojamento social (5%) e 3% são porteiros. Apenas 9% são proprietários.	Vivem maioritariamente em apartamento (47%) ou numa vivenda (44%) e apenas 6% são porteiros. Cerca de metade são proprietários.
Recurso a profissionais portugueses	Cerca de 40% recorrem a profissionais portugueses.	Poucos recorrem a profissionais portugueses (16,5%), uma vez que são essencialmente arrendatários.	Cerca de 1/3 recorre a profissionais portugueses.

Importação materiais habitação	Cerca de 25% afirmam que sim.	Apenas 11% afirmam que sim.	Quase 1/3 afirma que sim (30%).
Remessas para Portugal	Mais de metade não envia (54%), por vezes (40%) e regularmente (6%).	Cerca de 70% envia remessas para Portugal (elevado nível de Transnacionalismo financeiro).	A maioria não envia remessas (61,4%); por vezes (29,6%) e apenas 5,9% enviam regularmente.
Destino das remessas	Essencialmente para passar férias (73% dos inquiridos que enviam remessas) ajudar a família (23,9%) e aplicações não definidas (23,9%). Fraco nível de poupança (9,8%).	Grande diversidade de aplicações: férias (36% dos inquiridos que enviam remessas), comprar ou pagar casa (30%), ajudar a família (27%), mas também regularizar dívidas (17%). Nível de poupança mais elevado (17%).	Essencialmente para passar férias (73,8% dos inquiridos que enviam remessas); mas também para ajudar a família (26,2%); comprar ou pagar casa (21,4%); outras aplicações (23%). Apenas poupança (16%).
Dimensão sociocultural			
Como veio para França	Importância das redes familiares (27%) no apoio à emigração. Importância do reagrupamento familiar para se juntar à família (43% das respostas). Também realçamos a percentagem de pessoas mais <i>aventureiras</i> que partiram por iniciativa própria (14%).	Importância das redes familiares (32%) e de amigos (12%) no apoio à emigração. O facto de partirem para se juntar à família é significativo (26% das respostas). Também é relevante a percentagem de pessoas mais <i>aventureiras</i> que partiram por iniciativa própria (22,9%).	
Nível de escolaridade	Escolaridade baixa/média: metade tem apenas o primeiro ciclo (53%). Cerca de 21% tem o segundo e o terceiro ciclo. Os emigrantes do reagrupamento familiar prosseguiram estudos e contribuem para que 11% tenham um nível secundário e 8% um nível superior.	Aumentou bastante relativamente às gerações anteriores, cerca de 41% tem o nível do ensino básico, 14% um nível secundário e 7% um nível superior. Constata-se todavia que cerca de 16% ainda tem um nível do primeiro ciclo.	Substancialmente mais elevado, a maioria tem um nível secundário ou superior. Os naturalizados têm um nível de escolaridade substancialmente inferior (cerca de 50% tem o ensino básico)
Frequentações de locais étnicos	Elevada percentagem de frequência de locais étnicos (84%).	Elevada percentagem de frequência de locais étnicos (96%).	Frequentações elevadas dos locais étnicos (81,5%), embora menor que os grupos anteriores.

Práticas transnacionais (produtos alimentares e outros que simbolizam a cultura portuguesa)	Cerca de 94% dos inquiridos manifestam este tipo de prática.	Cerca de 90% dos inquiridos manifestam este tipo de prática.	Cerca de 42% dos sujeitos manifestam este tipo de prática. Percentagem ainda relevante mas bem inferior aos outros grupos.
Momento ida a Portugal	Essencialmente no Verão (93% dos inquiridos), mas cerca de ¼ também se movimentam para o Natal, a Páscoa ou para outros momentos.	Essencialmente no Verão (91% dos inquiridos) e no Natal (57%) embora 20% vão em dias festivos e outros momentos.	Essencialmente no Verão (93% dos inquiridos); Natal (21%) Páscoa (15%), dias festivos (8%) e outros momentos (16%).
Finalidade ida a Portugal	Maioritariamente para férias (90% dos inquiridos) e visitar familiares (60%), mas também para festas familiares e outras (26%) e para negócios (10%) e assistir a jogos de futebol (6%)	Maioritariamente para férias (79% dos inquiridos) e visitar familiares (60%), mas também para festas familiares e outras (25%) e tratar negócios (10%).	Maioritariamente para férias (90% dos inquiridos); visitar familiares (65%); para festas familiares e outras (32%) tratar negócios (7%); assistir a jogos de futebol (4%).
Regresso definitivo a Portugal	Quase metade prefere viver nos dois países (46% - sistema em alternância), mas 33% afirmam não querer regressar; apenas 15% tencionam regressar um dia e 6% quando se reformarem.	Grande maioria pretende regressar um dia (56%) e cerca de 18,6% quando se reformarem. Apenas 12% pretende não regressar e um efectivo semelhante pretende viver entre os dois países.	Percentagem mais elevada dos que dizem não querer regressar (41%); 31% preferem viver nos dois países; 19% pretendem regressar um dia e 7% quando se reformarem.
Internet e comunicação com pessoas em Portugal	72% dos inquiridos têm internet em casa e 56% comunicam com Portugal.	75% dos inquiridos têm internet em casa e 76% comunicam com Portugal.	87,7% dos inquiridos têm internet em casa e 68% comunicam com Portugal.
Nível de integração na sociedade francesa	Elevadíssimo nível de integração, 83% dos inquiridos sentem-se bem integrados e 17% integrados.	Bom nível de integração na sociedade francesa, embora menor do que nos outros grupos. Apenas 6,2% não se sentem integrados.	Elevado grau de integração, 79,8% dizem-se bem integrados.
Identificação em relação à nacionalidade	Cerca de metade sentem-se tanto portugueses como franceses (52%); 33% sentem-se portugueses ou mais portugueses e 15% sentem-se franceses ou mais franceses.	Identificam-se fundamentalmente como sendo portugueses ou mais portugueses (77%). Cerca de 20% dizem sentir-se tanto português como francês.	Quase metade afirma ser tanto francês como português (47%), 28% sentem-se portugueses ou mais portugueses; 25% sentem-se franceses ou mais franceses.

Dimensão geográfica			
Distrito de origem em Portugal	Grande maioria provém da região Norte e Centro de Portugal. Destacam-se os distritos de Braga, Porto, Aveiro, Vila Real, Viana dos Castelo, Coimbra, Castelo Branco, e Lisboa.	Grande maioria dos inquiridos provém da região Norte e Centro de Portugal. Tendência para um acréscimo do número de imigrantes provenientes de distritos do litoral como Porto e Aveiro	
Origem rural/urbana em Portugal	Origens rurais para a grande maioria dos inquiridos uma vez que 73% dizem virem de uma aldeia.	A origem urbana (53,4%) aumentou consideravelmente e é superior em relação à rural para os que residem em França há menos de 5 anos.	
Transportes utilizados para chegar a França	Destaque para o transporte ferroviário (52%), automóvel (24%), autocarro (18%).	Essencialmente os transportes terrestres rodoviários: automóvel (44%) e autocarro (34%), mas o transporte aéreo já é relevante (19%).	
França como primeiro país de emigração	França como primeiro país de emigração para 97% dos mesmos.	Cerca de 28% tiveram uma experiência migratória noutro país. Demonstra um nível de circulação migratória significativo.	
Lyon como primeira região de emigração em França	Lyon foi a primeira região de emigração em França para 71% dos inquiridos.	Lyon foi a primeira região de emigração em França para 81% dos inquiridos.	
Mobilidade residencial na área de Lyon	Grande mobilidade residencial, já que 64% dos sujeitos mudaram de residência três e mais vezes.	Cerca de 2/3 dos mesmos já mudou de residência duas e mais vezes.	Este grupo demonstra uma grande mobilidade residencial. Metade já mudou de residência três e mais vezes.
Maior mobilidade actual em relação a Portugal	Mais de metade (55%) declara viajar mais vezes para Portugal.	Cerca de 37% declara viajar mais vezes para Portugal.	Cerca de 43% declara viajar mais vezes para Portugal.
Frequência da mobilidade actual em relação a Portugal	Cerca de 44% dos sujeitos viajam apenas uma vez; duas vezes (36%); três vezes (14%) e apenas 6% quatro e mais vezes.	36% dos sujeitos viajam apenas uma vez; 37% afirmam viajar duas vezes, mas 17% três vezes e 10% quatro e mais vezes.	Cerca de metade apenas uma vez (53%); duas vezes (28%); três vezes (14%) e apenas 5% quatro e mais vezes.

Conclusões

As migrações contemporâneas são multifacetadas e abrangem uma dimensão planetária como nunca terá sido atingida antes. As últimas décadas e o fenómeno da globalização trouxeram grandes impactos nas migrações. A história da humanidade também se confunde com a mobilidade geográfica do ser humano, e os movimentos migratórios externos sempre tiveram diferentes impactos quer nas sociedades de partida quer nas sociedades de acolhimento. Como vimos, esses impactos foram sobretudo perceptíveis ao nível de uma crescente diversificação territorial, de tal modo que as migrações internacionais afectam, actualmente, territórios cada vez mais diversos e complexos, implicando processos migratórios e de relacionamento territoriais multifacetados.

A emigração portuguesa confunde-se também com a própria história do país. Após a formação da nacionalidade e com o desencadear das descobertas ultramarinas, os portugueses jamais deixariam de procurar encontrar «novos mundos». Esses mundos nunca deixaram de lhes (nos) pertencer e com mais de cinco milhões de emigrantes e descendentes dispersos pelo globo, as comunidades constituem, pela expressão da *portugalidade*, talvez, mais do que nunca, o quinto império enaltecido por Pessoa⁶⁶. Nas últimas décadas, a França tem constituído um dos principais receptáculos de imigrantes lusos e, à semelhança de outras comunidades estrangeiras que aí se fixaram anteriormente, revela um multiculturalismo que não é assumido politicamente, uma vez que o projecto republicano francês é assimilador e universalista. É, no entanto, vivido socioculturalmente, já que várias são as formas de expressão da diversidade cultural existente no país. Os imigrantes portugueses neste país apesar de contribuírem, indiscutivelmente, para o famigerado *creuset* francês, demonstram que este contributo não é exclusivo visto que afirmam uma singularidade cultural genuína, fruto das relações que desenvolveram não só com o território e a sociedade de acolhimento como também das relações que

⁶⁶ Fernando PESSOA – Mensagem, 1934. <http://purl.pt/13965/2/>

se têm mantido ou desenvolvido com o território e a sociedade de origem. A emigração portuguesa em França, e mais especificamente na região de Lyon, é o resultado de um processo contínuo com meio século de existência que se intensificou em momentos mais críticos da história nacional. A entrada de Portugal na União Europeia e o progresso socioeconómico alcançado levariam a crer que os grandes fluxos da emigração eram passado. Tal situação não se verificou e, nos últimos anos, novas gerações de portugueses tomaram o caminho da emigração. Os dados estatísticos portugueses e franceses bem como os estudos empíricos vêm confirmar esta tendência.

Verifica-se, todavia, que as gerações mais recentes de imigrantes diferem das suas congéneres anteriores em vários aspectos devido às mudanças socioeconómicas que ocorreram em Portugal nas últimas décadas. Os *novos* imigrantes portugueses revelam ter origem mais urbana, um nível de escolaridade e de qualificação profissional mais elevados, embora este estudo empírico venha demonstrar que estamos longe de pensar que os imigrantes altamente qualificados sejam maioritários como tem sido continuamente avançado por alguns autores e pela comunicação social portuguesa. Estes imigrantes movimentam-se para França diferentemente dos seus anteriores concidadãos porque dispõem de veículos próprios e recorrem crescentemente ao transporte aéreo. A observação da comunidade imigrante portuguesa de Lyon permitiu constatar que a idade e o sexo não têm a mesma importância de outrora como critério de selectividade. Com efeito, o fenómeno recente da imigração portuguesa nesta região de França abrange homens e mulheres de todas as idades, afectados pela crise económica que tem abalado Portugal nos últimos anos.

No âmbito do estudo das migrações, a Geografia, à semelhança de outros domínios científicos, tem um papel muito relevante uma vez que a questão espacial está constantemente presente na análise dos processos migratórios. Nenhuma disciplina ou teoria pode reivindicar para si a explicação dos fenómenos migratórios e, de facto, apesar de valorizarmos neste trabalho a dimensão sociocultural da Geografia, não foi, e não seria desejável omitirmos outras dimensões disciplinares que complementam e enriquecem esta investigação, porque as questões da identidade e da territorialidade dependem dessa transdisciplinaridade.

Numa fase inicial, os laços que os imigrantes portugueses mantinham com Portugal eram essencialmente de cariz económico, mas, à medida que foram estreitando as suas relações com o país de origem numa fase de maturidade do processo migratório, passaram a assumir uma vertente mais cultural.

No mundo contemporâneo, a intensificação de práticas transnacionais (económicas, socioculturais e políticas) resulta da evolução dos transportes e das comunicações, e permite reforçar, desenvolver ou alterar as ligações das diásporas com os territórios de origem.

O transnacionalismo económico tem em conta o envio regular de remessas para o país de origem bem como a circulação de diferentes bens materiais de modo individual e informal (produtos alimentares, móveis, ...) ou em redes de comercialização mais organizada do tipo comércio étnico local. Também existem exemplos de que redes informais adquirem alguma formalidade quando, por exemplo, os empresários criam estruturas mais ou menos organizadas directamente em França para apoio logístico, mas sempre com base numa produção e decisões que se operam a partir de Portugal.

No caso das práticas individuais e informais de transnacionalismo, registou-se uma dupla constatação: a primeira remete para os proveitos económicos decorrentes das diferenças de custo nos dois países (por exemplo, aquisição de móveis em Portugal) e a segunda centra-se na comercialização ou movimentação de bens com forte tradição cultural (produtos alimentares, entre outros).

O valor afectivo aliado ao valor cultural conduz-nos para um conjunto de vivências culturais: no território de acolhimento, as práticas socioculturais são particularmente observáveis a partir da frequentação de locais étnicos como as mercearias, os restaurantes, os cafés ou ainda as associações. Em relação a Portugal, estamos perante duas situações: a primeira integra um transnacionalismo cultural que leva o imigrante a movimentar com alguma regularidade e informalidade, a partir do país de origem, um conjunto de bens com alta simbologia cultural, e a segunda relaciona-se directamente com o aumento da mobilidade e dos contactos culturais que o imigrante desenvolve com o seu país.

Os imigrantes portugueses desenvolvem relações diversas com o território de partida, podem ser do foro económico, mas também cultural (turismo, férias). Todavia, essas relações diferem em função dos grupos em análise (gerações implantadas há mais tempo, gerações recentes, imigrantes e descendentes com nacionalidade francesa).

O estreitamento das relações com o país de origem deve-se sobretudo ao aumento da mobilidade geográfica dos últimos anos, permitindo uma intensificação de práticas e vivências e uma possibilidade de viver em alternância nos dois países. Deste modo, é possível manter contacto com as raízes de origem e assim impedir a separação familiar como ocorrera principalmente nas migrações transoceânicas.

Compreendemos as migrações como sendo um fenómeno cada vez mais do tipo circular do que definitivo e acentua-se a ideia de uma bipolarização identitária que se manifesta territorialmente a partir de práticas económicas, sociais e culturais, entre outras. Estas práticas contribuem para reforçar a identidade do imigrante português que não se limita à simples frequência de locais étnicos e acompanha-se também pelo aumento da mobilidade física e de uma proximidade *virtual* entre os dois países. Esta mobilidade ou contacto virtual, possibilitados pelos recentes meios tecnológicos de comunicação, como a internet, podem ser caracterizados por um conceito que podemos apelidar de *transnacionalismo virtual*.

É importante compreendermos que no mundo contemporâneo, tal como o conhecemos, onde a distância já não constitui o obstáculo para a mobilidade e onde os valores se universalizam, a integração dos imigrantes não passa forçosamente por uma assimilação universalista. Seria de pensar que a própria globalização conduziria provavelmente para uma certa uniformização dos estilos de vida, das vivências e das práticas das populações com base em algumas culturas dominantes. Tal constatação seria provavelmente mais relevante se o mundo não contasse com os movimentos migratórios e com a existência das diásporas. A globalização tem contribuído para o despertar e o acentuar de particularismos culturais que se traduzem num conjunto de práticas que as comunidades migrantes desenvolvem nos territórios de acolhimento e com os territórios de origem.

A partir das referências teóricas, dos resultados da investigação empírica e da conceitualização da tipologia sugerida, pode-se apontar um conjunto de conclusões que caracterizam a identidade do imigrante português na área de Lyon com base num conjunto de práticas e vivências manifestadas em relação ao território de acolhimento e também em relação a Portugal. Desde logo, a análise está condicionada pelo facto de estarmos em presença de uma comunidade que apresenta uma heterogeneidade ao nível dos seus membros que se enquadram em contextos migratórios diferenciados.

Um dos aspectos fundamentais que demonstra uma ligação mais efectiva com o território de acolhimento é o do tipo de habitação que o imigrante possui. Os imigrantes fixados há mais tempo bem como os sujeitos que têm a nacionalidade francesa revelam um alto índice de proprietariado, o que traduz uma crescente integração socioeconómica no país. As redes comunitárias desempenham um papel fundamental no apoio à construção ou à realização de obras na habitação do imigrante. Este apoio reflecte essencialmente um forte sentimento de entreaajuda étnica que permite socializar como também tirar dividendos económicos.

Os processos de construção habitacional têm uma incidência nas práticas transnacionais, pois está relacionada com a importação de materiais de construção civil e outros bens para equipar a habitação (principalmente móveis), confirmando a existência e a valorização de relações económicas com o território de origem. Como as gerações mais antigas e os sujeitos com a nacionalidade francesa apresentam um maior índice de proprietariado, devido à sua antiguidade bem como a um maior nível de propriedade, também são os que recorrem mais a este tipo de práticas.

Outro tipo de práticas consideradas transnacionais com origem económica inclui as transacções financeiras com Portugal (remessas), que ainda são significativas apesar de se registarem algumas variações: os imigrantes fixados há mais tempo, bem como os que têm a nacionalidade francesa, na sua maioria, já não enviam remessas para Portugal. Tal situação explica-se pelo facto de que, para os mais antigos, com o passar do tempo, as remessas vão diminuindo, uma vez que já concretizaram os projectos em relação a Portugal e, por outro lado, à semelhança dos que têm a nacionalidade francesa, o projecto de vida pode ser (re)orientado para o país

de acolhimento. Os imigrantes que chegaram mais recentemente enviam, na sua maioria, remessas para Portugal de modo a cumprirem os seus projectos de vida. Estes portugueses encontram-se presentemente em situação análoga à das primeiras gerações que umas décadas antes supunham não ter um projecto de fixação definitivo no país de acolhimento e aspiravam regressar definitivamente a Portugal desde que a sua situação económica o permitisse.

Globalmente as remessas são destinadas para as férias, comprar habitação e ajudar a família. Nos imigrantes chegados mais recentemente o envio de remessas revela uma maior diversificação de aplicação e também se destina a regularizar situações financeiras que deixaram em Portugal.

Verificamos um crescente nível de desenvolvimento das práticas transnacionais de bens alimentares e outros produtos que simbolizam a cultura portuguesa e que constituem um bom exemplo de ligação afectiva e cultural ao país de origem por parte das gerações mais antigas e das mais recentes. Constatamos todavia, por razões culturais e de menor mobilidade em relação a Portugal, que as pessoas com nacionalidade francesa revelam uma concretização menos significativa deste tipo de práticas, se bem que ainda seja praticada por pouco menos de metade dos inquiridos.

Os locais étnicos em França representam para os imigrantes portugueses um oásis da cultura portuguesa na cultura autóctone dominante e, como tal, a sua frequência representa uma ligação e uma identificação com a cultura de origem. Este tipo de locais nos territórios de acolhimento permite que os imigrantes tenham vivências sociais e culturais (francesas e portuguesas) em simultâneo. Em todos os grupos constatamos que a frequência deste tipo de locais é significativa, destacando-se com maior incidência os imigrantes que chegaram mais recentemente à área de Lyon. É também de referir que o facto de ter a nacionalidade francesa não constitui um obstáculo na aproximação com a cultura portuguesa e com os espaços da portugalidade. Certos espaços étnicos como cafés, restaurantes e associações, deixaram de ser considerados como os guetos étnicos de outrora para se tornarem locais de confraternização de várias gerações de imigrantes lusos e descendentes. Espaços de grande convivência como os cafés, tradicionalmente frequentados por uma população quase exclusivamente masculina, confirmam uma dupla tendência na qual se destaca uma crescente

presença de clientes do sexo feminino e de jovens. Os espaços associativos, embora ainda bem frequentados, confrontam-se com os crónicos problemas de falta de locais, de financiamento, de envelhecimento dos dirigentes, da insuficiência de projectos culturais inovadores que se distanciem da cultura do “copo” e das cartas e que estimulem a adesão e a participação de grupos mais jovens, de uma insuficiente articulação com a sociedade local e da crescente procura de voos lowcost que permitem um contacto regular e mais directo com Portugal.

A mobilidade dos imigrantes lusos entre a França e Portugal traduz uma relação afectiva e de identificação com a sociedade e a cultura do país de origem. Nos três grupos realçamos que um em cada cinco imigrantes viaja pelo menos três ou mais vezes por ano para Portugal. Concluimos que existe efectivamente um número significativo de pessoas que viaja mais vezes entre os dois países numa lógica de vaivém regular que permite práticas de vivência e de residência em alternância, em particular, neste último caso, nas gerações mais idosas e de reformados. Devemos realçar que neste grupo de imigrantes o aumento da frequência de movimentos será ainda mais perceptível à medida que os efectivos entrarem na idade da reforma em anos próximos.

Os portugueses que se fixaram há menos tempo na região são os que viajam mais frequentemente para Portugal. Dois factores contribuem para explicar estes dados, por um lado, a forte identificação com o território de origem, tendo em conta que deixaram o país há relativamente pouco tempo, e por outro lado, a aproximação ao grupo familiar mais restrito que continua a residir em Portugal.

Tradicionalmente o Verão continua a ser a época do ano que todos preferem para regressar ao país, uma vez que as férias também coincidem mais com esta época do ano. O Natal apenas é mais valorizado nas gerações que chegaram nos últimos anos e que sentem uma maior falta da família que aí deixaram, mas de modo geral um quarto de cada grupo desloca-se a Portugal em momentos cada vez mais diversificados como as ocasiões festivas, entre as mais frequentes. Em geral os portugueses movimentam-se fundamentalmente para passar férias, visitar familiares, festas familiares ou para negócios e, de modo menos representativo, para assistir a jogos de futebol, principalmente entre as gerações mais antigas e as pessoas com

nacionalidade francesa que têm um melhor nível de vida. Estes resultados ilustram uma diversificação crescente da finalidade das viagens que reflectem uma progressiva e rotineira circulação transnacional e que estruturam um campo de mobilidade pós-migratório.

A mobilidade geográfica, que permite reforçar a identidade e as relações territoriais na imigração lusa, não é exclusiva, já que, nos últimos anos, se desenvolveram *novos* modos de comunicação com Portugal recorrendo às novas tecnologias. Estas práticas regulares em termos de comunicação digital podem ser conceptualizadas em “*transvirtualidade*”.

De facto, a Internet tornou-se num motor imprescindível de comunicação para os portugueses e luso-descendentes. O estudo demonstrou que um elevado nível de inquiridos afirmou possuir este equipamento no domicílio e que comunica frequentemente com pessoas em Portugal. Esta tendência ainda é mais perceptível nas pessoas que chegaram mais recentemente e nos indivíduos com nacionalidade francesa que, mais jovens, dominam mais facilmente as novas ferramentas de comunicação digital.

A utilização crescente deste meio de comunicação permite diversificar as vivências sociais e culturais. O imigrante português e o luso-descendente podem optar por uma triangulação ou “geometria variável” de vivências quer pela via da frequentação dos territórios da Portugalidade no país de acolhimento, quer pelo contacto virtual com a cultura portuguesa, proporcionado pelas novas tecnologias, ou então deslocar-se com maior regularidade a Portugal recorrendo às companhias aéreas lowcost.

A questão do regresso a Portugal também ela constitui um forte indicador de sentimento de pertença a uma ou duas comunidades. As gerações mais antigas bem como o grupo dos sujeitos com a nacionalidade francesa registam um número elevado de pessoas que pretendem viver nos dois países, o que confirma a tendência anunciada por alguns investigadores quanto à residência em alternância entre França e Portugal. Estes resultados confirmam a boa integração destes indivíduos na sociedade de acolhimento, reivindicando todavia uma cultura de origem que os torna verdadeiramente biculturais.

Também foi possível constatar um número significativo de indivíduos que pretendem não regressar, resultante de uma maior ligação à sociedade francesa. Em situação diametralmente oposta encontram-se imigrantes que

chegaram há menos de dez anos a França que, numa lógica de projecto migratório de mais curta duração, afirmam maioritariamente querer regressar definitivamente a Portugal sem que seja necessário esperar pela reforma para mais de metade destes imigrantes.

Partindo da questão do regresso, podemos concluir que fará certamente cada vez menos sentido que esta seja equacionada. Uma efectiva circulação e comunicação cada vez mais intensa e rotineira vivida entre os dois países dispensam cada vez mais a escolha do imigrante entre o viver cá ou lá definitivamente, porque, mais do que nunca, pode agora viver e sentir as duas sociedades e culturas simultânea ou alternadamente. A ideia de circulação de rotina entre os dois territórios permite, deste modo, pôr em causa o próprio projecto de regresso definitivo.

Quanto ao nível de integração na sociedade francesa, os resultados ilustram uma elevada integração para os elementos da comunidade portuguesa. O factor tempo é um elemento essencial no processo de integração do imigrante e, como tal, os portugueses que residem há mais tempo em França bem como os que têm a nacionalidade francesa revelam níveis elevados de integração na sociedade francesa. Os portugueses que residem neste país há menos tempo registam bons níveis de integração, embora sejam inferiores aos dos restantes grupos, ainda assim o número de imigrantes lusos que afirmam sentir-se pouco integrados na sociedade de acolhimento é bastante reduzido.

A integração dos imigrantes na sociedade de acolhimento remete para a questão da identificação em relação à(s) sociedade(s) e cultura(s). Nas primeiras gerações de imigrantes e nos luso-descendentes a questão de pertença a duas comunidades e, por extensão, a duas culturas é inequívoca. Mesmo uma análise mais pormenorizada dos sujeitos que nasceram em França confirma esta tendência para pouco menos de metade dos inquiridos. Na sua grande maioria, os imigrantes radicados há menos tempo na região são aqueles que se sentem portugueses ou mais portugueses pelo facto de terem deixado Portugal há menos tempo e das vivências e das referências culturais lusas estarem ainda muito presentes. As raízes familiares, de amizade e culturais mantidas com Portugal; a ascendência portuguesa bem como a inserção numa comunidade fazem com que o mesmo sentimento também seja

partilhado pelos luso-descendentes. Compreendemos a partir destes resultados que, em contexto migratório, uma boa integração, mais económica do que cultural numa primeira fase de implantação, não se traduz forçosamente no afastamento em relação à cultura de origem.

Apesar dos indivíduos com nacionalidade francesa serem aqueles que afirmam sentir-se mais franceses, os números não são tão expressivos como se esperaria, o que comprova uma grande interferência das raízes lusas. Deste modo, é perceptível estarmos perante uma grande diversidade de sentimentos de pertença a duas comunidades. De facto, na imigração ter uma nacionalidade não reenvia forçosamente para um sentimento de pertença exclusiva a essa comunidade ou cultura, porque vivemos e sentimos provavelmente mais em termos de identidade a cultura do que propriamente o conceito de nacionalidade que é mais abstracto, político e possivelmente mais artificial. No entanto, a cultura manifesta-se e desenvolve-se numa base territorial que a singulariza. Esta dinâmica é notória nos imigrantes lusos que desenvolvem em França e na região de Lyon uma cultura e uma identidade próprias que resultam da influência das culturas portuguesa e francesa.

Deste estudo resulta a ideia muito reforçada de que, embora uma grande parte dos inquiridos não seja verdadeiramente binacional no sentido do termo, visto só manterem uma das nacionalidades, são inequivocamente seres biculturais, se bem que o sejam em graus diversos porque estamos perante gerações diferenciadas de imigrantes e de luso-descendentes. Tais factos são particularmente visíveis nos inquiridos com nacionalidade francesa que confirmam manter uma relação bastante próxima com Portugal, e o mesmo sucede em sentido inverso com as gerações mais antigas que afirmam manter uma estreita relação com a sociedade francesa.

A hipermobilidade geográfica e a utilização dos meios de comunicação virtual, de que tiram proveito as populações migrantes contemporâneas, permitem, de facto, valorizar a identidade desta comunidade uma vez que são mantidas ou mesmo reforçadas as ligações culturais e afectivas com Portugal. A identidade dos imigrantes lusos passa inequivocamente pelas relações que são mantidas com o território de origem, mas também pelo processo de integração económico e sociocultural vivido na sociedade francesa. Circulações e comunicações progressivamente mais rotineiras permitem, relativamente a

um passado recente, intensificar práticas e vivências em relação a Portugal que acabam por enriquecer a identidade do imigrante luso em território francês.

Prevalece a ideia de que a mobilidade e as comunicações actuais permitem um maior reconhecimento e afirmação cultural da comunidade portuguesa e das diásporas em geral. Partindo desta constatação, os portugueses podem reivindicar cada vez mais as suas raízes lusitanas sem paralelamente negar a sua integração na sociedade e cultura francesa. Embora não exista uma política multicultural em França e, apesar da tendência geral para uma integração assimiladora no país, a comunidade portuguesa demonstra sobreviver e afirmar-se a partir da diversidade de ligações que vai tecendo com o território e a cultura de origem. A manutenção dos traços culturais da comunidade portuguesa contribui para a pluralidade de culturas que coexistem neste espaço geográfico.

Estes contactos também potenciam vivências de maior dependência em relação à cultura original e simultaneamente uma maior autonomia em relação à cultura de acolhimento, mas, globalmente, reforçam as interacções culturais e fazem acreditar que vivemos, mais do que nunca, num mundo multicultural.

Perante a invisibilidade desta comunidade, inúmeras vezes referida como corolário de uma boa integração na sociedade francesa, a presente investigação geográfica permite demonstrar uma visibilidade crescente de práticas e vivências socioculturais que envolve territórios de partida e de chegada a várias escalas.

Ainda que as conclusões enunciadas encerrem um conjunto de limitações inerentes às características da investigação, a análise da complexidade da identidade do imigrante num país de acolhimento põe em evidência a incontornável base territorial do processo migratório. A identidade, fundada quer na relação com o território de acolhimento quer com o território de origem, passa, sem dúvida, por um leque mais alargado de parâmetros a analisar, como o da manutenção da língua materna ou o das práticas socioculturais, o que permitiria caracterizar outras formas de participação dos imigrantes na cultura local de modo a melhor compreender o processo de integração ou diferenciação entre a cultura dominante.

Bibliografia

Abadan-Unat, Nermin (1977) Implications of migration on emancipation and pseudo emancipation of Turkish women, *International Migration Review*, vol.11, n.1, pp.31-57 [Acedido em 10 de Outubro de 2010].

http://repository.forcedmigration.org/show_metadata.jsp?pid=fmo:4629

Almeida, Aníbal; Santa Casa da Misericórdia de Paris (2008) *Os portugueses em França na idade da reforma*, Éditions Lusophone, Paris.

Almeida, J. C. Ferreira de (1964) A emigração portuguesa para França: alguns aspectos quantitativos, *Análise Social* 7-8 (2), pp. 599-622.

Almeida, J.C. Ferreira de (1966) Dados sobre a emigração portuguesa em 1963-65: alguns comentários, *Análise Social*, IV (13), pp. 116-128.

Ambrosetti, Elena; Tattolo, Giovanna (2008) Le rôle des facteurs culturels dans les théories des migrations, *Actes des colloques de l'AIDELF*, 2008, pp. 3-16 [Acedido em 02 de Fevereiro de 2010] www.erudit.org/livre/aidelf/2008/001490co.pdf

Anthias, Floya; Lazaridis, Gabriella (Éds) (2000) Gender and Migration in Southern Europe. *Women on the move*, in *Blanc Maurice; Revue européenne de migrations internationales*, 2001, Volume 17, Nº 2, pp. 183-186 [Acedido em 4 de Abril de 2010] http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_0765-0752_2001_num_17_2_1787_t1_0183_0000_2

Armstrong, John A. (1976) Mobilized and Proletarian Diasporas, in *The Persisting question: sociological perspectives and social contexts of modern antisemitism*, ed Helen Flein, 1987 [Acedido em 11 de Março de 2010].

<http://books.google.fr/books?id=uHWG1pDCTngC&pg=PA224&ots=kSaMAdBWvT&dq=armstrong%20mobilized%20and%20proletarian%20diaspora&pg=PR4#v=onepage&q=armstrong%20mobilized%20and%20proletarian%20diaspora&f=false>

Appadurai, Arjun (1996) Global Ethnoscapes: Notes and queries for a Transnational Anthropology in *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalisation*, Minneapolis, University of Minnesota Press [Acedido em 8 de Fevereiro de 2009].

http://books.google.pt/books?id=4LVEJT7gghMC&pg=PP9&dq=Appadurai+Arjun+%2B+%22Global+Ethnoscapes:+Notes+and+Queries+for+a+Transnational+Anthropology%22&hl=ptpt&ei=TIITdeaBYTsgaY4vWTAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCIQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

Appadurai, Arjun (2001) *Après le colonialisme. Les conséquences culturelles de la globalisation*, Payot, Paris.

Appadurai, Arjun (2004) *Dimensões culturais da globalização*, Teorema, Lisboa.

Arroteia, Jorge (1982) *A Emigração Portuguesa no Distrito de Aveiro: os Casos de Ílhavo e da Murtosa*, Dissertação de doutoramento em Sociologia, UNL, Lisboa.

Arroteia, Jorge; Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1984) *Bibliografia da emigração portuguesa*, Instituto Português de Ensino à Distância (col. Temas de Cultura Portuguesa), Lisboa.

Arroteia, Jorge (1998) Os jovens Franco-Portugueses à procura de um novo equilíbrio in *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*, Universidade de Aveiro, Aveiro.

Arroteia, Jorge; Doudin, Pierre (coord) (1998) *Trajectórias sociais e culturais de jovens portugueses no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*, Universidade de Aveiro, Aveiro.

Arroteia, Jorge (2009) O grão-ducado do Luxemburgo: herança e contexto cultural na imigração portuguesa, in Rocha-Trindade, M.B (org) *Migrações, Permanências e Diversidades*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 131-147.

Baldi, Stefano; Azevedo, Raimondo (2006) Politiques migratoires, in Caselli G. et al., Démographie: analyse et synthèse - *Histoire des idées et politiques de population*, INED, 489-524 [Acedido em 12 de Outubro de 2010].

<http://books.google.pt/books?id=r0nKQ644BFsC&lpg=PA512&dq=politiques%20migratoires&pg=PP1#v=onepage&q=politiques%20migratoires&f=false>

Barou, Jacques (1997) Immigrés portugais dans la périphérie de Clermont-Ferrand: refaire la campagne a deux pas de la ville in Rautenberg et al, *Campagnes de tous nos desirs, collection ethnologie de la France, cahier n°16* [Acedido em 08 de Novembro de 2010].

http://books.google.fr/books?id=MJC0BF4ggsEC&pg=PA141&dq=jacques+barou+portugais+en+auvergne&hl=fr&ei=II7TZKCJoaWswbh3oipBw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=jacques%20barou%20portugais%20en%20auvergne&f=false

Barou, Jaques (2006) Bref panorama de la situation des immigrés, *Revue H&M - Logés à la même enseigne?* - N° 1264, 2006 [Acedido em 18 de Setembro de 2010] <http://www.hommes-et-migrations.fr/index.php?id=2174>

Basch, Linda et al. (1994) Nations unbound: transnational projects, postcolonial predicaments, and deterritorialized nation-states, Rotledge, London [Acedido em 25 de Fevereiro de 2010].

<http://books.google.pt/books?id=ffUbdxnzZjYC&lpg=PP1&dq=Nations%20unbound%3A%20transnational%20projects%2C%20postcolonial%20predicaments%2C%20and%20deterritorialized%20nationstates&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>

Bénichou, Meidad (2006) *Le multiculturalisme*, Bréal, Paris.

Berthomière, William; Chivallon, Christine (2006) *Les diasporas dans le monde contemporain*, Éditions Karthala e MSHA [Acedido em 14 de Maio de 2010]

http://books.google.pt/books?id=y1HylgpB1v0C&printsec=frontcover&dq=bruneau+micHEL+diasporas&hl=ptPT&ei=LaYHTZvZGpiS4gaevKHuDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

Blache, Vidal de (1954) *Princípios de Geografia Humana*, Edições Cosmos, Lisboa.

Bonnemaison, Joel (2000) *La géographie culturelle*, Éditions du CTHS, Paris.

Boeldieu, Julien; Borrel, Catherine (2000) La proportion d'immigrés est stable depuis 25 ans in *INSEE Première*, n° 748, Paris.

Boumaza, Nadir; Neves, Gwendoline (1994) Jeunes d'origine portugaise: du bon usage de la communauté in *Hommes et migrations*, n° 1180, pp. 17-22.

Bourdieu, Pierre ; Passeron, Jean-Claude (1964) *Les héritiers : les étudiants et la culture*, Les Éditions de Minuit, Paris.

Bouveret, Antoine et al. (2010) L'évolution du marché immobilier résidentiel en France, *Lettre n°71*, Ministère de l'Économie, de l'Industrie et de l'Emploi, http://www.minefe.gouv.fr/directions_services/dgtpe/TRESOR_ECO/francais/pdf/2010-002-71.pdf [Acedido em 07 de Julho de 2010].

Branco, Jorge de Portugal (1986) *A estrutura da comunidade portuguesa em França*, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Porto.

Branco, Jorge de Portugal (2004) Structure démographique et vieillissement de la population portugaise in *Cahiers de l'Urmis*, N°9, Portugais de France, immigrés et citoyens d'Europe - Février 2004, [Acedido em 15 Dezembro de 2008] <http://urmis.revues.org/document32.html>

Branco, Jorge de Portugal (2009) Portugueses em França (1980-2000). Uma comunidade integrada, in Rocha-Trindade, M.B (org) *Migrações, Permanências e Diversidades*, Edições Afrontamento, Porto, pp. 85-129.

Bruneau, Michel (1995) *Diasporas*, GIP Reclus, Paris.

Bruneau, Michel (2004) *Diasporas et espaces transnationaux*, Anthropos, Paris.

Brunet, Roger et al. (1995) *Les mots de la géographie : dictionnaire critique*, La Documentation Française, Paris.

Brunet, Roger (2000) Géographie des migrations ou l'antimonde en crue, [Acedido em 11 de Março de 2009] http://www.mgm.fr/ARECLUS/page_auteurs/Brunet13.html

Brunet, Roger (2001) *Le déchiffrement du monde: théorie et pratique de la géographie*, Belin, Paris.

Cardoso, Isabel (2002) Histoire et imaginaire des maisons des immigrés portugais de France: une évolution des formes dans le temps, *Recherches en anthropologie au Portugal*, n°8, pp. 59-81.

Carmo, Hermano; Ferreira, Manuela (2008) Metodologia da investigação, Universidade Aberta, Lisboa.

Castles, Stephen; Miller, Mark (1998) *The Age of Migration: International Population Movements in the Modern World*, 2ª Edição, Macmillan, Londres.

Castles, Stephen (2005) Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios: dos trabalhadores convidados às migrações globais, Fim de Século, Lisboa.

Castles, Stephen (2008) Nécessaires migrations, entretien Courrier de la Planète <http://www.courrierdelaplanete.org/81-82/article1.php> [Acedido em 08 de Setembro de 2010].

Castro, Alexandra (1998), As construções dos emigrantes e a legitimidade de uma estética singular, *Sociedade e Território* (25/26), pp. 80-88.

Castro, Alexandra (2001), Une “esthétique interculturelle”: les constructions des immigrés portugais, in Villanova et al., *Construire L’interculturel*, L’Harmattan, Paris.

Cavaco, Carmina (1971) Migrações internacionais de trabalhadores do sotavento do Algarve, *Finisterra*, n° 11, pp. 41-83.

Centlivres, Pierre (2000) Portée et limites de la notion de diaspora, in *Cemoti*, n° 30 - Les diásporas [Acedido em 14 de Dezembro de 2010]: <http://cemoti.revues.org/document638.html>

Cesari, Jocelyne (dir.) (2004) *La Méditerranée des réseaux. Marchands, entrepreneurs et migrants entre l'Europe et le Maghreb*, Maisonneuve et Larose Paris [Acedido em 12 de Janeiro de 2010]
http://books.google.pt/books?id=f2tHc1vhztoC&printsec=frontcover&dq=Cesari,+Jocelyne+,La+Méditerranée+des+réseaux.+Marchands,+entrepreneurs+et+migrants+entre+l'Europe+et+le+Maghreb&source=bl&ots=3eyWuJd0ak&sig=muxWZQcmYuQsNOMVN0a9S9bvGH4&hl=ptPT&ei=Rd0ITYDDs7rsgb51MiTAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CBcQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

Chaliand, Gérard; Rageau, Jean-Pierre (1991) *Atlas des Diasporas*, Odile Jacob, Paris, [Acedido em 10 de Janeiro de 2010].
http://books.google.fr/books?id=TO5Z4YSknLsC&printsec=frontcover&dq=chaliand+rageau&hl=fr&ei=e64HTZHC0czAswaa_XnDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CC4Q6AEwAQ#v=onepage&q&f=false

Charbit Yves, Hily Marie-Antoinette, Poinard Michel (1997) *Le va-et-vient identitaire. Migrants portugais et village d'origine*, PUF/INED, Paris [Acedido em 13 de Março de 2009].
http://books.google.fr/books?id=tqMb2b8PNUoC&lpq=PP1&ots=3_0Gio9qPy&dq=charbit%20yves%20%2B%20va%20et%20vient&hl=ptPT&pg=PP1#v=onepage&q&f=false

Chedemail, Sylvie (1998) *Migrants internationaux et diasporas*, Armand Colin, Paris.

Claval, Paul (1995) *Géographie culturelle*, Éditions Natahan, Paris.

Claval, Paul (1999) *Histoire de la Géographie Française de 1870 à nos jours*, Collection références, Nathan Université, Paris.

Claval, Paul (2006) *Regional Geography, Past and present*, Université Paris Sorbonne (Paris IV) [Acedido em 04 de Setembro de 2010] www.sgo.pccu.edu.tw/GEOG/CHI/B/B1/chapters-culture.../B.pdf

Claval, Paul, Staszak, Jean François (2008) Où en est la géographie culturelle, *Annales de Géographie*, n° 660-66, pp. 3-8.

Claval, Paul (2008) La géographie culturelle dans les pays anglophones, *Annales de Géographie*, n° 660-661 pp 8-26.

Cohen, Robin (1997) Diasporas, the Nation-State and Globalisation in Mazlish and Iriye, *Global History Reader*, Routledge, pp. 92-103. [Acedido em 22 de Janeiro de 2009].

http://books.google.fr/books?id=N_LYldzzqvwC&pg=PA92&dq=robin+cohen+diasporas+and+the+nation&hl=ptpt&ei=nHAHTaanMozwsgblyeD7DQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CCcQ6AEwAQ#v=onepage&q=robin%20cohen%20diasporas%20and%20the%20nation&f=false

Cohen, Robin (1997) *Global Diasporas: an introduction*, UCL Press, London [Acedido em 22 de Janeiro de 2009].

http://books.google.pt/books?id=SFuJhqpJa64C&printsec=frontcover&dq=robin+cohen+di%C3%A1spora&hl=ptPT&ei=0XMHTfOhL87oOf694KgJ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCYQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

Cohen, Robin (2005) Globalização, migração internacional e cosmopolitismo quotidiano in Barreto, A., *Globalização e migrações*, ICS, Lisboa, pp. 25-43.

Comunidade (sociologia) In *Infopédia*, Porto Editora, 2003-2010 [Acedido em 16 de Dezembro de 2010] [http://www.infopedia.pt/\\$comunidade-\(sociologia\)](http://www.infopedia.pt/$comunidade-(sociologia))

Connor, Walker (1986) The Impact of Homelands upon Diasporas in G. Sheffer (dir.), *Modern Diasporas in International Politics*, New York, St. Martin's, 16-56. [Acedido em 17 de Abril de 2009].

<http://books.google.fr/books?id=Ac8OAAAAQAAJ&lpg=PP1&ots=Yon4KeUhe&dq=gabriel%20sheffer%20Modern%20Diasporas%20in%20International%20Politics&hl=ptpt&pg=PP9#v=onepage&q&f=false>

Cordeiro, Albano (1999) Dans quinze ans, Qu'advientra-t-il de l'identité des Portugais de France? *Revues-Plurielles* [Acedido em 16 de Novembro de 2010] http://www.revues-plurielles.org/uploads/pdf/17_5_2.pdf

Cordeiro, Albano (1999) Les Portugais, une population "invisible"? in Philippe Dewitte Éd, *Immigration et intégration l'état des savoirs*, Éditions la Découverte, Paris, pp. 106-111.

Cordeiro, Albano (2006) Parcours d'un chercheur engagé, Immigration et marché du travail, *Revue homme et migrations*, N° 1263 [Acedido em 16 de Novembro de 2010].

http://www.hommes-et-migrations.fr/docannexe/file/2136/dossier_1263_dossier_1263_84_95.pdf

Cordeiro, Albano (2010) Entrevista concedida ao Observatório da Emigração em 30 de Julho de 2010, [Acedido em 10 de Setembro de 2010].

<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/1907.html>

Courgeau, Daniel (1988) *Méthodes de mesure de la mobilité spatiale, migrations internes, mobilité temporaire, navettes*, Editions de L'Institut National Demographique, Paris [Acedido em 16 de Novembro de 2010] http://books.google.fr/books?id=PTavbx4p_xsC&lpg=PP1&ots=EONyZYA7AY&dq=M%C3%A9thodes%20de%20mesure%20de%20la%20mobilit%C3%A9%20spatiale&pg=PA286#v=onepage&q&f=false

Correia, Alexandra (2010) Emigrantes: a nova debandada, *Visão* nº 901, Junho de 2010.

Cravidão, Fernanda (1988) *A população e o Povoamento de Gândara (génese e evolução)*, Dissertação de doutoramento em Geografia Humana, Universidade de Coimbra, Coimbra.

Cravo, Antonio (1995) *Les portugais de France et leur mouvement associatif 1901-1986*, l'Harmattan, Paris.

De la Barre, Jorge (1997) Nouvelles directions autour de l'engagement associatif in Béatrice de Varine, *Les Familles Portugaises et la Société Française, Interaction France-Portugal*, Éditions W, Mâcon.

Diogo, Helder (2001) A comunidade portuguesa na região Rhône-Alpes numa perspectiva geográfica, económica e sociocultural, Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Porto.

Diogo, Helder (2009) A comunidade portuguesa em França e na região de Lyon: uma evolução sociodemográfica in *Cadernos - Curso de doutoramento em Geografia*, nº1, pp. 141-166.

Diogo, Helder (2010) Empreendedorismo e mobilidade da comunidade lusa na região Rhône-Alpes: dinâmicas locais e internacionais, Comunicação apresentada no XII Colóquio Ibérico de Geografia 6 a 9 de Outubro 2010, Porto: Faculdade de Letras (Universidade do Porto).

Di Meo, Guy (1998) *Géographie sociale et territoires*, Nathan, coll. Fac. Géographie, Paris.

Di Meo, Guy (2008) La géographie culturelle: quelle approche sociale? In Où en est la géographie culturelle, *Annales de Géographie*, nº660-661, pp. 47-66 [Acedido em 13 de Novembro de 2010] www.halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/28/15/76/PDF/Geo.cul.Geo.soc.pdf

Direction régionale du travail (1999) *Caractéristiques et évolution de l'emploi et du chômage en Rhône-Alpes*, Éditeur Lyon cédex 03, Lyon.

Domenach, Hervé; Picouet Michel (1995) *Les migrations*, collection Que sais-je ? nº224, PUF, Paris.

Domingues, Álvaro (1986) Estrutura sócio-económica e mobilidade geográfica em Melgaço na segunda metade do século XX, *revista da Faculdade de Letras – Geografia - I Série*, Vol. I, pp. 113-177 [Acedido em 12 de Novembro de 2010] <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo7211.pdf>

Drain, Michel (1968) Les migrations de travailleurs espagnols et portugais en Europe, d'après des ouvrages récents In: *Annales de Géographie*. 1968, n°419. pp. 96-98 [Acedido em 12 de Novembro de 2009]. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1968_num_77_419_15617

Drain, Michel; Poinard, Michel (1991) Les Portugais dans l'émigration: une géographie de l'absence. In: *Recherches en anthropologie au Portugal*, n°3 1991, pp. 92-95 [Acedido em 20 de Novembro de 2010] http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/rap_1240-3474_1991_num_3_1

Dufoix, Stéphane (2003) *Les diasporas*, Que sais-je? P.U.F, Paris.

Echardour, Annick (1996) Les jeunes d'origine portugaise: Immigrés ou enfants d'immigrés in *INSEE Première* n° 427, Paris, INSEE.

Esman, Milton (1986) Diasporas and International Relations in G. Sheffer (dir.), *Modern Diasporas in International politics*, Londres, Sidney, Croom-Helm et New York, St Martin's, 333-349. [Acedido em 17 de Abril de 2009] <http://books.google.fr/books?id=Ac8OAAAAQAAJ&lpg=PP1&ots=Yon4KeUhe&dq=gabriel%20sheffer%20Modern%20Diasporas%20in%20International%20Politics&hl=ptpt&pg=PP9#v=onepage&q&f=false>

Evangelista, João (1971) *Um século de População Portuguesa 1864-1960*, INE, Centro de Estudos Demográficos, Lisboa.

Faist, Thomas (1999) Transnationalization in International Migration: Implications for the Study of Citizenship and Culture, Institute for Intercultural and International Studies (InIIS) University of Bremen [Acedido em 14 de Setembro de 2010] www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/faist.pdf

Ferland, Yves (2006) Caractérisation de territorialités émergentes - *Cahiers de géographie du Québec*, Volume 50, n° 141, Décembre 2006 [Acedido em 24 de Outubro de 2010] www.cgg.ulaval.ca/textes/vol_50/no_141/Ferland.pdf

Ferreira, Carlos (1999) Relatório sobre o movimento associativo português na área Consular de Lyon, Consulado Geral de Portugal em Lyon.

Fibbi, Rosita; Meyer, Jean-Baptiste (2002) Diasporas, développements et mondialisations, *Autrepart*, n°22 [Acedido em 3 Novembro de 2010]. <http://www.ccme.org.ma/fr/Biblioth%C3%A8que-num%C3%A9rique/T%C3%A9l%C3%A9charger-document/189-Diasporas-d%C3%A9veloppementss-et-mondialisation-intro-Fibbi-Meyer-France-2002.html>

Fibbi, Rosita et al. (2010) *Les Portugais en Suisse*, Office Fédéral des migrations, Berne [Acedido em 12 de Março de 2011] <http://www.bfm.admin.ch/content/dam/data/migration/publikationen/diasporastudie-portugal-f.pdf>

France 24 (2011) Le multiculturalisme est "un échec", affirme Nicolas Sarkozy – 10/02/2011 [consultado em 15 de Fevereiro de 2011].

<http://www.france24.com/fr/20110210-le-multiculturalisme-est-echec-affirme-nicolas-sarkozy>

Gachon, Lucien; George, Pierre (1954) Introduction à l'étude géographique de la population du monde, *Norois*, vol. 3, n ° 1, pp. 296-298 [Acedido em 10 de Dezembro de 2010].

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/noroi_0029182x_1954_num_3_1_1049_t1_0_296_0000_2

Gastaut, Yvan (2004) Les bidonvilles, lieux d'exclusion et de marginalité en France durant les trente glorieuses, *Cahiers de la Méditerranée* [Acedido em 30 de Junho de 2010] <http://cdlm.revues.org/index829.html>

Gilbert, Maria Emilia (1990) Les portugais dans l'agglomération de Bordeaux, in François Guichard, *Les Portugais en Aquitaine*, Publications de la Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, Bordeaux.

George, Pierre (1976) *Les migrations internationales*, PUF, Paris.

George, Pierre (1984) *Géopolitique des minorités*, Que sais-je? PUF, Paris.

Groupe de sociologie urbaine (1977) *La deuxième génération d'immigrants dans la région Rhône-Alpes*, A Chazalette, Lyon.

Guichard, François (coord) (1990) *Les Portugais en Aquitaine - Des "soutiers de l'Europe" à l'esquisse d'un partenariat privilégié?* Travaux et documents du CENPA Publications de la Maison des sciences de l'homme d'Aquitaine.

Gonçalves, Maria Ortelinda (2007) Desenvolvimento em meio rural. Contributos da emigração e do regresso. Aplicação ao concelho de Boticas na região barrosã. Dissertação de doutoramento em Geografia Humana, Universidade Aberta, Lisboa.

Ghemmaz Malika (2008) Les portugais en Europe du Nord: un comparaison, France, Belgique, Luxembourg, Contribution a une sociologie electorale de la citoyenneté européenne, Thèse de doctorat, université de Lille [Acedido em 10 de Outubro de 2010]

http://tel.archives-ouvertes.fr/docs/00/30/05/60/PDF/ghemmazm_08.pdf

Giddens, Anthony (1990) *The Consequences of Modernity*, Stanford University Press, Stanford [Acedido em 12 Abril de 2010].

<http://books.google.pt/books?id=C46N9wtBI0gC&pg=PP1&dq=Anthony%20Giddens%20The%20Consequences%20of%20Modernity&hl=pt-pt&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>

Godinho, Vitorino Magalhães (1978) L'émigration portugaise (XVe XXe siècles) une constante structurale et les réponses aux changements du monde In *Revista de História Económica e Social*, 1, Janeiro-Junho, pp. 5-32.

Gottmann, Jean (1996) La généralisation des diasporas et ses conséquences in Prévelakis G. (dir.), *Les Réseaux de Diasporas*, L'Harmattan-Kykem, Paris, pp. 21-28.

Guarnizo, Luis; Smith, Michael (1998) *Transnationalism from Below*, volume 6, Comparative urban, community research, sixth printing 2006 [Acedido em 12 Maio de 2010]

http://books.google.pt/books?id=zTxYlMr7g_YC&printsec=frontcover&dq=guarnizo+and+smith+1998&hl=ptPT&ei=iw9wTZbDIMmSswaztuj_Dg&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCKQ6AEwAA#v=onepage&q=guarnizo%20and%20smith%201998&f=false

Guichard, François (1998) Os jovens Franco-Portugueses à procura dum novo equilíbrio in Jorge Arroteia e Pierre Doudin, *Trajectórias sociais e culturais de jovens portuguesas no espaço europeu: questões multiculturais e de integração*, Universidade de Aveiro, Aveiro, pp. 77-91.

Guichard, François (1998) L'émigration portugaise revisitée, La chronique des livres, pp.561-563 [Acedido em 07 de Julho de 2009].

<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/guichard98>

Gumuchian, Hervé; Marois, Claude (2000) *Initiation a la recherche en géographie*, Ed. Economica - Les presses de L'université de Montreal - Anthropos [Acedido em 11 de Fevereiro de 2010]

<http://books.google.fr/books?id=E511lLgZ1U0C&lpg=PA39&ots=SexX68jmx&dq=g%C3%A9ographie%20behavioriste%20date%20de&hl=pt-PT&pg=PP6#v=onepage&q&f=false>

Haesbaert, Rogério (2004) Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade [Acedido em 07 de Novembro de 2010] www.6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf

Hagerstran, Torsten (1973) *Innovation, Diffusion as Spatial Process*, the University of Chicago Press, Chicago.

Hall, Stuart; Mc Grew, T. (eds.) (1992) *Modernity and its Futures*, Polity Press, Cambridge.

Hall, Stuart (1993) Cultural identity and diaspora in identity: *Community, Culture, Difference*, Ed. Jonathan Rutherford [Acedido em 20 de Abril de 2010].

<http://www.lwbooks.co.uk/ReadingRoom/public/IdentityDiaspora.pdf>

Hall, Stuart (2006) A identidade cultural na Pós Modernidade, Rio de Janeiro, DP Editora [Acedido em 07 de Setembro de 2010].

http://febfuerj.ning.com/xn/detail/3290684:Topic:2395?xg_source=activity

Hannerz, Ulf (1996) *Transnational Connections, Culture, People, Places*, Routledge, Londres [Acedido em 9 de Maio de 2010].

http://books.google.pt/books?id=TZ7XuqRdW-EC&printsec=frontcover&dq=Hannerz,+Ulf+%281996%29,+Transnational+Connections,+Culture,+People,+Places&hl=ptpt&ei=uqolTYWiJs2SswbVmfgTAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0C CIQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false

Harris, John R.; Todaro, Michael, P. (1970) Migration, unemployment and development: a two sector analysis, *American Economic Review*, 60, pp. 126-142 [Acedido em 11 de Maio de 2010]

http://graduateinstitute.ch/webdav/site/developpement/users/Natascha_Wagner/public/harris_todaro70.pdf

Heisler, Barbara; Heisler, Martin (1986) Transnational Migration and the Modern Democratic State: Familiar Problems in New Form or a New Problem? *Annals, AAPSS*, 485, May 1986 [Acedido em 16 Dezembro de 2010].

<http://www.jstor.org/pss/1045437>

Helly, Denise (2000) Le multiculturalisme canadien: de la promotion des cultures immigrées à la cohésion sociale 1971-1999, *Cahiers de L'URMIS*, pp. 7-20 [Acedido em 11 de Fevereiro de 2009] <http://urmis.revues.org/index320.html>

Helly, Denise; Van Schendel, Nicolas (2001) *Appartenir: État, nation et société civile. Enquête à Montréal, 1995*, Presses de l'Université Laval et L'Harmattan, Québec e Paris [Acedido em 12 de Outubro de 2009]

<http://www.erudit.org/livre/hellyd/2001/index.htm>

Helly, Denise (2006) *Diaspora: un enjeu politique, un symbole, un concept?* Espace populations sociétés, *Diasporas et grandes métropoles*, Numéro 2006/1, Montreal, pp. 17-31 [Acedido em 09 de Fevereiro de 2009].

http://classiques.ugac.ca/contemporains/helly_denise/diaspora_enjeu_politique/diaspora_enjeu_politique_texte.html

Henriques, Eduardo (2002) Os temas culturais na investigação geográfica, *Inforgéo*, 16/17, pp. 153-165 [Acedido em 10 Janeiro de 2010]

www.apgeo.pt/.../1227097345_Inforgéo_16_17_p157a170.pdf

Hily, Marie-Antoinette, Poinard Michel (1985) Fonctions et enjeux du mouvement associatif portugais en France, *Revue européenne de migrations internationales*, Vol. 1, N°Septembre, pp.25-35 [Acedido em 30 de Maio de 2008].

http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_0765-0752_1985_num_1_1_963

Institut d'Etudes Politiques (1966) *Les travailleurs étrangers dans la région Rhône-Alpes*, Editions de la Chronique Sociale de France, Lyon.

International Migration Institute (2010) *Rethinking Migration Theory*, Oxford University, http://www.imi.ox.ac.uk/themes/rethinking-migration-theory/migration-theory?set_language=en [Acedido em 02 de Março de 2010].

Jones-Correa, Michael (1998) *Between Two Nations: The Political Predicament of Latinos in New York City*, Cornell University Press, Ithaca [Acedido em 10 de Maio de 2010].

http://books.google.pt/books?id=zwzc_56_NbAC&printsec=frontcover&dq=JonesCorrea,+Michael+%281998%29,+Between+Two+Nations:+The+Political+Predicament+of+Latinos+in+New+York+City,&hl=ptpt&ei=c6lITfCpCYuLswaiLWUAw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCIQ6AEwAA#v=onepage&q=JonesCorrea%2C%20Michael%20%281998%29%2C%20Between%20Two%20Nations%3A%20The%20Political%20Predicament%20of%20Latinos%20in%20New%20York%20City%2C&f=false

Kastoryano, Riva (2000) Des multiculturalismes en Europe au multiculturalisme européen, *Politique étrangère* n°1 - 2000 - 65e année, pp. 163-178 [Acedido em 3 de Maio de 2010] http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/polit_0032-342x_2000_num_65_1_4919.

Kearney, Michael (1995) The Local and the Global: The Anthropology of Globalization and transnationalism, *Annual Review of Anthropology*, 24, pp. 547-565, [Acedido em 2 de Junho de 2009].

http://www.uam-antropologia.info/texto_kerney.pdf

Kennedy, Paul; Roudometof, Victor (2002) Communities across borders, new immigrants and transnational cultures, Routledge, London [Acedido em 04 de Março de 2010].

http://books.google.fr/books?id=Ox8SUIZVUhAC&pg=PR7&dq=Paul+Kennedy+e+Victor+Roudometof&hl=fr&ei=8EuTdXAAumJ4gblrDlCw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCwQ6AEwAA#v=onepage&q=Paul%20Kennedy%20e%20Victor%20Roudometof&f=false

King, Russell (1994) Geografia social e económica das migrações de trabalho in David Pinder (org) *Europa Ocidental, Perigos e Mudanças*, Celta editora, Lisboa.

Kritz, Mary et al. (1992) *International migration systems: a global approach*, Clarendon Press, Oxford.

Krulic, Brigitte (2008) L'universalisme républicain, in *L'identité nationale*, n° 342, la Documentation Française, pp.27-31.

Lacoste, Yves (1989) Éditorial: géopolitique des diásporas, *Hérodote*, 53, p.3-12.

Lavigne, Gilles et al. (1995) L'ethnisation de l'établissement humain en Amérique du Nord: l'exemple du quartier portugais à Montréal, *Cahiers de géographie du Québec*, vol. 39, n° 108, pp. 417-443 [Acedido em 23 de Março de 2010] <http://www.erudit.org/revue/cgq/1995/v39/n108/022518ar.pdf>

Lavigne, Gilles et al. (1990) Mobilité et ethnicité, *Revue Européenne des migrations internationales* [Acedido em 22 de Janeiro de 2010] http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_0765-0752_1990_num_6_2_1247

Lechner, Elsa (2003) Enfants de l'Eau. La Reconstruction de l'Identité en Situation d'Immigration. Le cas des Transmontanos en Region Parisienne, Thèse de Doctorat, École des hautes études en sciences sociales, Paris.

Lee, Everett S. (1966) A theory of migration, *Demography*, vol.3, n.1, pp. 47-57. [Acedido em 09 de Outubro de 2010].

[http://www.google.fr/url?sa=t&source=web&cd=1&ved=0CBkQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.studnets.uni-mainz.de%2Fjkissel%2FSkripte%2FLee.pdf&rct=j&q=Lee%2C%20E.%20S.%20\(1966\)%20A%20theory%20of%20migration%2C%20&ei=UHjeTfDoNoqahQfmwrXHCg&usg=AFQjCNEX-OSTTtGaHRyjFVnEqQYnj4mrkA&cad=rja](http://www.google.fr/url?sa=t&source=web&cd=1&ved=0CBkQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.studnets.uni-mainz.de%2Fjkissel%2FSkripte%2FLee.pdf&rct=j&q=Lee%2C%20E.%20S.%20(1966)%20A%20theory%20of%20migration%2C%20&ei=UHjeTfDoNoqahQfmwrXHCg&usg=AFQjCNEX-OSTTtGaHRyjFVnEqQYnj4mrkA&cad=rja)

Leite, Carolina (1998) Eva, depois do paraíso: modos de habitar e identidade no percurso migratório, Dissertação de doutoramento, Universidade do Minho, Braga.

Leite, Carolina (2001) Feminin, masculin dans la reconstruction de l'espace domestique, in Villanova et al, *Construire L'interculturel*, L'Harmattan, Paris, pp 343-361.

Lévy, Jacques (2008) La géographie culturelle a-t-elle un sens, *Annales de Géographie*, nº 660-661 pp. 27-46.

Lewis, Gareth, J. (1982) *Human Migration: a geographical perspective*, Croom Helm, Londres [Acedido em 17 de Setembro de 2010].

<http://books.google.com/books?id=12E9AAAAIAAJ&lpg=PP1&hl=pt-PT&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>

Lewis, William A. (1954) Economic development with unlimited supplies of labor, *The Manchester School of Economic and Social Studies*, 22, pp.139-191 [Acedido em 14 de Março de 2010]

http://www.globelicsacademy.net/2008/2008_lectures/lewis%20unlimited%20labor%20supply%201954.pdf

Malheiros, Jorge (1996) *Imigrantes na região de Lisboa - os anos da mudança*, Edições Colibri, Lisboa.

Malheiros, Jorge (2000) Circulação migratória e estratégias de inserção local das comunidades católica goesa e ismaelita, *Lusotopie 2000*, pp. 377-398 [Acedido em 22 Janeiro de 2010] www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/malheiros.pdf

Malheiros, Jorge (2001) Arquipélagos Migratórios: Transnacionalismo e Imigração, Dissertação de doutoramento em Geografia Humana, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Malheiros, Jorge (org) (2007) Imigração brasileira em Portugal, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, Lisboa [Acedido em 18 Novembro de 2010] http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Comunidades/1_ImigrBrasileira.pdf

Malheiros, Jorge (2009) Tendências actuais das migrações internacionais: construir a cidade intercultural – ideologia, prática política e acção aplicadas ao caso de Lisboa, in Rocha-Trindade, M.B (org) *Migrações, Permanências e Diversidades*, Edições Afrontamento, Porto: 17-35.

Malheiros, Jorge; Padilla, Beatriz (coord.); Rodrigues, Frederica (2010) *Mulheres imigrantes empreendedoras*, CIG, Lisboa.

Mariano, Fátima. (2010) Emigração portuguesa está mais qualificada, *Observatório da Emigração*, [Acedido em 22 de Julho de 2010]. <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/1783.html>

Marienstras, Richard (1989) On the notion of diaspora. In G. Chaliand (Ed.) *Minority Peoples in the Age of Nation-States*, London, pp.119-125.

Marques, José Carlos; Góis, Pedro (2008) Pratiques transnationales des Capverdiens au Portugal et des Portugais en Suisse, *Revue Européenne des*

Migrations Internationales, 2008 (24) 2, pp. 147-165 [Acedido em 10 de Novembro de 2010] <http://remi.revues.org/4592>

Massey, Douglas S. (1988) Economic development and international migration in comparative perspective, *Population and development review*, vol.14, N° 3, pp. 383-413 [Acedido em 03 de Março de 2009] <http://worldroom.tamu.edu/Workshops/Migration06/EuropeanUnion/EU%20articles/Economic%20Development%20and%20International%20Migration.pdf>

Massey, Douglass S. et al (1993) Theories of International Migration: A Review and Appraisal, *Population and Development Review*, Vol. 19, nº 3., pp. 431-466 [Acedido em 02 de Fevereiro de 2009] <http://pt.scribd.com/doc/20270500/Massey-Et-Al-Theories-of-International-Migration-A-Review-and-Appraisal>

Martins, Luís Paulo Saldanha (2003) O fenómeno migratório e o desenvolvimento português: causas e efeitos no limiar de um novo ciclo in vários, *Porto de partida, Porto de chegada, a emigração portuguesa*, Âncora editora, Lisboa, pp. 15-32.

Ministère de l'Education Nationale (2000) Repères & Références statistiques 2000, Ministère de l'Education Nationale, Paris.

Ministre de la Justice du Canada (S/D) Loi sur le multiculturalisme canadien, [Acedido em 25 de Janeiro de 2011] <http://lois-laws.justice.gc.ca>

Moreira da Silva, Rosa Fernanda (1991) Dois casos exemplificativos da emigração portuguesa desde 1966 à actualidade in *Revista da Faculdade de Letras do Porto - Geografia I série*, Vol.VII, pp. 5-39.

Neto, Félix (1984) A migração portuguesa vivida e representada – contribuição para o estudo dos projectos migratórios. Dissertação de doutoramento em Psicologia, Universidade do Porto, Porto [Acedido em 03 de Fevereiro de 2009] <http://hdl.handle.net/10216/18139>

Mitchell, Don (2000) Cultural geography, a critical introduction, Blackwell, Oxford, [Acedido em 30 de Maio de 2010]. <http://books.google.fr/books?id=WB8Ae9768C&lpg=PP1&dq=mitchell%20%2B%20cultural%20geography&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>

O emigrante - Mundo Português (2010) França: Portugueses que fogem ao desemprego estão a inscrever-se no Consulado de Lyon, [Acedido em 10 de Agosto de 2010] <http://www.mundoportugues.org/content/1/7096/franca-portugueses-que-fogemdesemprego-estao-inscreverse-consulado-lyon/>

Oriol, Michel (2004) Éditorial. Vingt ans après: la «portugalité» introuvable, *Cahiers de l'Urmis*, N°9 | février 2004 [Acedido em 30 de Junho de 2010] <http://urmis.revues.org/index30.html>

Peixoto, João (1998) As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas, *SOCIUS Working Papers*, 2004 [Acedido em 14 de Outubro de 2009] <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/2037/1/wp200411.pdf>

Pessoa, Fernando (1934) *A mensagem*, Parceria António Maria Pereira Lisboa, [Acedido em 01 de Setembro de 2011] <http://purl.pt/13965/2/>

Pimentel, Dulce (2003) Portugal ainda é cais de partida: alguns dados da emigração no período 1992-2003, *GeoNova* (8), pp. 207-211.

Pimentel, Dulce (2006) Terra de Migrações, in *Atlas de Portugal* <http://62.48.187.117/atlas/Cap2/Cap2c.html> [Acedido em 14 de Outubro de 2009].

Piore, Michael (1979) *Birds of passage: migrant labour in industrial societies*, Cambridge University Press, Cambridge.

Pires, Rui (2010) Fuga de cérebros: esclarecimento pelo Coordenador do Conselho Científico do Observatório da Emigração, Observatório da Emigração [Acedido em 18 de Julho de 2010].
<http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/1809.html>

Poinard, Michel (1971) Les Portugais dans l'agglomération lyonnaise, *Espace et Société*, 1971, n° 4, pp. 145-151.

Poinard, Michel (1972) Les Portugais dans le département du Rhône entre 1960 et 1970, *Revue de géographie de Lyon*, 1972, vol. 47 n° 1, pp. 35-58. [Acedido em 9 de Dezembro de 2008].
http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geoca_0035113x_1972_num_47_1_160

Poinard, Michel (1981) Retour et va-et-vient: l'exemple portugais, *Hommes et Terres du Nord* (numéro spécial), Tome 2, pp. 820-826.

Poinard, Michel (1988) La politique d'un pays d'origine: le Portugal, *Revue Européenne des Migrations Internationales*, Année 1988, Volume 4, Numéro 1 p. 187 – 202, [Acedido em 03 de Fevereiro de 2009].
http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/remi_07650752_1988_num_4_1_1166

Poinard, Michel (1988) Le retour: regresso ou retorno In: *Annales de Géographie*, 1988, t. 97, n°54, pp. 348-351 [Acedido em 14 de Março de 2009]
http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_1988_num_97_541_20682

Poinard, Michel (1991) *Les Portugais dans l'émigration: une géographie de l'absence*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Toulouse, Toulouse.

Poinard, Michel et al. (1997) *Le va-et-vient identitaire: migrants portugais et villages d'origine*, INED-PUF, Paris.

Portes, Alejandro (1997) Globalization From Below: The Rise of Transnational Communities, *WPTC-98-01 Princeton University, September 1997* [Acedido em 10 de Março de 2010].
http://maxweber.hunter.cuny.edu/pub/eres/SOC217_PIMENTEL/portes.pdf

Portes, Alejandro (1999) Conclusion: Towards a New World - The Origins and Effects of Transnational Activities, *Ethnic and Racial Studies*, 22, 2, pp. 463-477. [Acedido em 18 de Abril de 2009].
<http://hevra.haifa.ac.il/~soc/lecturers/smooha/files/1576.pdf>

Portes, Alejandro (1999) La mondialisation par le bas, In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Vol. 129, pp. 15-25. [Acedido em 20 de Abril de 2010]. http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/arss_0335-5322_1999_num_129_1_3300

Quivy Raymond, Campenhoudt Van, Luc (1998) Manual de investigação em ciências sociais, Segunda edição, Gradiva, Lisboa.

Raffestin, Claude, Bresso, Mercedes (1982) Tradition, modernité, territorialité , in *Cahiers de géographie du Québec*, 26, nº68, pp.186-198 [Acedido em 17 Março de 2010] <http://id.erudit.org/iderudit/021557ar>

Ramos, Maria Conceição (1990) Marchés du travail et migrations internationales: croissance, crise et marché unique. Cas du Portugal et de la France, Dissertação de Doutoramento em Ciência Económica, Université Paris I, Sorbonne, Paris.

Ramos, Maria Conceição (1999) *La diaspora portugaise et la diversité de ses formes d'insertion dans les pays d'accueil*, OCDE, Paris.

Ramos, Maria Conceição; Diogo, Helder. (2003) Le Portugal, pays relais de la migration en Europe, *Revue Migrations et Etudes*, nº116, pp. 1-16.

Raposo, Isabel (1998) Apropriação dos modelos urbanos pelos grupos sociais rurais: a transformação da habitação em Alte, *Sociedade e Território* (25/26), pp. 64-79.

Ravenstein, Ernest G. (1885) The Laws of Migration [Acedido em 26 Novembro de 2009] <http://blog.lib.umn.edu/globerem/main/Ravenstein.pdf>

Rey, Alain (1994) *Dictionnaire historique de la langue française*, Dictionnaire Le Robert, Paris.

Ribeiro, Orlando, Lautensach, Hermann (1989) *Geografia de Portugal - III Volume: O Povo Português*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.

Roca, Maria de Nazaré (1999) Migração de regresso e desenvolvimento rural sustentável: um estudo de caso no Alto Minho, *Geol/Nova nº 1*, pp.33-50.

Rocha Trindade, Maria Beatriz (1976) Comunidades migrantes em situações duplas: análise de três casos de emigrações espalhadas pelos EUA, pelo Brasil e pela França, *Análise Social*, vol. XII (48) pp. 983-997.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1995) *Sociologia das migrações*, Lisboa, Universidade Aberta.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz; Raveau, François (org.) (1998) *Présence portugaise en France*, CEMRI – Universidade Aberta, Lisboa

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (org.) (2005) *História, memória e imagens nas migrações*, Oeiras, Celta Editora.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (2001) Portugal uma sociedade multicultural, in *Janus 2001*, [Acedido em 10 de Setembro de 2010].
http://www.janusonline.pt/2001/2001_3_3_18.html

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (org.) (2009) *Migrações, Permanências e Diversidades*, Edições Afrontamento, Porto.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (2010) Associativismo em contexto migratório, in Horta, Ana Paula Beja (org.), *Revista Migrações - Número Temático Associativismo Imigrante*, n.º 6, ACIDI, pp. 39-58.

Santos, Manon Dos (2005) Travailleurs maghrébins et portugais en France: Le poids de l'origine, *Revue Economique*, volume 56, pp. 447-464 [Acedido em 10 de Maio de 2009] <http://www.crest.fr/ses.php?user=3003>

Santos, Manon Dos (2009) Pourquoi les portugais veulent-ils tant retourner au pays? [Acedido em 14 de Setembro de 2010].
http://www.crest.fr/ckfinder/userfiles/files/Pageperso/manondds/manondds_fichiers/Revision-juillet2009.pdf

Sack, Robert (1986) *Human territoriality - its theory and history* – Cambridge University Press, Cambridge [Acedido em 13 de Maio de 2010]
<http://books.google.pt/books?id=NXk7AAAAIAAJ&lpg=PA221&ots=Ou2zcFGwuU&dq=SACK%2C%20R.%201986.%20Human%20Territoriality&pg=PR4#v=onepage&q&f=false>

Santos, Mauro et al. (2010) Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte [Acedido em 21 de Outubro de 2010].
<http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20398.pdf>

Santos, Irene (2002) “Eva Depois do Paraíso” Un regard sur la femme émigrée portugaise et les transformations des modes de vie, *revista Latitude*, Paris [Acedido em 24 de Março de 2010].
http://www.revuesplurielles.org/php/index.php?nav=revue&no=17&sr=2&no_dossier=14&aff=articles

Sengel, Marie (2000) Nana-Benz de Noailles, *Hommes et Migrations*, nº 1224 [Acedido em 17 de Setembro de 2010].
http://www.hommes-et-migrations.fr/docannexe/file/1224/1224_09.pdf

Shuval, Judith (2000) Diaspora Migration: Definitional Ambiguities and a Theoretical Paradigm, *International Migration Vol. 38 (5)*, pp. 41-57 [Acedido em 20 de Outubro de 2010] <http://pt.scribd.com/doc/51923699/Judith-Shuval>

Scheffer, Gabriel (1986) A New Field of Study: Modern Diasporas in International politics in Gabriel Sheffer (dir.), *Modern Diasporas in International Politics*, Londres, Croom Helm, 1-15. [Acedido em 17 de Abril de 2009]
<http://books.google.fr/books?id=Ac8OAAAAQAAJ&lpg=PP1&ots=Yon4KeUhe&dq=gabriel%20sheffer%20Modern%20Diasporas%20in%20International%20Politics&hl=ptpt&pg=PP9#v=onepage&q&f=false>

Shiller, Nina Glick et al. (1995) From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration, *Anthropological Quarterly*, 68, 1, janvier, 48-63. [Acedido em 25 de Fevereiro de 2010].

http://www.sscnet.ucla.edu/history/faculty/henryyu/Hist597/Schiller_et_al.pdf

Shiller, Nina Glick et al. (1992) *Towards a Transnational Perspective on Migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*, New York Academy of Sciences, New York.

Shiller, Nina Glick et al. (1995) From immigrant to transmigrant: theorizing transnational Migration [Acedido em 20 de Janeiro de 2010]

www.sscnet.ucla.edu/history/faculty/henryyu/.../Schiller_et_al.pdf

Siebold, Sabine (2010) Le multiculturalisme a échoué en Allemagne, dit Angela Merkel, *Le Nouvel Observateur*, 16/10/2010 [Acedido em 20 de Outubro de 2010] <http://tempsreel.nouvelobs.com/actualite/monde/20101016.REU1880/le-multiculturalisme-a-echoue-en-allemande-dit-angela-merkel.html>

Simon, Gildas (1995) *Géodynamique des migrations internationales dans le monde*, PUF, Paris.

Simon, Gildas (2006) Migrations, la spatialisation du regard, *Revue européenne des migrations internationales*, vol. 22 - N°2 | 2006 [Acedido em 9 de Outubro de 2009] <http://remi.revues.org/2815>

Simon, Patrick (1997) Les usages sociaux de la rue dans un quartier cosmopolite, *Espaces et Sociétés*, n° 90/91, pp. 69-78.

Sorre, Max (1955) *Les migrations des peuples – Essai sur la mobilité géographique*, Flammarion, Paris.

Souty, Jérôme (2000) Multiculturalisme, comment vivre ensemble? *L'abécédaire des sciences humaines*, Hors-série N°38 [Acedido em 12 de Novembro de 2010] http://www.scienceshumaines.com/multiculturalisme-comment-vivre-ensemble_fr_12414.html

Souty, Jérôme (2002) Multiculturalisme, *Revue Sciences Humaines.com* [Acedido em 12 de Novembro de 2010].

http://www.scienceshumaines.com/multiculturalisme_fr_12710.html

Stark, Oded; Taylor, J. Eduard (1989) Relative deprivation and international migration, *Demography*, Washington, D.C, vol.26, N° 1, pp.1-14 [Acedido em 14 de Novembro de 2010].

<http://uni-leipzig.de/~sozio/mitarbeiter/m72/content/dokumente/568/Stark1989.pdf>

Stock, Mathis (2004) L'habiter comme pratique des lieux géographiques, *Espaces Temps.net* [Acedido em 03 de julho de 2010].

<http://www.espacestemp.net/document1138.html>

Taguieff, Pierre-André (2005) Communauté et «communautarisme»: un défi pour la pensée républicaine, *Cahier du CEVIPOF* n° 43, pp. 83-144 [Acedido em 10 de Janeiro de 2011].

http://www.cevipof.com/fichier/p_publication/427/publication_pdf_cahier.43.pdf

Tavares, Marie Christine (2001) Les phases de l'immigration portugaise, des années vingt aux années soixante-dix [Acedido em 10 de Janeiro de 2009] <http://barthes.ens.fr/clio/revues/AHI/articles/volumes/volovitch.html>

Tavares, Marie Christine (2009) Les incertitudes et les contradictions d'une «bonne intégration» Les immigrants catholiques portugais en France, des années soixante aux années quatre-vingt, *Cahiers de la Méditerranée*, pp.158-176 [Acedido em 30 de Junho de 2010] <http://cdlm.revues.org/index4688.html>

Taylor, Charles (org.) (1994) *Multiculturalismo: Examinando a Política de Reconhecimento*, Instituto Piaget, Lisboa.

Teixeira, Carlos (1986) La mobilité résidentielle intra-urbaine des Portugais de première génération à Montréal, mémoire de maîtrise en géographie, Université du Québec, Montréal.

Teixeira, Carlos (1992) The Role of "Ethnic" Sources of Information in the Relocation Decision-Making Process: A Case Study of the Portuguese in Mississauga, Dissertação de doutoramento, Iork University, Ontario [Acedido em 12 de Março de 2010] http://www.ceris.metropolis.net/frameset_f.html

Teixeira, Carlos (2006) A comparative study of Portuguese homebuyers's suburbanization in the Toronto and Montreal areas, *Espaces et Sociétés*, 2006-1, pp. 121-135 [Acedido em 24 de Setembro de 2010]. <http://eps.revues.org/index1025.html>

Teixeira, Carlos (2007) Toronto's Little Portugal A Neighbourhood in Transition, *Centre for Urban and Community Studies*, Research Bulletin nº 35 [Acedido em 12 de Dezembro de 2010] www.urbancenter.utoronto.ca/redirects/rb35.html

Teixeira, Carlos; Rosa, Vítor (2009) *The portuguese in Canada*, second edition, University of Toronto Press [Acedido em 10 de Outubro de 2009]. <http://books.google.fr/books?id=XEjAaU3aZugC&pg=PP1&ots=FBwB5NhM8J&dq=carlos%20teixeira%20%2B%20portugais%20%2B%20canada&pg=PR4#v=onepage&q&f=false>

Teixeira, Carlos (2009) Entrevista ao Observatório da Emigração, <http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/977.html>

Tonnies, Ferdinand (1977) *Communauté et société*, Retz-C.E.P.L., Paris.

Tölölyan, Kachig (1991) The Nation-State and its Others: In Lieu of a Preface, *Diaspora*, 1: 3-7.

Tölölyan, Khachig (1996) Rethinking Diaspora(s): Stateless Power in the Transnational Moment, *Diaspora*, 5: 3-36.

Vertovec, Steven (1999) Conceiving and Researching Transnationalism, *Ethnic and Racial Studies*, 22, 2, 447-462. [Acedido em 12 de Outubro de 2010] <http://www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/conceiving.PDF>

Vertovec, Steven (2001) Religion and diaspora, In Peter Antes et al, *New approaches to the study of religion* [Acedido em 04 de Agosto de 2009] http://www.google.com/books?hl=ptPT&lr=&id=AfUJF_YcJTQC&oi=fnd&pg=PA275&dq=VERTOVEC+Steven+%E2%80%9CReligion+and+diaspora%E2%80%9D,&ots=uWzA6w5PBr&sig=qtjxcJZZEgu072HyLzOFDNCWjMc#v=onepage&q=VERTOVEC%20Steven%20%E2%80%9CReligion%20and%20diaspora%E2%80%9D%2C&f=false

Vertovec, Steven (2009) *Transnationalism*, Rotledge, New York, [Acedido em 10 de Setembro de 2010].
http://books.google.fr/books?id=Qko8xbq87MC&pg=PA136&dq=Vertovec,+Steven+%2B+Vertovec,+Steven+%2B+Robin+Cohen++Migration,+Diasporas+and+Transnationalism&hl=ptpt&ei=3bElTd2cGsel4gbakLi8AQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=3&ved=0CC0Q6AEwAg#onepage&q&f=false

Villanova, Roselyne et al. (1995) *Casas de sonho – emigrantes construtores no norte de Portugal*, Edições Salamandra, Lisboa.

Villanova, Roselyne et al. (2001) *Construire l'interculturel?* L'Harmattan, Paris.

Villanova, Roselyne (2004) L'alternance résidentielle des immigrés portugais: investissements matériels et symboliques dans un système d'habitat interculturel, *Atelier mobilité et résidence*, 16 & 17 novembre 2004, Nogent-Sur-Marne, [Acedido em 12 de Janeiro de 2011].
<http://www.ceped.org/cdrom/mobilite/html/altern.html>

Weber, Max (2008) *Conceitos básicos de sociologia*, Centauro Editora, São Paulo

Wieviorka, Michel (2010) Identité et multiculturalisme en France – *Faire ensemble 2020*, les associations se projettent, [Acedido em 11 de Fevereiro de 2011] http://www.faireensemble2020.fr/IMG/pdf/Identite_et_multiculturalisme.pdf

Wieviorka, Michel (2011) Quand la gauche va-t-elle défendre le multiculturalisme ? in *Rue 89*, [Acedido em 24 de Fevereiro de 2011] <http://www.rue89.com/wieviorka/2011/02/12/quand-la-gauche-va-t-elledefendre-lemulticulturalisme-190273>

Wihtol de Wenden, Catherine (2008) L'immigration en débat, *La revue pour l'histoire du CNRS*, n° 22 [Acedido em 2 Novembro de 2010] <http://histoire-cnrs.revues.org/8192>

Yemini, Lisa; Berthomière, William (2005) Les diasporas: retour sur un concept, *Bulletin du centre de recherche français de Jérusalem* n°16, p.139-147 [Acedido em 08 de Dezembro de 2009] <http://bcrfj.revues.org/index57.html>

Zelinsky, Wilbur (2001) The World and its Identity Crisis, in Adams, P. Hoelscher, S. And Till, K.E. (eds.) *Textures of Place*, University of Minnesota Press, Minneapolis, pp.129-149 [Acedido em 11 Novembro de 2010].
<http://books.google.fr/books?id=AVVOe6tzHakC&lpg=PA129&ots=vObPwjKOVr&dq=wilbur%20zelinsky%20the%20world%20and%20identity%20crisis&hl=ptPT&pg=PA129#v=onepage&q=wilbur%20zelinsky%20the%20world%20and%20identity%20crisis&f=false>

Zlotnik, Hania (2003) Théories sur les migrations internationales, in Caselli G et al: *Démographie: analyse et synthèse*, vol IV, Les déterminants de la migration, Ined, Paris, pp. 55-78 [Acedido em 08 de Janeiro de 2009].

http://books.google.fr/books?id=kjNeWRF00C&pg=PA55&dq=ZLOTNIK+Hania+Th%C3%A9ories+sur+les+migrations+internationales&hl=fr&ei=a4AQTDrlKY33sgbjydHgDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCoQ6AEwAA#v=onepage&q=ZLOTNIK%20Hania%20Th%C3%A9ories%20sur%20les%20migrations%20internationales&f=false

Zolberg, Aristide (1981) International migrations in political perspectives, in Kritiz M.M. et al, *Global trends in migration: theory and research on international population movements*, Center for Migration Studies, New York, pp.3-27.

Recursos estadísticos

Consulado Geral de Portugal em Lyon (2010) registos consulares 2003-2010, Lyon.

Direcção Geral Assuntos Consulares (DGAC) registos Consulares de Portugal em França 2005-2010.

Chambre de Commerce et industrie de Lyon (2010)
<http://www.lyon.cci.fr/annuaire/index.asp>

Eurostat (2010) Taux de croissance du PIB réel, Commission Européenne, Bruxelles.

INSEE (1992) Recensement général de la population de 1990: Activité, Ménages - Rhône-Alpes, Paris.

INSEE (1994) Les étrangers en France, Paris.

INSEE (1997) Les immigrés en France: portrait social, Paris.

INSEE (1999) Tableaux d'économie Rhône-Alpes, Paris.

INSEE (2000) Recensement de la population, Rhône-Alpes, Paris.

INSEE (2005) Atlas des populations immigrées en Rhône-Alpes, Lyon.

INSEE (2005) Les immigrés en France : une situation qui évolue, INSEE Première n° 1042, Cellule statistiques et études sur l'immigration, Paris.

INSEE (2007) Démographie : moins de naissances mais un excédent naturel très élevé, L'année Economique et Sociale, Dossier n° 153, INSEE ; Paris.

INSEE (2008) L'activité des immigrés en 2007, INSEE Première n° 1212, Cellule statistiques et études sur l'immigration, Paris.

INSEE (2008) 515 000 immigrés en Rhône-Alpes, La lettre n° 95, INSEE Rhône-Alpes, Lyon.

INSEE (2008) Enquêtes annuelles de recensement de 2004 à 2006, Paris.

INSEE (2010) Résultats du recensement de la population 2007.

<http://www.recensement.insee.fr/home.action>

Índice de quadros, figuras e fotografias

Parte I

Capítulo II – O estudo das migrações

Quadro 1: População mundial migrante em 2010	24
Quadro 2: Referências bibliográficas sobre emigração portuguesa por década e por ano	63
Quadro 3: Bibliografia sobre emigração portuguesa por país de destino	66
Quadro 4: Teses sobre emigração portuguesa por área de investigação	70
Quadro 5: Teses sobre emigração portuguesa por áreas de investigação e país de apresentação	71
Quadro 6: Investigadores sobre emigração portuguesa em França por áreas de investigação	80

Parte II

Capítulo I – Identidades, Práticas e vivências territoriais

Quadro 7: Principais comunidades estrangeiras em França entre 1921 e 2007	112
Gráfico1: Evolução da população portuguesa em França de 1921 a 2007 ...	113
Quadro 8: Inscrições consulares em França entre 2005-2010 (stocks)	114
Quadro 9: Inscrições consulares em França entre 2005-2010 (stocks de pessoas nascidas em Portugal)	114
Quadro 10: Portugueses de França por região em 2005	116
Mapa 1: Imigrantes portugueses em França por região em 2005	116
Esquema 1: Portugueses em função do estatuto de imigrante e de estrangeiro	117
Quadro 11: Portugueses por sexo, estrutura etária e taxa de actividade em França	117
Quadro 12: Comunidades estrangeiras em Rhône-Alpes de 1962 a 2005 ...	120
Gráfico 2: Imigração portuguesa em Rhône-Alpes entre 1962 e 2005	117

Quadro 13: Inscrições consulares no Consulado Geral de Portugal em Lyon de 2005 a 2010	124
Quadro 14: Portugueses por departamento de 1962 a 2007	129
Quadro 15: Estrutura etária da população portuguesa em Rhône-Alpes em 1999	131
Quadro 16: Portugueses na Comunidade urbana de Lyon em 1999	134
Mapas 2-3: comunidade urbana de Lyon em Rhône-Alpes e em França	135
Mapa 4: Distribuição espacial da população portuguesa na Comunidade Urbana de Lyon em 1999	137
Quadro 17: Freguesias com maior número de portugueses na área urbana de Lyon em 1999	137
Quadro 18: Local de residência dos imigrantes portugueses	138
Quadro 19: Portugueses por idade e por sexo na freguesia de Lyon em 1975 e 1999	138
Quadro 20: Composição dos lares por nacionalidade na freguesia de Lyon em 1999	139
Quadro 21: Portugueses por categoria socioprofissional em 1975 e 1999 ...	140
Quadro 22: Portugueses por categoria socioprofissional em 2007	140
Quadro 23: portugueses na área urbana de Lyon por categoria socioprofissional em 1999	141
Fotografia 1: associação portuguesa de St Priest	148
Fotografia 2: associação portuguesa de St Fons	148
Fotografia 3: corpo dirigente feminino da associação portuguesa de Neuville sur Saône	154
Fotografia 4: mercearia lusa na zona central de Lyon	163
Fotografia 5: mercearia lusa na zona central de Lyon	163
Quadro 24: Empresários por área geográfica e sexo na área urbana de Lyon em 2010	164
Quadro 25: Empresários por sector de actividade na área urbana de Lyon ..	165
Quadro 26: Empresas por número de trabalhadores na área urbana de Lyon	166
Quadro 27: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon	166
Quadro 28: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon	166

Quadro 29: Empresas por volume de negócios na área urbana de Lyon em 2010	167
Quadro 30: Empresários na construção civil por bairro (Lyon) em 2010	168
Quadro 31: Empresários na construção civil por área geográfica (freguesias circundantes de Lyon) em 2010	168
Quadro 32: especialização por sectores na construção civil em 2010	169
Quadro 33: Empresários por sexo no sector da Construção Civil na área de Lyon em 2010	169
Quadro 34: Empresas na construção civil por data de registo na área urbana de Lyon	170
Quadro 35: Empresas na construção civil por data de registo na área urbana de Lyon	170
Quadro 36: Empresas na construção civil por número de trabalhadores na área urbana de Lyon	171
Quadro 37: Empresas da construção civil por volume de negócios na área urbana de Lyon em 2010	172
Quadro 38: Empresas por sector de actividade na área urbana de Lyon	173
Quadro 39: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon	173
Quadro 40: Empresas por data de registo na área urbana de Lyon	174
Quadro 41: Empresas por sector de actividade e sexo na área urbana de Lyon	174
Mapa 5: Aeroportos franceses e fronteiriços dispondo de ligações aéreas de baixo custo com Portugal.	196

Capítulo II – Inquérito (quadros e figuras - anexo I)

1 - Distribuição da amostra por sexo	272
2 a) Distribuição etária dos imigrantes (geral)	272
2 b) Distribuição etária dos imigrantes que residem em França há menos de 10 anos	272
3 - País de nascimento dos imigrantes	273
4 a) Origem distrital de saída dos imigrantes de Portugal (geral).	274
4 b) Origem distrital para os imigrantes que chegaram a França há mais de 30 anos.....	274
4 c) Origem distrital dos imigrantes que chegaram a França há menos de 10 anos	275
5 a) Nacionalidade: Indivíduos que nasceram em França e que têm a nacionalidade francesa.	276
5 b) Indivíduos que nasceram em Portugal e que adquiriram a nacionalidade francesa	277
6 - Tempo de residência em França dos imigrantes	278
7 a) Local de origem em Portugal (aldeia, vila, cidade) dos imigrantes que estão em França há mais de 30 anos	278
7 b) Local de origem em Portugal (aldeia, vila, cidade) dos imigrantes que estão em França há menos de 5 anos	279
8 a) Estado civil geral	280
8 b) Estado civil dos indivíduos que chegaram há menos de 10 anos	280
8 c) Estado civil dos indivíduos com nacionalidade francesa	281
9 a) Nível de escolaridade geral	281
9 b) Nível de escolaridade para os indivíduos que nasceram em Portugal ...	282
9 c) Nível de escolaridade para os indivíduos que nasceram em França	282
9 d) Nível de escolaridade para os sujeitos que nasceram em Portugal e que chegaram há menos de 10 anos a França	283
9 e) Nível de escolaridade para os sujeitos que têm a nacionalidade francesa consoante o país de nascimento	283
10 a) Situação profissional do imigrante que nasceu em Portugal antes de ir para França	284

10 b) Situação profissional em Portugal do imigrante que se encontra em França há mais de 30 anos	285
10 c) Situação profissional em Portugal do imigrante que se encontra em França há menos de 10 anos	286
11 a) Sector de actividade do imigrante em Portugal (geral)	287
11 b) Sector de actividade em Portugal dos imigrantes que residem em França há menos de 10 anos.	287
12 a) Sector de actividade do imigrante português em França (geral)	288
12 b) Sector de actividade do imigrante português em França (geral – sexo masculino)	288
12 c) Sector de actividade do imigrante português em França (geral – sexo feminino)	289
12 d) Sector de actividade em França do indivíduo que nasceu em França .	289
12 e) Sector de actividade em França do indivíduo que vive em França há menos de 10 anos	290
13 a) Modo de ir para França para os Portugueses (geral)	291
13 b) Modo de ir para França para os Portugueses que aí residem há menos de 10 anos	292
14 a) França como primeiro país de emigração (geral)	293
14 b) França como primeiro país de emigração para os indivíduos que chegaram há menos de 10 anos	293
14 c) Outros países de emigração para os indivíduos com experiencias migratórias anteriores	294
15 a) Lyon como primeiro destino de emigração em França (geral)	295
15 b) Lyon como primeiro destino de emigração para os indivíduos que chegaram há menos de 10 anos	295
16 a) Tipo de transporte utilizado para chegar a França para os imigrantes que residem no país há mais de 30 anos	296
16 b) Tipo de transporte utilizado para chegar a França para os imigrantes que residem no país há menos de 10 anos	297
17 a) Tipo de alojamento dos imigrantes em França (geral)	298
17 b) Tipo de alojamento dos imigrantes que vivem em França há menos de 10 anos	299
17 c) Tipo de alojamento dos inquiridos com nacionalidade francesa	299

18 a) Com quem vive os inquiridos (geral)	300
18 b) Com quem vive os inquiridos que chegaram há menos de 10 anos	300
18 c) Com quem vive os inquiridos com nacionalidade francesa	301
19 a) Grau de propriedade da habitação em França (geral)	301
19 b) Tipo de propriedade (geral)	302
19 c) Proprietários em função do país de nascimento.	302
19 d) Proprietários da habitação em função da nacionalidade	303
20 a) Imigrantes que tenham recorrido a profissionais portugueses para a habitação (geral)	304
20 b) Proprietários das sua habitação que tenham trabalhado com profissionais portugueses.	304
20 c) Tipo de habitação dos sujeitos que trabalharam com empreiteiros portugueses	305
20 d) Nacionalidade dos que recorreram a profissionais da comunidade	305
20 e) Local de nascimento dos sujeitos que recorreram a profissionais lusos	306
21 a) Importação de materiais de Portugal para a habitação (geral)	306
21 b) Proprietários que trouxeram materiais de Portugal para a sua habitação.	307
21 c) Tipo de habitação dos sujeitos que trouxeram materiais de Portugal ..	307
21 d) Importação de materiais de Portugal para a habitação (indivíduos com nacionalidade francesa)	308
22 - Tipos de materiais trazidos de Portugal para a habitação	307
23 a) Mobilidade residencial na área de Lyon (geral)	309
23 b) Mobilidade residencial na área de Lyon dos sujeitos com nacionalidade francesa	310
23 c) Mobilidade residencial na área de Lyon dos sujeitos que estão em França há menos de 10 anos	310
24 a) Frequentação de locais étnicos portugueses na área de Lyon (geral) .	311
24 b) Tipos de locais étnicos frequentados (geral)	311
24 c) Tipos de locais étnicos frequentados (geral) por registos	312
24 d) Frequentação dos locais étnicos pela população feminina	312
24 e) Frequentação de estabelecimentos portugueses na área de Lyon (indivíduos a residir há menos de 10 anos).....	313

24 f) Tipo de locais frequentados por indivíduos a residir há menos de 10 anos	313
24 g) Frequentação de locais étnicos portugueses na área de Lyon (indivíduos com nacionalidade francesa)	314
25 a) Mobilidade dos imigrantes em relação a Portugal (geral)	314
25 b) Mobilidade em relação a Portugal para os sujeitos com nacionalidade francesa	315
25 c) Mobilidade em relação a Portugal dos sujeitos que residem em França há mais de 30 anos.	315
25 d) Mobilidade em relação a Portugal dos sujeitos que residem em França há menos de 10 anos	316
25 e) Indivíduos que viajam mais para Portugal em função dos anos de residência em França	317
25 f) Mobilidade em relação a Portugal para os sujeitos que são proprietários da sua habitação.	318
26 a) Frequência das viagens anuais para Portugal (geral)	318
26 b) Frequência das viagens anuais para Portugal para os sujeitos com nacionalidade francesa	319
26 c) Frequência das viagens anuais para Portugal para os sujeitos a residir em França há menos de 10 anos	320
26 d) Frequência das viagens anuais para Portugal para os sujeitos a residir em França há mais de 30 anos	320
27 - Mobilidade em relação a Portugal em função de bilhetes de avião mais baratos	321
28 - Companhias aéreas com que os imigrantes viajam.	321
29 - Momentos em que costuma ir a Portugal (geral)	322
30 a) Motivos de deslocação a Portugal (geral)	323
30 b) Motivos de deslocação a Portugal dos sujeitos com nacionalidade francesa	323
30 c) Motivos de deslocação a Portugal dos sujeitos que estão em França há menos de 10 anos	324
30 d) Motivos de deslocação a Portugal dos sujeitos que estão em França há há mais de 30 anos	324

31 a) Produtos que os imigrantes transportam para França quando regressam de Portugal (geral)	325
31 b) Produtos transportados pelos inquiridos que vivem em França há menos de 10 anos quando regressam de Portugal.	326
31 c) Produtos transportados pelos inquiridos que vivem em França há mais de 30 anos quando regressam de Portugal	326
31 d) Produtos transportados pelos inquiridos com nacionalidade francesa quando regressam de Portugal	327
32 a) Projecto de regresso definitivo a Portugal (geral)	328
32 b) Nacionalidade dos sujeitos que não tencionam regressar definitivamente a Portugal	329
32 c) Projectos de regresso a Portugal dos indivíduos com nacionalidade francesa	330
32 d) Projectos de regresso a Portugal dos sujeitos que se encontram em França há menos de 10 anos	331
32 e) Indivíduos que dizem regressarem um dia definitivamente a Portugal em função do número de anos de residência em França	332
32 f) Estimativa de regresso (em anos) dos sujeitos que dizem regressar definitivamente para Portugal.	333
33 a) Transferências financeiras (remessas) para Portugal (geral)	333
33 b) Remessas para Portugal dos indivíduos que residem em França há menos de 10 anos	334
33 c) Remessas para Portugal dos indivíduos com a nacionalidade francesa	334
33 d) Indivíduos que nunca enviam remessas para Portugal em função do tempo de residência em França	335
34 a) Destino das remessas enviadas para Portugal (geral)	336
34 b) Destino das remessas enviadas para Portugal para os sujeitos que residem em França há menos de 10 anos	337
34 c) Destino das remessas enviadas para Portugal para os sujeitos de nacionalidade francesa	338
35 a) Disponibilidade do serviço de internet ao domicílio do imigrante (geral).	339

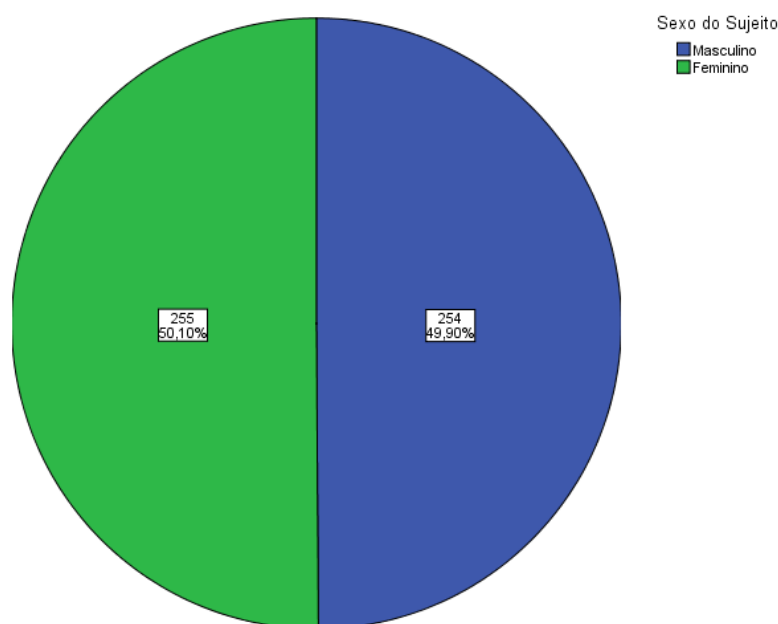
35 b) Disponibilidade do serviço de internet ao domicílio do imigrante que reside em França há menos de 10 anos	339
35 c) Disponibilidade do serviço de internet ao domicílio dos indivíduos de nacionalidade francesa.	340
35 d) Inquiridos com internet ao domicílio em função da idade.	341
36 a) Comunicação com Portugal utilizando a internet (geral)	342
36 b) Comunicação com Portugal utilizando a internet para os indivíduos de nacionalidade francesa.....	342
36 c) Comunicação com Portugal utilizando a internet para os indivíduos que residem em França há menos de 3 anos	343
37 a) Nível de integração na sociedade francesa (geral)	343
37 b) Nível de integração na sociedade francesa para os indivíduos que vivem em França há mais de 30 anos	344
37 c) Nível de integração na sociedade francesa para os indivíduos que vivem em França há menos de 10 anos	345
37 d) Nível de integração na sociedade francesa para os indivíduos com a nacionalidade francesa	346
38 a) Identificação relativamente à nacionalidade (geral).	347
38 b) Identificação relativamente à nacionalidade para os sujeitos com nacionalidade portuguesa	348
38 c) Identificação relativamente à nacionalidade para os sujeitos que nasceram em França	348
38 d) Identificação relativamente à nacionalidade para os sujeitos com a nacionalidade francesa	349
38 e) Identificação relativamente à nacionalidade para os sujeitos que residem em França há menos de 10 anos	350
38 f) Identificação relativamente à nacionalidade para os sujeitos que residem em França há mais de 30 anos	351

ANEXOS

Anexo I

Resultados do inquérito por questionário (comunidade portuguesa de Lyon / Novembro 2010 - Janeiro 2011)

1- Distribuição da amostra por sexo



2- Tabelas etárias por sexo.

Como podemos observar nas tabelas os inquiridos distribuem-se de modo mais ou menos equitativo em termos etários, sobressaindo, todavia uma diminuição dos efectivos à medida que a idade aumenta. Constatámos que nos últimos 10 anos registamos um efectivo significativo de imigrantes com mais de 40 anos o que demonstra que a idade não é forçosamente um critério de selectividade.

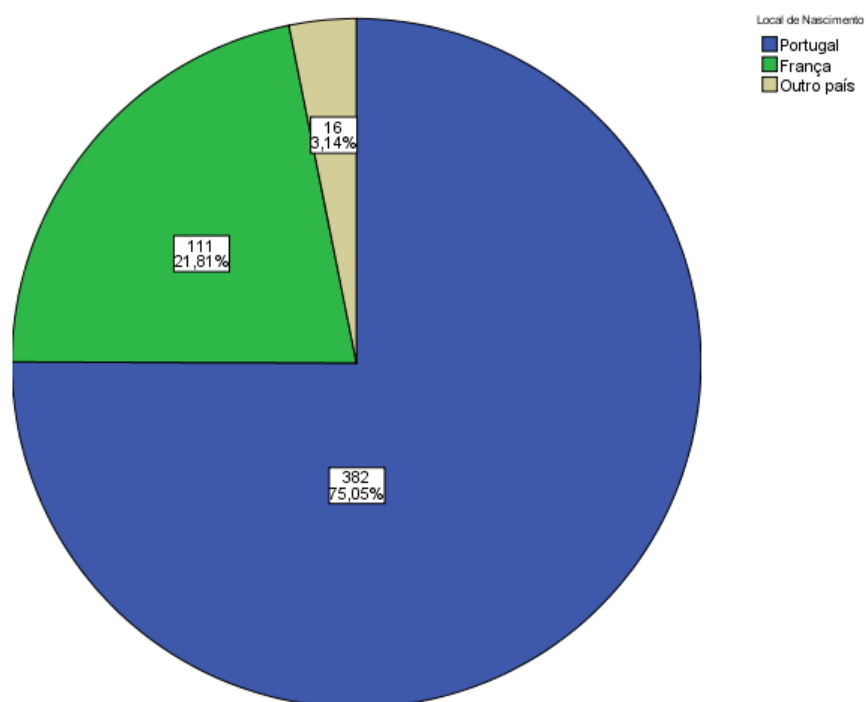
2 a) Distribuição etária dos imigrantes (geral)

Faixas etárias	Sexo Masculino	Sexo Feminino
18 – 30 anos	83	73
31 – 40 anos	63	58
41 – 50 anos	51	67
51 – 60 anos	37	37
+ de 60 anos	19	19
Total	252	254

2 b) Distribuição etária dos imigrantes que residem há menos de 10 anos

Faixas etárias	Frequência
18 – 30 anos	69
31 – 40 anos	35
41 – 50 anos	17
51 – 60 anos	11
+ de 60 anos	----
Total	132

3 País de nascimento dos imigrantes

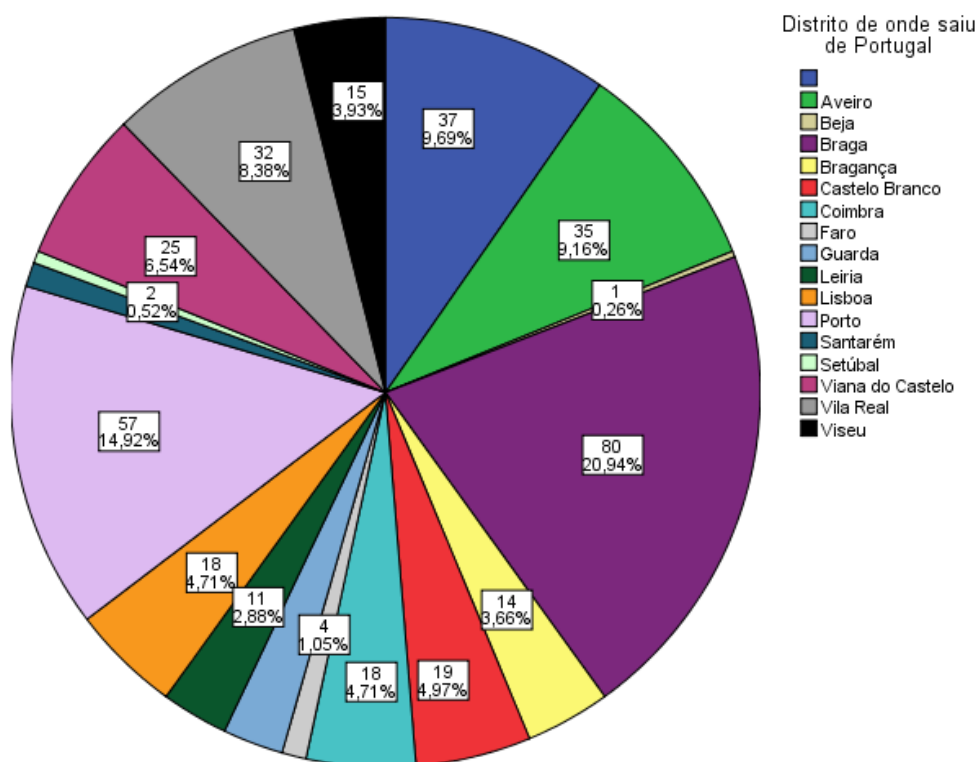


A maioria dos inquiridos nasceu em Portugal (75%), cerca de 1/5 (21,8%) diz ter nascido em França e os restantes 3,1% nasceram noutro país.

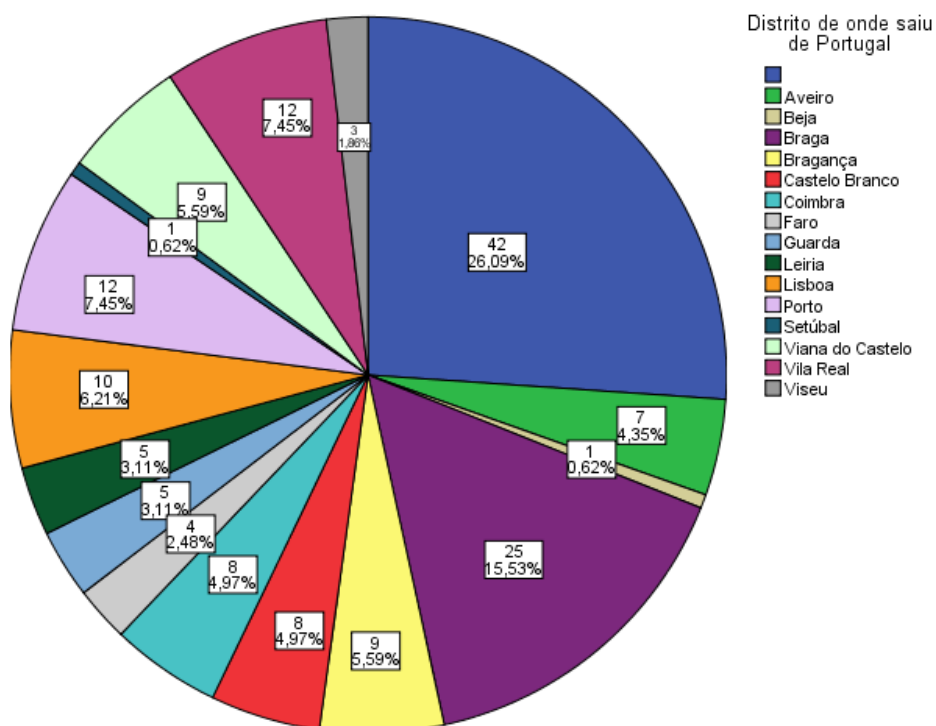
4 Origem distrital de saída dos imigrantes de Portugal

Distrito de saída de Portugal	Frequência
Braga	80
Porto	57
Aveiro	35
Vila Real	32
Viana do Castelo	25
Castelo Branco	19
Coimbra	18
Lisboa	18
Viseu	15
Bragança	14
Leiria	11
Guarda	10
Faro	4
Santarém	4
Setúbal	2
Beja	1
TOTAL	382

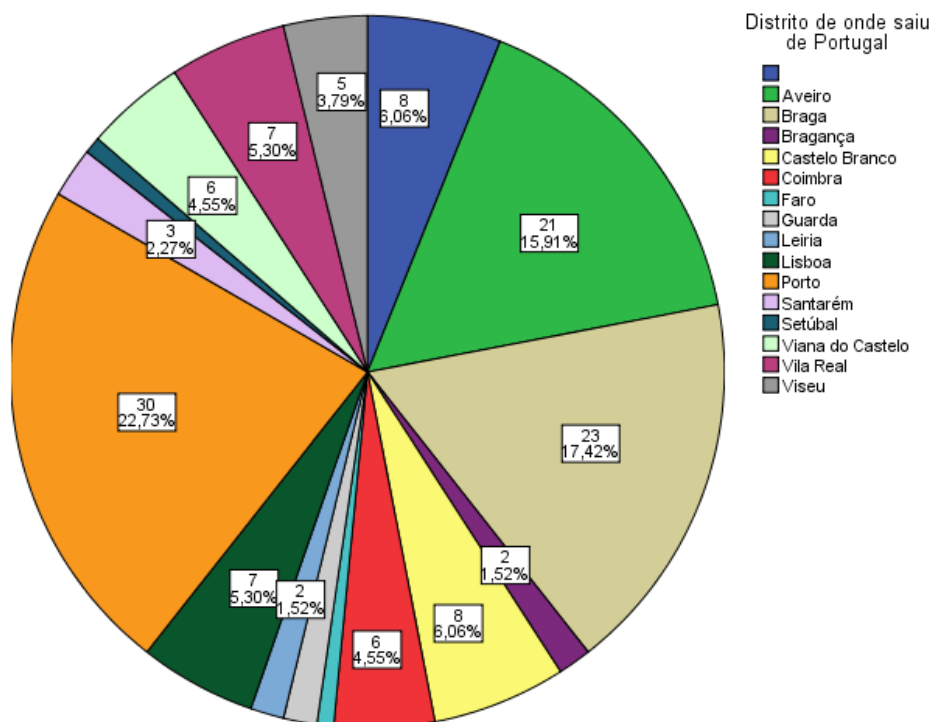
a) Origem distrital de saída dos imigrantes em Portugal (geral).



b) Origem distrital dos imigrantes que chegaram a França há mais de 30 anos.



c) Origem distrital dos imigrantes que chegaram a França há menos de 10 anos.

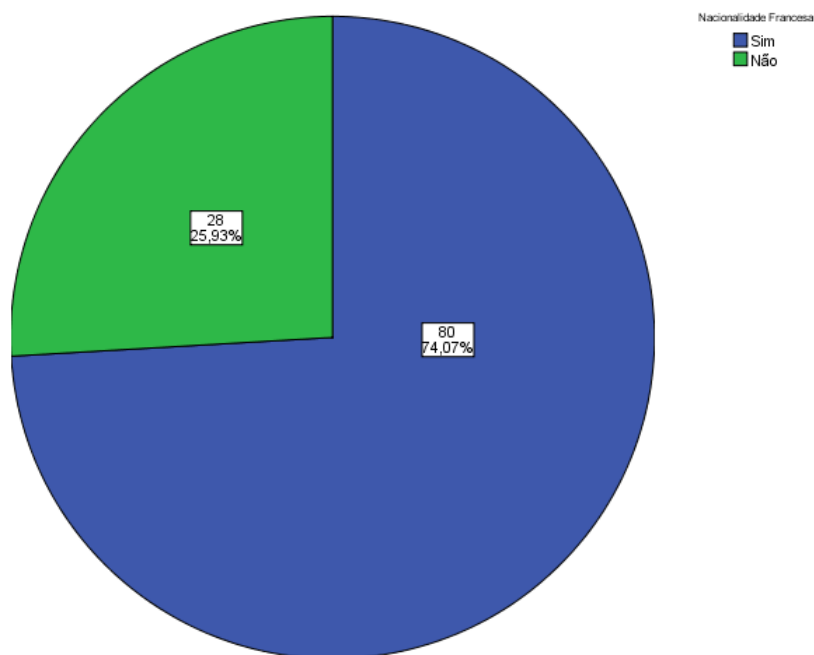


Como podemos verificar a grande maioria dos inquiridos provêm da região Norte e Centro de Portugal. Destacam-se os distritos de Braga, Porto, Aveiro, Vila Real, Viana dos Castelo, Castelo Branco, Coimbra e Lisboa.

Nos últimos 10 anos verifica-se uma tendência para um acréscimo do número de imigrantes provenientes de distritos do litoral como o Porto e Aveiro. Braga continua a ser um distrito com forte emissão de emigrantes.

5 Nacionalidade

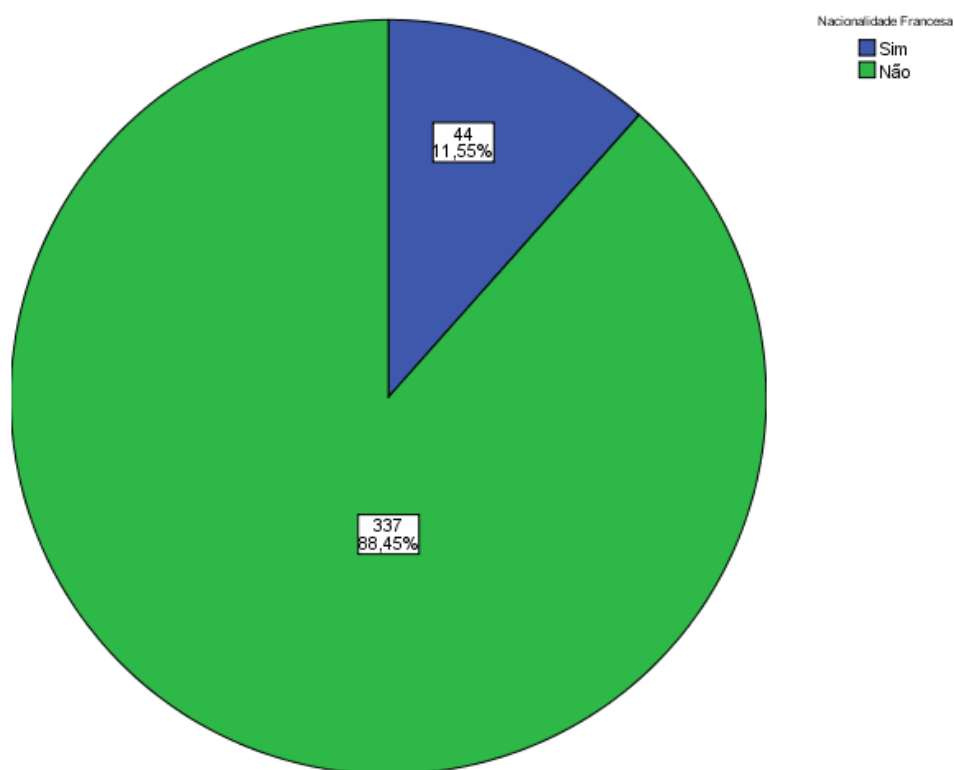
a) Indivíduos que nasceram em França e que têm a nacionalidade francesa.



A grande maioria dos indivíduos que nasceram em França tem a nacionalidade francesa, mas, existe ainda um quarto dos mesmos (25,93%) que demonstra não ter a nacionalidade francesa. O porquê de não ter a nacionalidade francesa, apesar de ser uma opção individual, também está condicionado por decretos legislativos. A lei Guigou de 1998 modificou a lei Pascua de 1993 e fez prevalecer de novo o direito de solo vigente em França entre 1889 e 1993. Deste modo, o indivíduo menor nascido em França de dois pais estrangeiros fica dispensado de efectuar um pedido oficial entre os 16 e os 21 anos para obter a nacionalidade francesa desde que reúna estas três condições:

- 1) Ter nascido em França desde o primeiro de Setembro de 1980;
- 2) Residir em França ao atingir a maioridade;
- 3) Ter residido em França durante 5 anos consecutivos ou não desde a idade de 11 anos.

b) Indivíduos que nasceram em Portugal e que adquiriram a nacionalidade francesa.



Apenas 11,55% pediram a nacionalidade francesa e são então considerados como os “naturalizados”. No entanto ainda constituem uma pequena parte, dentro da maioria 88,45% que não a pediu. Mais uma vez podemos indagar possíveis motivos para esta ausência de pedido, um dos quais a simples vontade ou necessidade de manter apenas a nacionalidade de origem. As estatísticas francesas do INSEE apontam para uma taxa geral de aquisição da nacionalidade francesa por parte dos portugueses que ronda os 28% até 2005 (158760 pessoas).

Ao abrigo da legislação portuguesa, com a aquisição da nacionalidade francesa, os imigrantes portugueses passam a ter a dupla nacionalidade.

6 Tempo de residência em França dos imigrantes

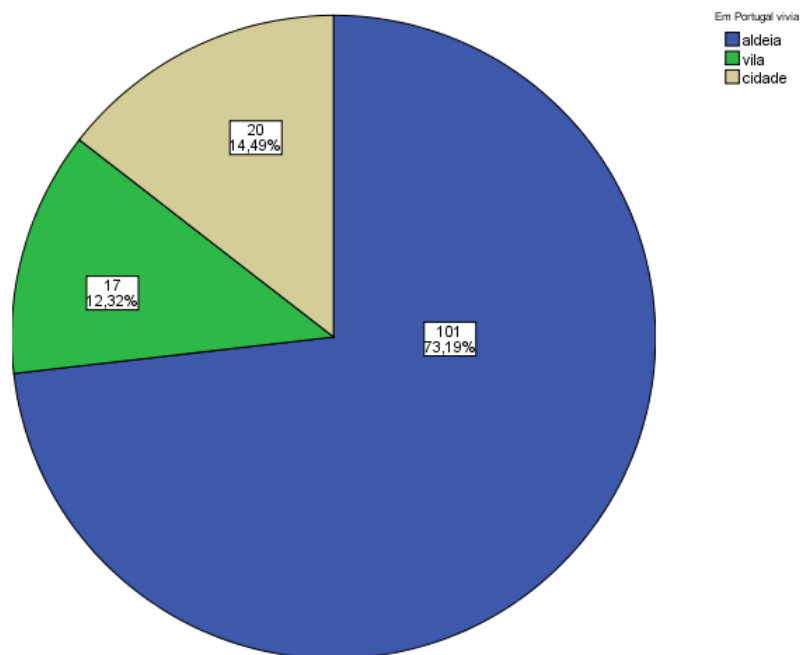
Salienta-se a chegada recente de importantes fluxos de imigrantes uma vez que 10 indivíduos chegaram há menos de 1 ano e 57 há menos de três anos.

Tempo de residência em França	Frequência	Percentagem acumulada
0 – 4 anos	72	15,9%
5 – 10 anos	61	29,9%
11 – 20 anos	58	47,2%
21 – 30 anos	43	64,8%
31 – 40 anos	78	88,4%
41 – 50 anos	49	99,6%
51 – 60 anos	2	100%
TOTAL	363	100%

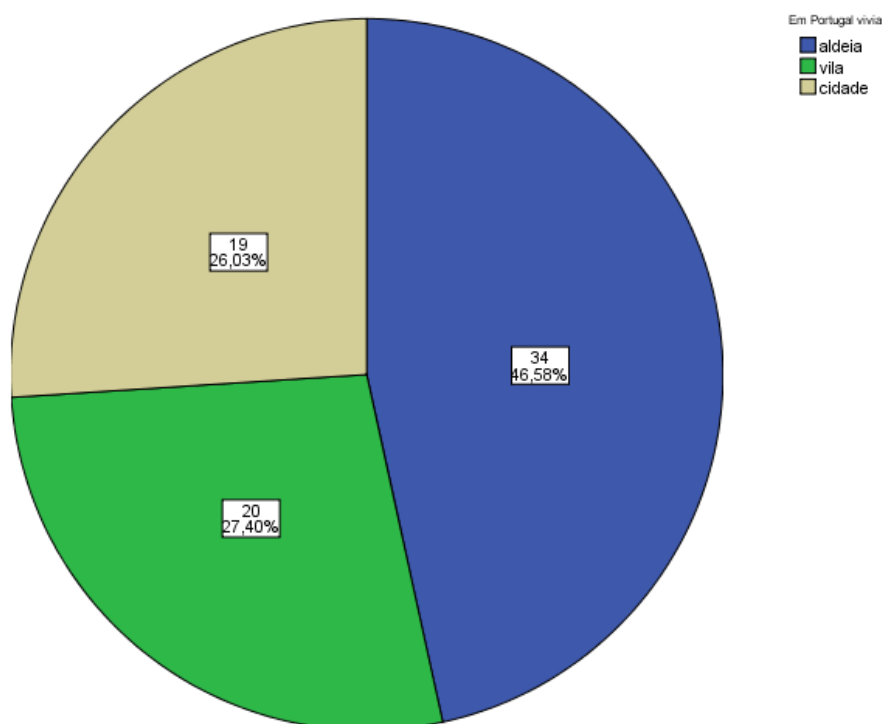
Cerca de 16% chegaram há menos de 5 anos e cerca de 30% nos últimos 10 anos. Nota-se que o contingente de indivíduos que chegou nos últimos 5 anos é quase tão significativo do que aquele que chegou entre os 31 e os 40 anos (onda dos anos 1970) o que se assemelha a uma repetição de ciclo.

7 Local de origem em Portugal

a) Local de origem dos imigrantes que estão em França há mais de 30 anos.



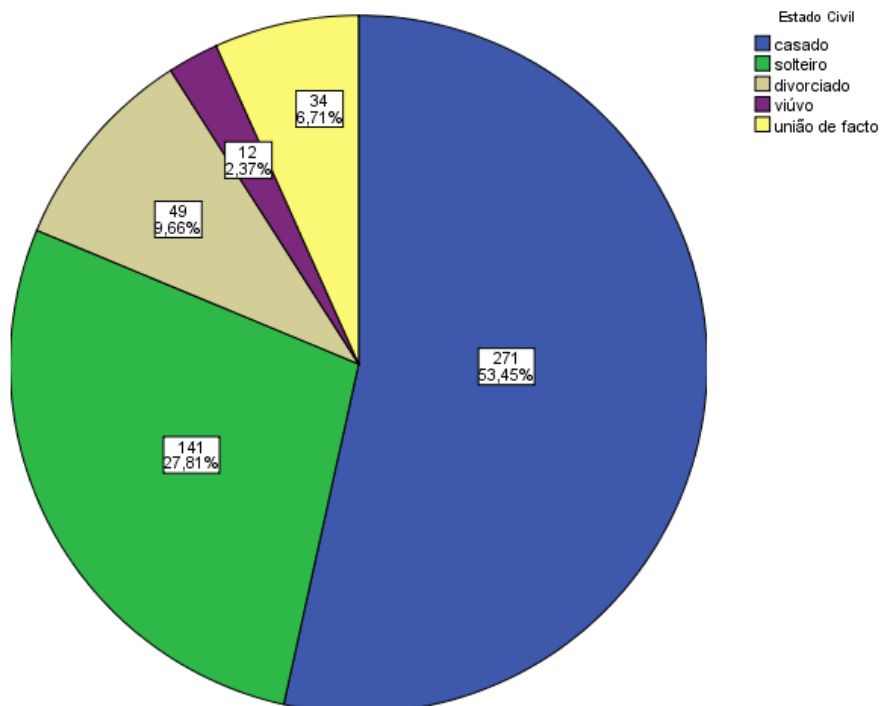
b) Local de origem dos imigrantes que estão em França há menos de 5 anos.



Quando comparamos os dois gráficos para os períodos considerados, constatamos que o número de indivíduos provenientes de aldeias diminui e que aumentou a população emigrante com origem mais urbana. Esta mudança é ilustrativa das profundas transformações que ocorreram no espaço rural português nas últimas décadas (periurbanização/rurbanização). Por outro lado, o fenómeno de esvaziamento demográfico em que se encontram muitas aldeias do interior do país faz com que as mesmas não sejam os reservatórios de mão-de-obra emigrante de outrora. Todavia ainda é significativo o número de pessoas que dizem vir de uma aldeia nos últimos 5 anos (46,6%).

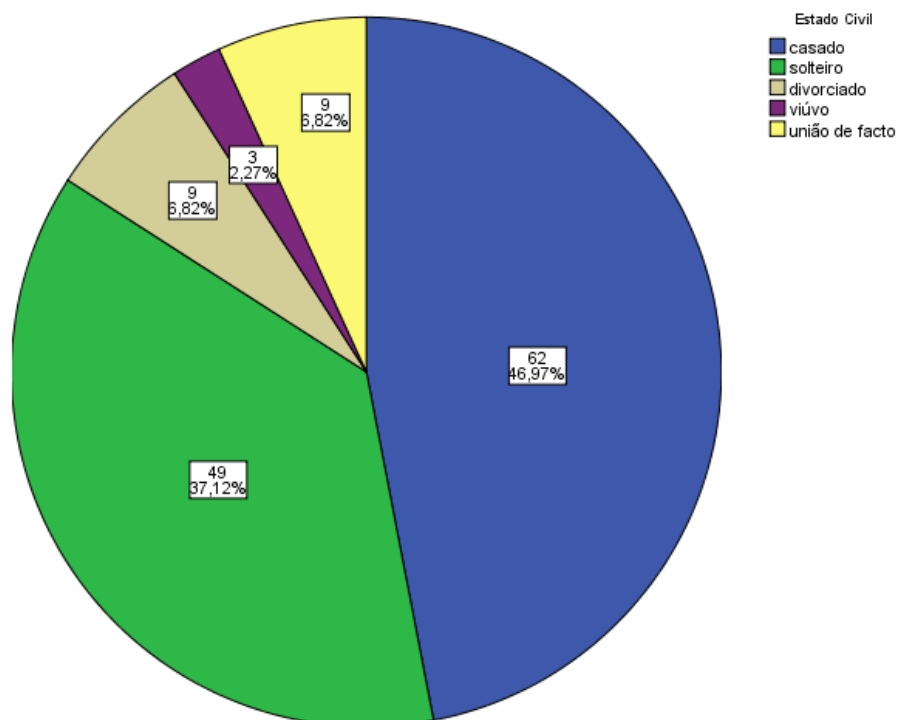
8 Estado civil

a) Estado civil geral



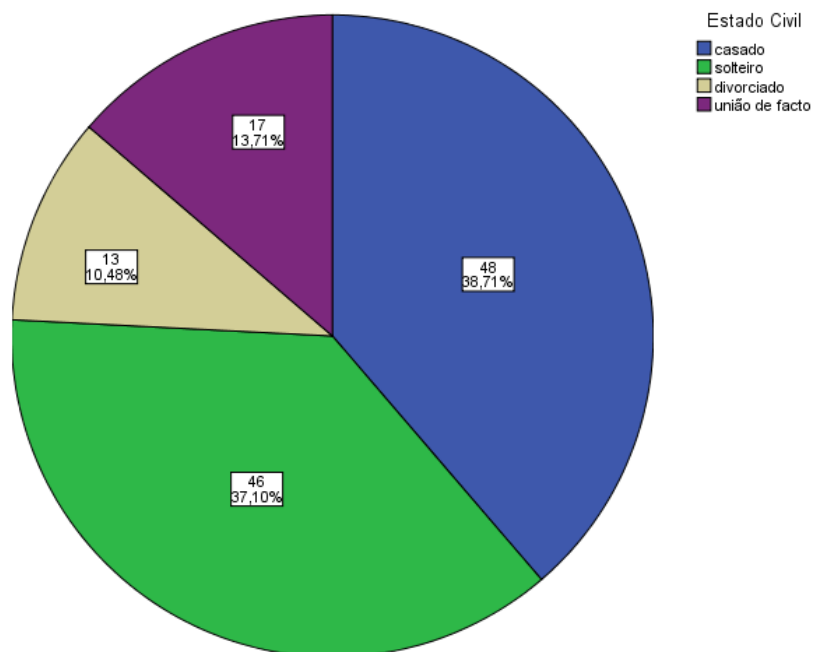
Apesar da maioria dos inquiridos estar casada, nota-se uma tendência crescente para uma diversidade de situações que conduz a uma crescente pluralidade de tipo de famílias.

b) Estado civil dos indivíduos que chegaram há menos de 10 anos



Mais de um quarto dos indivíduos está solteiro e cerca de metade está casado. Estes últimos podem se ter unido à família ou então ter constituído matrimónio em França. Os restantes são pouco significativos.

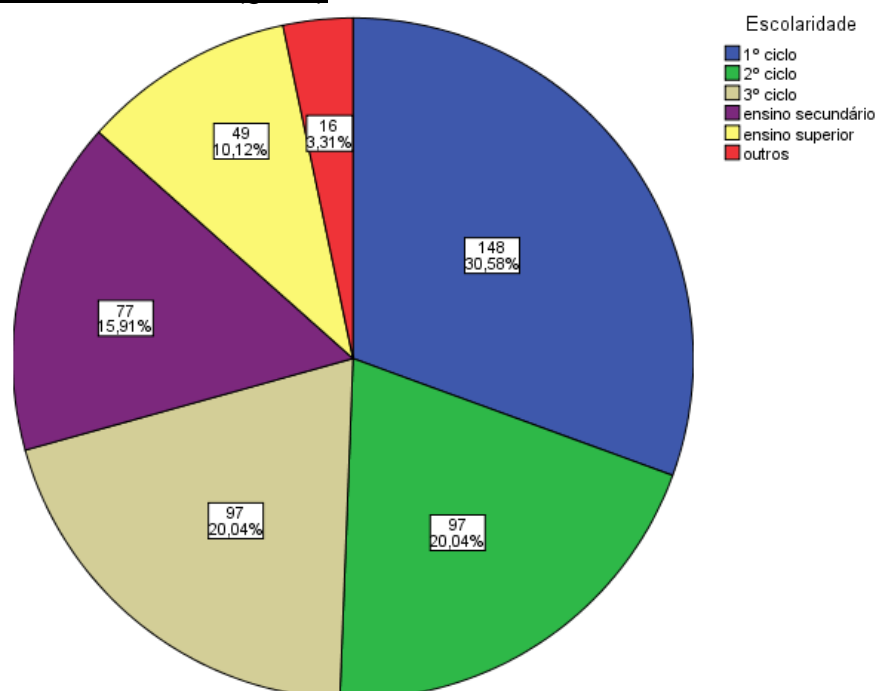
c) Estado civil dos indivíduos com nacionalidade francesa.



Trata-se de um grupo constituído essencialmente por indivíduos solteiros e casados em partes quase idênticas. Os restantes vivem em união de facto ou encontram-se divorciados.

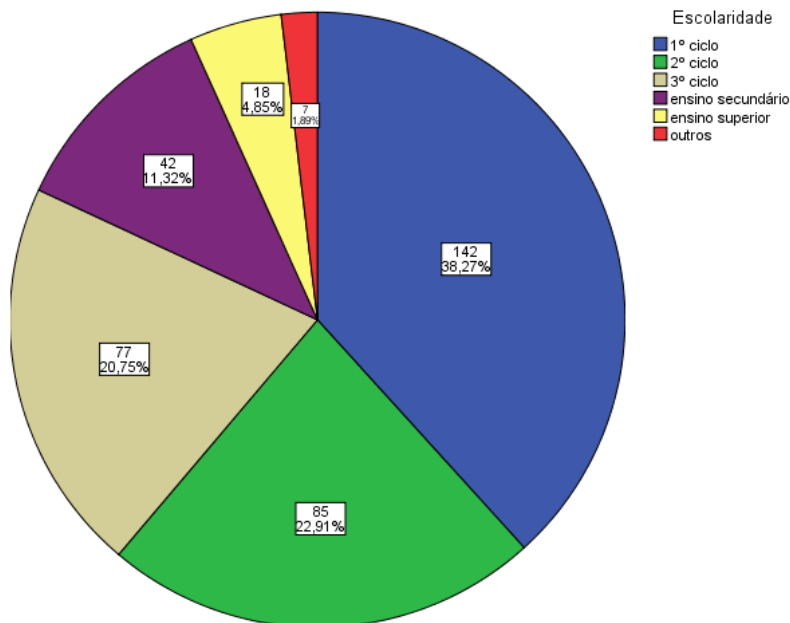
9 Nível de escolaridade

a) Nível de escolaridade (geral)



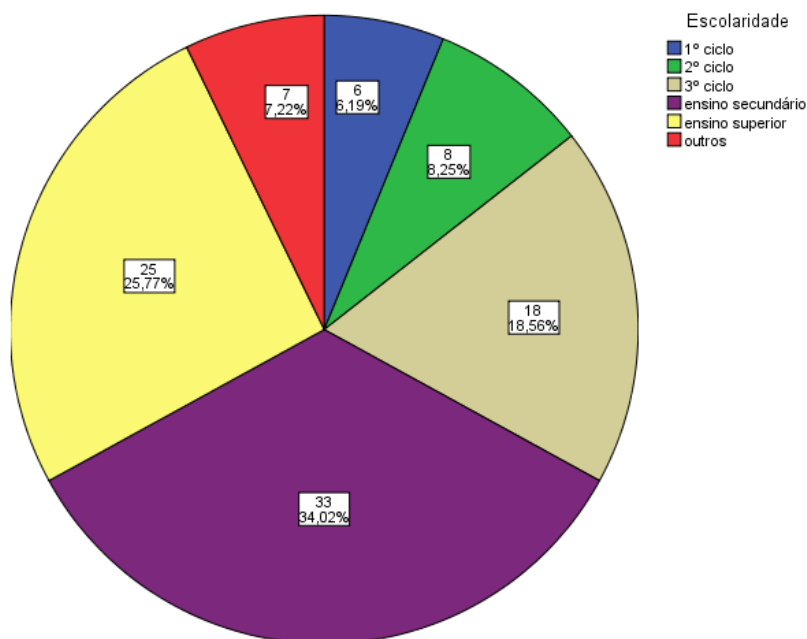
Constatamos que metade dos indivíduos têm um nível escolar baixo (1º e 2º ciclo).

b) Nível de escolaridade para os indivíduos que nasceram em Portugal



Neste gráfico acentua-se a percentagem de indivíduos com nível de escolaridade mais baixo.

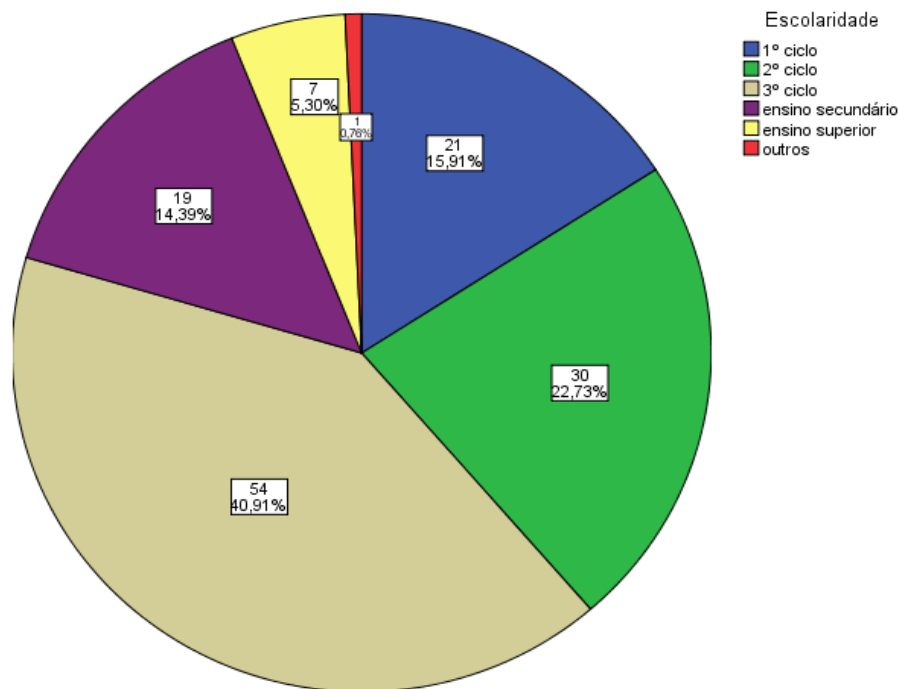
c) Nível de escolaridade para os indivíduos que nasceram em França



Uma proporção assinalável de indivíduos tem o ensino secundário (34%). É notório o grupo de indivíduos com nível superior (25,7%). No 1º e 2º ciclo os

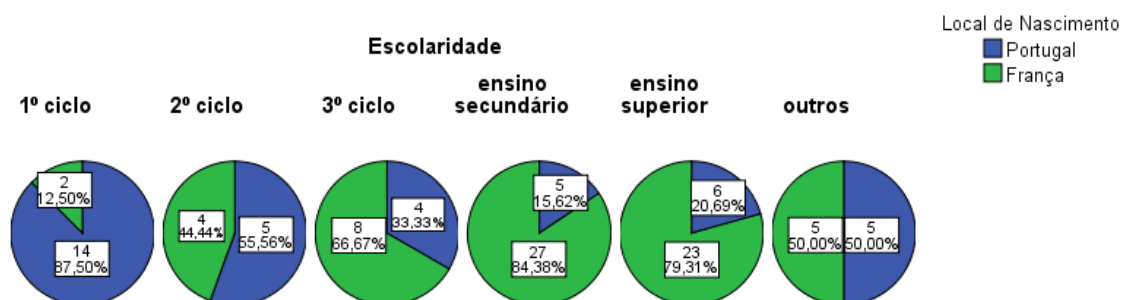
valores são baixos e pouco significativos. Dentro do 3º ciclo incluem-se provavelmente indivíduos com cursos profissionais. Este resultado demonstra a ascensão em termos de escolaridade dos indivíduos que nasceram em França.

d) Nível de escolaridade para os indivíduos que nasceram em Portugal e chegaram há menos de 10 anos a França.



A grande maioria das pessoas que está em França há menos de 10 anos tem o 3º ciclo. Um em cada 5 portugueses frequentou o ensino secundário e superior o que demonstra também uma evolução crescente em termos de escolaridade para as últimas gerações que chegaram a França.

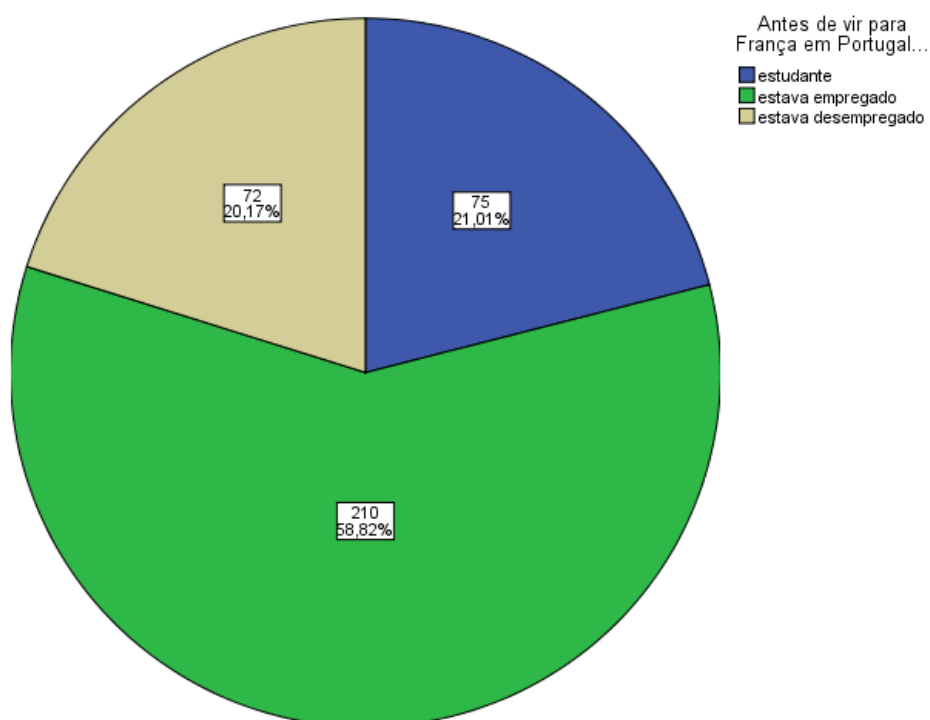
e) Nível de escolaridade para os indivíduos que têm a nacionalidade francesa consoante o país de nascimento.



Constatamos que os naturalizados (nasceram em Portugal e adquiriram a nacionalidade francesa) revelam um nível de escolaridade tendencialmente mais baixo do que os que nasceram em França.

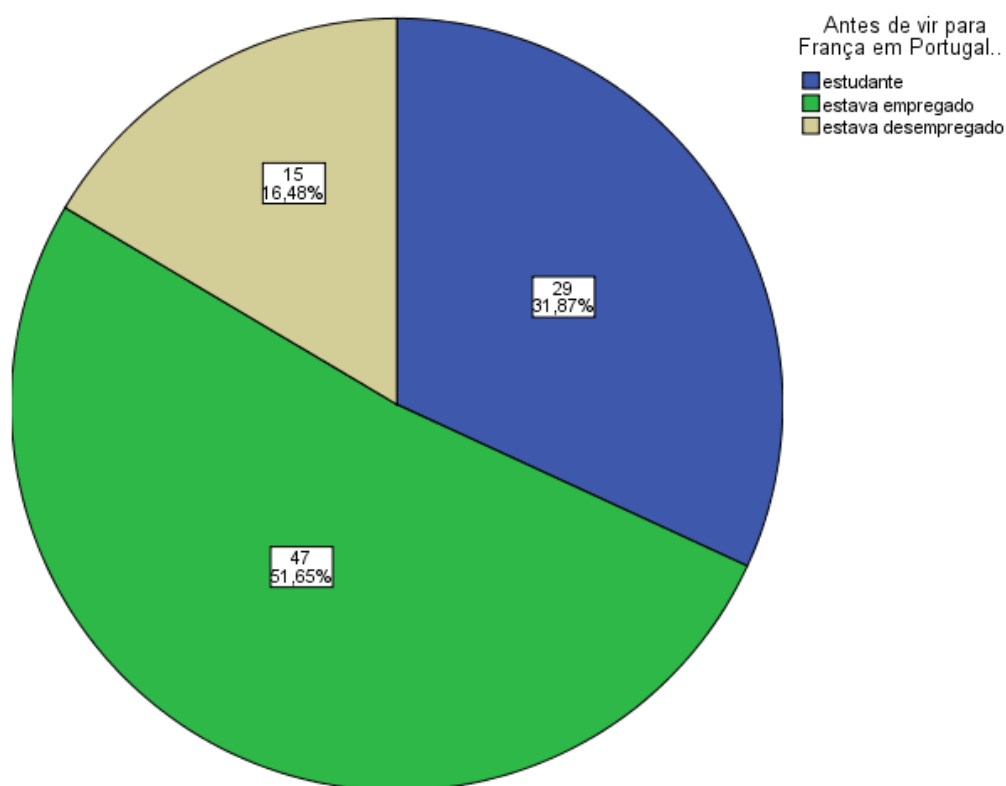
10 Situação profissional do imigrante em Portugal antes de vir para França

a) Situação profissional do imigrante que nasceu em Portugal antes de ir para França.



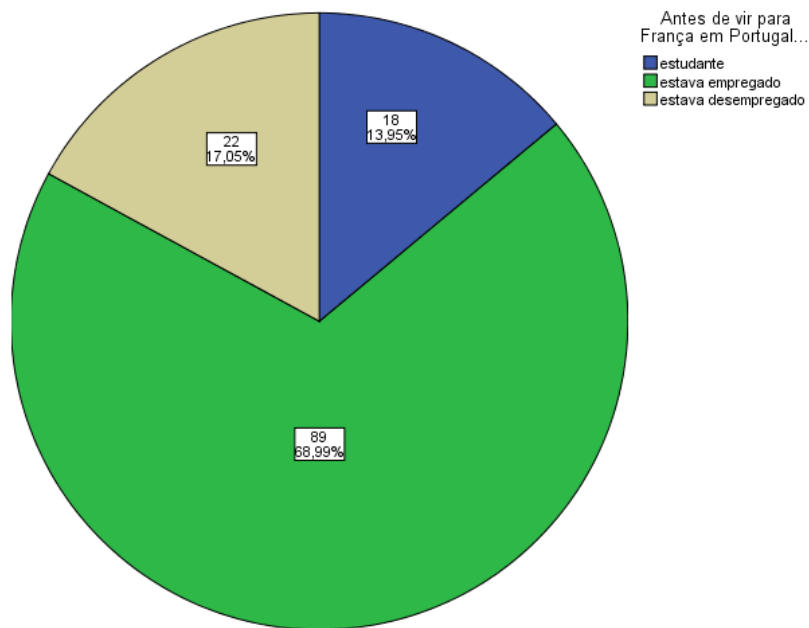
A maioria estava empregada e mesmo assim foi para França à procura de melhores condições de vida. Nota-se que 1/5 estava no desemprego e que 1/5 também era estudante.

b) Situação profissional em Portugal do imigrante que se encontra em França há mais de 30 anos.



Os primeiros imigrantes que provinham maioritariamente das aldeias encontravam-se essencialmente empregados no sector primário e viviam da agricultura que proporcionava poucos rendimentos. A percentagem de desempregados também era elevada. Ressalva que muitos eram estudantes (31,8%) e pressupõe-se que os mesmos acompanharam ou se juntaram à família, o que evidencia o fenómeno do reagrupamento familiar.

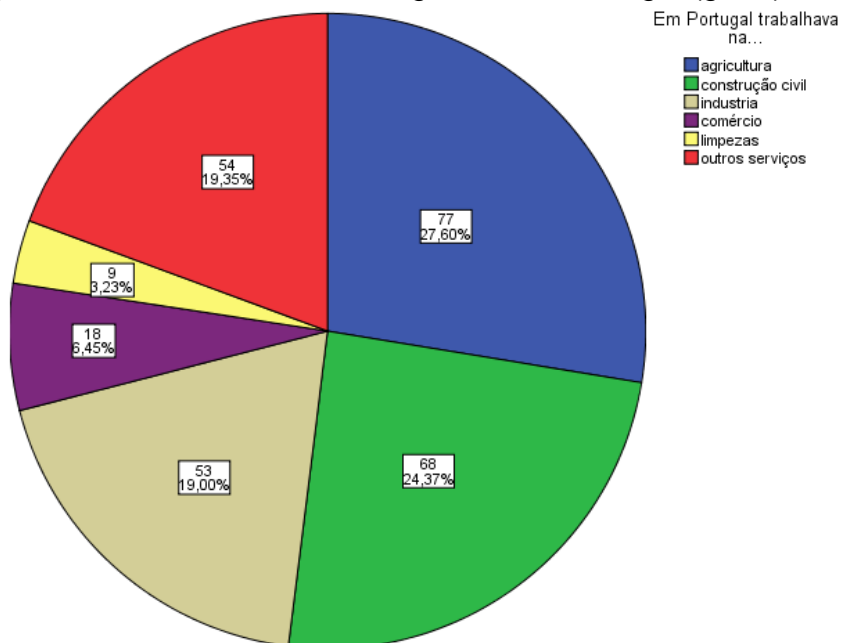
c) Situação profissional em Portugal do imigrante que se encontra em França há menos de 10 anos



A grande maioria encontrava-se empregada e mesmo assim foi para França, o que pode ilustrar várias situações e advir de vários factores, um dos quais a insatisfação laboral sentida em Portugal, devido aos crónicos baixos vencimentos. A percentagem dos que estavam desempregados (17%) é sem dúvida importante em resultado da crise económica que tem abalado o país nos últimos anos. Cerca de 14% eram também estudantes o que pode também indiciar situações de abandono escolar.

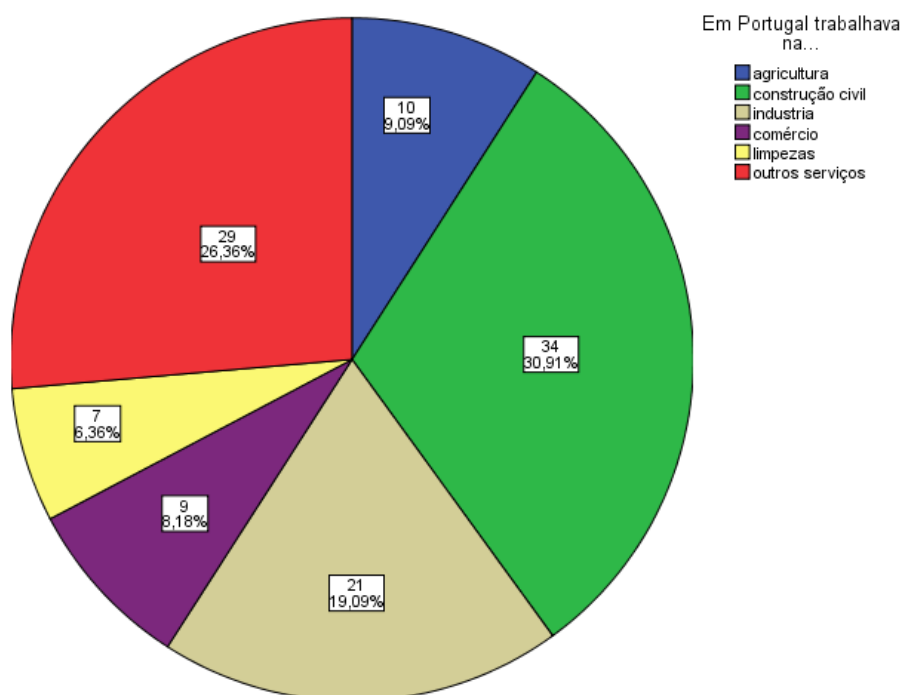
11 Sector de actividade do imigrante em Portugal.

a) Sector de actividade do imigrante em Portugal (geral)



Constata-se que globalmente os imigrantes trabalhavam na agricultura, na construção civil e na indústria.

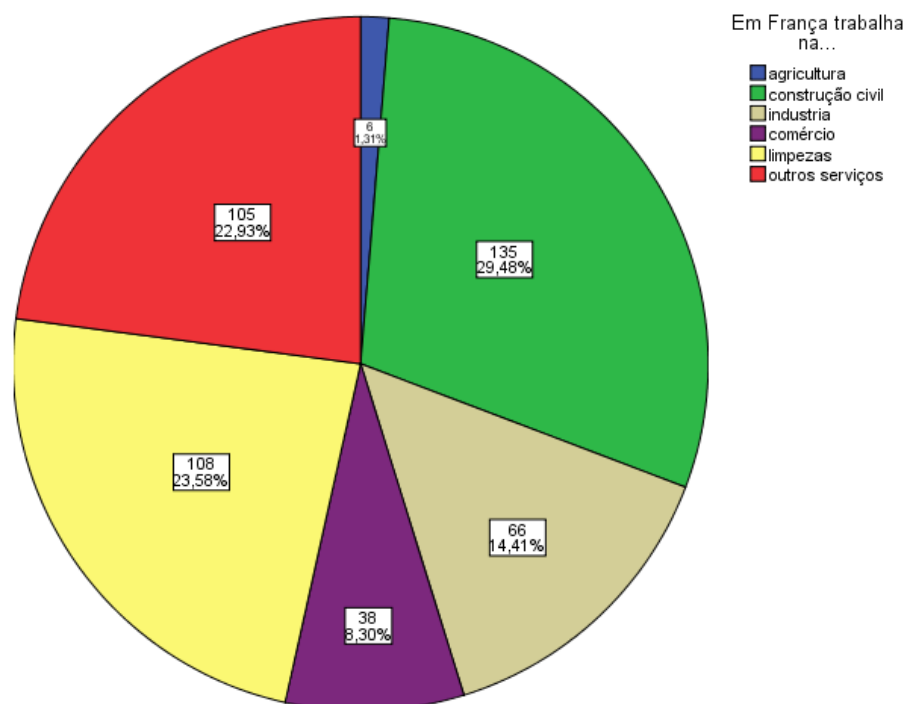
b) Sector de actividade em Portugal dos imigrantes que residem em França há menos de 10 anos



Constatamos uma diversificação sectorial: sector agrícola muito menos significativo, importante sector da construção civil, da indústria e das actividades ligadas aos serviços em geral.

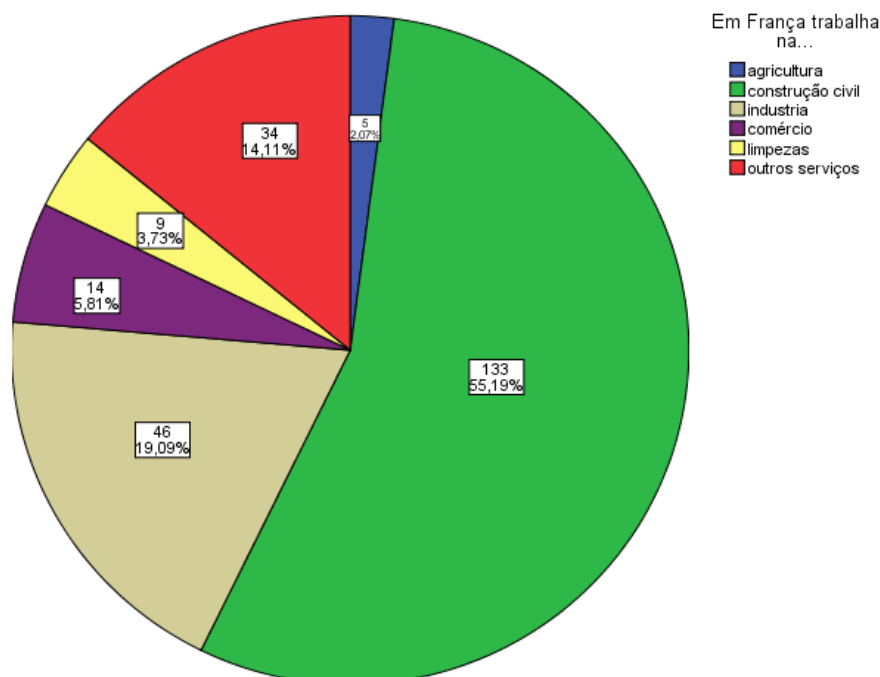
12 Sector de actividade do imigrante português em França.

a) Sector de actividade do imigrante português em França (geral)



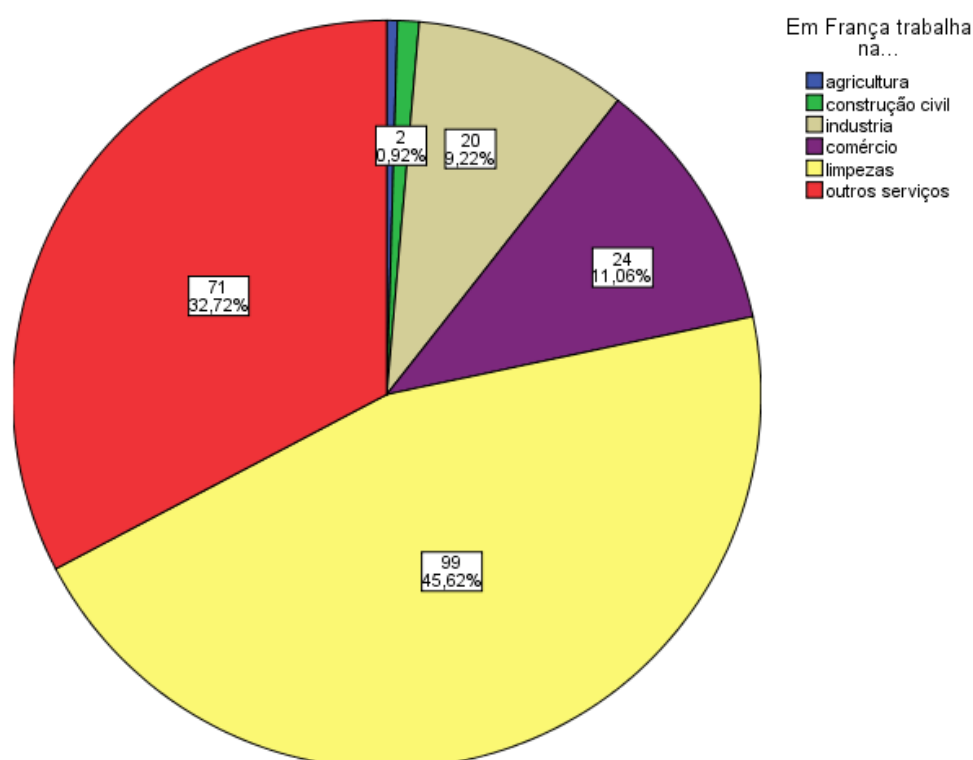
Verifica-se uma maior distribuição pelos diferentes sectores: construção civil, serviços domésticos (limpezas), indústria e outros serviços.

b) Sector de actividade do imigrante português em França (geral – sexo masculino)



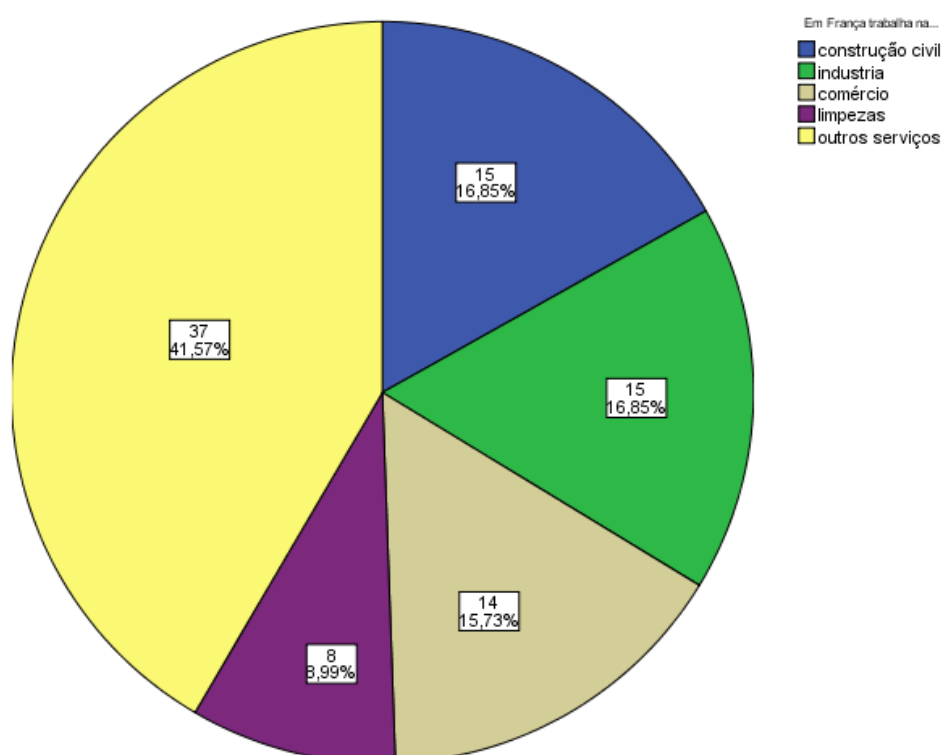
No sexo masculino predominam os sectores da construção civil e da indústria.

c) Sector de actividade do imigrante português em França (geral – sexo feminino)



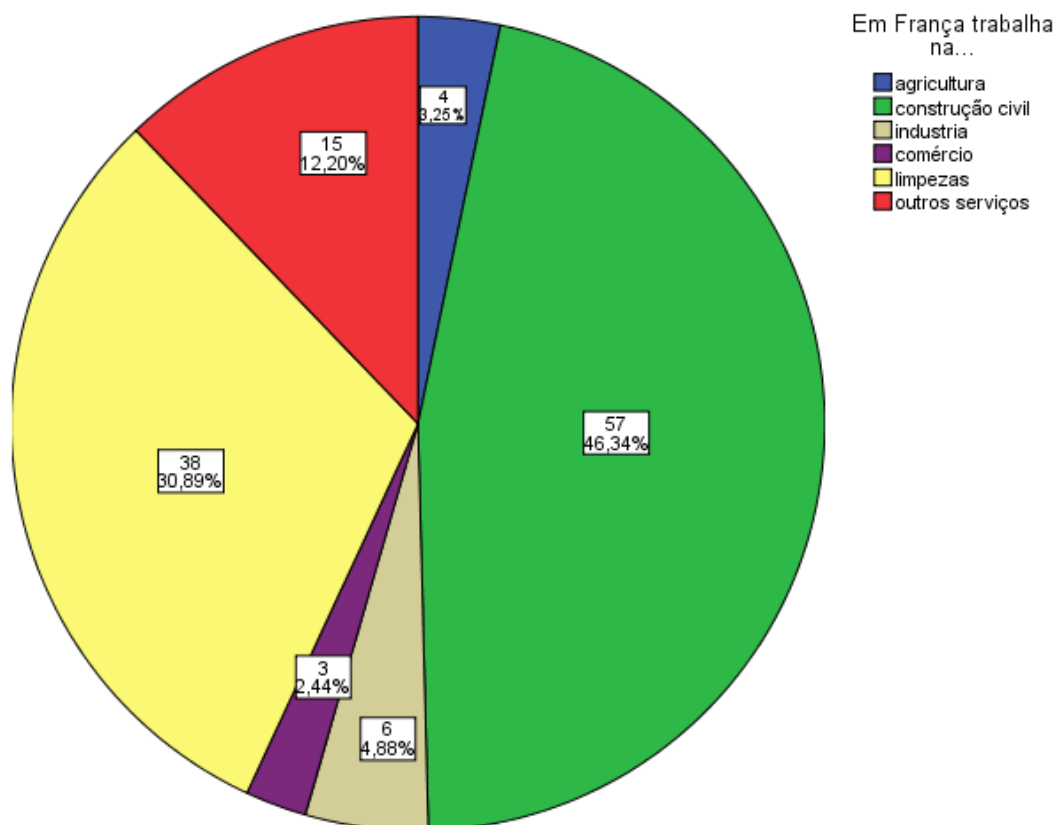
No sexo feminino predominam as actividades terciárias de prestação serviços domésticos (limpezas), do comércio e de outros serviços. Confirma-se claramente uma terciarização na actividade feminina.

d) Sector de actividade em França do sujeito que nasceu em França



Confirma-se uma clara terciarização nos sectores de actividade. A construção civil e a indústria são sectores minoritários devido, em parte, à melhoria do nível de escolaridade das pessoas que nasceram no país. Salienta-se que obtivemos dados semelhantes para os que têm a nacionalidade francesa (inclui os naturalizados).

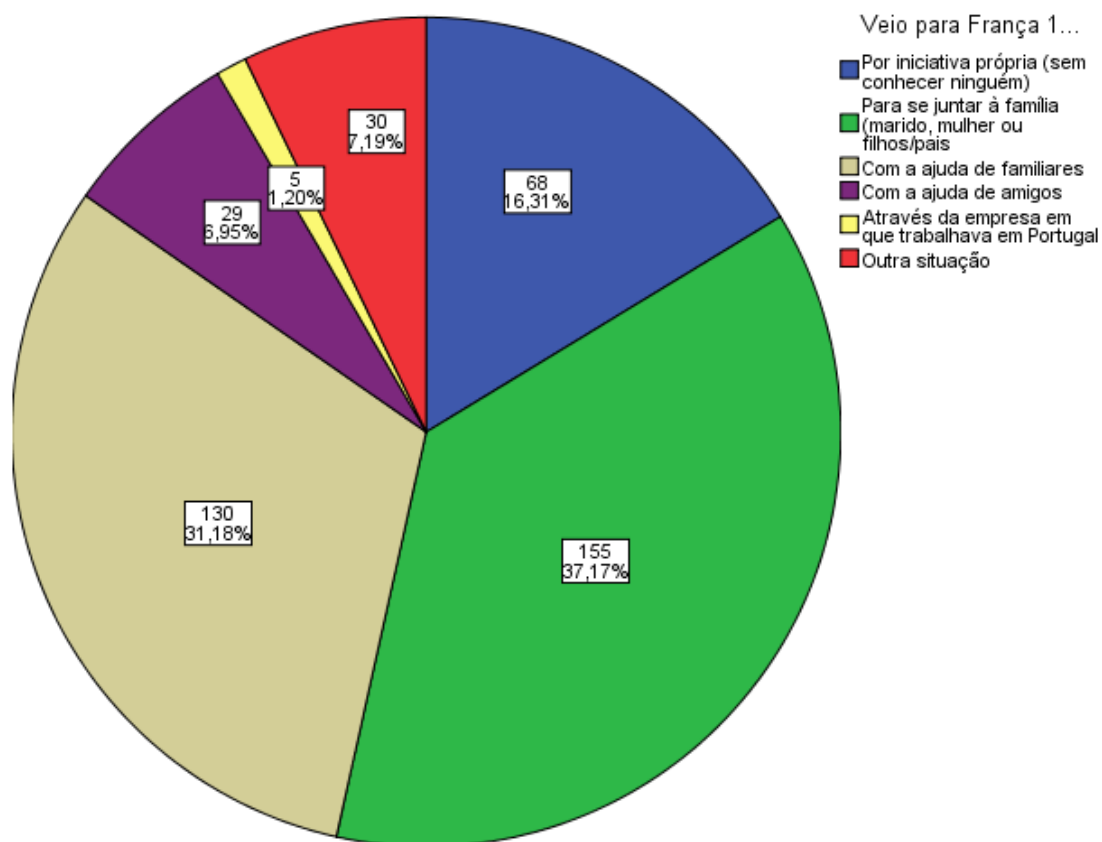
e) Sector de actividade em França do sujeito que está em França há menos de 10 anos



A análise do gráfico indica-nos claramente uma bipolarização em torno de dois sectores de actividade que são as actividades da construção civil (nomeadamente para o sexo masculino) e as actividades domésticas/industriais relacionadas com o sector das limpezas (nomeadamente para o sexo feminino).

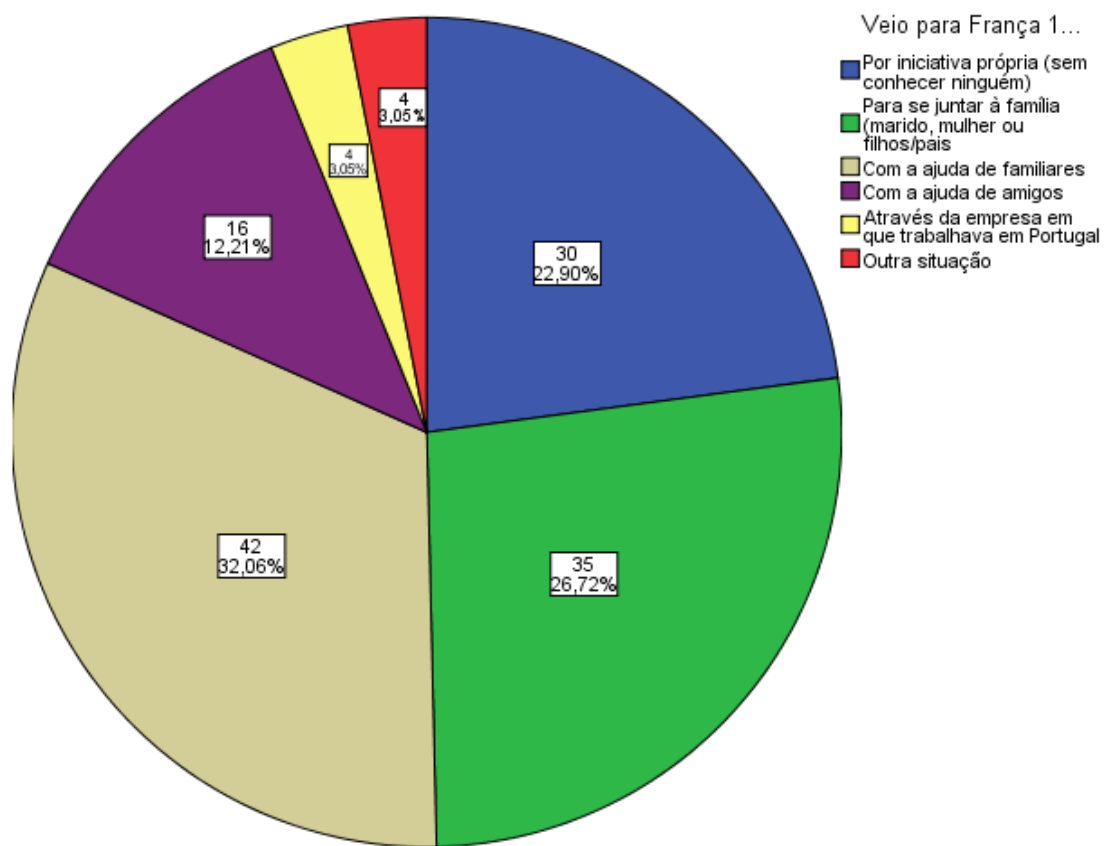
13 Como veio para França?

a) Portugueses (geral)



Salienta-se a importância das redes familiares e de amigos para se fixar em França. O juntar-se à família pressupõe duas explicações: a primeira reflecte o facto de emigrar com a família e a segunda determina o reagrupamento familiar. Em todos os casos o apoio familiar constitui o principal argumento que ajudou a emigrar. É notável que cerca de 16% emigraram apenas por iniciativa própria. Os dados obtidos para os que estão em França há mais de 30 anos reforçam ainda mais a tendência do reagrupamento familiar.

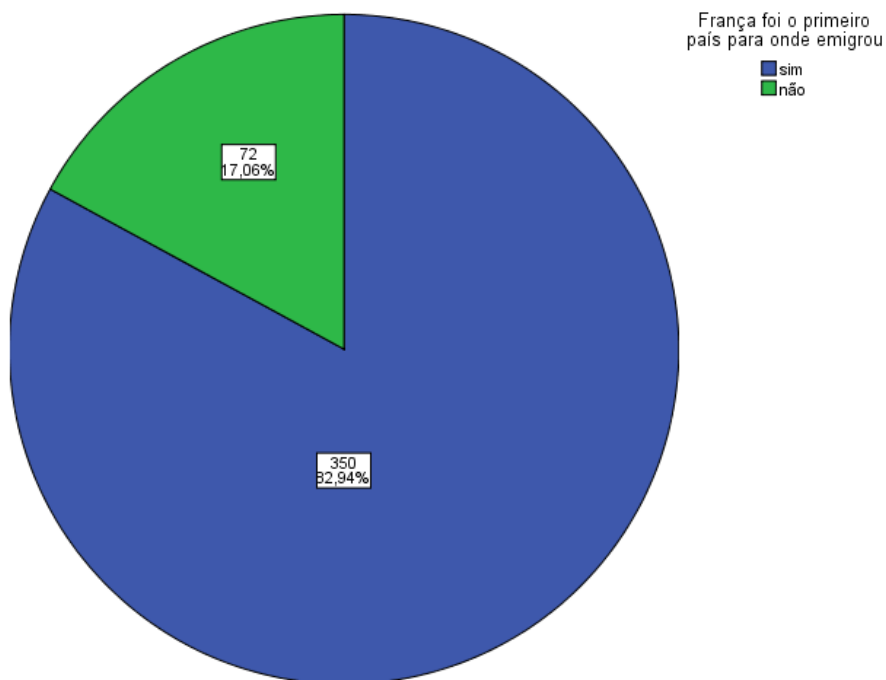
b) Portugueses a residir em França há menos de 10 anos



Salienta-se neste gráfico a importância fundamental das redes familiares como suporte para a emigração. O reagrupamento familiar ou o facto de partirem com a família é menos significativo em relação às primeiras gerações. Também é notório a percentagem de pessoas que podemos classificar como aventureiras e como tal partiram sozinhas sem ter qualquer ligação a redes familiares ou de amigos. Pouco expressiva é a situação de emigrantes que partiram pela via da empresa em que trabalhavam em Portugal.

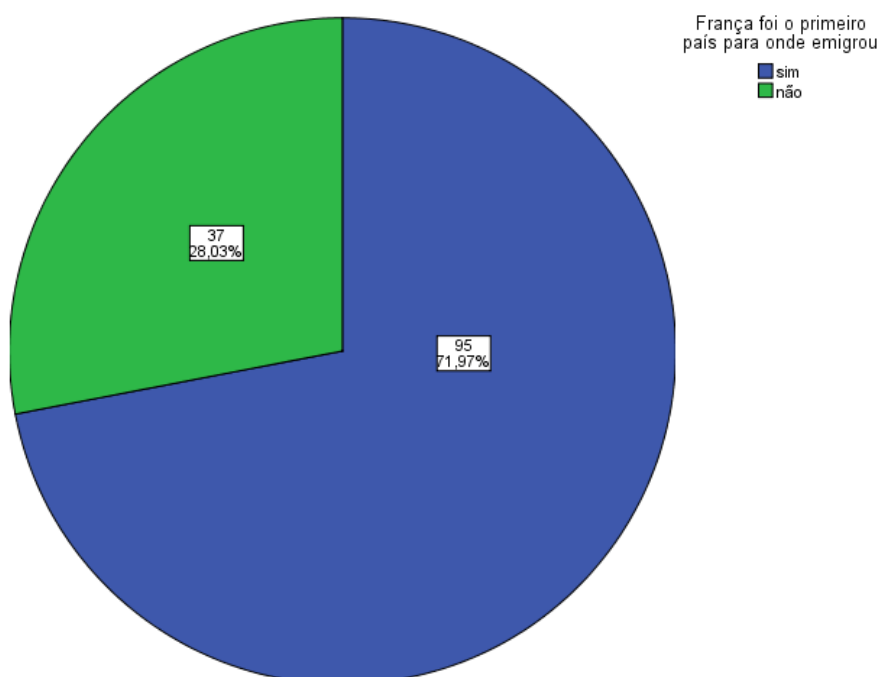
14 França foi o primeiro país para onde emigrou?

a) França como primeiro país de emigração (geral)



Uma grande maioria confirma o país como sendo o primeiro destino na emigração. Destaca-se que cerca de 17% encontraram-se numa situação de migração circulatória.

b) França como primeiro país de emigração para os indivíduos que chegaram há menos de 10 anos.



Os dados são bastante expressivos pois indicam uma tendência crescente para uma circulação migratória. Cerca de 1/3 dos inquiridos teve uma experiência migratória anterior noutro país.

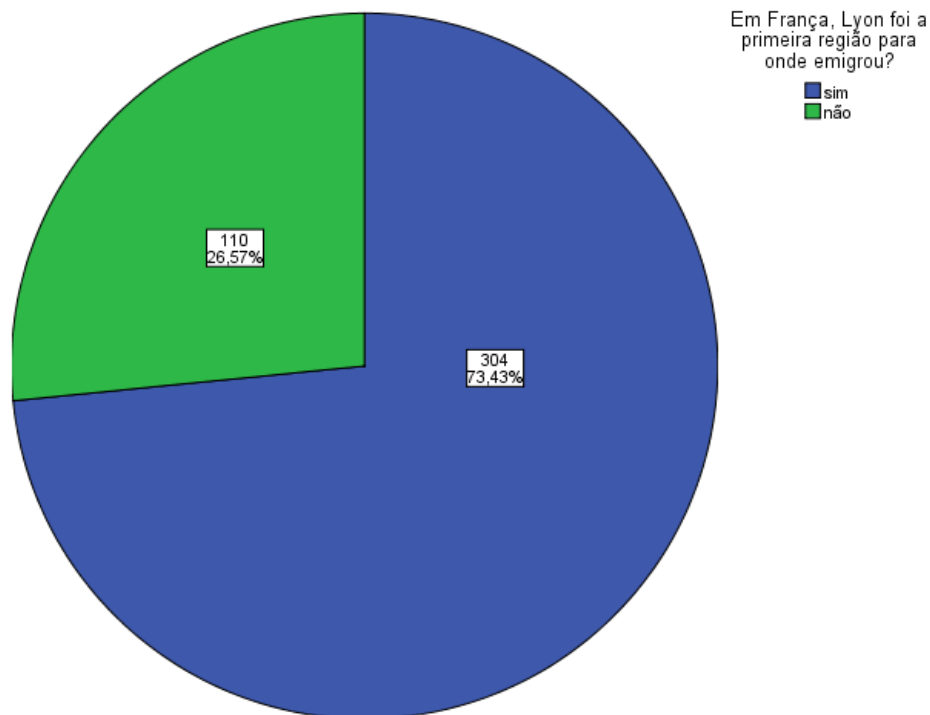
c) Outros países de emigração para os indivíduos com experiências migratórias anteriores.

	Frequência	%	% Válida	% Acumulada
	452	88,8	88,8	88,8
África do Sul	1	,2	,2	89,0
Alemanha	4	,8	,8	89,8
Bélgica	3	,6	,6	90,4
Canadá	1	,2	,2	90,6
Espanha	26	5,1	5,1	95,7
Holanda	1	,2	,2	95,9
Inglaterra	2	,4	,4	96,3
Suíça	14	2,8	2,8	99,1
Venezuela	5	1,0	1,0	100,0
Total	509	100,0	100,0	

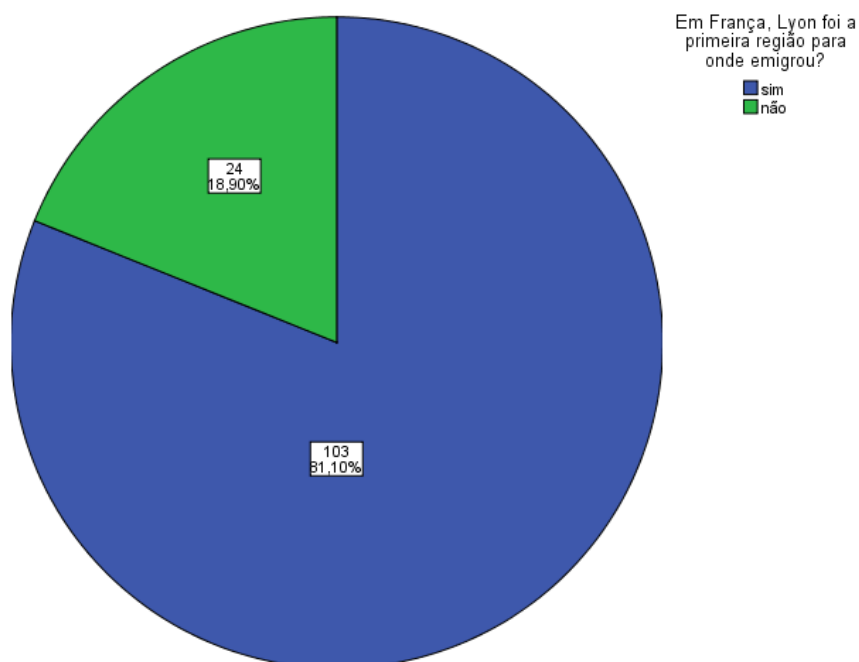
Dentro da circulação migratória anterior destacam-se essencialmente países europeus vizinhos da França referenciados como sendo dois dos principais destinos da comunidade portuguesa nos últimos anos. O caso de Espanha está mais relacionado com a crise económica dos últimos anos que levou muitos portugueses a deixarem o país. No caso da Suíça, a proximidade geográfica com a região Rhône-Alpes facilita um estreitamento de relações (familiares e amicais) que favorece uma redefinição do projecto migratório.

15 Lyon foi a primeira região para onde emigrou?

a) Lyon como primeiro destino de emigração em França (geral)



b) Lyon como primeiro destino de emigração para os indivíduos que chegaram há menos de 10 anos.

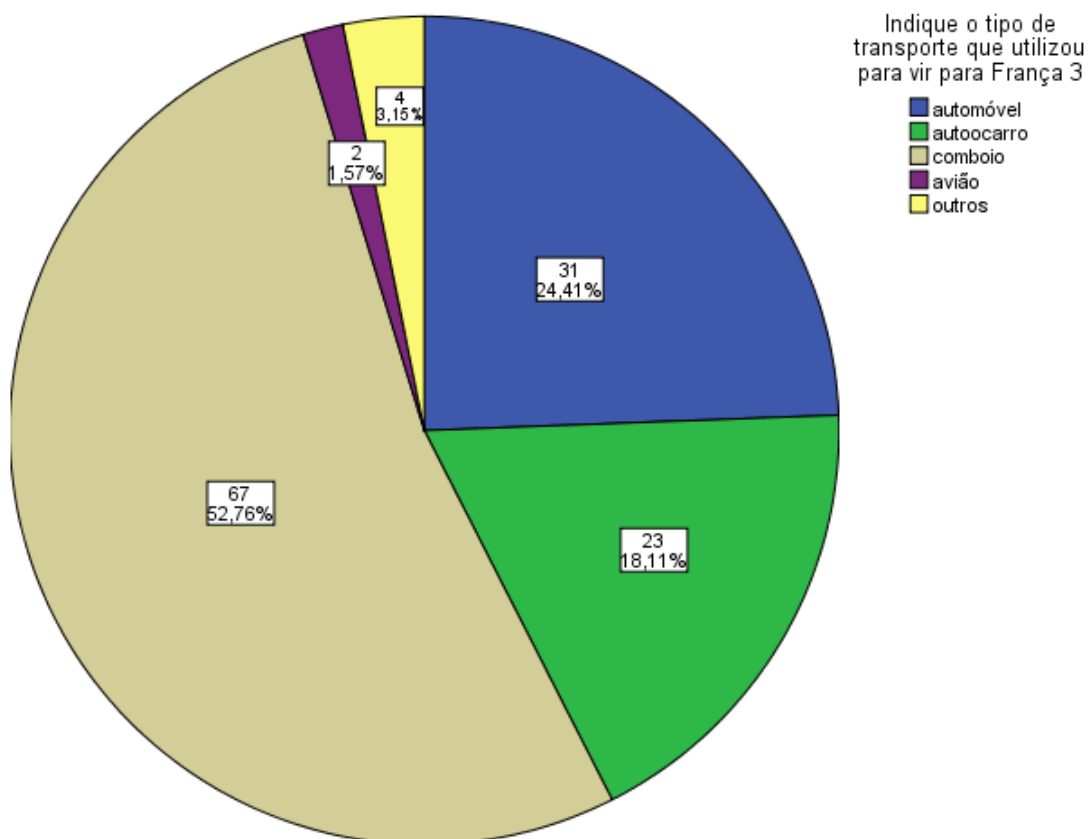


Para uma grande maioria dos indivíduos Lyon foi a primeira região de França para onde emigrou. Constata-se que cerca de $\frac{1}{4}$ de indivíduos em geral Lyon não constitui a primeira região de fixação no país. A percentagem diminui

ligeiramente (18,9%) quando se trata dos imigrantes lusos que chegaram nos últimos anos. Também estes dados confirmam a existência de uma circulação migratória dentro do próprio país para uma minoria dos inquiridos.

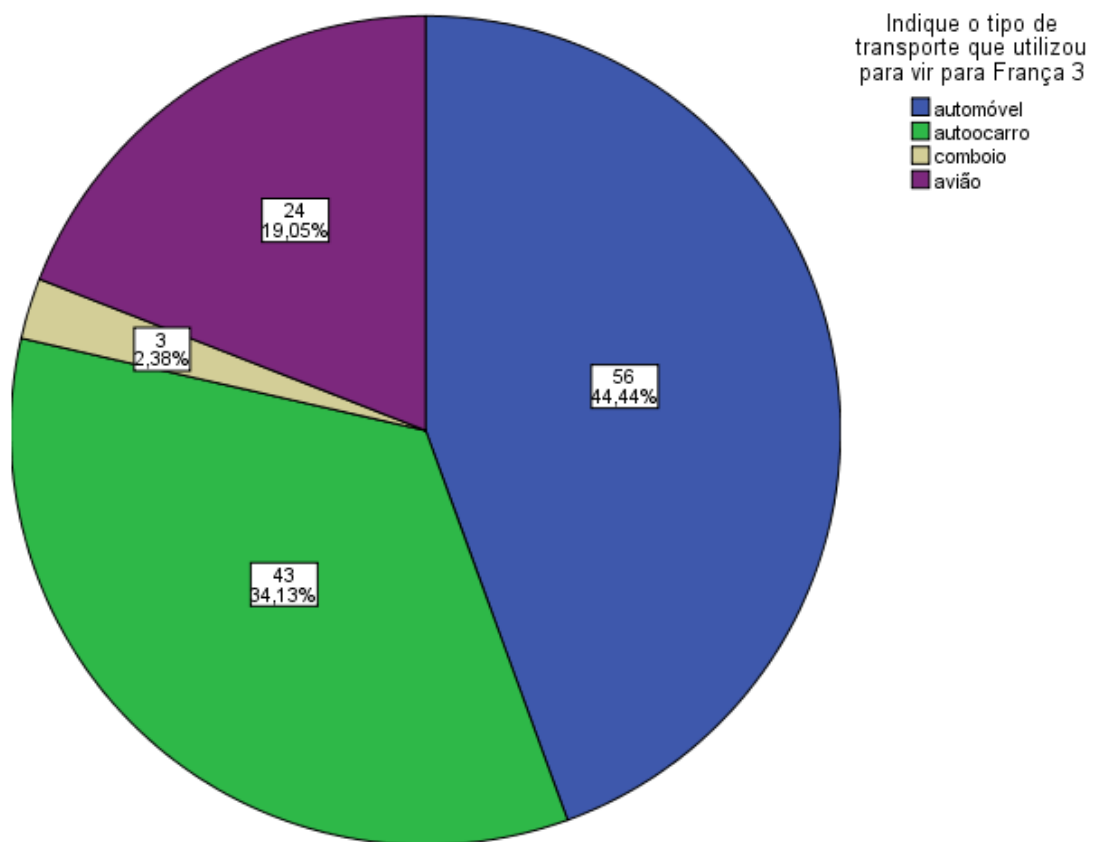
16 Tipo de transporte utilizado para chegar a França

a) Tipo de transporte utilizado para chegar a França para os imigrantes que residem no país há mais de 30 anos.



Da análise sobressaem os transportes terrestres: ferroviário (52,7%), rodoviário – automóvel (24,4%) e rodoviário - autocarro (18,1%). Os outros tipos são inexpressivos.

b) Tipo de transporte utilizado para chegar a França para os imigrantes que residem no país há menos de 10 anos.

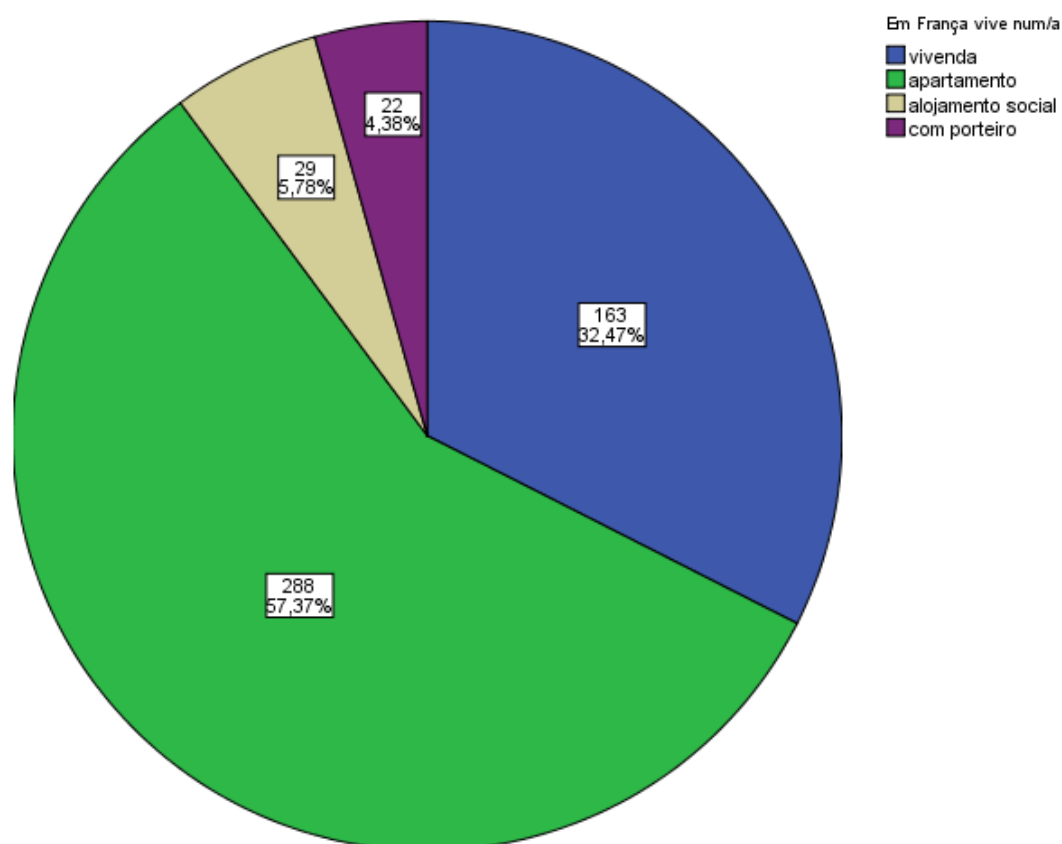


Relativamente às respostas dos primeiros emigrantes a evolução é notória. Destacam-se 3 tendências bem definidas: a primeira concerne a redução drástica do transporte ferroviário, a segunda confirma a crescente utilização do transporte rodoviário em termos do automóvel (supõe-se que muitas vezes como proprietários) e do autocarro. A terceira confirma a utilização crescente dos transportes aéreos já que praticamente um em cada 5 imigrantes utilizou o avião como meio de transporte para chegar a França.

Os dados também permitiram confirmar que a grande maioria dos imigrantes que utilizaram o avião são provenientes de distritos do litoral, encontrando-se por isso mais perto das infra-estruturas aeroportuárias.

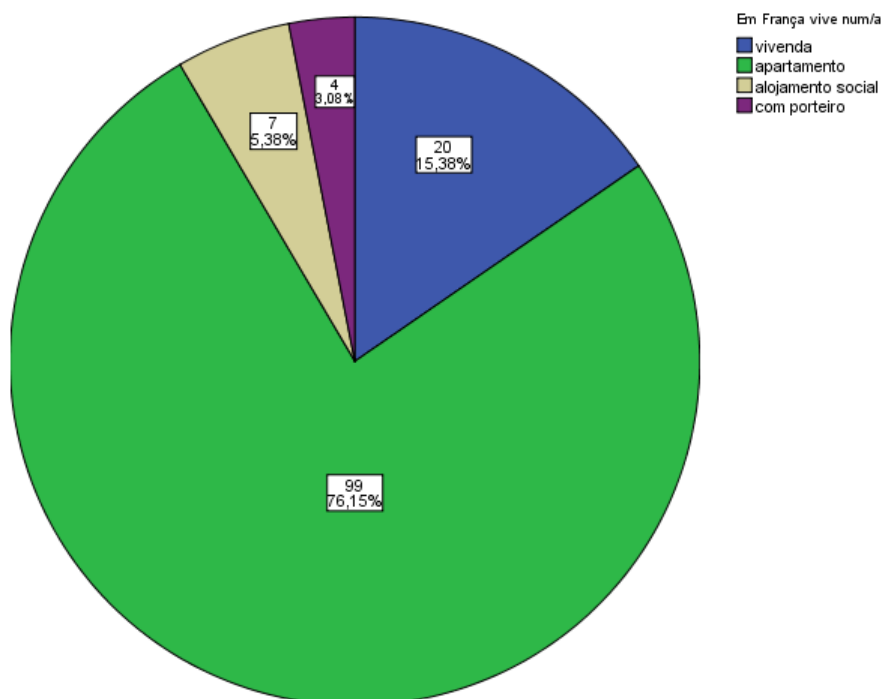
17 Tipo de alojamento dos imigrantes em França

a) Tipo de alojamento dos imigrantes em França (geral)



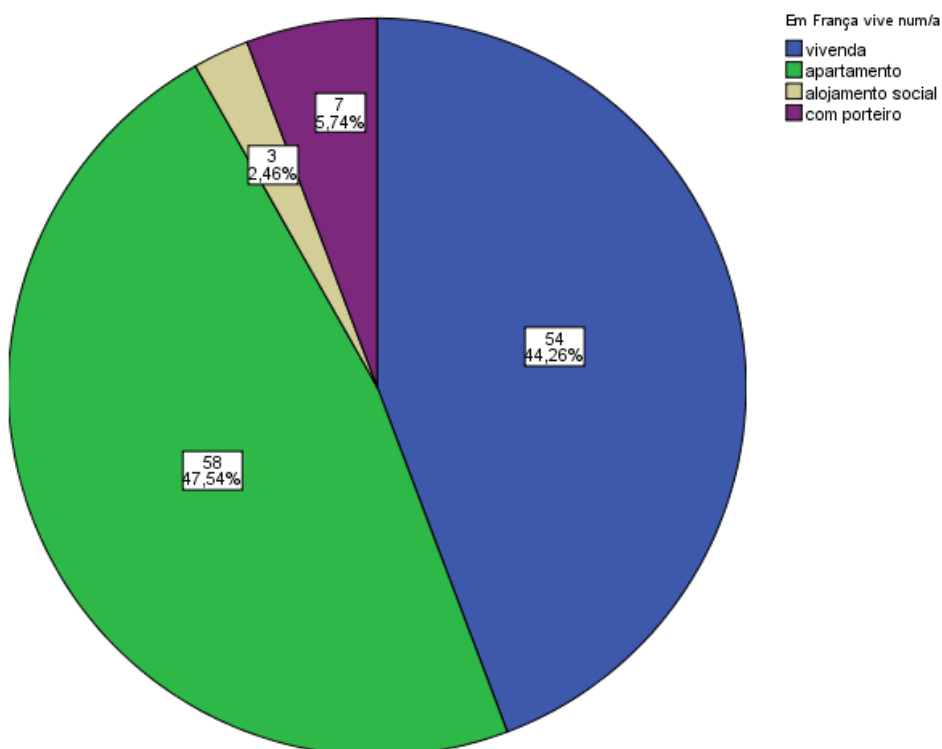
Constata-se que a grande maioria vive em apartamento (57,4%) sendo que temos uma percentagem bastante significativa de imigrantes que vivem numa habitação individual (32,5%). Os restantes dividem-se entre o alojamento social (algo que foi sempre reduzido na comunidade portuguesa) e o alojamento gratuito (como porteiros).

b) Tipo de alojamento dos imigrantes que vivem em França há menos de 10 anos.



Vivem essencialmente num apartamento, um quinto diz viver numa vivienda. Nota-se que poucos são os que vivem em alojamento social ou como porteiros.

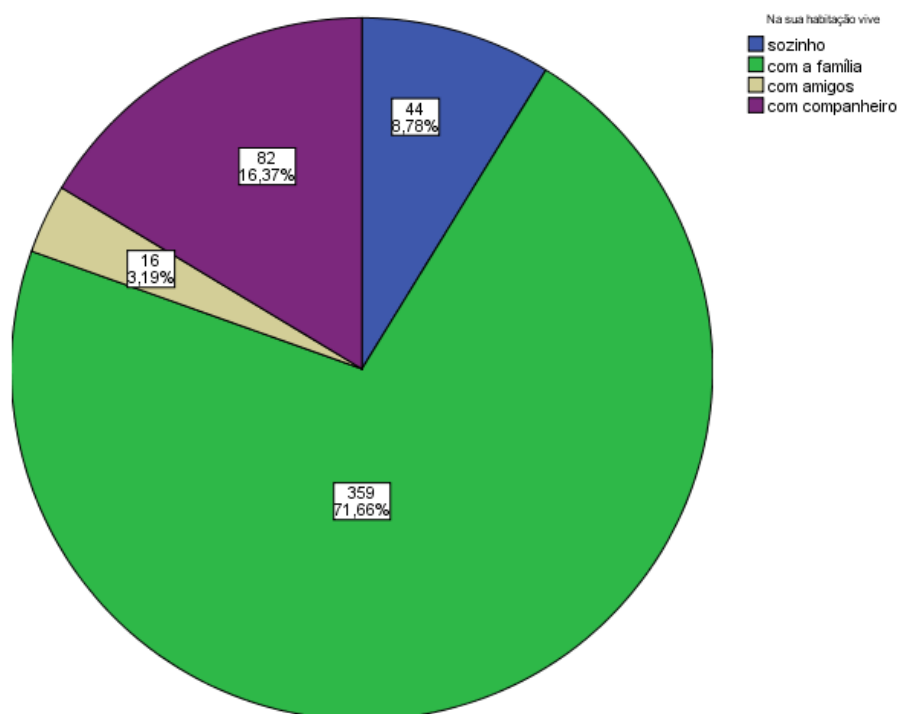
c) Tipo de alojamento dos inquiridos com nacionalidade francesa



Vivem essencialmente em apartamento ou em habitação individual.

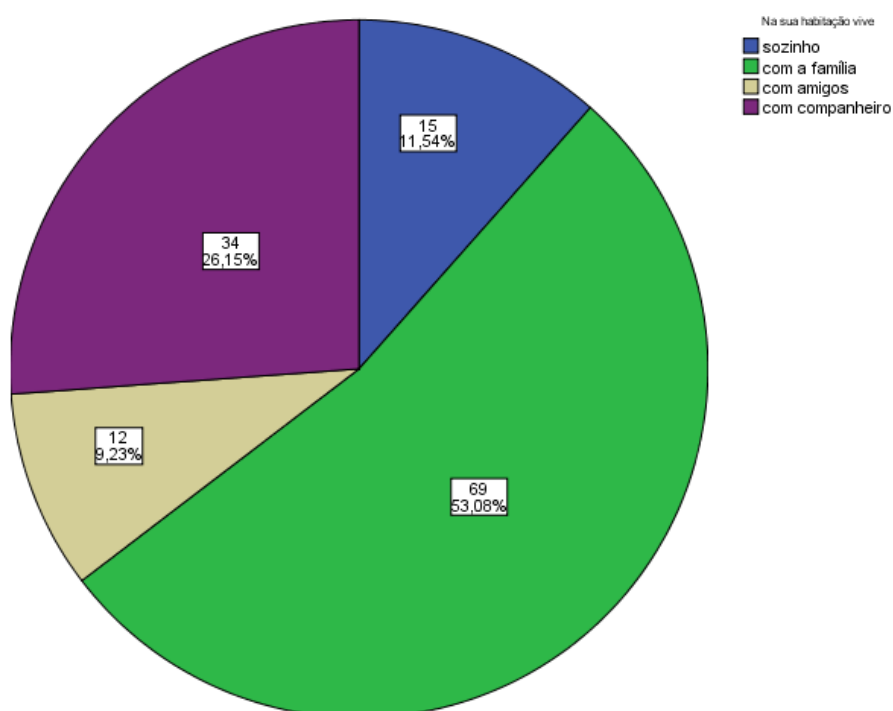
18 Com quem vive na habitação?

a) Com quem vive na habitação (geral)



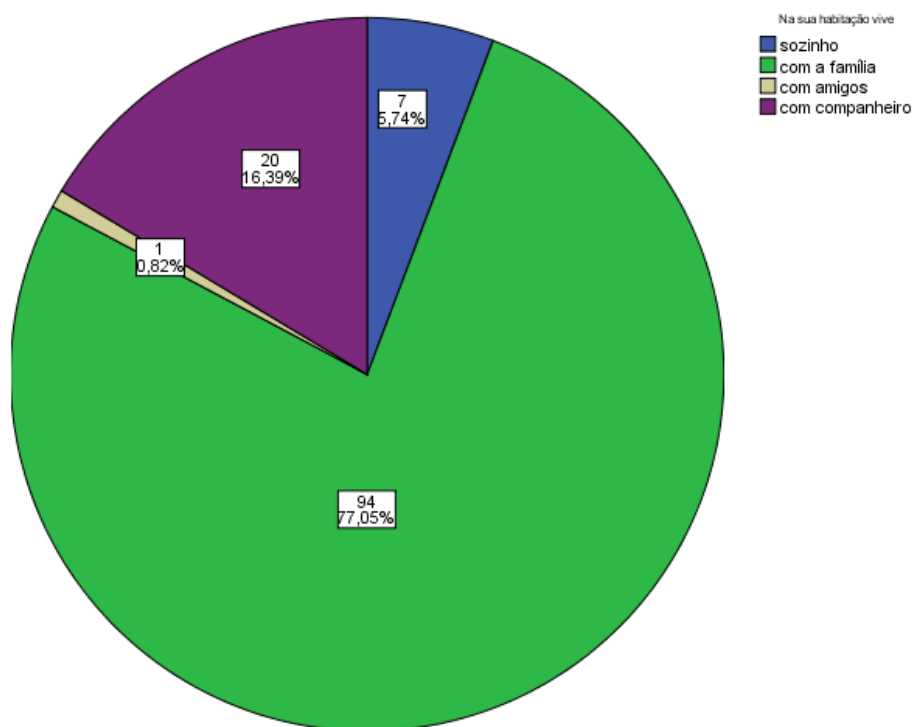
De um modo geral os portugueses vivem com a família mas realçamos que cerca de 16,4% dos mesmos vivem em regime de união de facto.

b) Com quem vive na habitação os indivíduos que chegaram há menos de 10 anos.



Cerca de metade dos indivíduos vive com a família mas salienta-se a percentagem já significativa dos que vivem com um(a) companheiro (a) (26%).

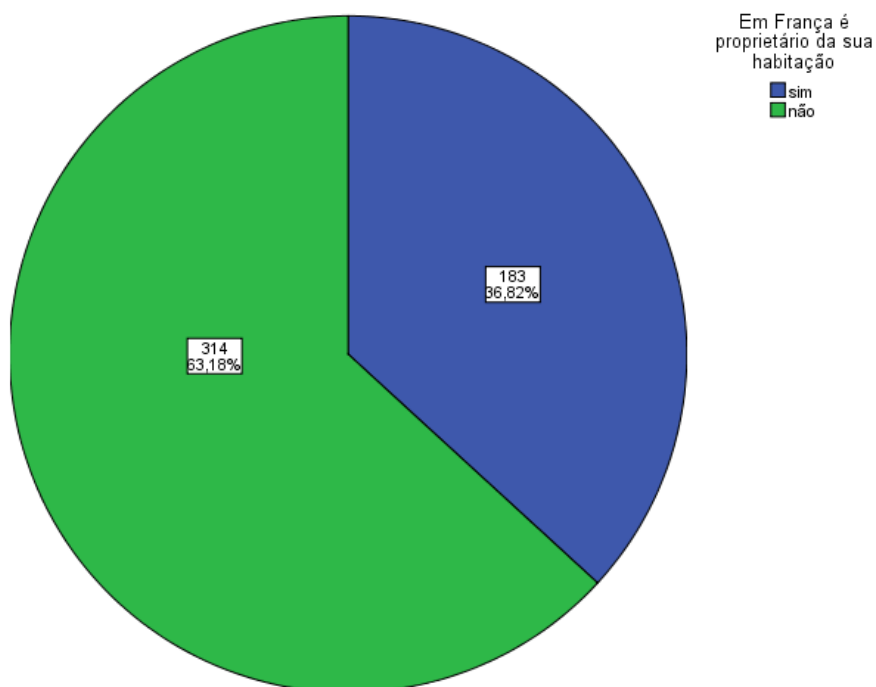
c) Com quem vive na habitação os indivíduos com a nacionalidade francesa



A grande maioria dos inquiridos vive em família (77%) e uma percentagem já representativa (16%) vive em regime de união de facto com companheiro (a).

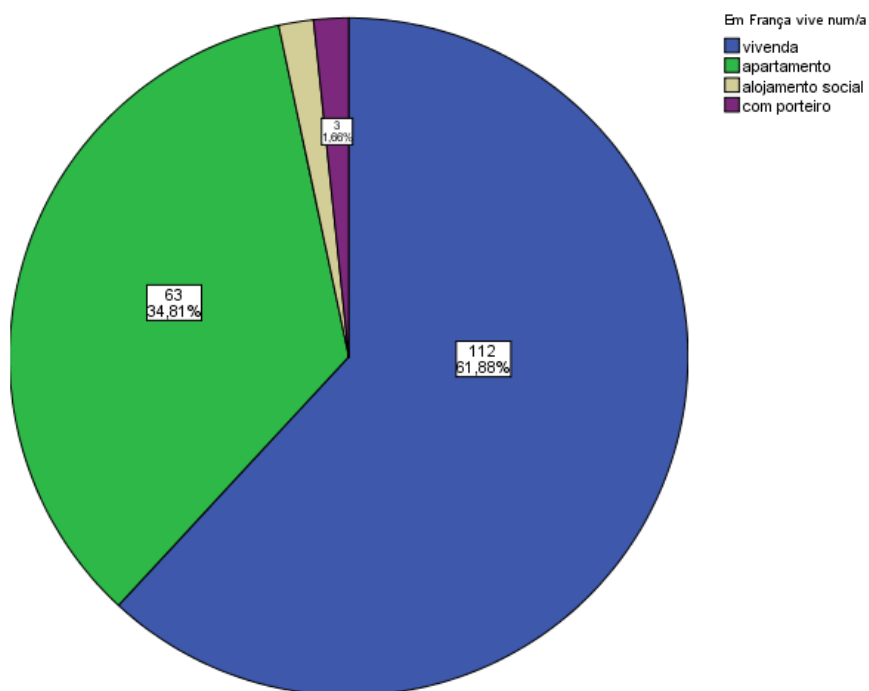
19 Grau de propriedade da habitação em França

a) Grau de propriedade da habitação em França (geral)



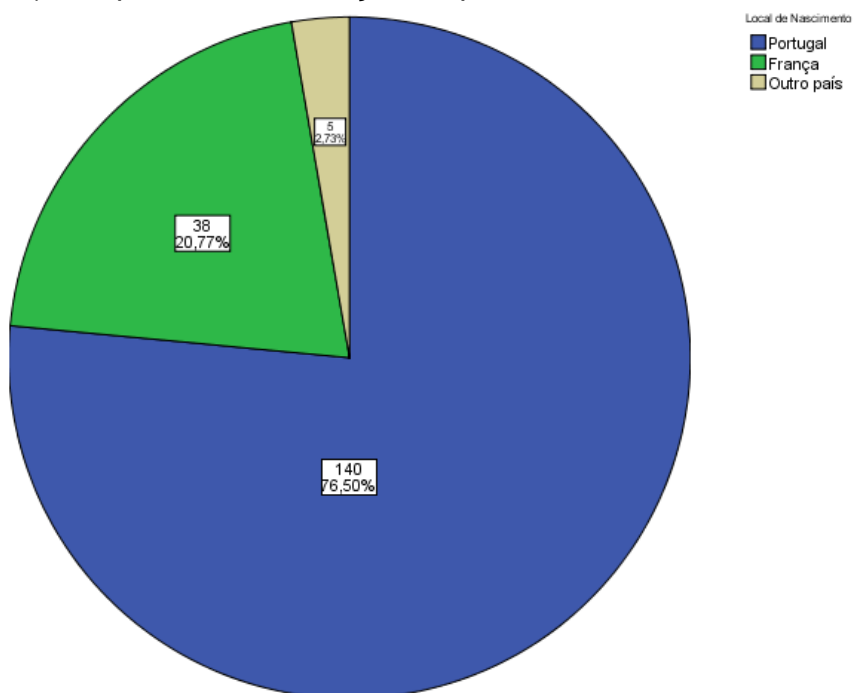
Cerca de 37% dos portugueses são proprietários da sua habitação o que está conforme com os dados nacionais. Este indicador demonstra um bom grau de integração económica.

b) Tipo de propriedade (geral)



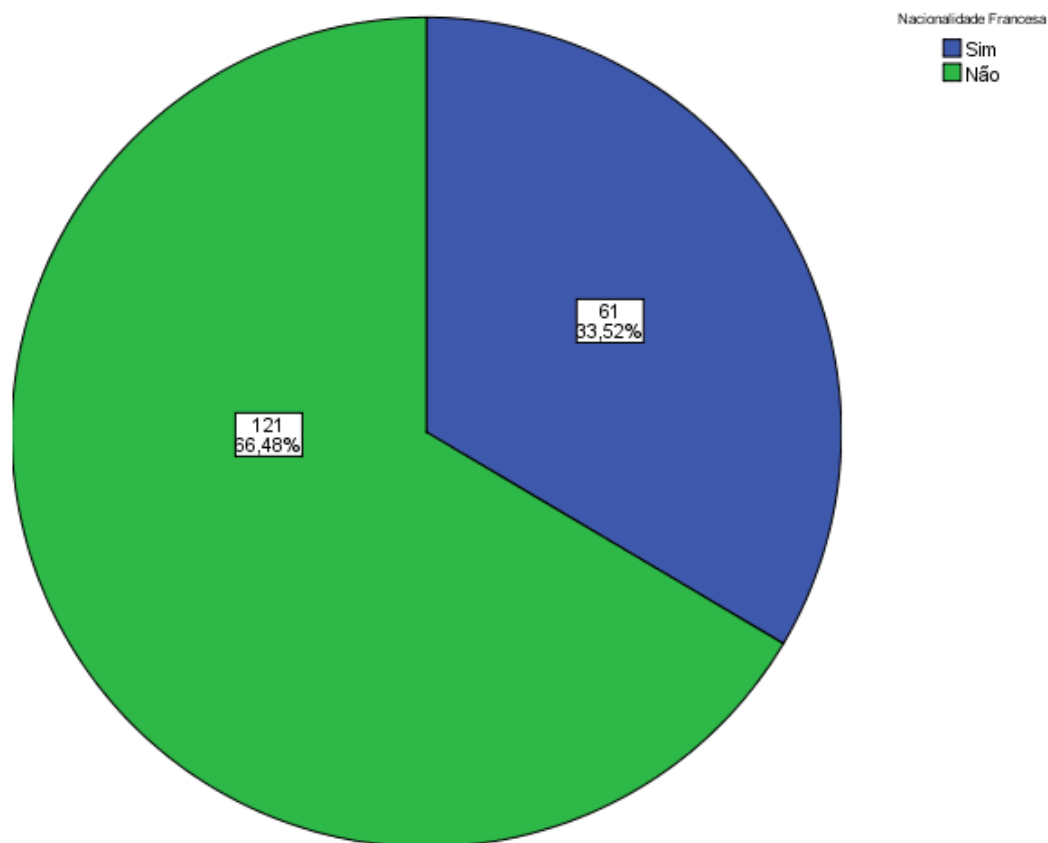
Os portugueses são sobretudo proprietários de uma vivenda (61,8%), os restantes têm um apartamento.

c) Proprietários em função do país de nascimento



A maioria dos proprietários nasceu em Portugal. Torna-se difícil efectuar uma comparação se tivermos em conta a diferença de efectivos dos dois grupos.

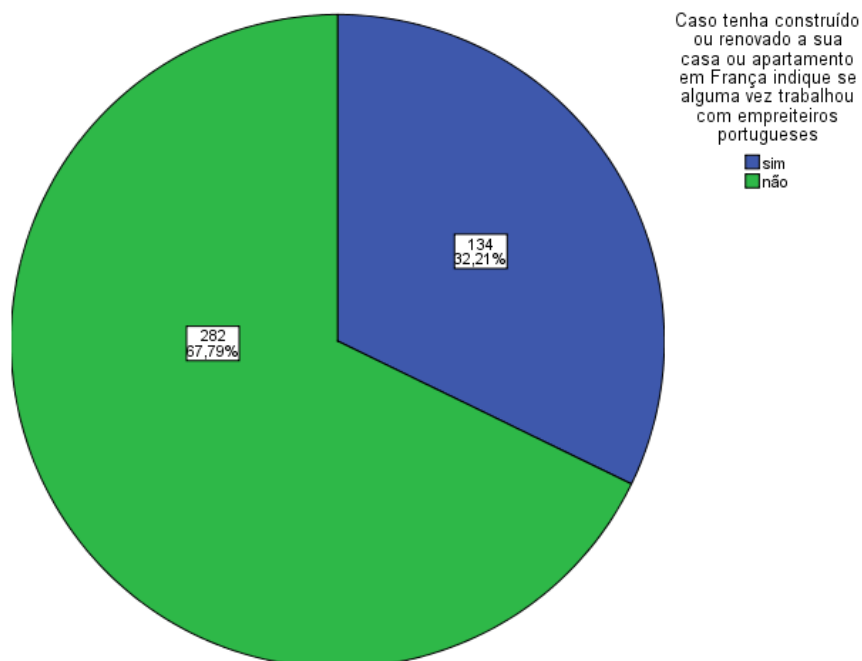
d) Proprietários da habitação em função da nacionalidade



56,5 % dos proprietários têm a nacionalidade portuguesa. Contudo os mesmos representam 33,1% dos que têm a nacionalidade portuguesa. 33,5 % dos proprietários têm a nacionalidade francesa. Contudo os mesmos representam 49,2% dos que têm a nacionalidade francesa. Significa que, proporcionalmente, os indivíduos quem têm a nacionalidade francesa, revelam tendência para um maior acesso à propriedade do que os que mantêm a nacionalidade portuguesa.

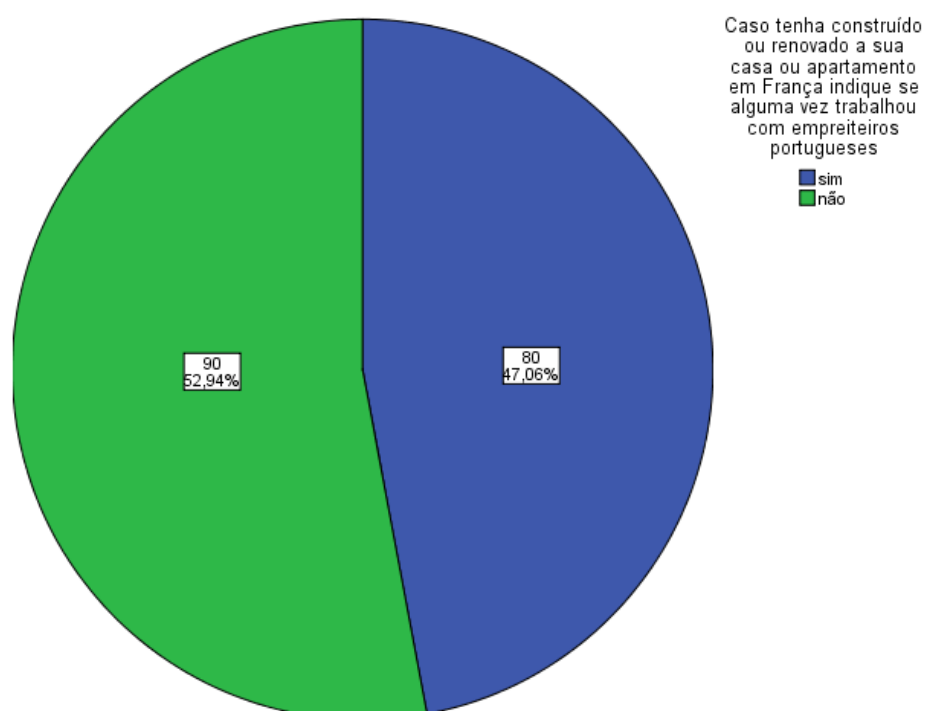
20 – Recurso a profissionais portugueses para renovar ou construir habitação

a) Imigrantes que tenham recorrido a profissionais portugueses para a habitação (geral)



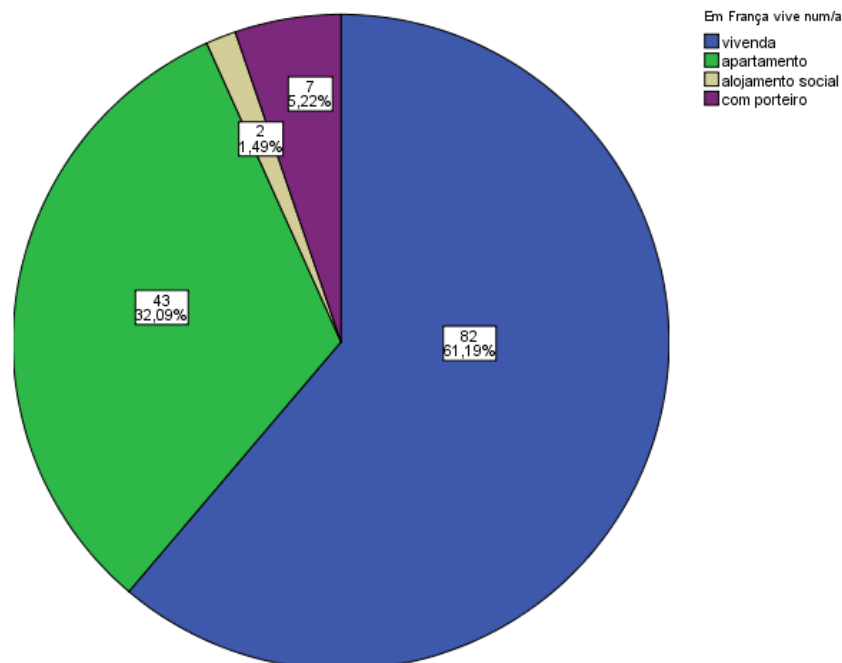
Constatamos que cerca de 1/3 da comunidade recorreu a profissionais portugueses para construir ou renovar a sua habitação o que demonstra o papel preponderante das redes comunitárias em relação à habitação.

b) Proprietários das sua habitação que tenham trabalhado com profissionais portugueses.



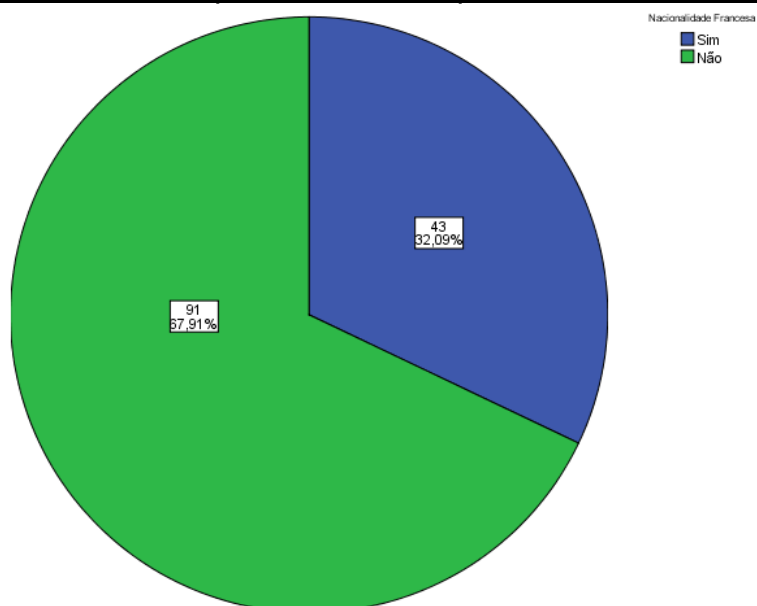
Cerca de metade dos proprietários trabalharam com profissionais portugueses. Também é notável que, mesmo não sendo proprietários, a outra metade também recorreu a profissionais da comunidade.

c) Tipo de habitação dos indivíduos que trabalharam com empreiteiros portugueses



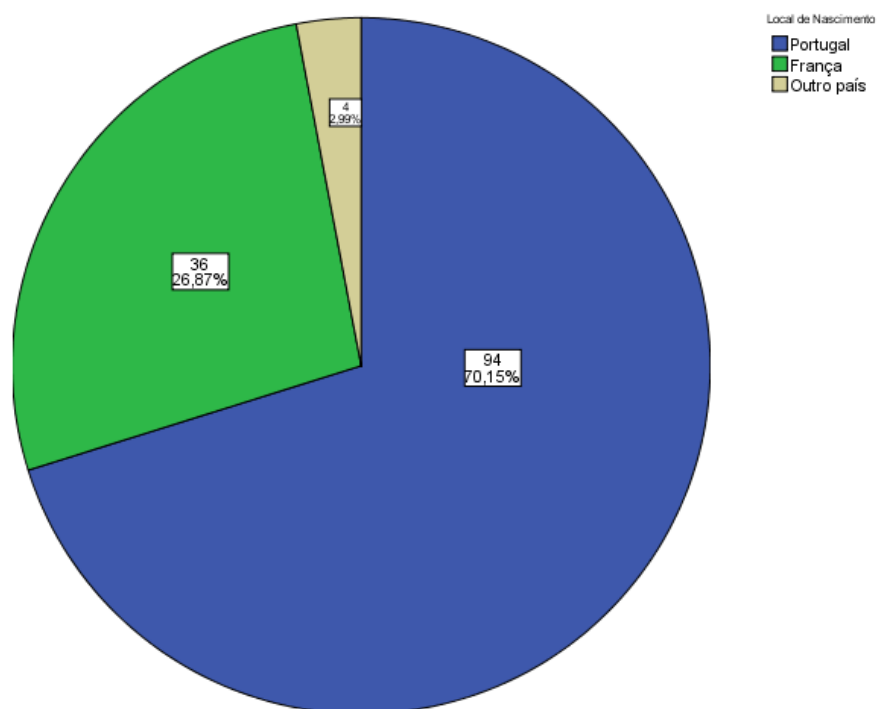
Destaca-se claramente a habitação individual como local de intervenção dos profissionais da comunidade.

d) Nacionalidade dos que recorreram a profissionais da comunidade.



Relações sociais fortes demonstram que ter a nacionalidade francesa não é um obstáculo para os indivíduos recorrerem a compatriotas no apoio à habitação.

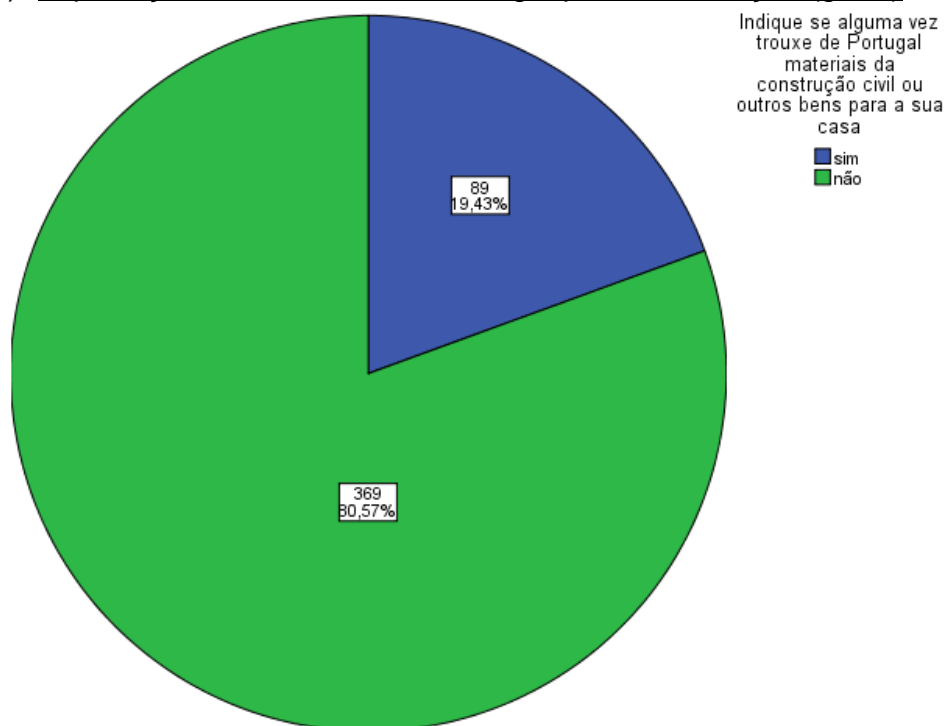
e) Local de nascimento dos indivíduos que recorreram a profissionais lusos



Os resultados reforçam a tendência expressa no gráfico anterior.

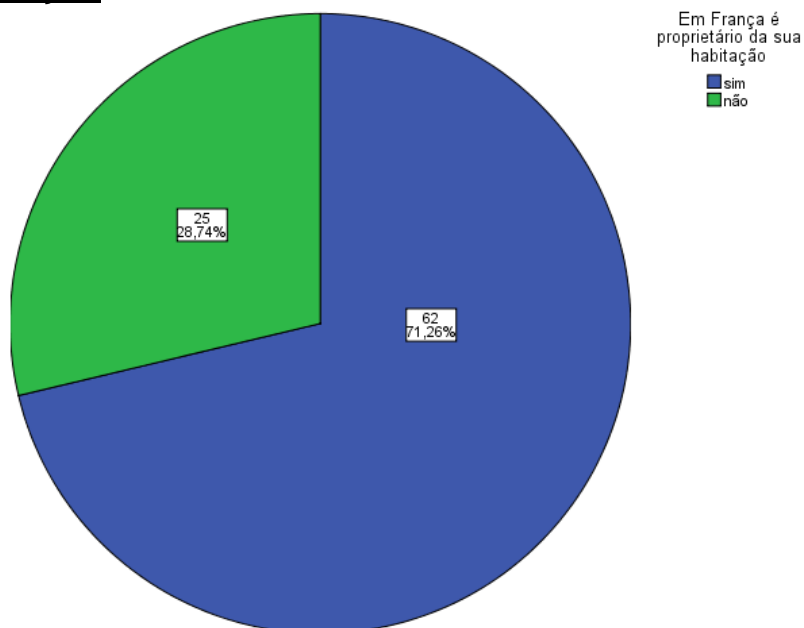
21- Importação de materiais de Portugal para a habitação

a) Importação de materiais de Portugal para a habitação (geral)



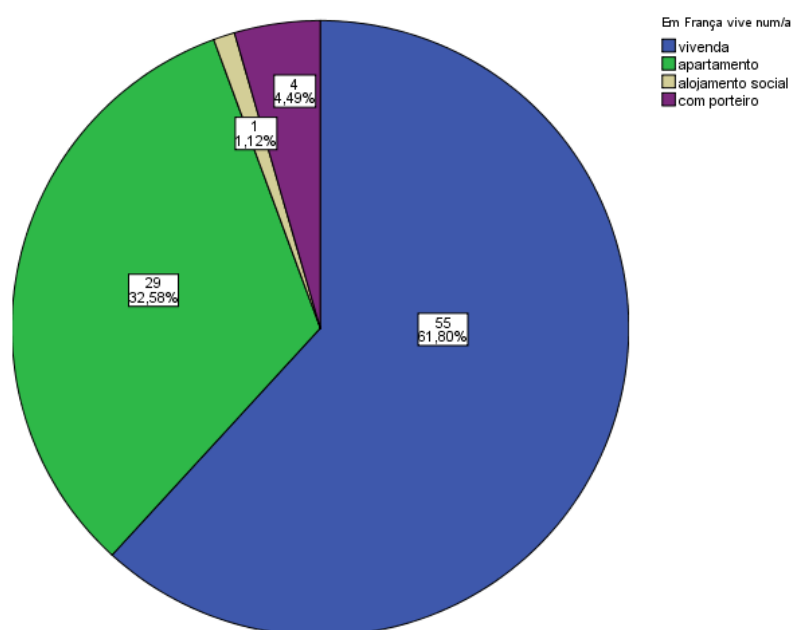
Constatamos que 1 em cada 5 portugueses já mandou vir materiais da construção civil e outros materiais de Portugal para a sua habitação.

b) Proprietários que trouxeram materiais de Portugal para a sua habitação.



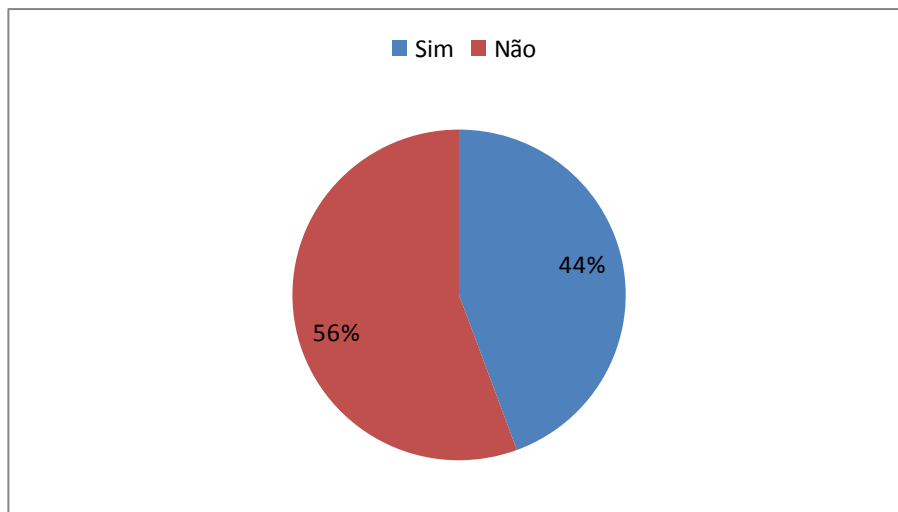
Depreendemos que, embora uma grande maioria seja proprietário da sua habitação, cerca de 28,7% não o é o que explica que os materiais trazidos de Portugal destinam-se mais ao recheio da habitação.

c) Tipo de habitação dos indivíduos que trouxeram materiais de Portugal



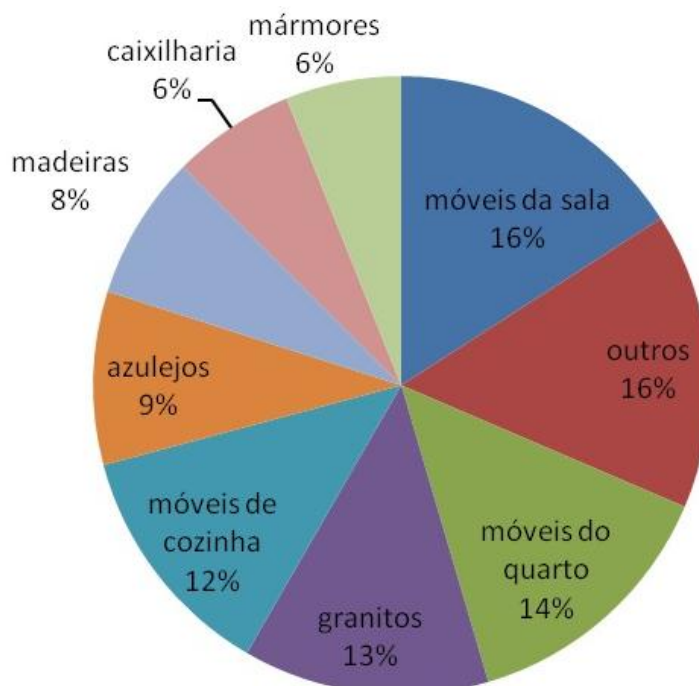
A grande maioria vive numa vivenda e um terço num apartamento

- d) Importação de materiais de Portugal para a habitação (indivíduos com nacionalidade francesa) (ver gráfico se está certo)



Os indivíduos com nacionalidade francesa desenvolvem este tipo de prática. Salienta-se que os resultados são mesmo superiores aos da comunidade em geral

22- Tipos de materiais trazidos de Portugal para a habitação

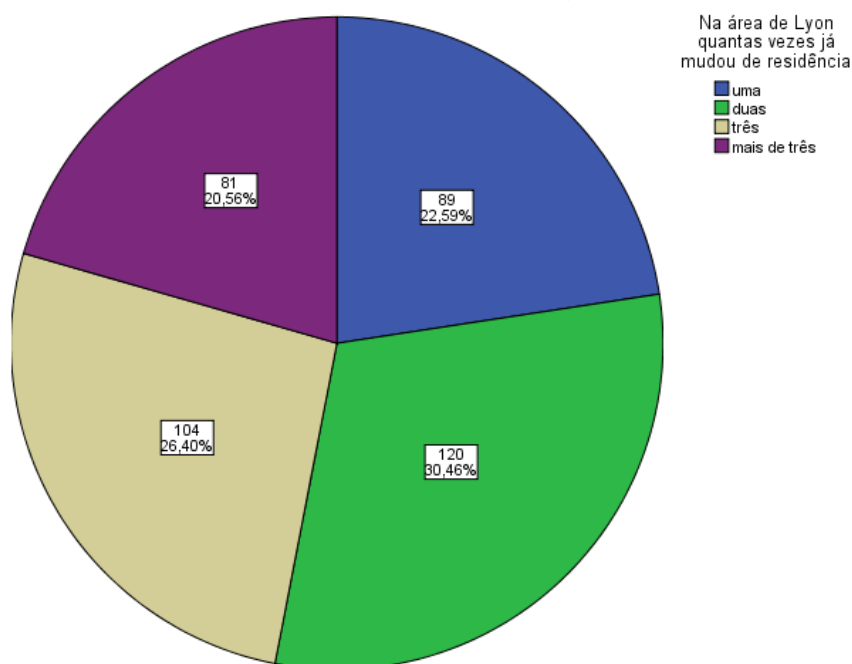


Tipo de material	Frequência
Móveis da sala	42
Outros	41
Móveis de quarto	37
Granitos	34
Móveis de cozinha	33
Azulejos	24
Madeiras	20
Caixilharia	17
Mármore	16

Salienta-se a grande variedade de materiais trazidos de Portugal com destaque para materiais da construção civil como os granitos, azulejos e madeiras e materiais para o recheio da habitação como os móveis de sala, de quarto e de cozinha.

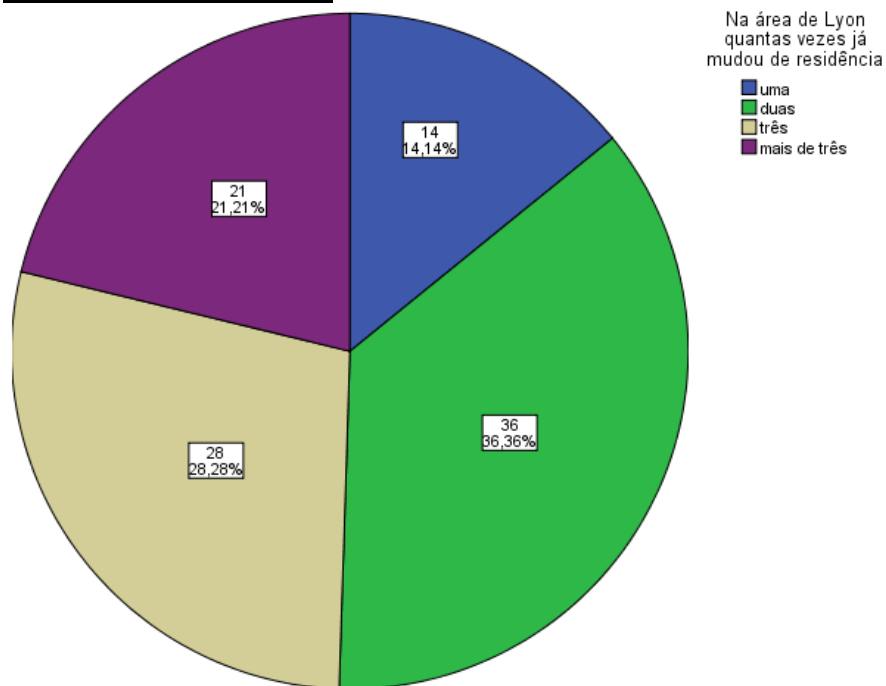
23- Mobilidade residencial na área de Lyon

a) Mobilidade residencial na área de Lyon (geral).



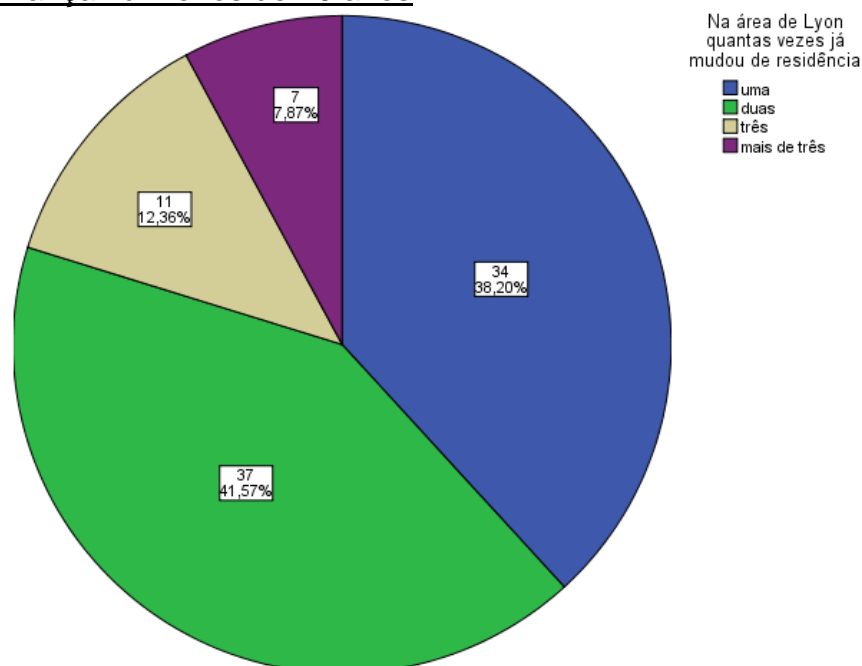
Constata-se que quase metade dos inquiridos já mudou de residência três ou mais vezes.

b) Mobilidade residencial na área de Lyon dos indivíduos com nacionalidade francesa



Estes indivíduos demonstram ter uma maior mobilidade residencial. Metade já mudou de residência três e mais vezes.

c) Mobilidade residencial na área de Lyon dos indivíduos que estão em França há menos de 10 anos

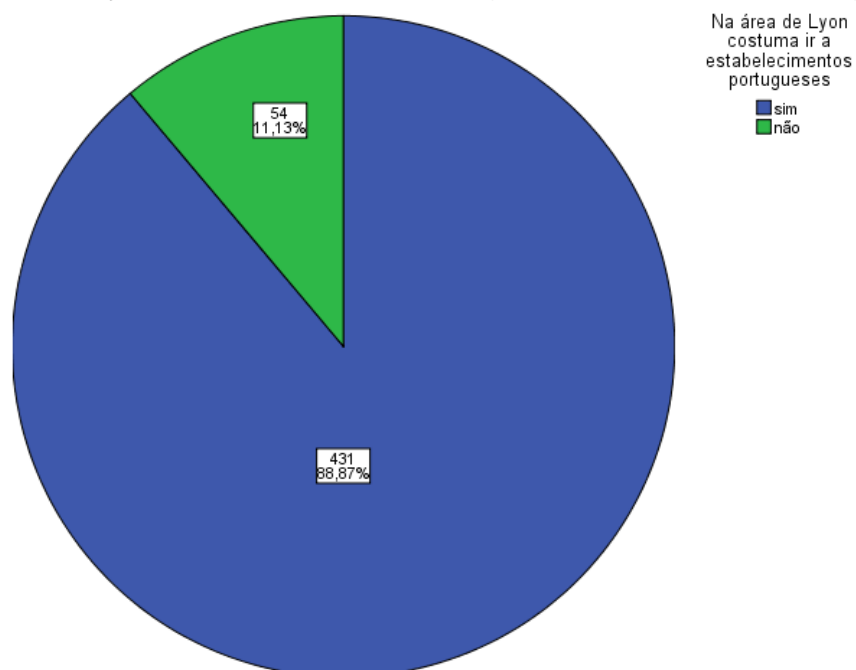


Tendo em conta que estes indivíduos se encontram no país há relativamente pouco tempo em relação aos outros, pode parecer

relevante que cerca de 2/3 dos mesmos já mudou de residência duas e mais vezes.

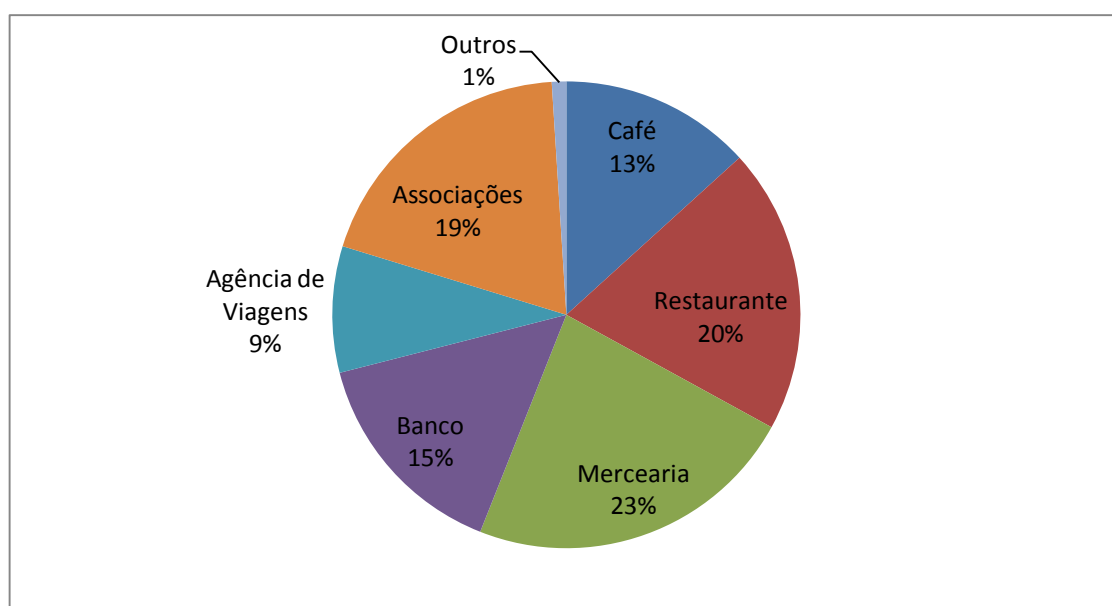
24- Frequentação de estabelecimentos portugueses na área de Lyon

a) Frequentação de locais étnicos portugueses na área de Lyon (geral)

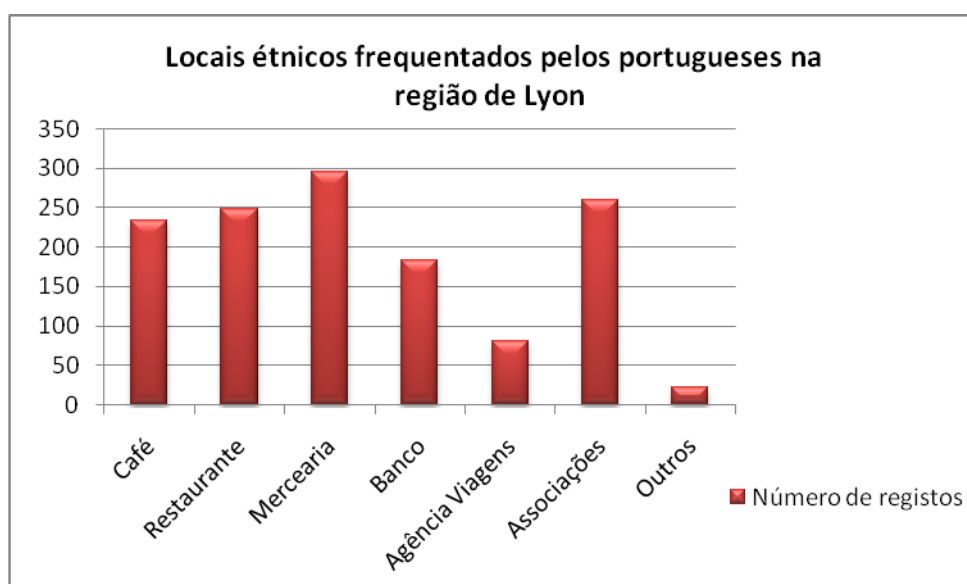


A grande maioria dos inquiridos frequenta locais étnicos portugueses.

b) Tipos de locais étnicos frequentados (geral)



c) Locais étnicos frequentados por número de registos (geral)

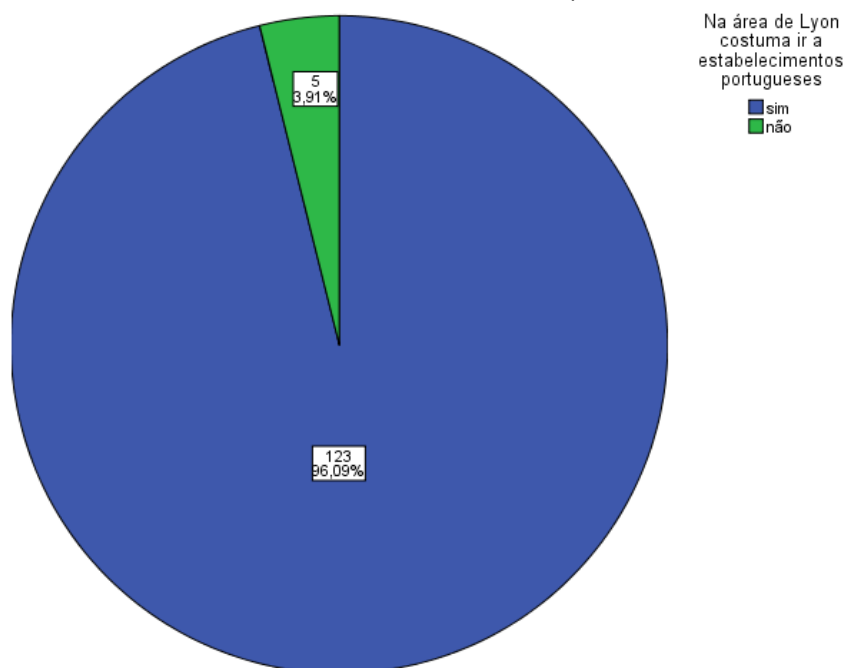


Como podemos verificar existe uma grande variedade de estabelecimentos étnicos frequentados embora se destaquem a mercearia, o restaurante e as associações.

d) Frequentação dos locais étnicos pela população feminina

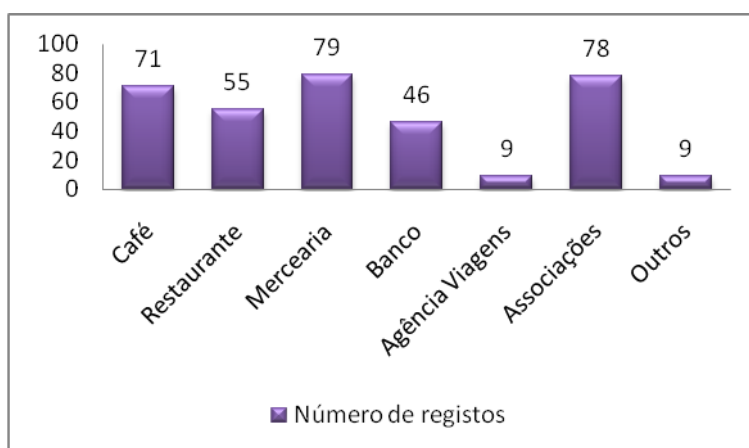
Percentagem de mulheres que frequenta os locais étnicos relativamente ao total de cada local		
	Número de registos	%
Café	86	36,7
Restaurante	104	41,9
Mercearia	188	63,7
Banco	74	40,4
Agência de Viagens	29	36,3
Associações	117	45
Outros	7	31,8

e) Frequentação de estabelecimentos portugueses na área de Lyon
(indivíduos a residir há menos de 10 anos)



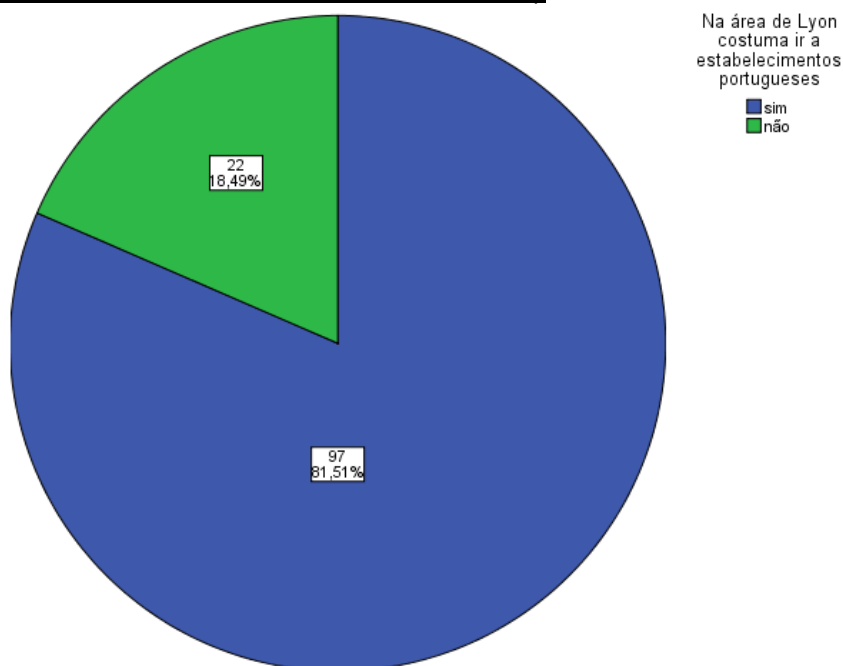
A elevada percentagem de indivíduos que frequenta os estabelecimentos étnicos portugueses indicia uma forte identificação com estes espaços que simbolizam a cultura portuguesa.

f) Tipos de locais frequentados por indivíduos a residir há menos de 10 anos



Estas pessoas frequentam todo o tipo de estabelecimentos (destaque para as mercearias, cafés e associações) embora em número mais reduzido para as agências de viagens. Muitos deles frequentam os bancos portugueses (1/3). Isto significa que provavelmente têm conta bancária nestes estabelecimentos.

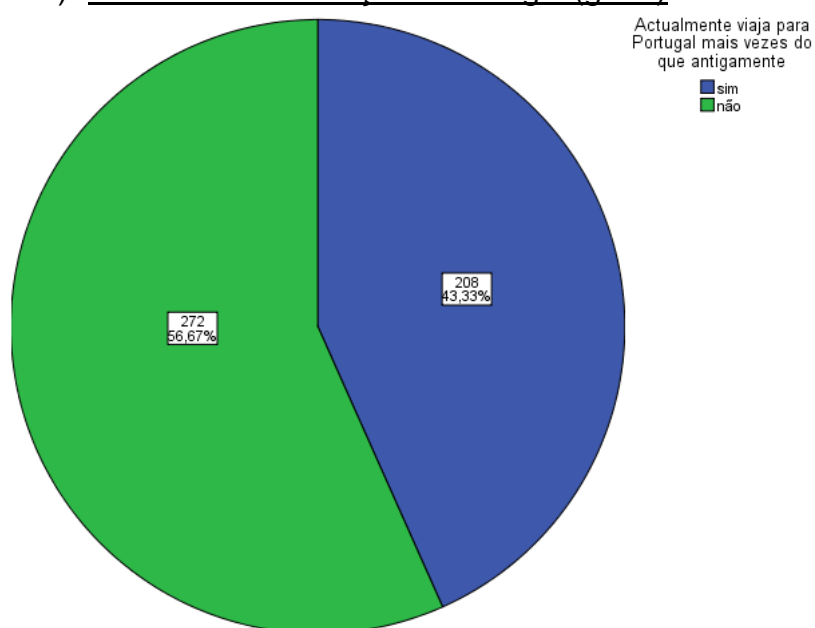
g) Frequentação de locais étnicos portugueses na área de Lyon
(indivíduos com nacionalidade francesa)



Embora a percentagem de pessoas que frequenta os estabelecimentos étnicos seja menor do que no grupo anterior, a mesma continua bastante elevada. Os outros dados também são significativos e revelam a mesma tendência: indivíduos que não têm a nacionalidade francesa (91,7%), indivíduos que estão há mais de 30 anos em França (84%) e indivíduos que nasceram em França (83,1%).

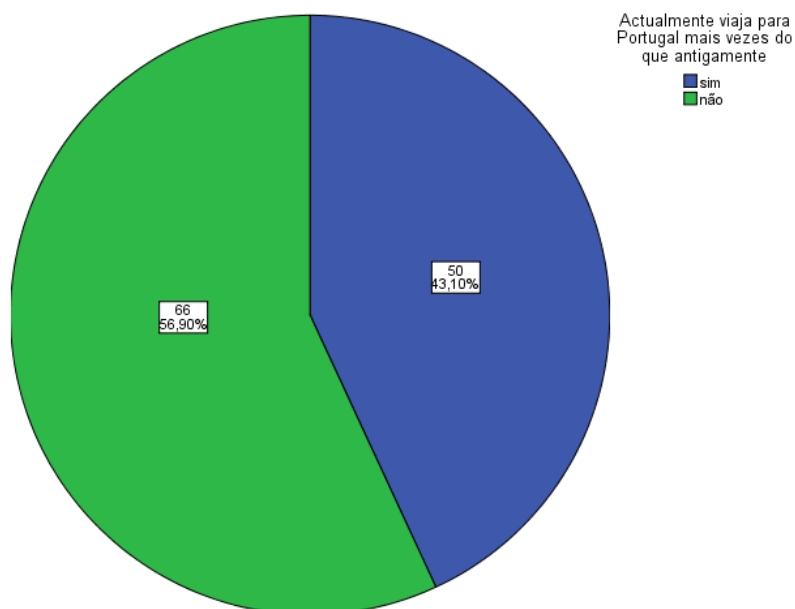
25- Mobilidade em relação a Portugal.

a) Mobilidade em relação a Portugal (geral)



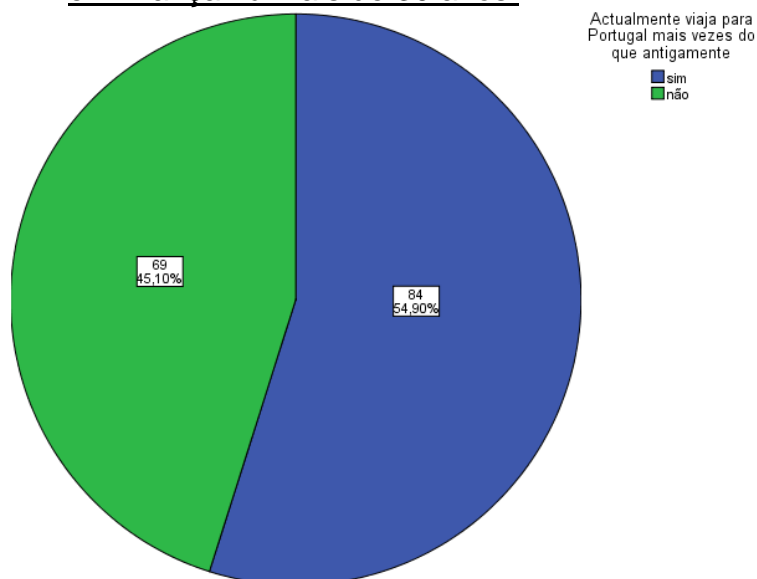
Estamos perante uma situação de maior mobilidade em relação a Portugal já que 43% dos indivíduos indica viajar mais vezes. Este número traduz inequivocamente um reforço de contactos com o país de origem.

b) Mobilidade em relação a Portugal para os indivíduos com nacionalidade francesa.



Constatamos a mesma tendência de maior mobilidade que para a comunidade em geral.

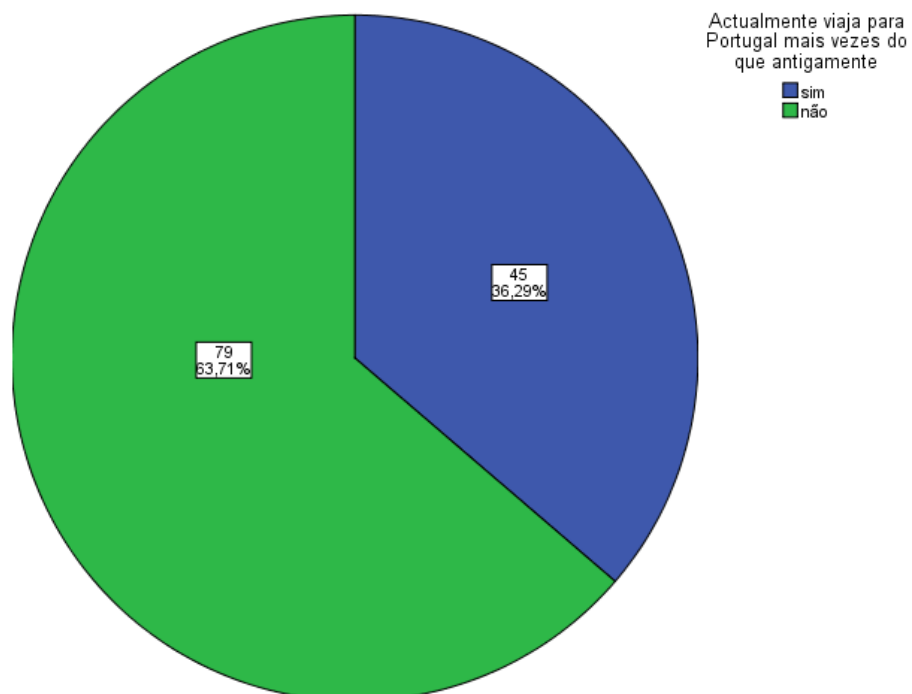
c) Mobilidade em relação a Portugal dos indivíduos que residem em França há mais de 30 anos.



Cerca de 55% dos inquiridos viaja mais do que antigamente para Portugal.

d) Mobilidade em relação a Portugal dos indivíduos que residem em França há menos de 10 anos.

e)



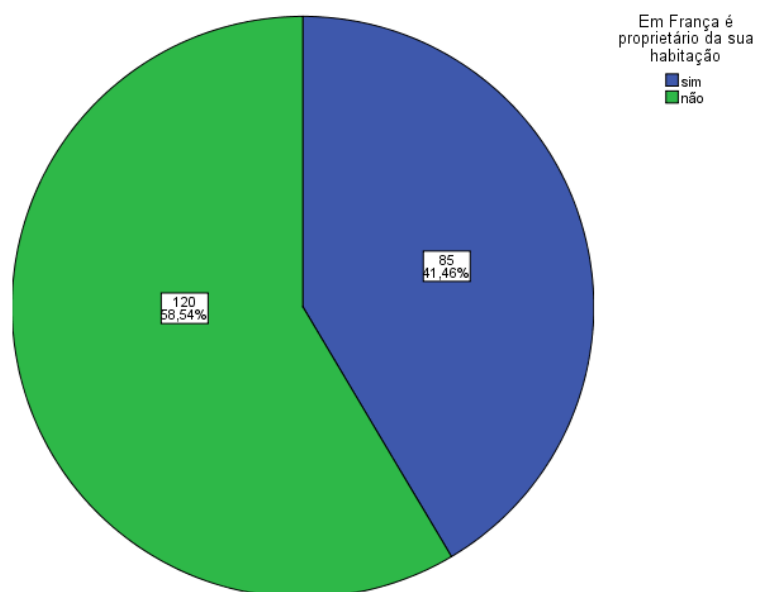
Este grupo também apresenta uma percentagem significativa de indivíduos (36%) que viaja mais para Portugal relativamente ao passado.

f) Indivíduos que viajam mais para Portugal em função dos anos de residência em França

Nota-se claramente 3 grupos de entre os que viajam mais: os que têm menos de 10 anos de residência; os que andam por volta dos 20 anos e os que andam a volta dos 40 anos. O primeiro grupo explica-se pelo facto de serem gerações mais recentemente instaladas com ligações ainda bastante *frescas* com o país de origem. O segundo grupo é provavelmente formado por adultos da segunda geração bem integrada em França, mas que mantém fortes laços com Portugal, muitas vezes porque ainda têm familiares como avós, tios, primos. O terceiro grupo constitui os imigrantes que residem há cerca de 40 anos em França e que se encontram na idade da reforma, o que possibilita vaivéns mais regulares com o país de origem.

	Frequência	%	% válida	% acumulada
1	2	1	1	1
2	11	5,3	5,8	6,8
3	9	4,3	4,7	11,5
4	6	2,9	3,1	14,7
5	5	2,4	2,6	17,3
6	7	3,4	3,7	20,9
8	5	2,4	2,6	23,6
10	1	0,5	0,5	24,1
11	2	1	1	25,1
12	3	1,4	1,6	26,7
13	2	1	1	27,7
14	2	1	1	28,8
15	2	1	1	29,8
16	2	1	1	30,9
17	2	1	1	31,9
18	2	1	1	33
19	4	1,9	2,1	35,1
20	9	4,3	4,7	39,8
21	6	2,9	3,1	42,9
22	5	2,4	2,6	45,5
23	3	1,4	1,6	47,1
24	4	1,9	2,1	49,2
25	2	1	1	50,3
26	2	1	1	51,3
27	1	0,5	0,5	51,8
28	2	1	1	52,9
29	1	0,5	0,5	53,4
30	5	2,4	2,6	56
31	3	1,4	1,6	57,6
32	3	1,4	1,6	59,2
33	6	2,9	3,1	62,3
34	1	0,5	0,5	62,8
35	4	1,9	2,1	64,9
36	4	1,9	2,1	67
37	5	2,4	2,6	69,6
38	8	3,8	4,2	73,8
39	7	3,4	3,7	77,5
40	11	5,3	5,8	83,2
41	13	6,2	6,8	90,1
42	7	3,4	3,7	93,7
43	3	1,4	1,6	95,3
44	4	1,9	2,1	97,4
45	3	1,4	1,6	99
50	1	0,5	0,5	99,5
55	1	0,5	0,5	100
Total	191	91,8	100	
	17	8,2		
	208	100		

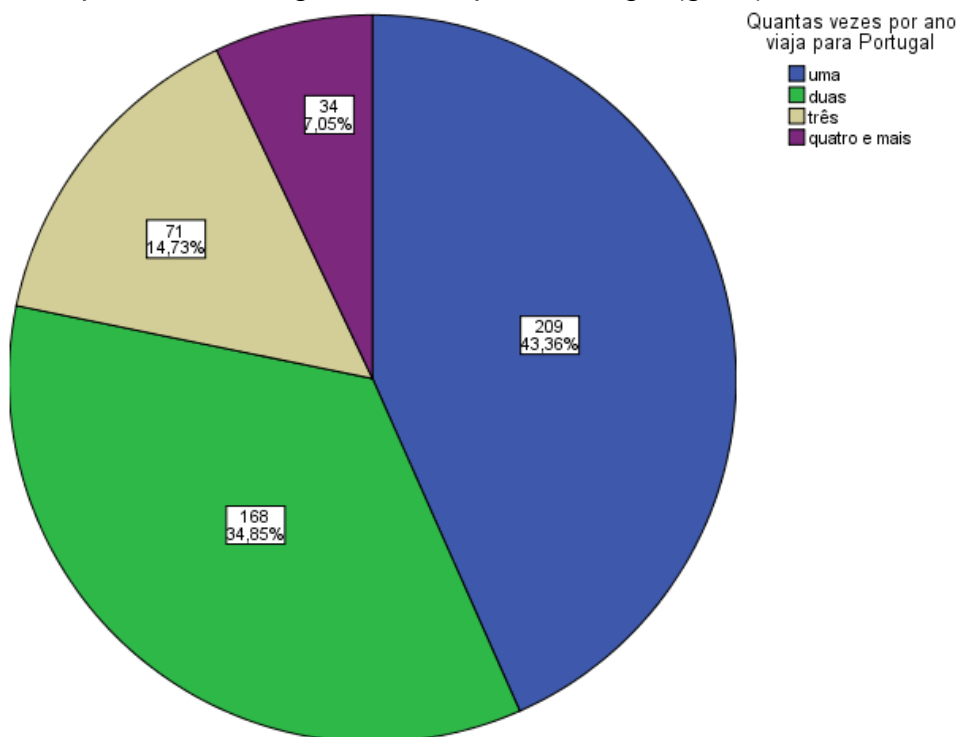
- g) Mobilidade em relação a Portugal para os indivíduos que são proprietários da sua habitação.



De um modo global os que não são proprietários da sua habitação em França viajam mais vezes para Portugal do que os outros. Isto define uma maior ligação à terra de origem por parte dos primeiros, se bem que cerca de 41% dos que são proprietários em França viajam igualmente para Portugal. Perfila-se aqui uma situação de residência em alternância entre os dois países.

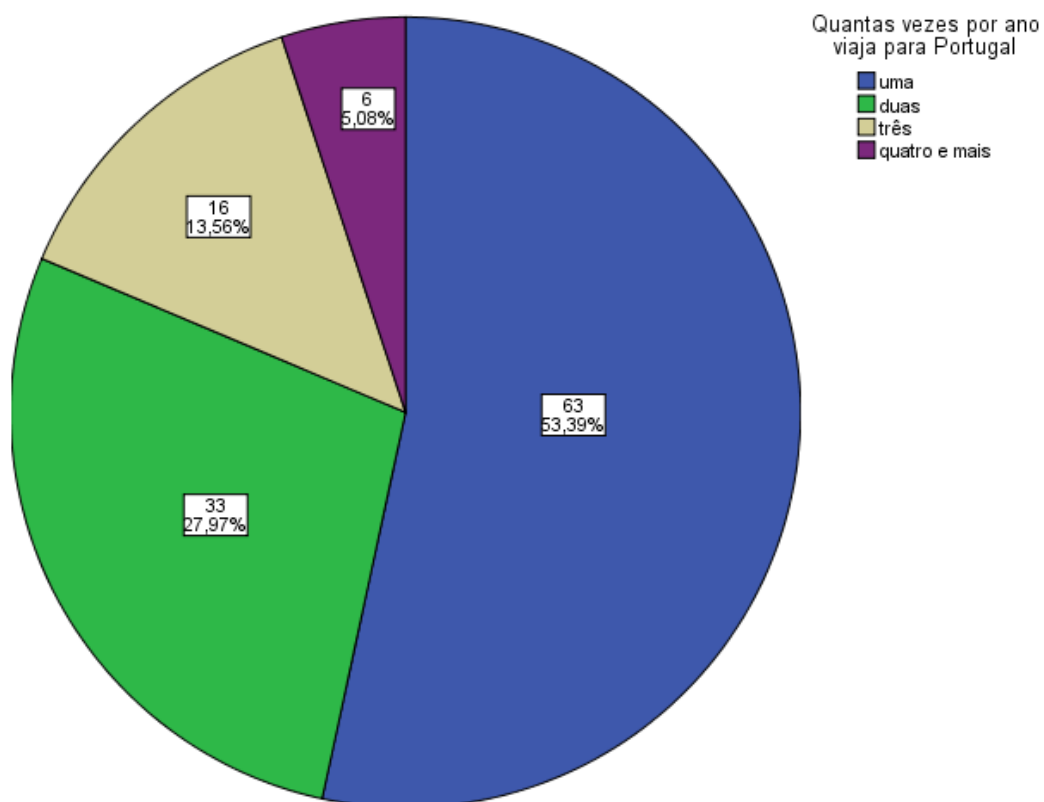
26- Frequência das viagens anuais para Portugal

- a) Frequência das viagens anuais para Portugal (geral)



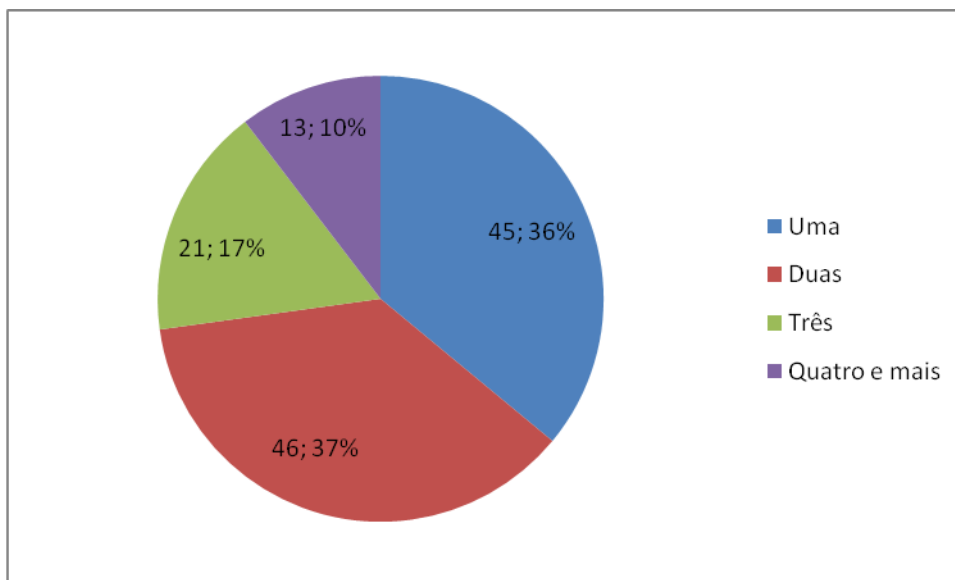
De um modo geral a maioria continua a viajar uma ou duas vezes mas 1 em cada 5 indivíduos já viaja três ou mais vezes por ano para Portugal.

b) Frequência das viagens anuais para Portugal para os indivíduos com nacionalidade francesa.



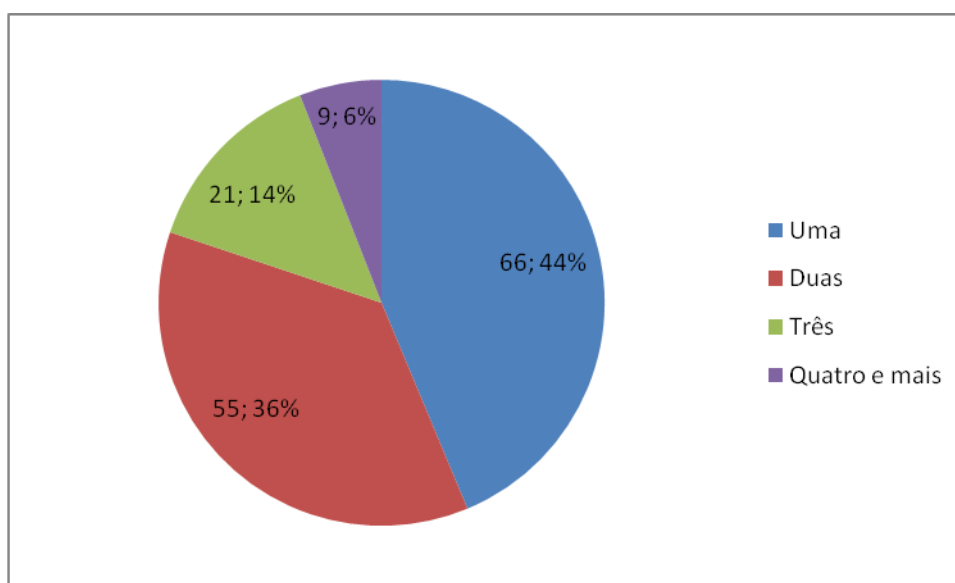
Cerca de metade viaja apenas uma vez; um terço duas vezes, mas cerca de 18% dos inquiridos declaram viajar três e mais vezes para Portugal.

- c) Frequência das viagens anuais para Portugal para os indivíduos a residir em França há menos de 10 anos.



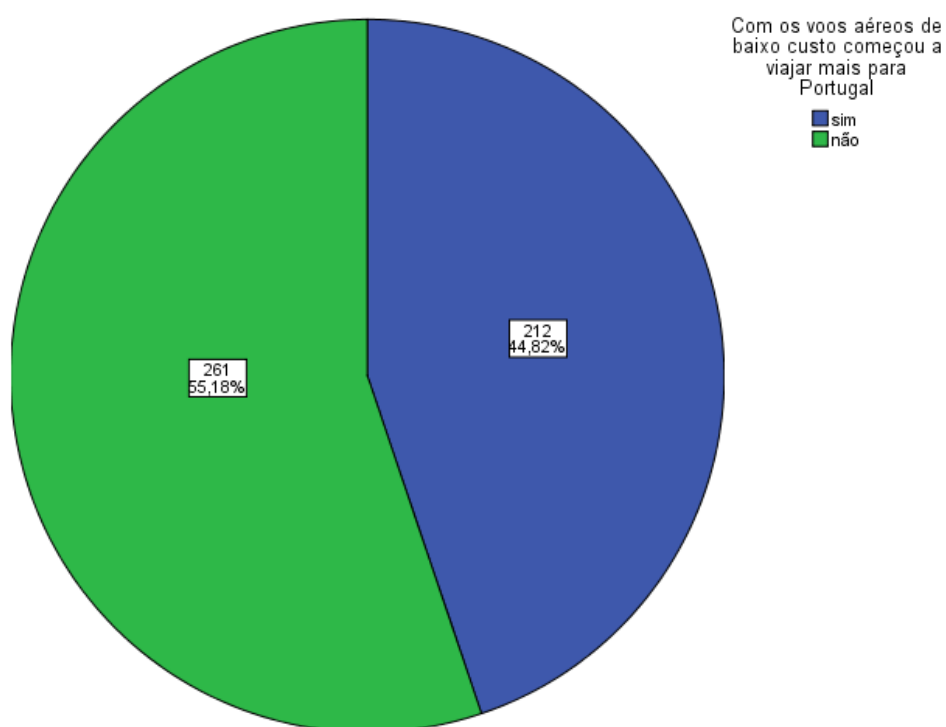
Constata-se uma maior frequência em termos de viagens. Embora mais de 2/3 dos inquiridos continuem a ir a Portugal uma a duas vezes por ano. Também é perceptível que quase 1/3 viaja três e mais vezes.

- d) Frequência das viagens anuais para Portugal para os indivíduos a residir em França há mais de 30 anos.



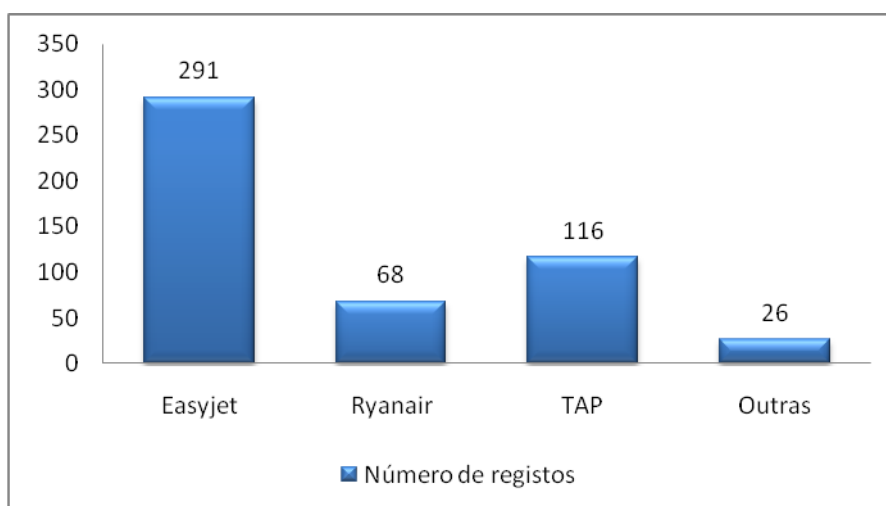
Os resultados coincidem com os da comunidade em geral.

27- Mobilidade em relação a Portugal e bilhetes de avião mais baratos.



Estes dados confirmam que os voos de baixo custo incentivam para uma maior mobilidade dos imigrantes relativamente a Portugal.

28-Companhias aéreas com que os imigrantes viajam.

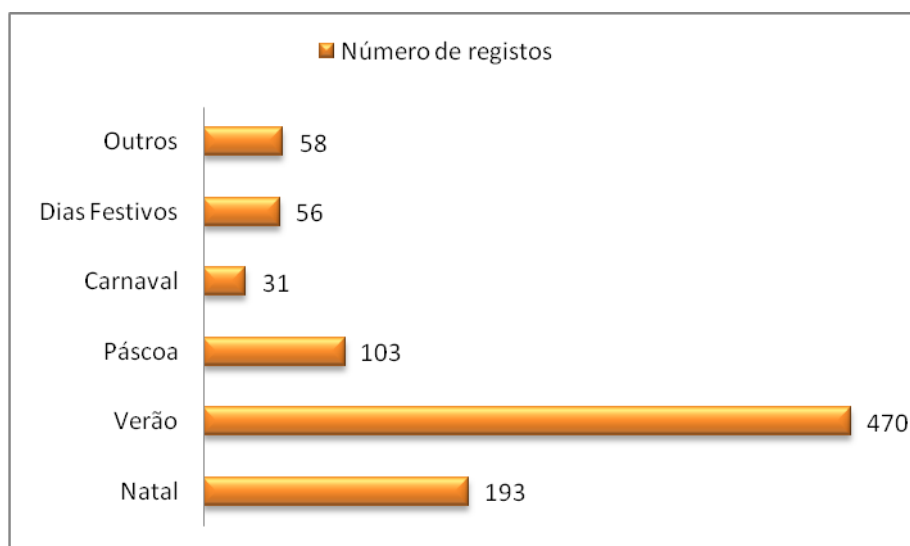


As companhias aéreas de baixo custo são as eleitas pelos imigrantes e dominam em termos de referência. Destaca-se a companhia Easyjet que voa a partir do principal aeroporto de Lyon para o Porto e para Lisboa. A segunda companhia aérea de baixo custo é a Ryanair

cujo aeroporto dista 70km de Lyon e que só voa para o Porto, esta apresenta um número apreciável de respostas. Para além das companhias lowcost, a companhia aérea de bandeira nacional, TAP, que consegue obter apenas 1/5 das respostas, continua, todavia, a ser uma opção. As possíveis explicações para esta escolha passam pelos preços mais concorrenciais em certos períodos praticados como reacção às lowcost e, por outro lado, porque voa para dois destinos: Porto e Lisboa. Uma outra explicação poderá eventualmente incidir sobre o foro sentimental já que é a companhia nacional.

29- Momentos em que costuma ir a Portugal

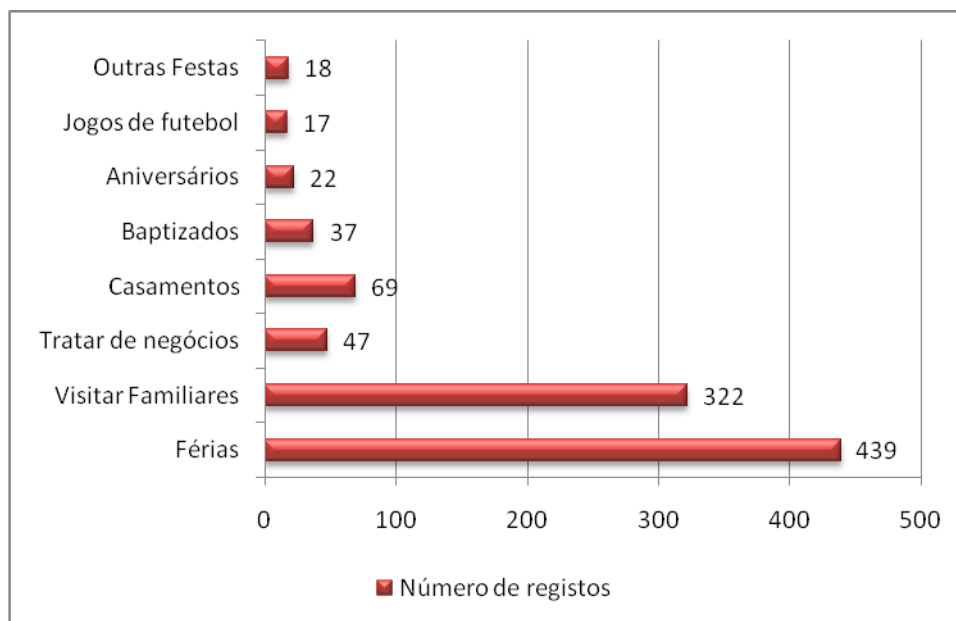
a) Momentos em que costuma ir a Portugal (geral)



O verão e o Natal, e seguidamente a Páscoa continuam a ser os grandes momentos de regresso ao país. Começa a ser relevante o facto de se deslocarem também para ocasiões especiais (dias festivos) o que vai ao encontro de uma maior e diversificação da mobilidade entre os dois países.

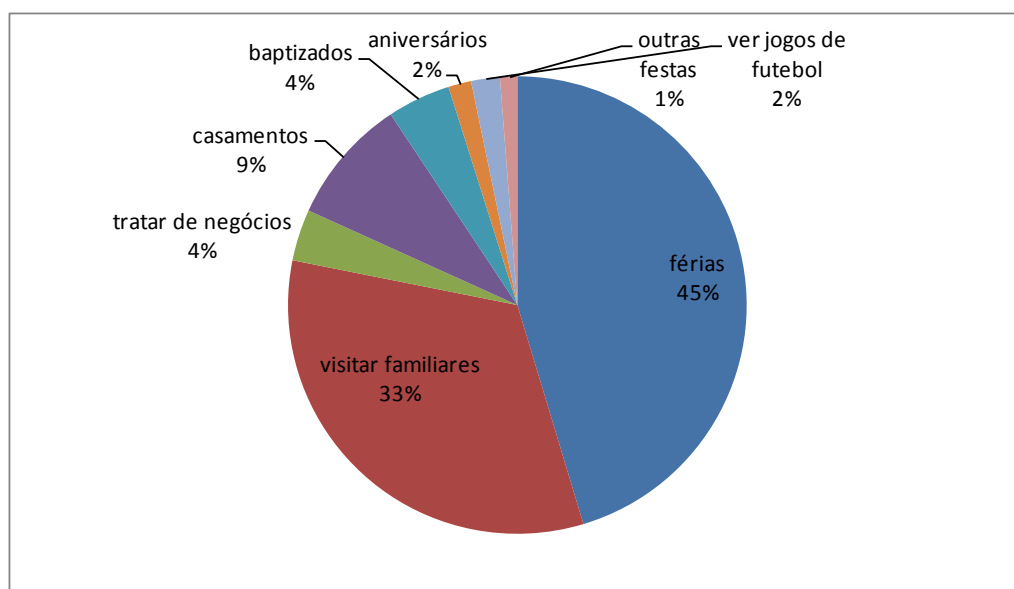
30- Motivos que levam a deslocar-se a Portugal.

a) Motivos de deslocação a Portugal (geral).



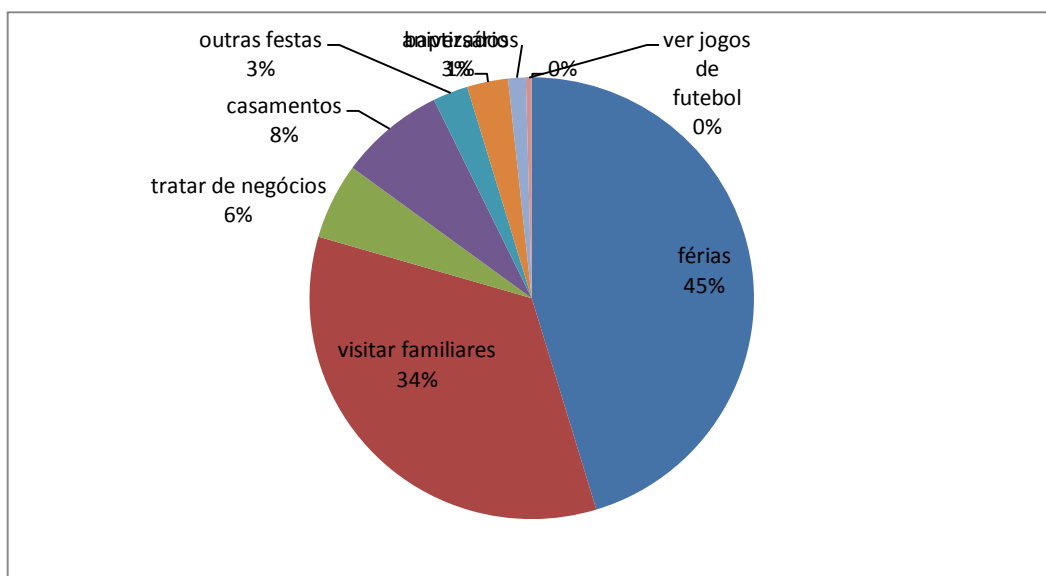
Deslocam-se essencialmente a Portugal para passar férias e visitar familiares. Realçamos também que vão ocasiões mais pontuais como casamentos, baptizados e tratar de negócios. Constatamos que apesar de tudo 17 inquiridos afirmam deslocar-se para ver jogos de futebol e 22 para aniversários o que pressupõe estadias mais curtas que são possibilitadas pelas companhias aéreas de baixo custo.

b) Motivos de deslocação a Portugal dos indivíduos com nacionalidade francesa.



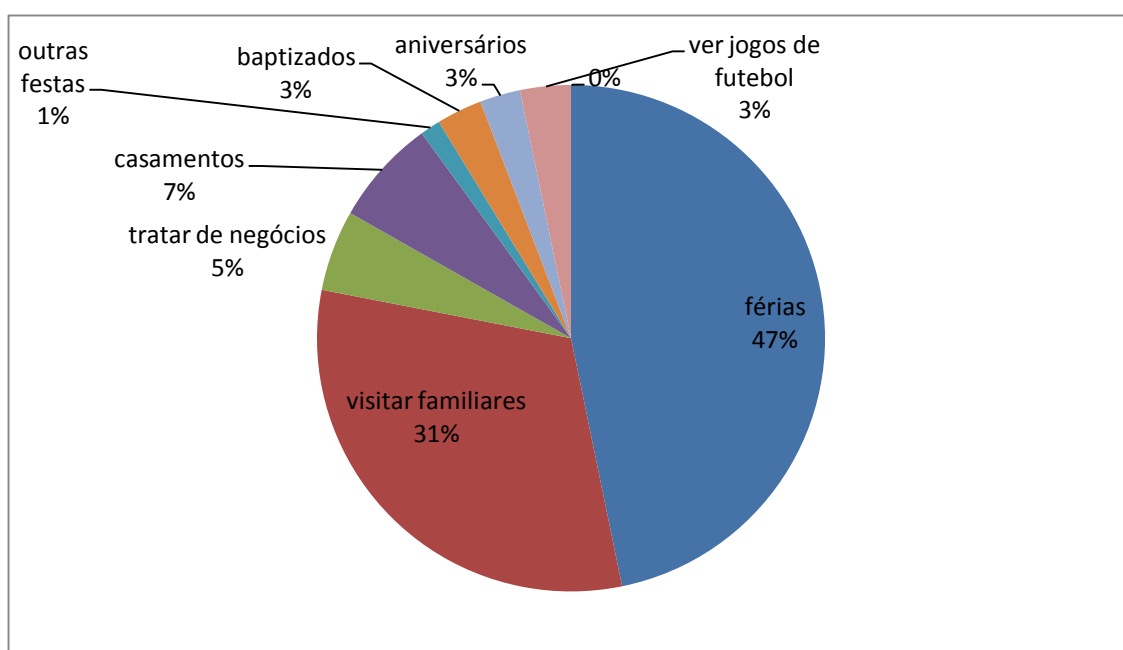
Confirma-se as duas principais razões que levam estes inquiridos a Portugal: passar férias e visitar familiares.

c) Motivos de deslocação a Portugal dos indivíduos que estão em França há menos de 10 anos



Tendência semelhante verificada no grupo anterior.

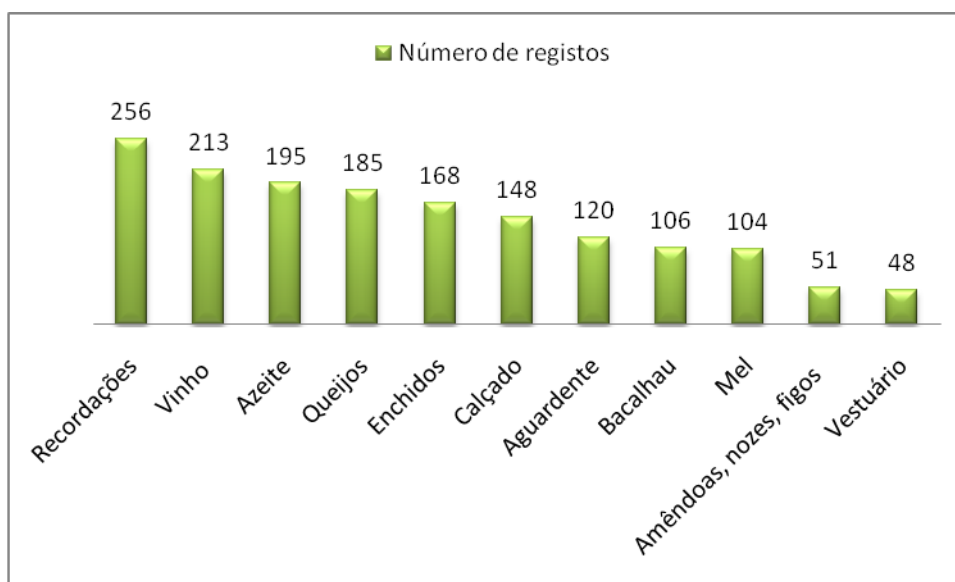
d) Motivos de deslocação a Portugal dos indivíduos que estão em França há mais de 30 anos



Confirma-se a tendência verificada nos grupos anteriores.

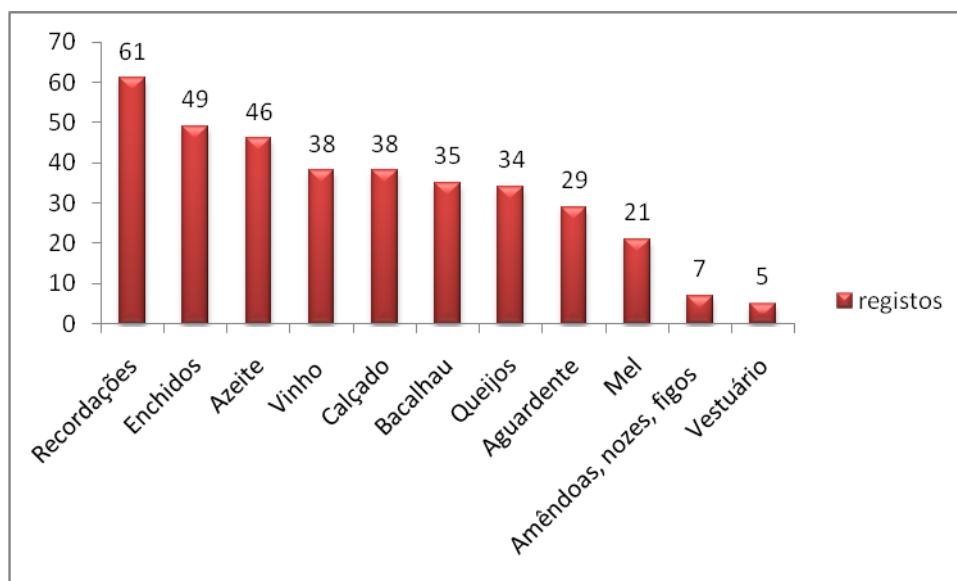
31- Produtos que transportam para França quando regressam de Portugal.

a) Produtos que os imigrantes transportam para França quando regressam de Portugal (geral).



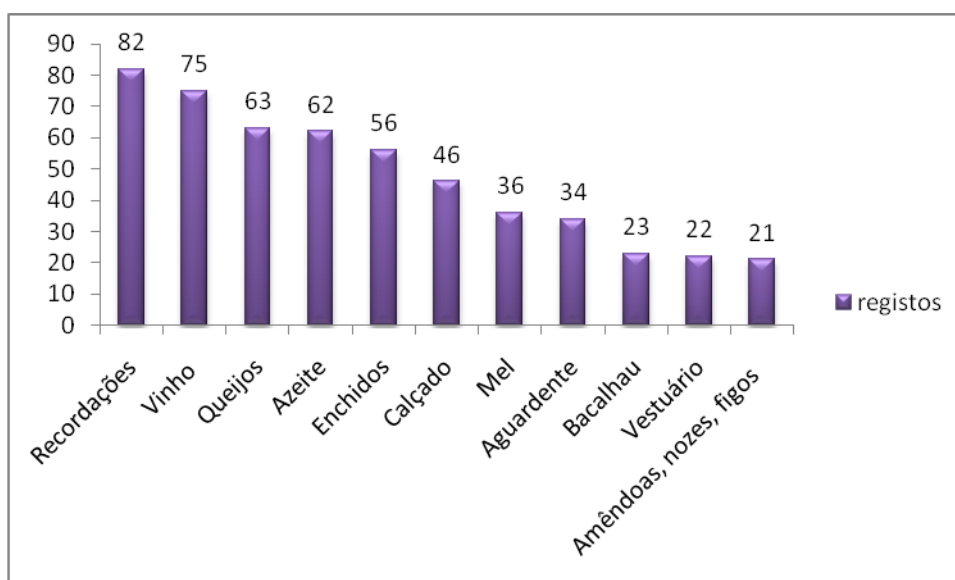
Constata-se que os portugueses continuam a transportar regularmente consigo uma grande diversidade de produtos que simbolizam a cultura portuguesa. Cerca de 470 indivíduos (92,8%) manifestam este tipo de práticas. Uma análise por grupos demonstra que esta percentagem baixa para 70% para os indivíduos com nacionalidade francesa e para 48% para os que nasceram em França. Os produtos preferidos são as recordações (para 50% dos indivíduos) e os produtos alimentares que simbolizam a gastronomia portuguesa como o vinho, o azeite e até o bacalhau para 1/5 dos mesmos (o motivo evocado passa muitas vezes pelo facto de ser mais barato em Portugal). Salienta-se também o transporte de calçado para 29% dos indivíduos. Menos relevância tem o transporte de frutos secos e vestuário.

- b) Produtos transportados pelos inquiridos que vivem em França há menos de 10 anos quando regressam de Portugal.



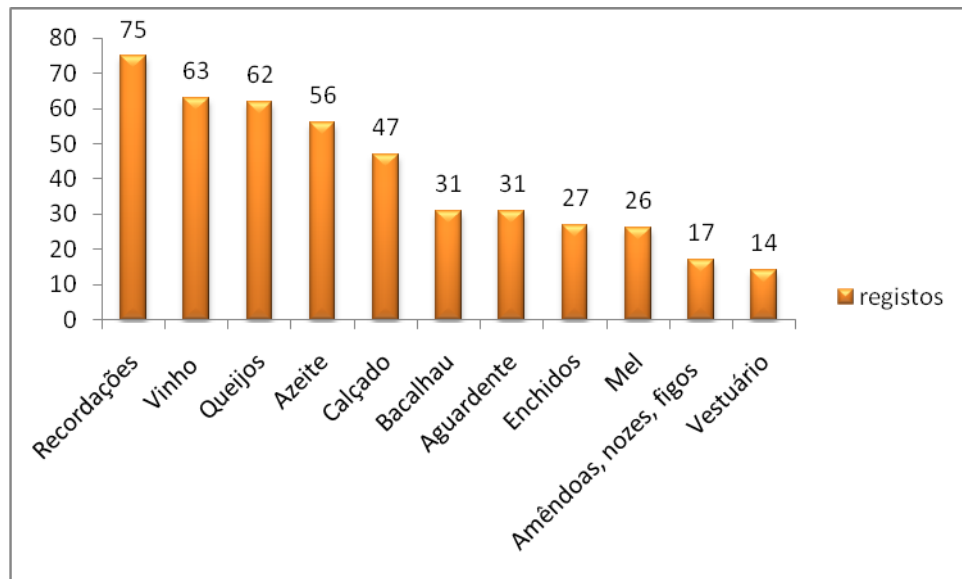
Predominam as recordações e seguidamente os produtos gastronómicos. Sobressai também o calçado.

- c) Produtos transportados pelos inquiridos que vivem em França há mais de 30 anos quando regressam de Portugal.



Predominam as recordações e seguidamente os produtos gastronómicos. Sobressai também o calçado.

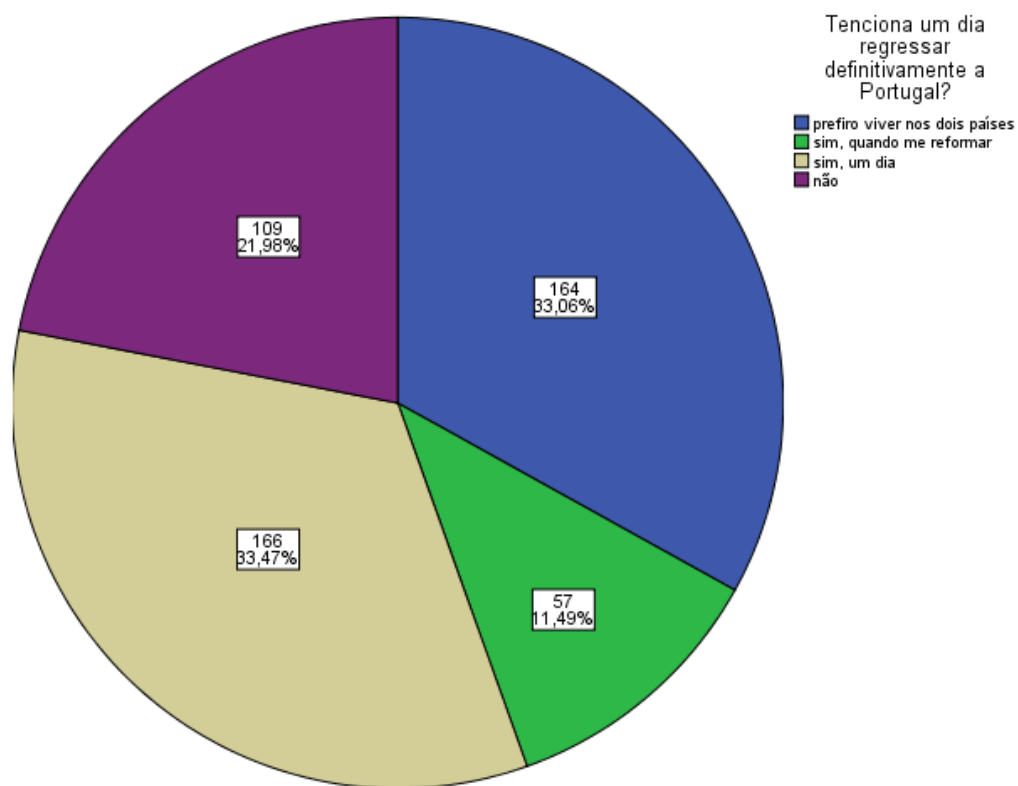
d) Produtos transportados pelos inquiridos com nacionalidade francesa quando regressam de Portugal.



Verificamos uma tendência muito semelhante à dos grupos anteriores que se caracteriza por uma grande diversidade de respostas.

32- Projecto de regresso definitivo a Portugal.

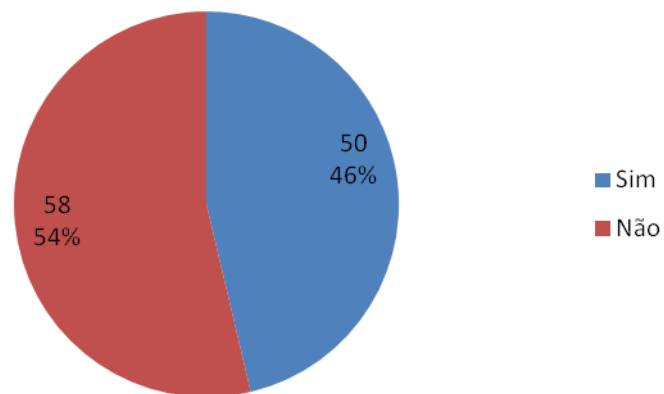
a) Projecto de regresso definitivo a Portugal (geral).



Como podemos constatar as opiniões em relação ao regresso definitivo a Portugal são variáveis. Todavia apenas 1/5 (22%) pensa nunca regressar. Os restantes pensam regressar um dia (33,5%), ou quando se reformar (11,5%). Estes números são interessantes pois indicam claramente que o projecto migratório não é forçosamente um longo ciclo que se conclui apenas quando se chega à reforma. Por outro lado cerca de 33% dos imigrantes (1/3) pensam viver entre os dois países. Este número confirma a tendência para uma residência em alternância referida por alguns investigadores. Estes números concluem que a ligação afectiva com o território de origem é muito importante para a comunidade portuguesa de Lyon.

b) Nacionalidade dos indivíduos que não tencionam regressar definitivamente a Portugal.

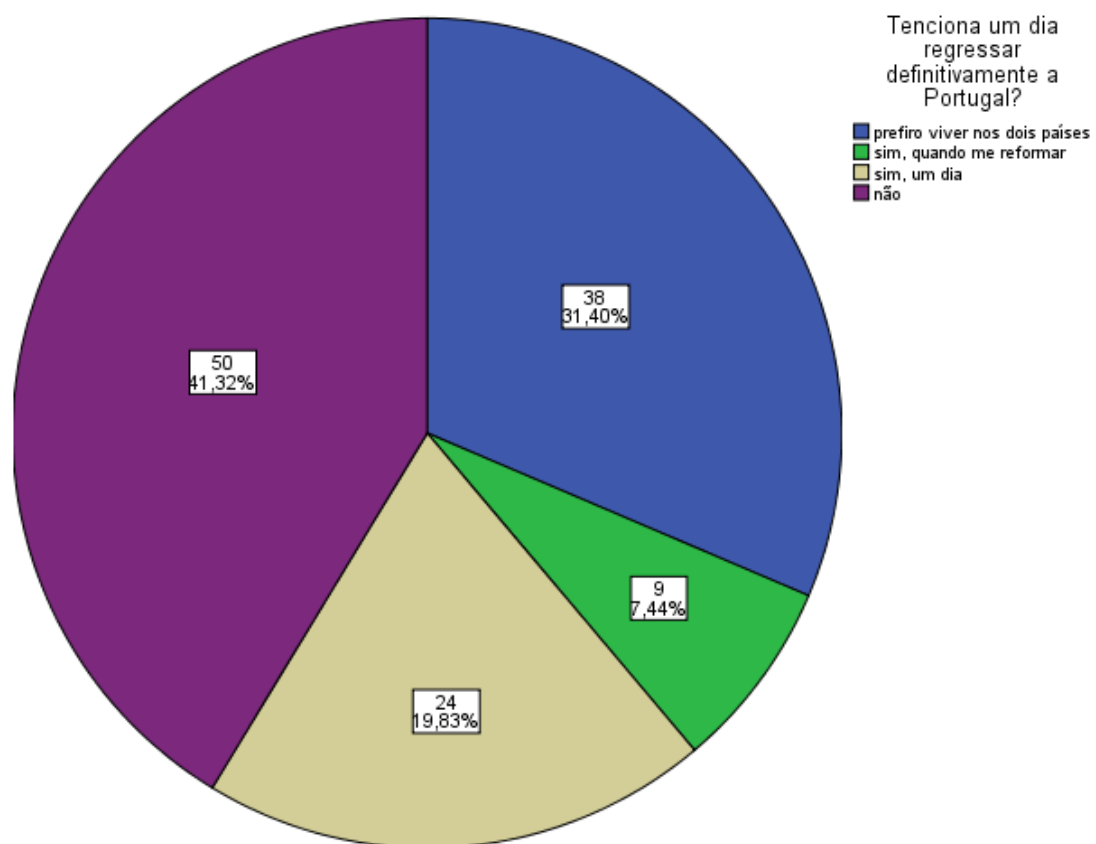
Nacionalidade francesa



Constatamos que, dentro dos indivíduos que não tencionam regressar, cerca de metade tem a nacionalidade francesa e a outra metade não a tem. É importante salientar que apenas 40,3% dos indivíduos que têm a nacionalidade francesa não querem regressar ou ir definitivamente para Portugal o que significa que a maioria continuará a manter laços com este país.

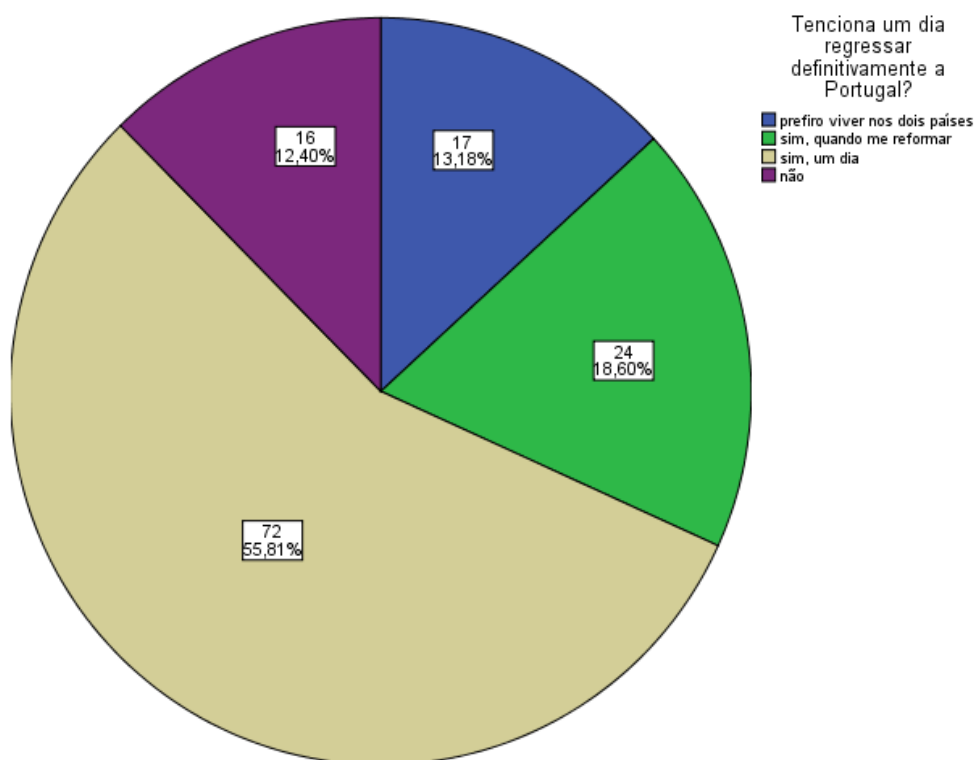
É interessante acrescentar que apenas 37 dos 111 indivíduos que nasceram em França não tencionam regressar a Portugal o que significa que mesmo para este grupo a ligação com o território de origem continua a ser muito intensa.

c) Projectos de regresso a Portugal dos indivíduos com nacionalidade francesa.



Este grupo reúne o maior número de pessoas que claramente afirmam não regressar a Portugal (41%). Todavia a maioria vai manter uma relação com o território de origem dos pais já que cerca de 31% dizem querer viver nos dois países e cerca de 20% até afirmam querer regressar.

d) Projectos de regresso a Portugal dos indivíduos que se encontram em França há menos de 10 anos



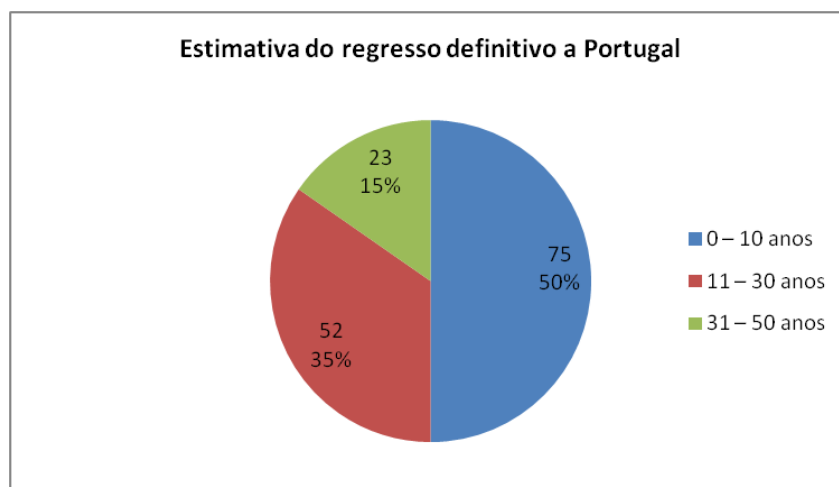
Mais de metade dos indivíduos tenciona regressar definitivamente a Portugal. Podemos pensar que o projecto migratório destes imigrantes é mais curto uma vez que não engloba toda a vida profissional. É relevante que cerca de 18,6% dos inquiridos também tencionam apenas regressar quando chegarem à reforma (projectos mais longos). Globalmente apenas 12,4% dos inquiridos não pretendem regressar definitivamente a Portugal.

e) Indivíduos que dizem regressarem um dia definitivamente a Portugal
em função do número de anos de residência em França

Esta tabela é reveladora já que 50% dos indivíduos que dizem voltar definitivamente a Portugal têm menos de 10 anos de estadia em França e 32% dos inquiridos dizem estar neste país há menos de 5 anos. Estes dados significam que os portugueses há menos tempo em França são aqueles que mais expressam a vontade de regressar definitivamente a Portugal. Nota-se uma tendência para projectos migratórios mais curtos para os inquiridos que residem há menos tempo neste país.

Anos	Frequência	%	% válida	% acumulada
1	10	6	6,7	6,7
2	9	5,4	6	12,7
3	12	7,2	8	20,7
4	8	4,8	5,3	26
5	9	5,4	6	32
6	12	7,2	8	40
7	6	3,6	4	44
8	5	3	3,3	47,3
9	1	0,6	0,7	48
10	3	1,8	2	50
11	1	0,6	0,7	50,7
12	2	1,2	1,3	52
13	2	1,2	1,3	53,3
14	4	2,4	2,7	56
15	2	1,2	1,3	57,3
16	3	1,8	2	59,3
17	2	1,2	1,3	60,7
18	3	1,8	2	62,7
19	5	3	3,3	66
20	11	6,6	7,3	73,3
21	6	3,6	4	77,3
22	4	2,4	2,7	80
23	1	0,6	0,7	80,7
24	1	0,6	0,7	81,3
26	1	0,6	0,7	82
28	1	0,6	0,7	82,7
29	2	1,2	1,3	84
30	1	0,6	0,7	84,7
31	2	1,2	1,3	86
33	4	2,4	2,7	88,7
34	1	0,6	0,7	89,3
35	2	1,2	1,3	90,7
36	2	1,2	1,3	92
37	1	0,6	0,7	92,7
38	2	1,2	1,3	94
39	4	2,4	2,7	96,7
40	2	1,2	1,3	98
41	1	0,6	0,7	98,7
42	1	0,6	0,7	99,3
44	1	0,6	0,7	100
Total	150	90,4	100	
System	16	9,6		
	166	100		

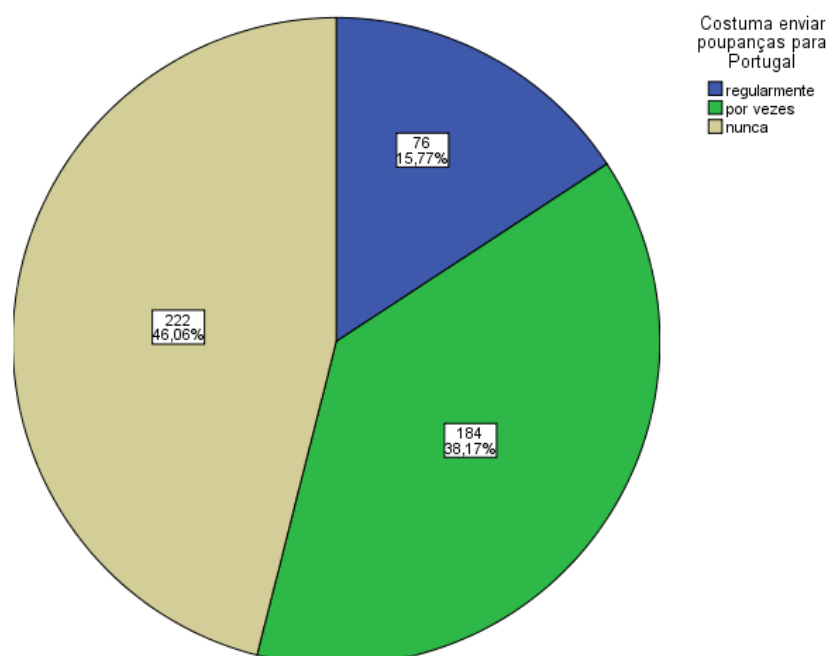
- f) Estimativa de regresso (em anos) dos indivíduos que dizem regressar definitivamente a Portugal.



Cerca de metade dos indivíduos que dizem regressar a Portugal definitivamente pretendem fazê-lo dentro de 10 anos. Os restantes têm um projecto de regresso muito mais distante.

33- Transferências financeiras (remessas) para Portugal.

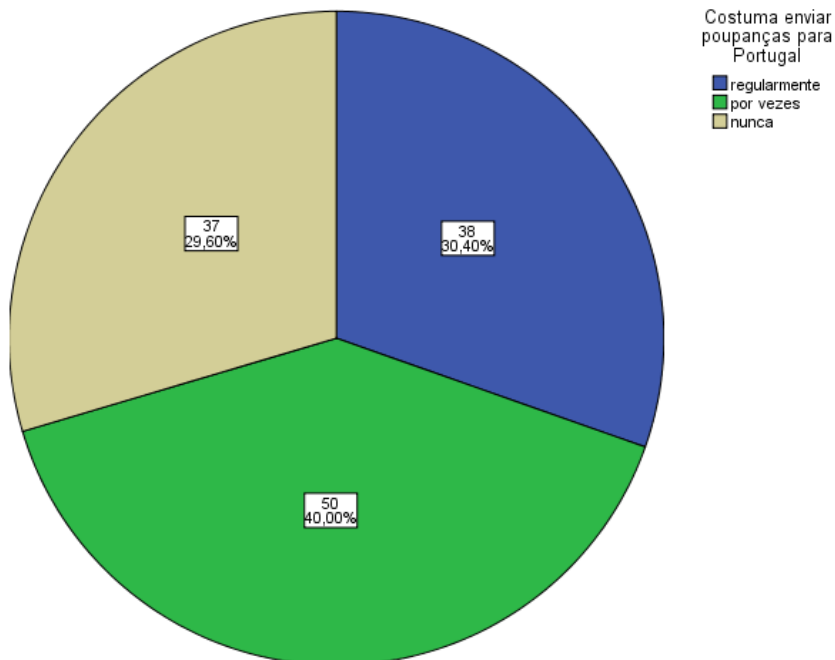
- a) Transferências financeiras para Portugal (geral).



Globalmente as transferências financeiras para Portugal ainda são importantes visto que mais de metade dos imigrantes enviam remessas para Portugal. Todavia, apenas 15,7% dos indivíduos dizem enviar poupanças de modo

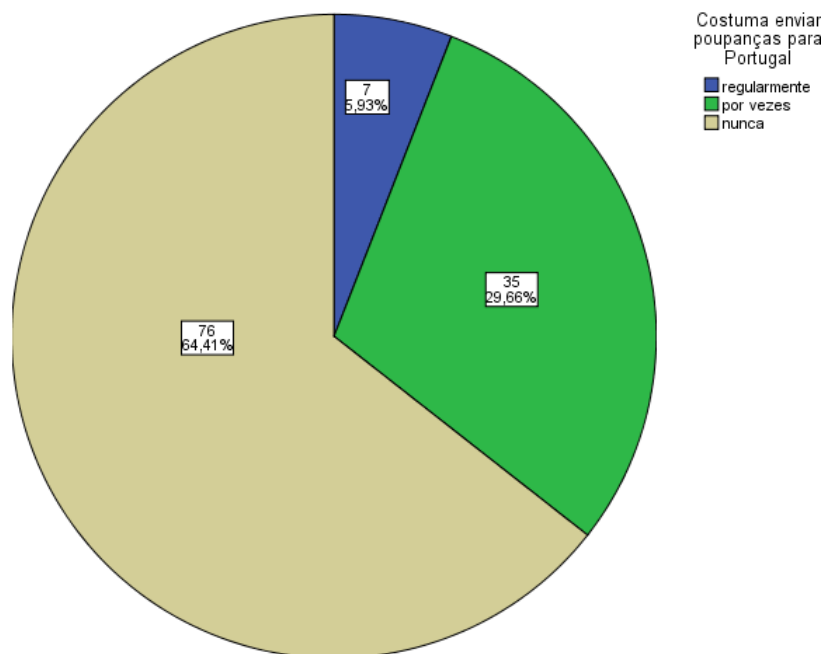
regular. Podemos afirmar que estamos perante uma situação de transnacionalismo financeiro/económico.

b) Remessas para Portugal dos indivíduos que residem em França há menos de 10 anos.



Confirma-se a tendência de envio de remessas para Portugal para cerca de 70% dos inquiridos. Os primeiros anos de fixação são aqueles em que os imigrantes mais poupam e enviam mais remessas para os países de origem.

c) Remessas para Portugal dos indivíduos com a nacionalidade francesa



A diferença face ao gráfico anterior é notória já que os inquiridos com a nacionalidade francesa enviam bem menos remessas para Portugal devido ao seu menor grau de relacionamento com o mesmo.

d) Indivíduos que nunca enviam remessas para Portugal em função do tempo de residência em França.

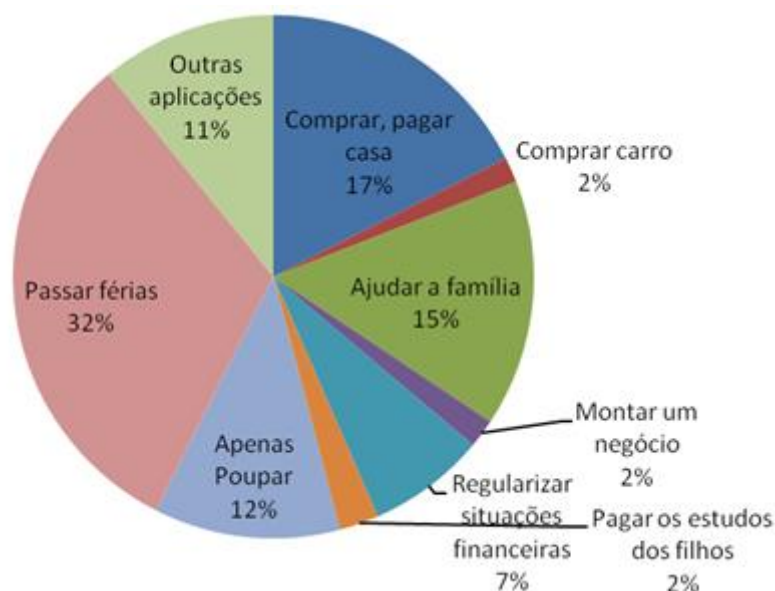
A tabela é reveladora visto que apenas 20% dos que chegaram nos últimos 10 anos não enviam dinheiro para Portugal. Ao constatararmos que cerca de 80% dos indivíduos que nunca enviam remessas para Portugal têm mais de 10 anos de residência em França, confirma-se a tendência de que à medida que aumenta o número de anos de residência neste país, aumenta também o número de indivíduos que menos remessas enviam.

Anos	Frequência	%	% válida	% acumulada
1	7	3,2	3,5	3,5
2	4	1,8	2	5,5
3	3	1,4	1,5	7
4	5	2,3	2,5	9,5
5	4	1,8	2	11,6
6	4	1,8	2	13,6
7	5	2,3	2,5	16,1
8	2	0,9	1	17,1
9	3	1,4	1,5	18,6
10	3	1,4	1,5	20,1
11	3	1,4	1,5	21,6
12	1	0,5	0,5	22,1
13	1	0,5	0,5	22,6
14	2	0,9	1	23,6
15	2	0,9	1	24,6
16	2	0,9	1	25,6
17	4	1,8	2	27,6
18	8	3,6	4	31,7
19	5	2,3	2,5	34,2
20	3	1,4	1,5	35,7
21	7	3,2	3,5	39,2
22	11	5	5,5	44,7
23	4	1,8	2	46,7
25	3	1,4	1,5	48,2
26	4	1,8	2	50,3
28	6	2,7	3	53,3
29	4	1,8	2	55,3
30	6	2,7	3	58,3
31	5	2,3	2,5	60,8
33	6	2,7	3	63,8
34	2	0,9	1	64,8
35	4	1,8	2	66,8
36	5	2,3	2,5	69,3
37	5	2,3	2,5	71,9
38	8	3,6	4	75,9
39	9	4,1	4,5	80,4
40	12	5,4	6	86,4
41	6	2,7	3	89,4
42	8	3,6	4	93,5
43	3	1,4	1,5	95
44	4	1,8	2	97
45	3	1,4	1,5	98,5
46	1	0,5	0,5	99
50	1	0,5	0,5	99,5
55	1	0,5	0,5	100
Total	199	89,6	100	
System	23	10,4		
	222	100		

34- Destino das remessas enviadas para Portugal.

a) Destino das remessas enviadas para Portugal (geral)

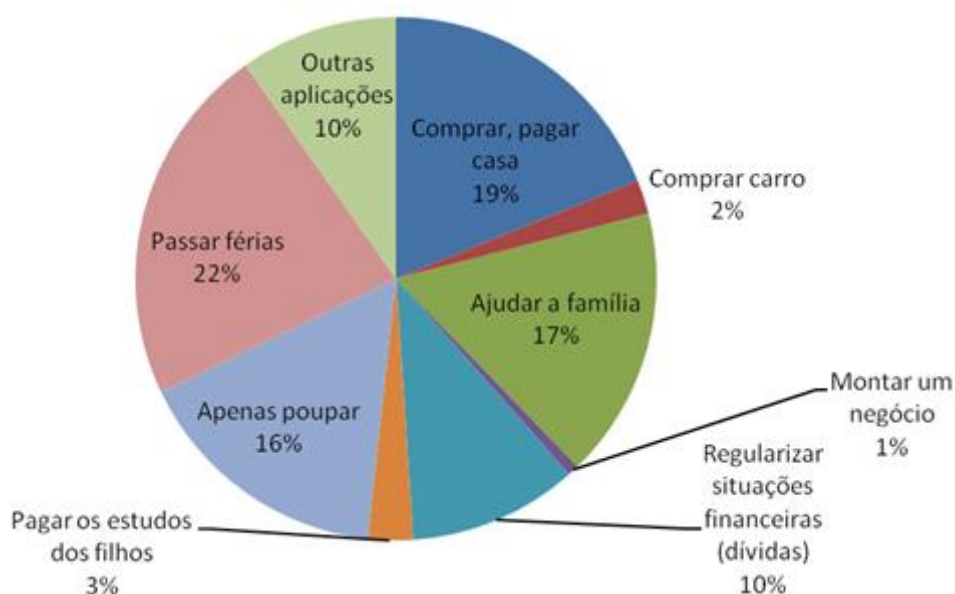
(grupo de 260 indivíduos que envia remessas)	Frequência
Passar férias	143
Comprar, pagar casa	79
Ajudar a família	69
Apenas poupar	52
Outras aplicações	49
Regularizar situações financeiras (dívidas)	33
Pagar os estudos dos filhos	11
Montar um negócio	8
Comprar carro	7



As remessas destinam-se essencialmente para passar férias (mais de metade dos indivíduos que dizem enviar dinheiro), para comprar/ pagar casa, para ajudar a família ou simplesmente poupar e regularizar situações financeiras. Os resultados são pouco expressivos quando se trata de comprar carro e pagar os estudos dos filhos, embora este último item possa ser interpretado como sendo um apoio à família. Praticamente irrelevantes são as remessas que se destinam para montar um negócio.

- b) Destino das remessas enviadas para Portugal para os indivíduos que residem em França há menos de 10 anos.

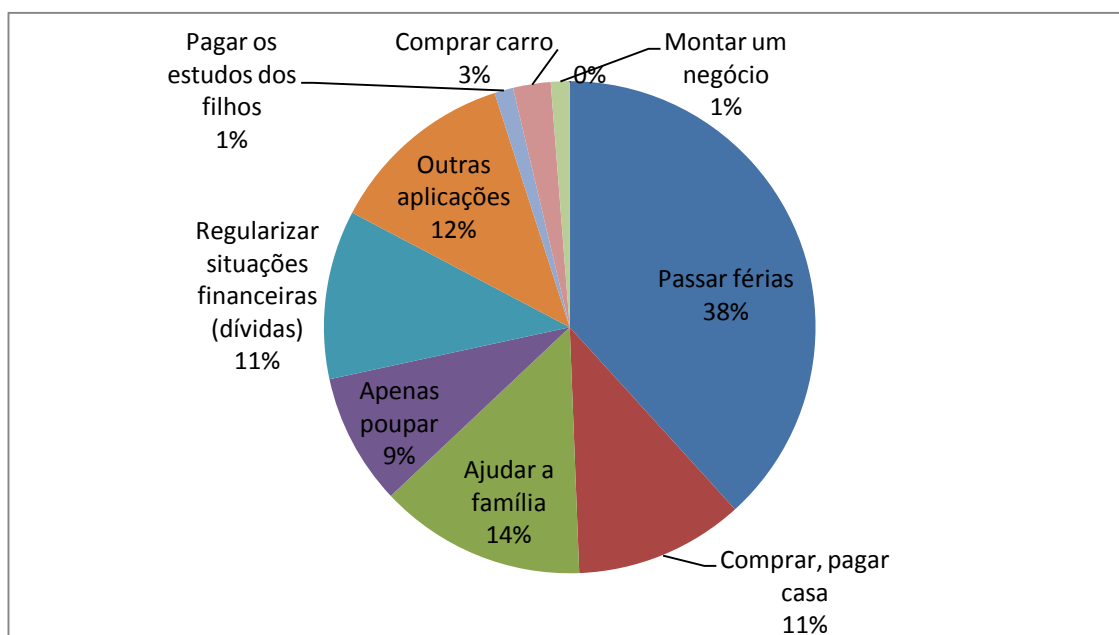
(grupo de 88 indivíduos que envia remessas)	Frequência
Passar férias	32
Comprar, pagar casa	27
Ajudar a família	24
Apenas poupar	23
Regularizar situações financeiras (dívidas)	15
Outras aplicações	14
Pagar os estudos dos filhos	4
Comprar carro	3
Montar um negócio	1



Relativamente ao grupo dos inquiridos em geral, apesar de as prioridades em termos do envio das remessas serem geralmente as mesmas, destacamos, todavia, que aumenta a percentagem de remessas destinadas para comprar/pagar casa, apoiar a família, poupar ou então regularizar situações financeiras. É significativo o número de pessoas (15 num grupo de 88 ou seja 17%) que costuma enviar remessas para Portugal com o objectivo de regularizar situações financeiras.

c) Destino das remessas enviadas para Portugal para os indivíduos de nacionalidade francesa.

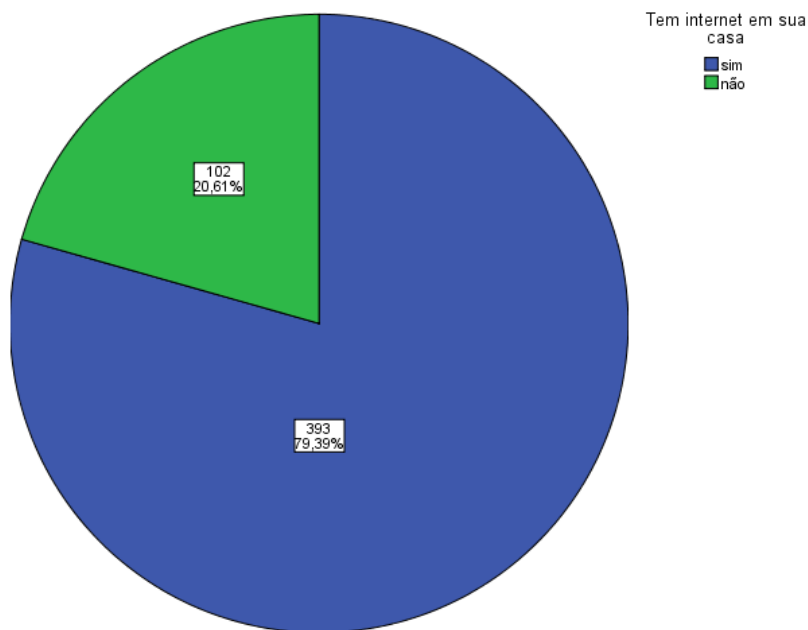
(grupo de 42 indivíduos que envia remessas)	Frequência
Passar férias	31
Comprar, pagar casa	9
Ajudar a família	11
Apenas poupar	7
Regularizar situações financeiras (dívidas)	9
Outras aplicações	10
Pagar os estudos dos filhos	1
Comprar carro	2
Montar um negócio	1



As remessas destinam-se fundamentalmente para passar férias mas também para ajudar a família, comprar ou pagar casa e outras aplicações.

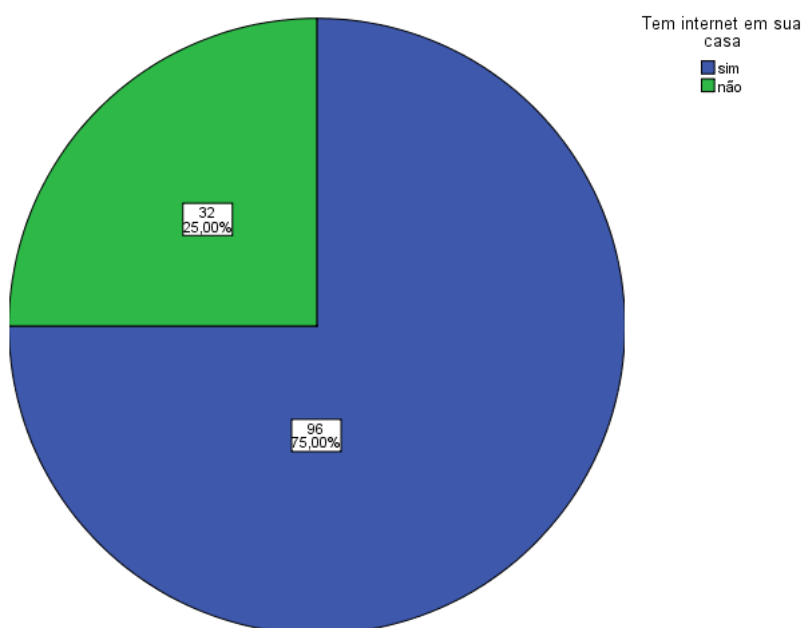
35- Utilização das novas tecnologias de informação (Internet)

- a) Disponibilidade do serviço de internet ao domicílio do imigrante (geral).



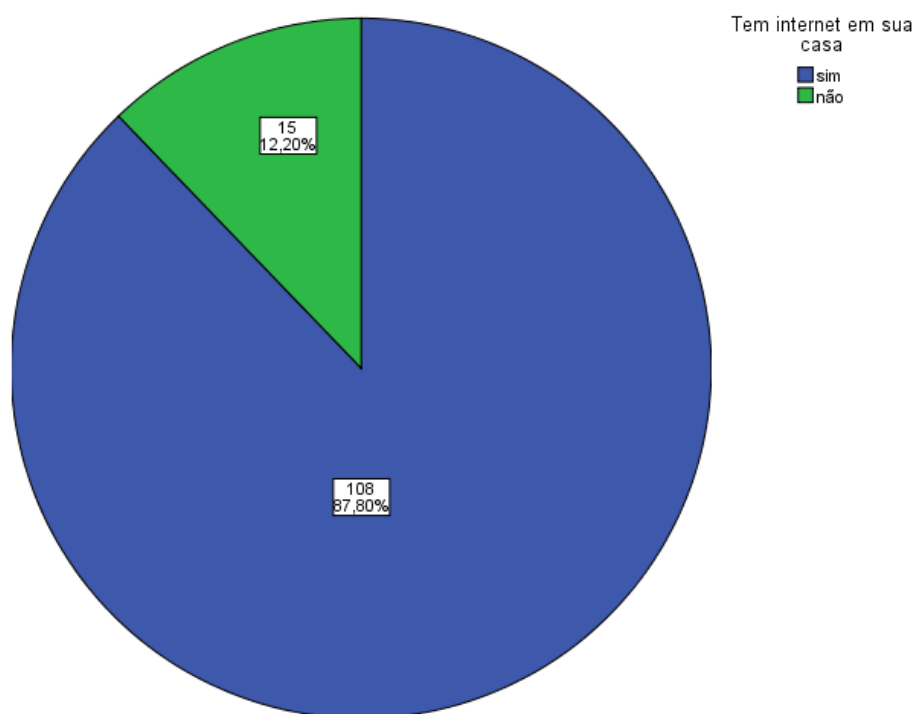
Os números são inequívocos pois uma grande maioria dos inquiridos tem internet em casa. A internet tornou-se um meio poderoso de comunicação nas comunidades migrantes.

- b) Disponibilidade do serviço de internet ao domicílio do imigrante que reside em França há menos de 10 anos.



A percentagem dos que têm internet ao domicílio continua elevada.

c) Disponibilidade do serviço de internet ao domicílio dos inquiridos com nacionalidade francesa.



A percentagem de portugueses com nacionalidade francesa que tem internet em casa é superior à dos restantes grupos. Cerca de 76% dos indivíduos que têm apenas a nacionalidade portuguesa têm internet em casa.

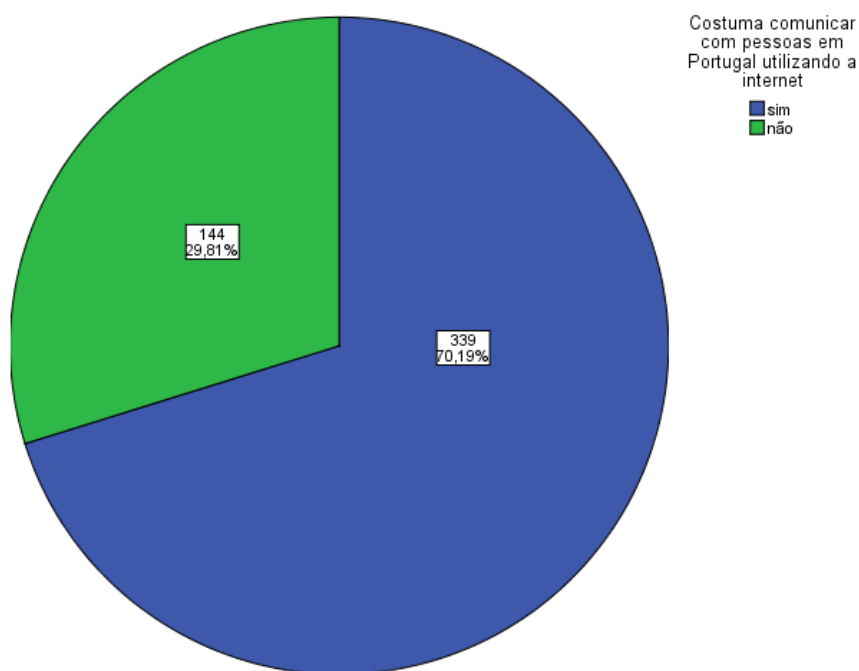
d) Inquiridos com internet ao domicílio em função da idade.

Constatamos que 50% dos indivíduos que têm internet em casa têm menos de 37 anos e 83,9% menos de 50 anos.

Idade	Frequência	%	% válida	% acumulada
18	11	2,8	2,8	2,8
19	8	2	2	4,8
20	6	1,5	1,5	6,4
21	9	2,3	2,3	8,7
22	12	3,1	3,1	11,7
23	9	2,3	2,3	14
24	15	3,8	3,8	17,9
25	10	2,5	2,6	20,4
26	8	2	2	22,4
27	10	2,5	2,6	25
28	12	3,1	3,1	28,1
29	8	2	2	30,1
30	14	3,6	3,6	33,7
31	5	1,3	1,3	34,9
32	7	1,8	1,8	36,7
33	14	3,6	3,6	40,3
34	9	2,3	2,3	42,6
35	8	2	2	44,6
36	13	3,3	3,3	48
37	9	2,3	2,3	50,3
38	7	1,8	1,8	52
39	12	3,1	3,1	55,1
40	16	4,1	4,1	59,2
41	7	1,8	1,8	61
42	12	3,1	3,1	64
43	10	2,5	2,6	66,6
44	6	1,5	1,5	68,1
45	10	2,5	2,6	70,7
46	10	2,5	2,6	73,2
47	11	2,8	2,8	76
48	13	3,3	3,3	79,3
49	7	1,8	1,8	81,1
50	11	2,8	2,8	83,9
51	3	0,8	0,8	84,7
52	5	1,3	1,3	86
53	6	1,5	1,5	87,5
54	6	1,5	1,5	89
55	5	1,3	1,3	90,3
56	4	1	1	91,3
57	2	0,5	0,5	91,8
58	5	1,3	1,3	93,1
59	12	3,1	3,1	96,2
60	3	0,8	0,8	96,9
61	3	0,8	0,8	97,7
62	1	0,3	0,3	98
63	4	1	1	99
66	1	0,3	0,3	99,2
67	1	0,3	0,3	99,5
68	1	0,3	0,3	99,7
70	1	0,3	0,3	100
Total	392	99,7	100	
System	1	0,3		
	393	100		

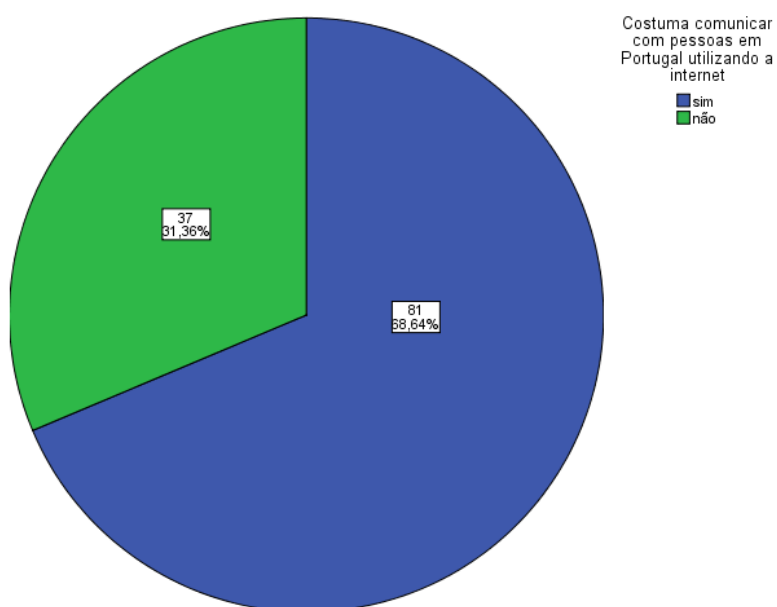
36- Comunicação com Portugal utilizando a internet.

a) Comunicação com Portugal utilizando a internet (geral).



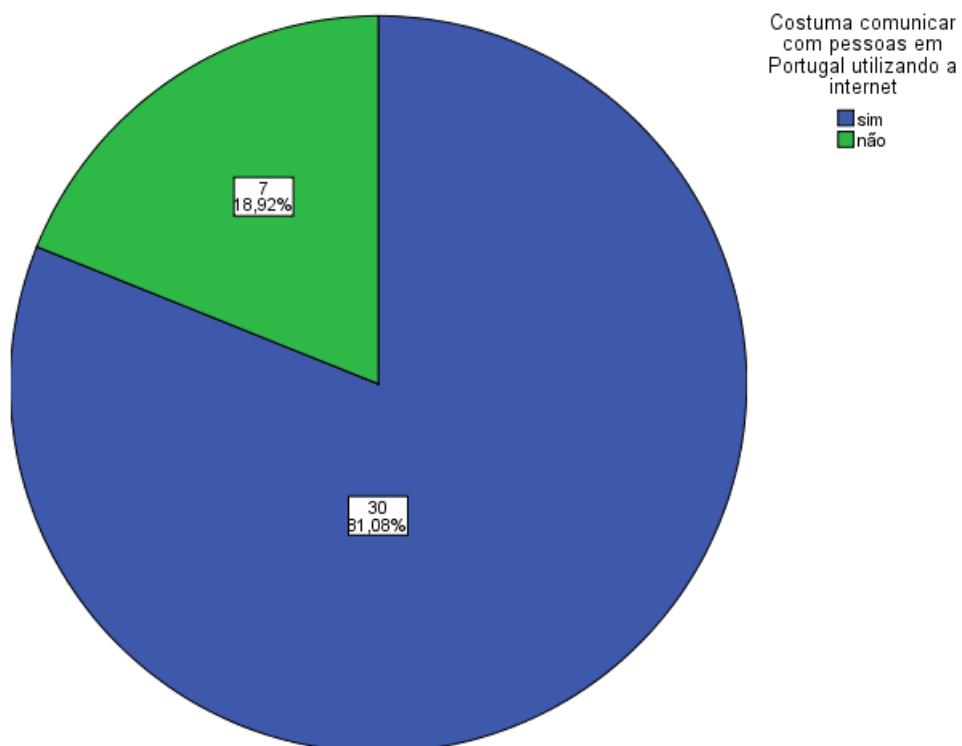
Este gráfico ilustra a intensa comunicação que os imigrantes portugueses estabelecem com Portugal, recorrendo à Internet.

b) Comunicação com Portugal utilizando a internet para os indivíduos de nacionalidade francesa.



A percentagem de pessoas que comunica com Portugal é significativa.

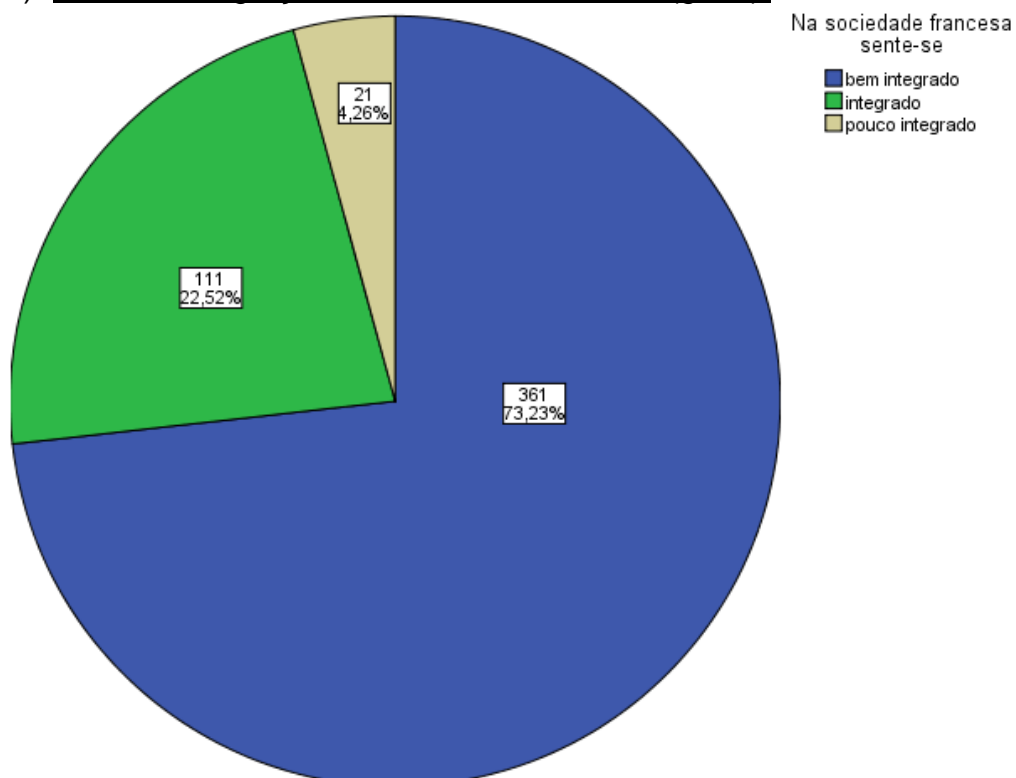
c) Comunicação com Portugal utilizando a internet para os indivíduos que residem em França há menos de 3 anos.



As pessoas que chegaram mais recentemente também recorrem maioritariamente à internet para comunicar com pessoas em Portugal.

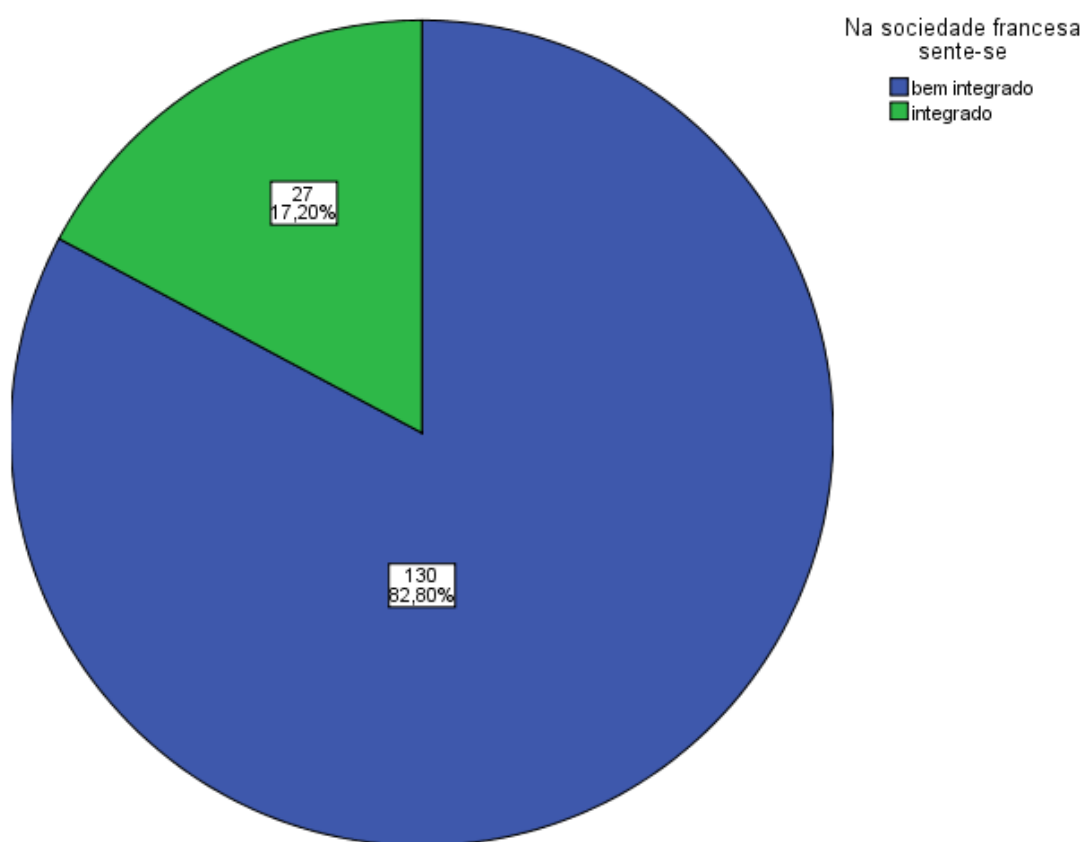
37- Nível de integração na sociedade francesa.

a) Nível de integração na sociedade francesa (geral).



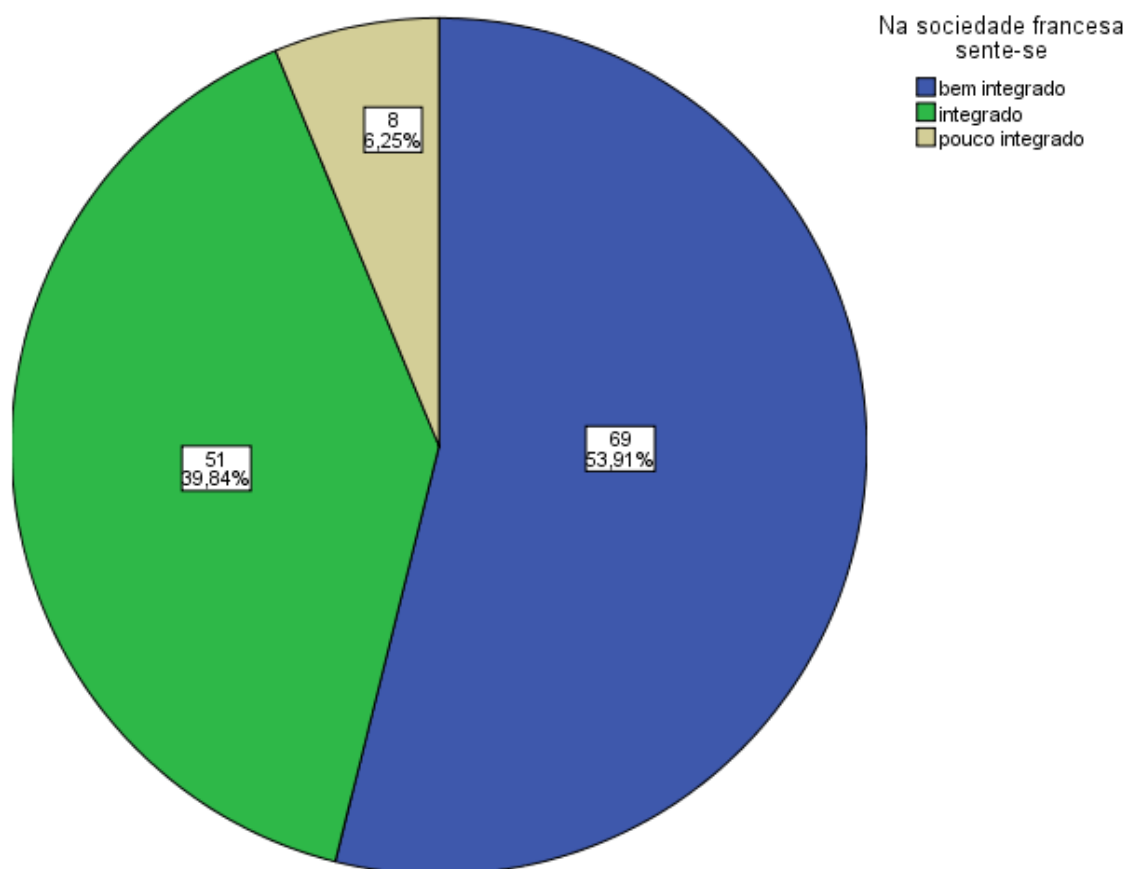
O gráfico confirma um elevado nível de integração na sociedade francesa para o conjunto dos inquiridos. Apenas uma pequena parte dos inquiridos revela não se sentir bem integrado na sociedade. Referimos também que os inquiridos que têm apenas a nacionalidade portuguesa revelam tendências idênticas às deste gráfico.

b) Nível de integração na sociedade francesa para os indivíduos que vivem em França há mais de 30 anos.



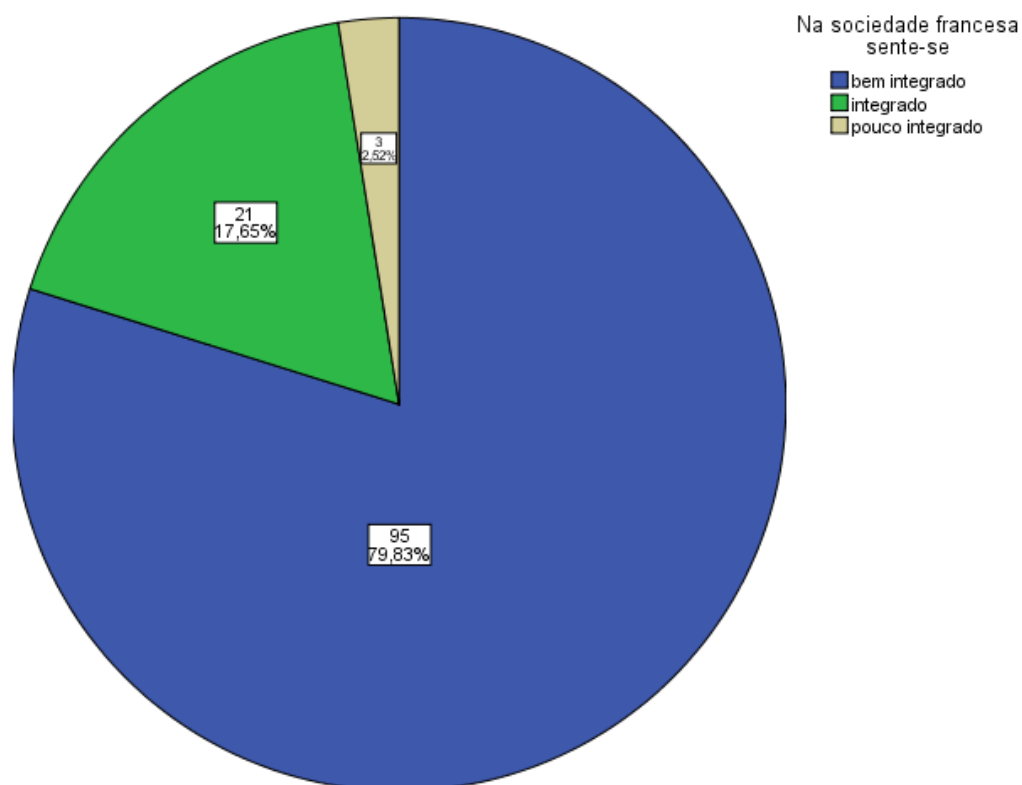
Os imigrantes das primeiras gerações revelam um elevadíssimo grau de integração na sociedade francesa uma vez que 82% dos mesmos dizem sentir-se bem integrados. Este grupo revela o mais elevado nível de integração de todos os grupos aqui analisados.

c) Nível de integração na sociedade francesa para os indivíduos que vivem em França há menos de 10 anos.



Relativamente ao gráfico anterior, neste sobressaem algumas diferenças. Apesar do grau de integração ser considerado bom, a percentagem de indivíduos que dizem sentir-se bem integrados desce para 53,9%, enquanto que a percentagem dos que dizem sentir-se apenas integrados aumenta para 39,8%. A percentagem de pessoas que dizem sentir-se pouco integradas é aqui mais expressiva, embora continue bastante baixa (6,2%). Estes resultados demonstram uma boa integração na sociedade francesa, mas, como seria de esperar, as gerações mais antigas tiveram mais tempo para aperfeiçoar o processo de integração.

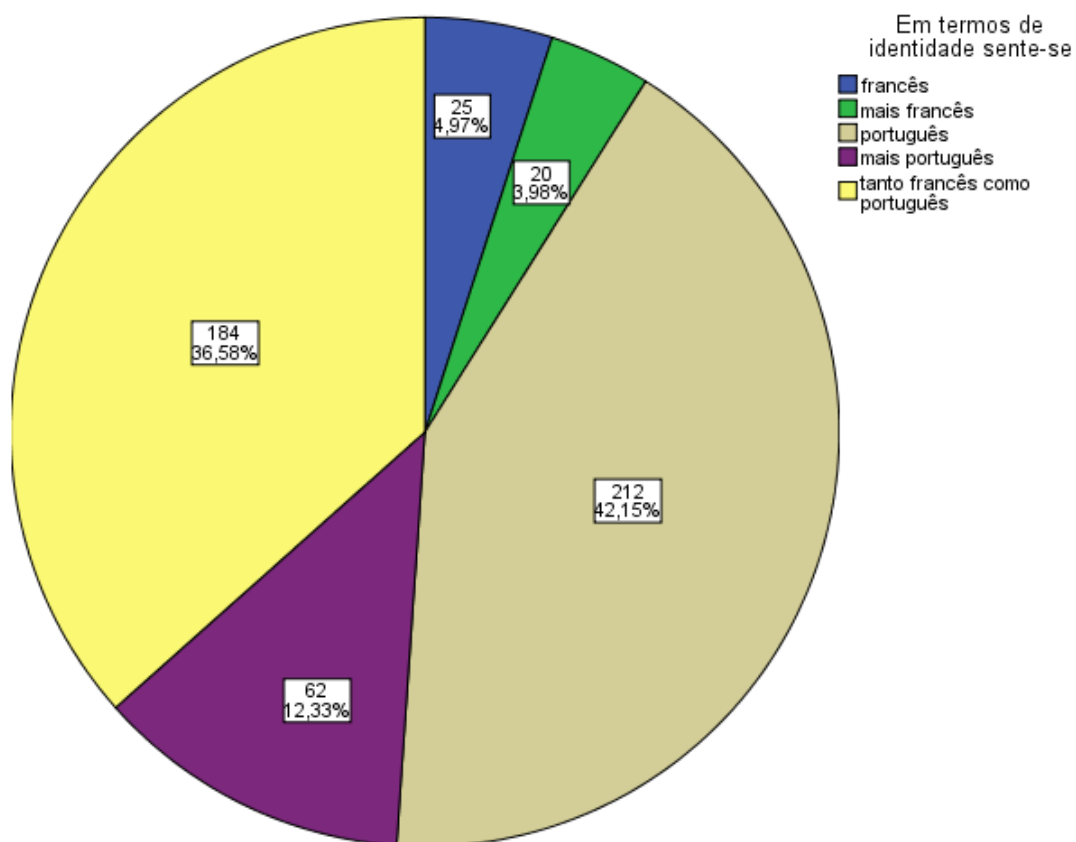
d) Nível de integração na sociedade francesa para os indivíduos com a nacionalidade francesa.



Os indivíduos que têm a nacionalidade francesa demonstram também um elevado grau de integração na sociedade francesa. Se tivermos em conta os resultados de alguns grupos anteriores, também esperaríamos que o factor nacionalidade tornasse os números ainda mais expressivos. Deduzimos então que o facto de ter a nacionalidade francesa não seja suficiente em si para revelar uma boa integração na sociedade e compreendemos, como tal, que outros factores mais subjectivos contribuam para a integração de um indivíduo numa sociedade.

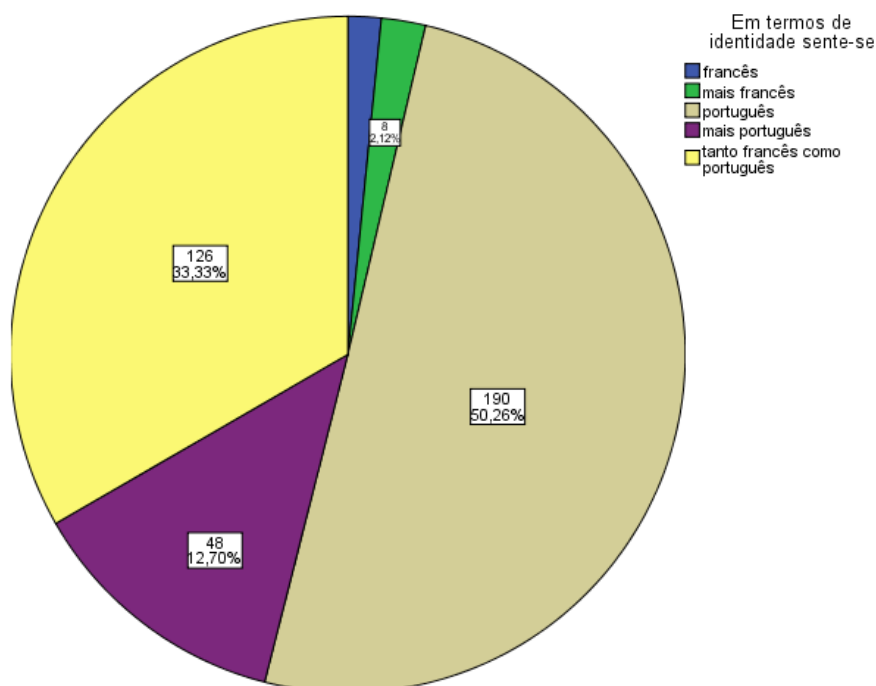
38- Identificação relativamente à nacionalidade.

a) Identificação relativamente à nacionalidade (geral).



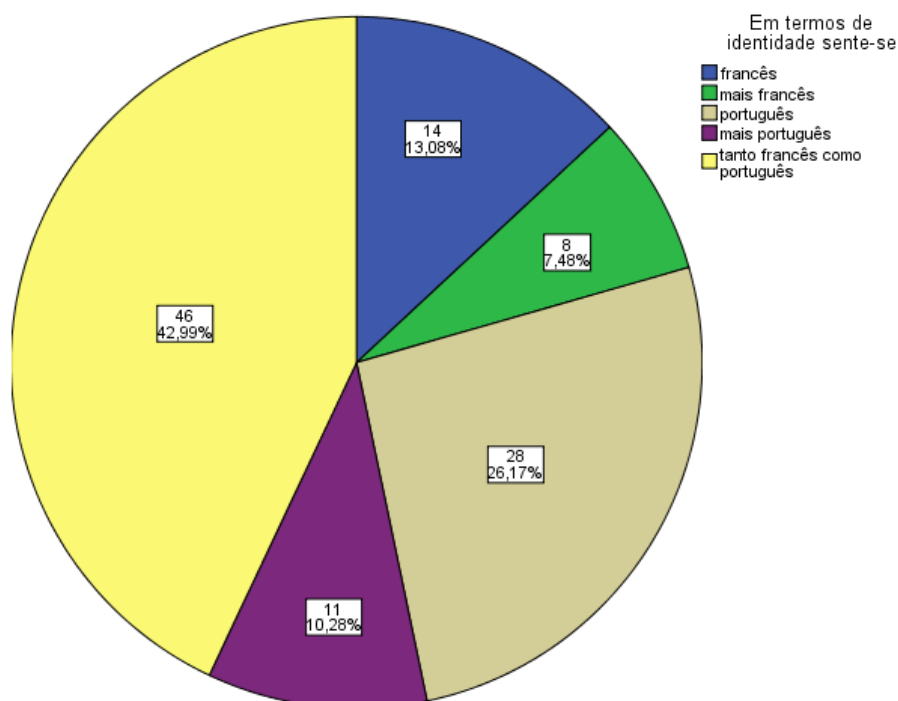
O gráfico evidencia uma diversidade de situações perante a nacionalidade. Mais de metade dos indivíduos manifesta-se claramente como sendo português ou mais português (54,5%). Também interessante é de constatar que 36,5% dos inquiridos sentem-se partilhados entre as duas nacionalidades. É de registar que apenas uma pequena percentagem se sente francês ou mais francês.

b) Identificação relativamente à nacionalidade para os indivíduos com nacionalidade portuguesa.



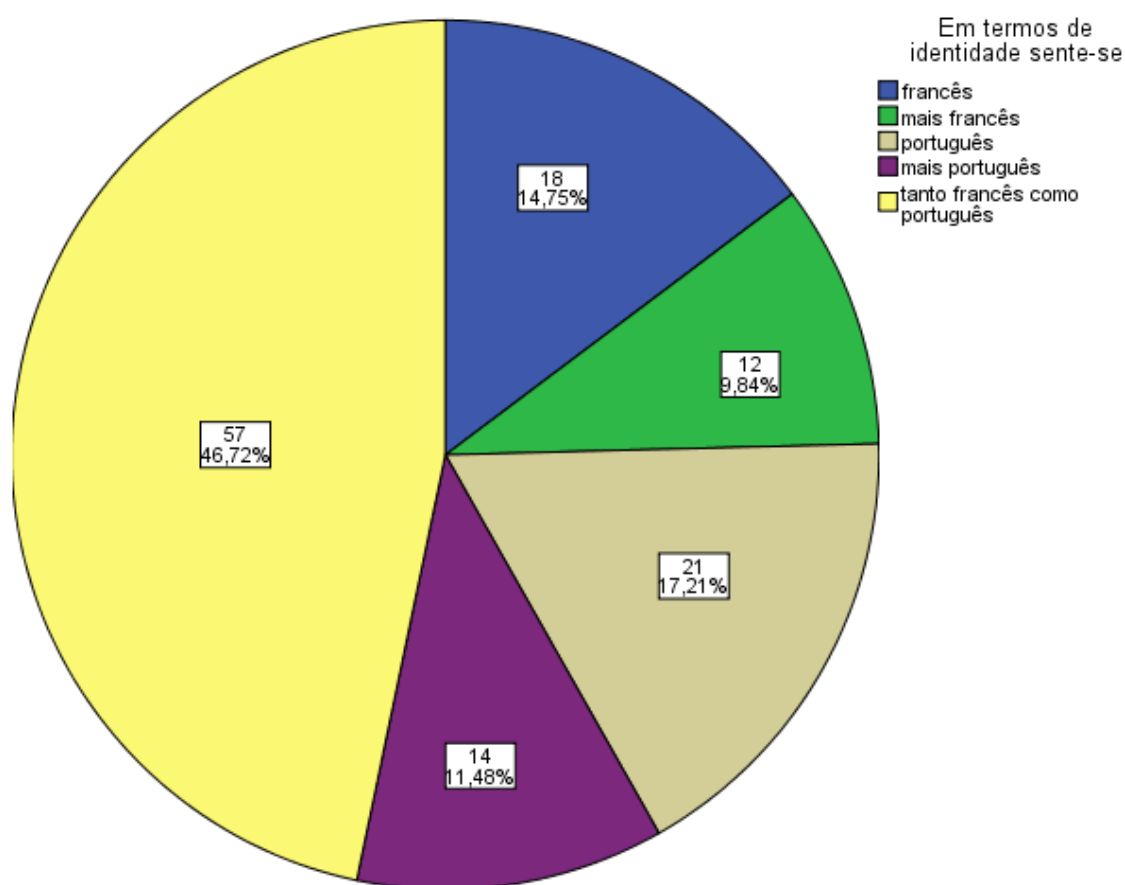
Quase 2/3 dos indivíduos que tem a nacionalidade portuguesa se sente português ou mais português. Um terço sente-se dividido entre as duas nacionalidades. Os dados restantes são pouco significativos.

c) Identificação relativamente à nacionalidade para os indivíduos que nasceram em França.



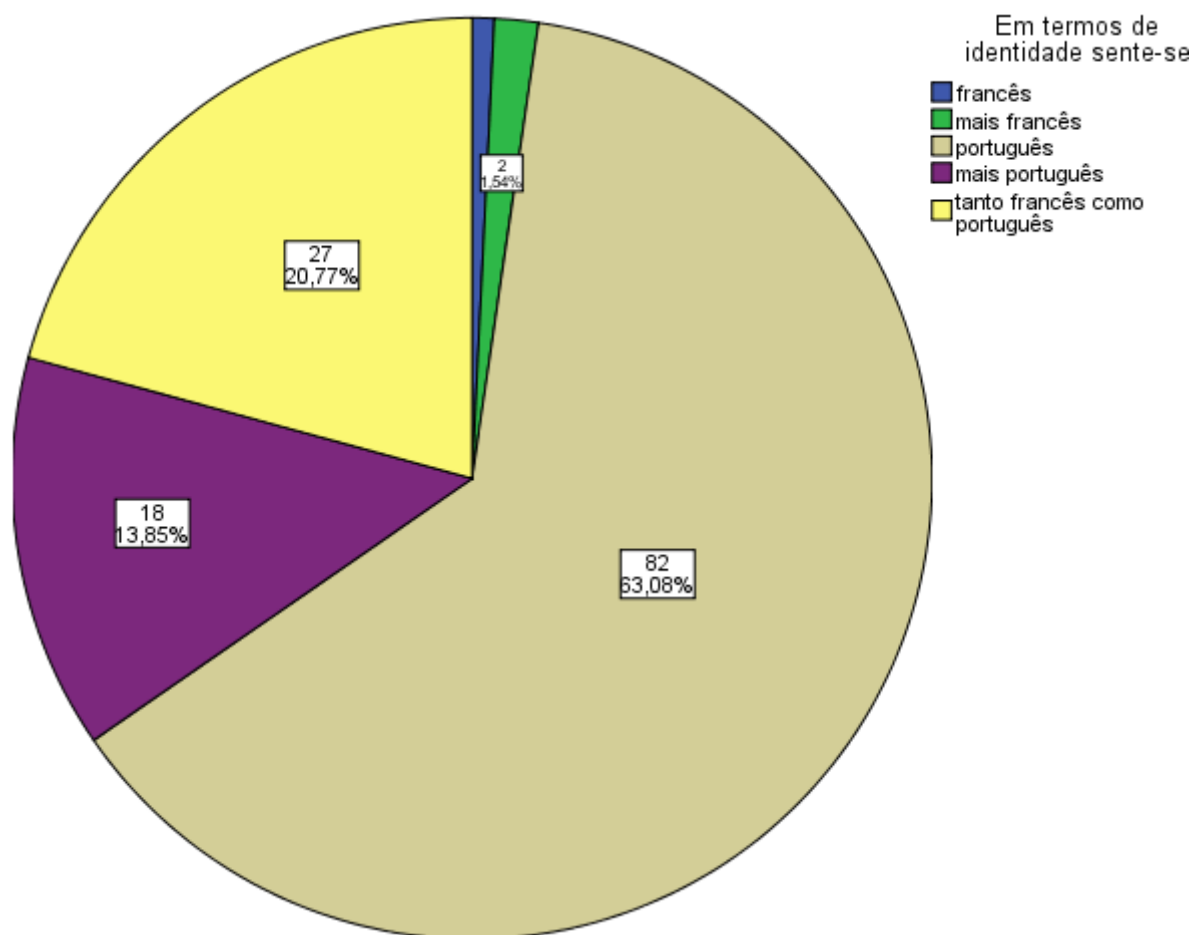
Notamos algumas diferenças significativas em relação ao gráfico anterior. Os que se sentem portugueses ou mais portugueses são agora minoritários, uma vez que prevalece o grupo de pessoas que se sente dividido pelas duas nacionalidades. Aqui também registamos de entre os três grupos o maior número de pessoas que se sente francês ou mais francês o que se compreende mais facilmente se tivermos em conta que se trata de pessoas que nasceram em França e que deste modo se identificam mais com este país.

d) Identificação relativamente à nacionalidade para os indivíduos com a nacionalidade francesa.



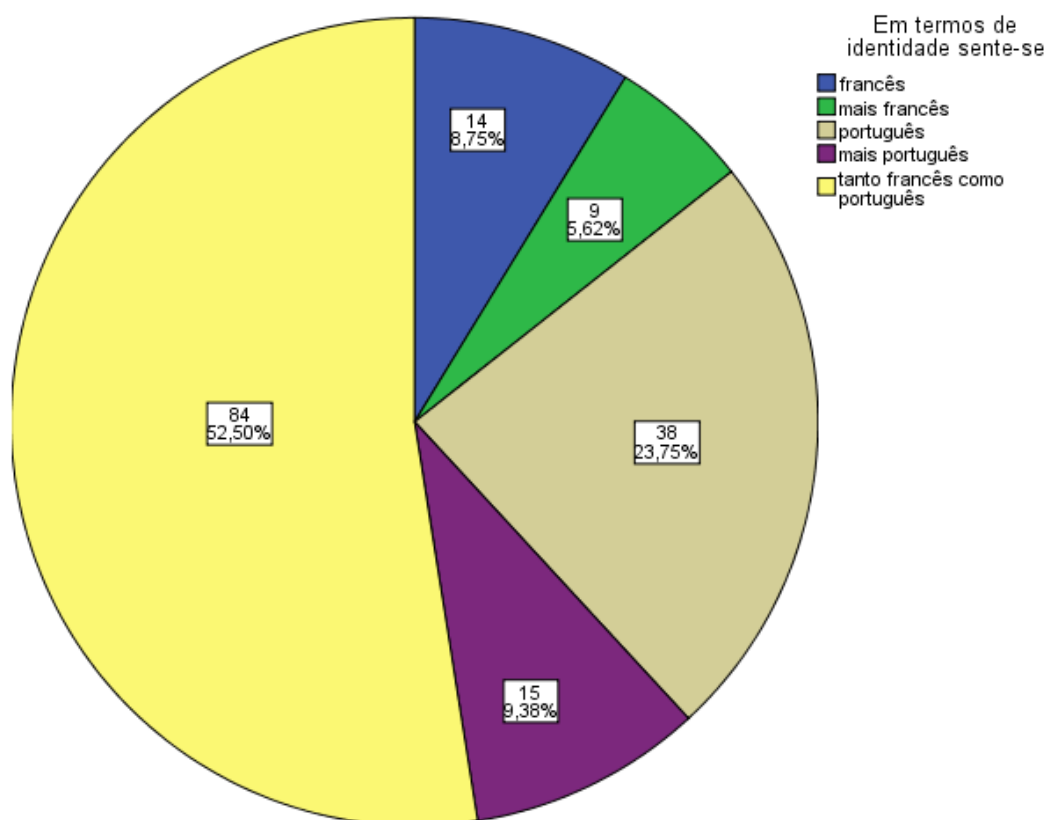
Este gráfico reforça a tendência de sentimento de pertença a uma dupla identidade que corresponde a uma biculturalidade para quase metade dos indivíduos. Diminui a percentagem dos indivíduos que afirmam ser portugueses ou mais portugueses e aumenta a percentagem dos que se consideram franceses ou mais franceses.

e) Identificação relativamente à nacionalidade para os indivíduos que residem em França há menos de 10 anos.



Identificam-se fundamentalmente como sendo portugueses ou mais portugueses (77%). Cerca de 20% dizem sentir-se tanto português como francês. Estes números demonstram que o processo de integração dos imigrantes portugueses nesta sociedade está em grande parte determinado pelo factor tempo. Com o passar do tempo maior é a probabilidade de integração na sociedade de acolhimento que por sua vez induz um sentimento crescente de pertença dividida ou partilhada entre duas comunidades.

f) Identificação relativamente à nacionalidade para os indivíduos que residem em França há mais de 30 anos.



Os dados são bastante expressivos já que mais de metade dos indivíduos define-se como sendo tanto francês como português o que comprova uma real partilha entre as duas comunidades e um sentimento de biculturalidade. Os indivíduos que dizem sentir-se português ou mais português representam agora menos de um terço do grupo. Estes resultados comprovam que com o passar dos anos a comunidade portuguesa na área de Lyon soube integrar-se progressivamente na sociedade francesa e simultaneamente preservar a sua identidade e cultura portuguesa.

Anexo II:

Questionário do inquérito

A aplicação deste inquérito e o tratamento de dados destina-se exclusivamente à realização de um estudo sobre a comunidade portuguesa na área de Lyon, no âmbito de um Doutoramento em Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Atenção: para algumas perguntas pode seleccionar várias respostas

1. **Sexo:** Masculino ☐ Feminino ☐
2. **Idade:** _____
3. **Nasceu em:** Portugal ☐ França ☐ outro país ☐ Qual? _____
4. **Indique o distrito de onde saiu de Portugal quando emigrou para França:** _____
5. **Tem a nacionalidade francesa?** sim ☐ não ☐
6. **Indique o número de anos que já vive em França:** _____
7. **Em Portugal vivia numa:** aldeia ☐ vila ☐ cidade ☐
8. **Estado civil:** casado (a) ☐ solteiro (a) ☐ divorciado (a) ☐ viúvo (a) ☐ união de facto ☐
9. **Escolaridade:** 1º ciclo (até 4ª classe) ☐ 2º ciclo (até 6º ano) ☐ 3º ciclo (até 9º ano) ☐
ensino secundário (até 12º ano) ☐ ensino superior (Licenciatura e mais) ☐
outros ☐ quais? _____
10. **Antes de vir para França, em Portugal:**
era estudante ☐ estava empregado (a) ☐ estava desempregado (a) ☐
11. **Em Portugal trabalhava na:** Agricultura ☐ Construção civil ☐ Indústria ☐ Comércio ☐
Limpezas ☐ Outros serviços (mecânica, cabeleireiro, cozinheiro, secretária, etc.) ☐
12. **Em França trabalha na:** Agricultura ☐ Construção civil ☐ Indústria ☐ Comércio ☐
Limpezas ☐ Outros serviços (mecânica, cabeleireiro, cozinheiro, secretária, etc.) ☐
13. **Veio para França:**
Por iniciativa própria (sem conhecer ninguém) ☐
Para se juntar à família (marido, mulher ou filhos/pais) ☐
Com a ajuda de familiares ☐
Com a ajuda de amigos ☐

Através da empresa em que trabalhava em Portugal ☐ Outra situação ☐ 1

14. França foi o primeiro país para onde emigrou? Sim ☐ não ☐

14.1 Se respondeu não, indique outros países para onde já emigrou: _____

15. Em França, Lyon foi a primeira região para onde emigrou: Sim ☐ não ☐

16. Indique o (s) tipo (s) de transporte que utilizou quando emigrou para França:

automóvel ☐ autocarro ☐ comboio ☐ avião ☐ outros ☐

17. Em França vive : numa vivenda ☐ num apartamento ☐

em alojamento social (foyer, HLM) ☐ como porteiro (a) (concierge) ☐

18. Na sua habitação vive: sozinho ☐ com a família ☐ c/ amigos ☐ c/ companheiro(a) ☐

19. Em França é proprietário da sua habitação: sim ☐ não ☐

20. Caso tenha construído ou efectuado obras em sua casa/apartamento em França, indique se já trabalhou com profissionais portugueses (empreiteiros, electricistas, canalizadores, carpinteiros):

sim ☐ não ☐

21. Indique se alguma vez trouxe ou mandou vir de Portugal materiais da construção civil ou outros bens para mobilar a sua casa ou apartamento: sim ☐ não ☐

22. Para mobilar ou construir a sua casa/apartamento, indique os tipos de materiais que já trouxe ou mandou vir de Portugal: (pode colocar mais do que uma resposta)

Granitos ☐ mármore ☐ madeiras ☐ azulejos ☐ caixilharia (janelas, portas) ☐

móveis de cozinha ☐ móveis de sala ☐ móveis de quarto ☐ outros ☐

23. Na área de Lyon quantas vezes já mudou de residência? 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ mais de 3 ☐

24. Na área de Lyon costuma ir a estabelecimentos portugueses? sim ☐ não ☐

25. Indique os estabelecimentos portugueses onde costuma ir: Café ☐ restaurante ☐

mercearia ☐ banco ☐ agência de viagens ☐ associações ☐ outros ☐

26. Actualmente viaja para Portugal mais vezes do que antigamente? sim ☐ não ☐

27. Quantas vezes por ano viaja para Portugal? 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 e mais ☐

28. Com os bilhetes de avião mais baratos começou a viajar mais vezes para Portugal?

sim ☐ não ☐

29. Com que companhias aéreas costuma viajar? Easyjet ☐ Ryanair ☐ TAP ☐ Outras ☐

30. Indique os momentos em que costuma ir a Portugal: Natal ☐ verão ☐ Páscoa ☐

carnaval ☐ dias festivos: (casamento, baptizado, comunhão, aniversário) ☐ outros ☐

31. Costuma ir a Portugal para: férias ☐ visitar familiares ☐ tratar de negócios ☐

casamentos ☐ baptizados ☐ aniversários ☐ ver jogos de futebol ☐ outras festas ☐

32. Quando vem de Portugal traz consigo: enchidos ☐ azeite ☐ vinho ☐

queijos ☐ mel ☐ amêndoas, nozes, figos ☐ bacalhau ☐

aguardente ☐ vestuário ☐ calçado ☐ recordações ☐

33. Tenciona um dia regressar definitivamente a Portugal? prefiro viver nos dois países ☐

sim, quando me reformar ☐ sim, um dia ☐ não ☐

34. Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, indique aproximadamente daqui a quantos anos: _____

35. Costuma enviar dinheiro para Portugal? regularmente ☐ por vezes ☐ nunca ☐

36. Quando envia dinheiro para Portugal, este serve para:

Comprar, pagar casa ☐ comprar carro ☐ ajudar a família ☐ montar um negócio ☐

regularizar situações financeiras (dívidas) ☐ pagar os estudos dos filhos ☐

apenas poupar ☐ passar férias ☐ outras aplicações ☐

37. Tem internet em sua casa: sim ☐ não ☐

38. Costuma comunicar com pessoas em Portugal utilizando a internet? sim ☐ não ☐

39. Na sociedade francesa sente-se: bem integrado ☐ integrado ☐ pouco integrado ☐

40. Em termos de identidade sente-se: Francês ☐ mais francês ☐ português ☐

mais português ☐ tanto francês como português ☐

Obrigado pela sua colaboração!